

**ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA – FACULDADES EST  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

TIAGO VALENTIM GARROS

O MOVIMENTO CRIACIONISTA E SUA HERMENÊUTICA:  
POSSIBILIDADES DE DIÁLOGO ENTRE A TEOLOGIA E A CIÊNCIA  
EVOLUCIONISTA

São Leopoldo

2014



TIAGO VALENTIM GARROS

O MOVIMENTO CRIACIONISTA E SUA HERMENÊUTICA:  
POSSIBILIDADES DE DIÁLOGO ENTRE A TEOLOGIA E A CIÊNCIA  
EVOLUCIONISTA

Dissertação de Mestrado  
Para obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Escola Superior de Teologia  
Programa de Pós-Graduação  
Área de concentração: Teologia e  
História

Orientador: Dr. Rudolf von Sinner

São Leopoldo

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G243m Garros, Tiago Valentim  
O movimento criacionista e sua hermenêutica:  
possibilidades de diálogo entre a teologia e a ciência  
evolucionista / Tiago Valentim Garros ; orientador  
Rudolf von Sinner. – São Leopoldo : EST/PPG, 2014.  
167 p. : il.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de  
Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em  
Teologia. São Leopoldo, 2014.

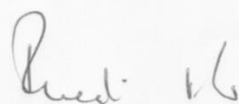
1. Criacionismo. 2. Evolução – Aspectos religiosos.  
3. Religião e ciência. I. Sinner, Rudolf Eduard von. II.  
Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

## BANCA EXAMINADORA

1°

Examinador: \_\_\_\_\_



Prof. Dr. Rudolf Von Sinner (Presidente)

2°

Examinador: \_\_\_\_\_



Prof. Dr. Flávio Schmitt (Est)

3°

Examinador: \_\_\_\_\_



Prof. Dr. Erico João Hammes (PUC/RS)



## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, Valentim e Lira W. Garros, por me ensinarem a amar os livros e os estudos tanto quanto à música e os esportes, mas por me ensinarem a amar a Deus sobre todo o resto;

ao meu orientador Dr. Rudolf von Sinner, que aceitou a ideia nada ortodoxa de orientar um biólogo na teologia;

aos meus colegas mestrandos e doutorandos da EST, ao meu Grupo de Pesquisa em Teologia Pública e ao digníssimo Prof. Dr. Flávio Schmitt pelas valiosas contribuições ao projeto;

à minha querida Mariana da Rosa Silveira Garros, que ainda não era Garros quando apoiou esta ideia maluca de singrar por estes mares teológicos nunca dantes navegados, e que é meu porto seguro no dia-a-dia da vida;

e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior (CAPES) por apoiar financeiramente esta pesquisa.





## LISTA DE ABREVIATURAS

ABPC – Associação Brasileira de Pesquisas da Criação

a.C. – Antes de Cristo

ACLU – *American Civil Rights Union*

AT – Antigo Testamento

ATEA – Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos

d.C. – Depois de Cristo.

CTA – Criacionismo da Terra-Antiga, ou criacionistas da Terra antiga, conforme o contexto. (= OEC)

CTJ – Criacionismo da Terra-Jovem, ou criacionistas da Terra jovem, conforme o contexto. (= YEC)

DI – Design Inteligente

IBOPE – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística

ICR – *Institute for Creation Research*

ID – *Intelligent Design* (= DI)

MDI – Movimento do Design Inteligente

NCSE – *National Center for Science Education*

NT – Novo Testamento

OEC – *Old-Earth Creationism* (= CTA)

SCB – Sociedade Criacionista Brasileira

YEC – *Young-Earth Creationism* (= CTJ)



## RESUMO

Este trabalho explora temas relacionados ao movimento criacionista e sua tensa relação com a teoria da evolução biológica de Charles Darwin a partir da noção popular atualmente difundida de que os conceitos de criação e evolução seriam mutuamente excludentes. O trabalho busca revisar a bibliografia especializada de forma a investigar se tal dicotomia é necessária e/ou epistemologicamente obrigatória, ou seja, se o teísmo ou o cristianismo levam obrigatoriamente a uma rejeição da teoria da evolução, evidenciando um real conflito entre ciência e religião. Para isso, o estudo parte de uma caracterização das diferentes posições criacionistas e evolucionistas e de um breve histórico do movimento criacionista até os dias atuais. No segundo capítulo, exploramos a maneira criacionista de entender hermeneuticamente o livro do Gênesis, tentando apontar os entraves que fazem com que esta visão entre em conflito com a ciência. Após, analisamos o que a teologia através de esforços hermenêuticos tem a dizer sobre o Gênesis, e o que as pesquisas revelam sobre a compreensão do cosmos do povo que escreveu o primeiro livro da Bíblia. Finalmente, no capítulo três, analisaremos as formas de relação que têm sido sugeridas para abordar o binômio ciência/religião e quais pontes de interação podem ser estabelecidas entre a teologia e a ciência evolucionista a partir desta reflexão. Concluiremos indicando o caminho que entendemos ser o mais frutífero para a superação da noção de conflito entre as duas áreas. Este caminho inclui o reconhecimento da natureza teológica e não científica do relato da criação, a separação necessária entre a física e a metafísica ao analisar-se qualquer achado da ciência moderna, e o redescobrimiento da doutrina da criação.

Palavras-chave: Criação. Evolução. Darwin. Criacionismo. Ciência e Religião.



## **ABSTRACT**

This work explores themes related to the creationist movement and its tense relationship with the theory of biological evolution of Charles Darwin, starting from the widespread notion that the concepts of creation and evolution are mutually incompatible. The work aims at reviewing the specialized bibliography in order to investigate if such dichotomy is necessary and/or epistemologically mandatory, that is, whether or not theism or Christianity lead to an obligatory rejection of the theory of evolution, making evident a real conflict between science and religion. To accomplish that, the study begins with a characterization of the different creationist and evolutionist positions and with a brief historical background of the creationist movement up to these days. In the second chapter, we explore the creationist manner of hermeneutically understanding the book of Genesis, trying to point out the obstacles that make this particular view to be in conflict with science. Then, we analyze what theology, through its hermeneutical efforts, has to say about Genesis, and what the research reveals about the understanding of the Cosmos of the people who wrote the first book of the Bible. Finally, in the third chapter, we analyze the forms of relationship that have been suggested to approach the science/religion controversy and what interaction bridges can be established between theology and evolutionary science from this discussion. We conclude by indicating the path we believe to be the most fruitful for overcoming the notion of conflict between the two fields. This path includes the recognition of the theological, and not scientific, nature of the creation account, the necessary separation between physics and metaphysics when analyzing any finding of modern science and the rediscovery of the doctrine of creation.

Keywords: Creation. Evolution. Darwin. Creationism. Science and Religion.



*“Deus, escreveu, de fato, dois livros, e não apenas um. É claro, estamos todos familiarizados com o primeiro, a saber, a Escritura. Mas ele escreveu um segundo, chamado criação.” - Sir Francis Bacon*





## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1. A RELAÇÃO CRIAÇÃO-EVOLUÇÃO E O ESPECTRO DAS ORIGENS .....</b>	<b>19</b>
1.1. Definindo os termos: o espectro criação-evolução na atualidade.....	19
1.1.1. Terra-planismo e geocentrismo .....	23
1.1.2. Criacionismo da Terra-Jovem – CTJ .....	24
1.1.3. Criacionismo da Terra-Antiga – CTA.....	27
1.1.3.1. A teoria da Lacuna / <i>gap theory</i> .....	27
1.1.3.2. A teoria do dia-era / <i>day-age theory</i> .....	29
1.1.4. Evolução teísta ou criação evolutiva.....	33
1.1.5. Evolução deísta .....	36
1.1.6. Evolução disteleológica .....	38
1.2. Considerações sobre o espectro das origens.....	41
1.3. Breve histórico da controvérsia .....	43
1.3.1. Criacionismo no tempo de Darwin .....	44
1.3.2. George McCready Price .....	47
1.3.3. The Genesis Flood .....	50
1.3.4. Criacionismo pós-Morris e o Movimento do Design Inteligente .....	53
1.3.5. Criacionismo no mundo .....	57
<b>2. O PROBLEMA HERMENÊUTICO.....</b>	<b>61</b>
2.1. Castelos em guerra? .....	61
2.2. Ciência e Bíblia segundo o Criacionismo da Terra-Jovem .....	69
2.3. Mito e linguagem mítica em Gênesis.....	76
2.4. O relato da criação como contra-mito babilônico.....	82
2.5. Gênesis e a questão das fontes .....	87
2.6. A Cosmologia hebraica.....	94
2.7. O concordismo científico em Gênesis .....	101
2.8. O Princípio da acomodação .....	103
2.9. A mensagem do Gênesis .....	106
<b>3. CIÊNCIA E RELIGIÃO EM PERSPECTIVA.....</b>	<b>115</b>
3.1. Conflito / oposição .....	116



3.1.1. O Julgamento Scopes: exemplo paradigmático das relações ciência e religião .....	118
3.2. Independência / contraste .....	121
3.3. Diálogo .....	123
3.4. Integração.....	126
3.4.1. Teologia natural.....	126
3.4.2. Teologia da natureza .....	128
3.4.3. Síntese sistemática.....	130
3.5. Superando o conflito.....	132
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>145</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>149</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>161</b>



## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – O espectro criação-evolução .....	23
Figura 2 - Castelos do cristianismo e do humanismo .....	62
Figura 3 - Bola de demolição "milhões de anos" .....	64
Figura 4 - Painés Paralelos em Gênesis 1 .....	90
Figura 5 - Ordem da criação segundo P e J. ....	91
Figura 6 - Quiasma do dilúvio .....	93
Figura 7 - Universo tri-partido .....	96
Figura 8 - Mapa-mundi babilônico.....	98
Figura 9 - Representação da região Oriente Próximo,.....	98
Figura 10 - Princípio “mensagem-incidente” .....	104
Figura 11 - Dicotomia das origens .....	133
Figura 12 - Conflação científicismo x fundamentalismo. ....	135
Figura 13 - O Salto de fé.....	141
Figura 14 - Capa da Revista Superinteressante nº. 240, Jun. 2007. ....	145

## NOTAS EXPLICATIVAS

- 1) Todas as traduções a partir do inglês são próprias, exceto quando indicadas na nota de rodapé com a referência bibliográfica, sendo, portanto, de publicação já com tradução em português disponível.
- 2) Os textos bíblicos utilizados são da tradução Almeida Revisada da Imprensa Bíblica Brasileira, a menos quando indicado em contrário.
- 3) Optamos por versar os seguintes nomes conceituais em letra minúscula por ser o usual na literatura específica: teoria da evolução, criacionismo/criacionistas, evolucionismo/evolucionistas, design inteligente, doutrina da criação, teoria da lacuna, teoria do dia-era, evolução teísta, criação evolutiva. Em maiúsculas, versamos os nomes dos movimentos que constituem grupo organizado e são o maior foco desta pesquisa: Criacionismo da Terra-Jovem, Criacionismo da Terra-Antiga, Movimento do Design Inteligente. O nome do planeta Terra será redigido em maiúscula, mas a qualificação “antiga” ou “jovem” em minúscula, quando isolada dos nomes próprios acima.



## INTRODUÇÃO

Lembro-me, lá pelos meus 8 ou 9 anos de idade, de ter ganho de uma querida tia um livro sobre pássaros do mundo, daqueles bem ilustrados, com lindas fotos de ninhos, ovos, voos, plumas... Nada melhor para um ávido leitor principiante um livro com poucos textos e muitas fotos, ainda mais sobre natureza, assunto que fascina qualquer criança, mas sobre o qual eu nutria desde então um especial interesse. Nas primeiras páginas deste livro, no entanto, havia uma página inteira de texto, nada convidativa para uma criança daquela idade (na verdade o livro era mais juvenil do que infantil, mas era comum esta tia desafiar-me com leituras mais difíceis), mas que me intrigou por causa do tema: “A Origem das Aves.” No início, pulei esta página e fui olhar as fotos. Mas num certo dia, resolvi me esforçar e ler a tal página.

Ora, “a origem das aves?!”, pensei. “Todos sabem que as aves foram criadas por Deus no quinto dia da semana da criação, junto com os peixes!” Mas resolvi ler mesmo assim. Qual não foi a minha surpresa ao ler uma história bem diferente da que eu tinha aprendido tão bem nas aulas da Escola Bíblica Dominical, ilustradas pelo famoso flanelógrafo. O livro falava diversas vezes em “milhões de anos”, e dizia que as aves tinham surgido há mais ou menos 140 milhões de anos, EVOLUINDO gradualmente a partir de répteis por processos naturais.

Não sei como nem por que, mas a noção de milhões de anos já me era ofensiva. Aquele texto contradizia tudo que eu havia aprendido que a Bíblia dizia sobre a criação, e por isso, peguei uma caneta e fiz um gigantesco X, que está lá até hoje, na página introdutória daquele livro.

Esta pequena história infantil reflete com precisão um fato que acontece com diversos cristãos que frequentam igrejas desde cedo. Pode ser um livro, (hoje um site), um programa de TV (ou um vídeo na Internet), ou, mais comumente, um professor escolar. Mas o fato é que cedo ou tarde o indivíduo criado em circuitos religiosos tradicionais será confrontado com os “milhões de anos”, com Charles Darwin, e com ensinamentos que parecem contradizer a noção popularmente mais comum de interpretação da história da criação em Gênesis: a de que ela representa um relato literal de como Deus criou o universo, a Terra e os seres vivos, incluindo o

homem, em seis dias, interpretação essa que é a base do movimento conhecido como criacionismo.<sup>1</sup>

Se há alguma dúvida de que esta interpretação criacionista é realmente a mais comum na população brasileira, basta olhar os dados revelados por uma pesquisa do IBOPE publicada em 2005 na Revista *Época*.<sup>2</sup> A pesquisa aponta que um terço dos brasileiros acredita que o ser humano foi criado por Deus há menos de 10 mil anos, contrariando o consenso científico de que o ser humano habita o planeta por mais ou menos 100 mil anos, e é fruto do processo evolutivo. Comparativamente, à época da pesquisa, nos EUA este número era ainda maior: 55%.<sup>3</sup>

Este aparente conflito entre criacionismo e evolucionismo é uma das facetas atuais – senão a principal – de um acalorado debate entre ciência e religião, ou, como outros preferem, entre fé e razão. No entanto, ao contrário do que muitos imaginam, os dois campos tiveram uma convivência pacífica por muitos séculos. Muitos dos próprios artífices da ciência moderna eram teólogos, clérigos, e, não por acaso, cristãos piedosos. Isaac Newton (1643-1727), por exemplo, pai da mecânica moderna, escreveu muito mais linhas sobre interpretação bíblica do que sobre as leis que regem o mundo físico.<sup>4</sup> Charles Darwin (1809-1882) estudou para ser ministro da Igreja da Inglaterra, e Gregor Mendel (1822-1884), pai da genética, plantava suas ervilhas em um mosteiro em Brno, atual República Tcheca, onde era sacerdote. O ocidente, palco da chamada revolução científica, era terreno fértil para o avanço da investigação científica, pois, profundamente influenciados pela “teologia natural” (da qual falaremos no cap. 3), entendia-se que o Criador se revelava nos seus dois livros: o da revelação escrita e o da própria natureza. Assim, a ciência através do método científico revelava a própria mente de Deus, o Supremo Criador.

---

<sup>1</sup> Neste caso, o Criacionismo da Terra-Jovem, em que os seis dias da criação são dias literais de 24 horas e o planeta não teria mais do que 10 mil anos. Contrasta-se com outros tipos de criacionismo, conforme veremos ainda neste capítulo.

<sup>2</sup> BRUM, Eliane. E no princípio era o que mesmo? *Revista Época*. São Paulo: Ed. Globo, n. 346, 3 Jan. 2005. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT884203-1664-1,00.html>>. Acesso em: 16 jun. 2012.

<sup>3</sup> Segundo dados de 2005. Numa pesquisa bastante recente, divulgada em 30 de Dezembro de 2013, os resultados mostram um declínio: 33% dos americanos acreditam que “o ser humano e outros seres vivos existem da mesma forma desde o início do tempo”, e 60% aceitam a evolução. Para esta pesquisa completa, que inclusive detalha quanto à religião, sexo, etnia e visão política, ver: PEW RESEARCH CENTER. *Public's Views on Human Evolution*. Religion & Public Life Project RSS. [S.l.], 30 Dec. 2013. Disponível em: <<http://www.pewforum.org/2013/12/30/publics-views-on-human-evolution/>>. Acesso em: 05 jan. 2014.

<sup>4</sup> Cf. BRUMFIEL, Geoff. Newton's Religious Screeds Get Online Airing. *Nature* v. 430, n. 7002, p. 819, 2004.



A turbulência aparentemente iniciou-se com o famoso incidente de Galileu Galilei (1564-1642), quando este avançou as pesquisas de Nicolau Copérnico (1473-1543) quanto à questão da heliocentricidade do sistema solar<sup>5</sup>, e teve que por fim negar a aceitação de suas descobertas sob pena de ser lançado à fogueira – o que acabou acontecendo com seu contemporâneo Giordano Bruno (1548-1600).<sup>6</sup> Mas o golpe final, que colocou Deus e a ciência frente a frente em uma aparente batalha, foi mesmo dado pelo naturalista britânico Charles Darwin, frequentemente citado como “o homem que matou Deus”<sup>7</sup>, ao publicar seu livro “A Origem das Espécies”<sup>8</sup> em 24 de Novembro de 1859. Ali, ele afirmava que o homem, assim como todo e qualquer ser vivo que habita este planeta, além de ter uma descendência comum com todos os seres, era produto de um longo e gradual processo de modificação biológica, regido por leis naturais, conhecido como evolução.<sup>9</sup> Esta ideia parecia destronar o ser humano da posição de destaque que ocupava como “coroa da criação”, criado sobrenaturalmente por Deus, colocando-o definitivamente como mais um entre os incontáveis galhos da árvore da vida, um ser efetivamente parte da natureza, e não separado dela.

Atualmente, mais de 150 anos após a publicação do livro, a teoria da evolução das espécies tem indiscutível aceitação nos circuitos científicos. Ela é

---

<sup>5</sup> Modelo atualmente aceito de configuração do sistema solar, em que os planetas giram em torno do sol, ao contrário do ultrapassado modelo geocêntrico, em que todos os astros girariam em torno da Terra.

<sup>6</sup> O historiador da ciência Ronald Numbers questiona essa visão de que Galileu foi “ameaçado de morte” por suas descobertas e de que Giordano Bruno foi o primeiro mártir da ciência, afirmando que este foi morto por suas heresias teológicas e não ideias científicas. Ver em SHACKELFORD, Jole. Myth 7 – That Giordano Bruno Was the First Martyr of Modern Science. In: NUMBERS, Ronald L. (Ed.) *Galileo Goes to Jail: And Other Myths about Science and Religion*. Cambridge, MA: Harvard UP, 2009. p. 59-67.

<sup>7</sup> Um exemplo desse “slogan” pode ser visto em SUPERINTERESSANTE, São Paulo: Ed. Abril, n.º. 240, Jun. 2007, em que tal frase é estampada em letras garrafais na capa.

<sup>8</sup> O nome completo do livro de Darwin é *On the Origin of Species by Means of Natural Selection, or the Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life*, e foi encurtado para *The Origin of Species* na 6ª edição, em 1871. As edições em Português tem este segundo nome, portanto, é este que usaremos neste trabalho.

<sup>9</sup> Charles Darwin é popularmente considerado o pai da teoria da evolução por seleção natural, no entanto, atualmente, tem-se buscado cada vez mais a valorização de Alfred Russel Wallace (1823-1913) como co-autor da teoria. Wallace, hoje se sabe, pesquisou e chegou a escrever sobre a evolução por seleção natural antes mesmo de Darwin, mas não a publicou. Ao invés disso, enviou seus manuscritos a Darwin, que fazia seus estudos concomitantemente. Diante da notícia de que suas ideias não eram tão originais, Darwin acelerou a publicações de seu livro, que na verdade teria muito mais páginas além das 500 da edição inicial. Veja em: JANSEN, Roberta. Alfred Wallace, o outro pai da Teoria da Evolução. *O Globo Online*. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 1 mar 2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/ciencia/alfred-wallace-outro-pai-da-teoria-da-evolucao-11754418>>. Acesso em 29 abr. 2014.

considerada uma das teorias científicas mais bem embasada por dados empíricos<sup>10</sup>, e é chamada frequentemente de “espinha dorsal da biologia”, ou, nas palavras do geneticista cristão Theodosius Dobzhansky: “nada em biologia faz sentido, exceto à luz da evolução.”<sup>11</sup> Mas, surpreendentemente, ela falhou em alcançar este *status* de aceitação com grande parte da população, no Brasil e no exterior, e, ao que parece, um número expressivo de pessoas negam-na em favor da chamada “posição criacionista”.

O conflito é facilmente perceptível quando consideramos o ensino escolar. Segundo a pesquisa já mencionada, 89% da população brasileira acha que o criacionismo deve ser ensinado nas escolas públicas e 79% ainda diz que ele deve SUBSTITUIR o evolucionismo. Tal opinião concretizou-se no Rio de Janeiro, onde a então governadora Rosinha Garotinho, evangélica de origem presbiteriana, aprovou em 2004 uma lei que permitia às escolas ensinarem o criacionismo nas aulas de religião, de acordo com a crença religiosa do professor. No mesmo ano ela manifestou claramente sua opinião, em entrevista ao jornal O Globo: “não acredito na evolução das espécies. Tudo isso é teoria”.<sup>12</sup>

Nos EUA, esta discussão sobre o ensino de ciências tem permeado as cortes judiciais já por muito tempo, sendo as mais recentes no caso *Kitzmilller versus Dover Area School District*, em 2005 no estado da Pensilvânia, onde mais uma vez grupos criacionistas conseguiram colocar o ensino da evolução como “teoria em declínio” em favor da abordagem do “Planejamento (ou Design) Inteligente” – o que foi mais uma vez julgado como criacionismo disfarçado e por isso proibido nas aulas de ciências de escolas públicas.<sup>13</sup> No entanto, atualmente há sete estados americanos que requerem, em seus currículos obrigatórios das aulas de ciências, que os alunos “analise criticamente aspectos-chave da teoria evolutiva”, além de

---

<sup>10</sup> “Because of this immense body of evidence, scientists treat the occurrence of evolution as one of the most securely established of scientific facts. Biologists also are confident in their understanding of how evolution occurs.” NATIONAL ACADEMY OF SCIENCES. Committee on Revising Science and Creationism. *Science, Evolution, and Creationism*. Washington, DC: The National Academies Press, 2008. Disponível em: <[http://www.nap.edu/openbook.php?record\\_id=11876&page=12](http://www.nap.edu/openbook.php?record_id=11876&page=12)>. Acesso em: 07 jul. 2012.

<sup>11</sup> DOBZHANSKY, Theodosius. Biology, Molecular and Organismic. *American Zoologist*, Washington DC, vol. 4, n. 4, p. 443-452, nov. 1964, à p. 449. Disponível em: <<http://taxonomy.tau.ac.il/upload/Dobzhansky%201964.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2014.

<sup>12</sup> MARTINS, Elisa; FRANÇA, Valéria. Rosinha contra Darwin. *Revista Época*, São Paulo: Ed. Globo, n. 314. 24 maio 2004. Disponível em <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT731549-1664-1,00.html>>. Acesso em: 17 maio 2013.

<sup>13</sup> Falaremos do caso na seção 1.3.

dois estados que tem legislações que permitem que os alunos e professores “discutam evidências científicas críticas à teoria da evolução”.<sup>14</sup>

Estas constantes brigas judiciais e o cenário de disputa reflete o que tem sido chamado de “dicotomia das origens”<sup>15</sup>, em que o indivíduo aparentemente precisa fazer uma escolha do tipo ou/ou, bem apontada por Sanches: “a) aceito a Bíblia, logo não aceito a evolução: sou criacionista; b) aceito a evolução, logo, questiono a Bíblia e tenho problema com o cristianismo”.<sup>16</sup>

Dessa forma, vemos que a evolução é apenas a linha de frente deste aparente campo de batalha que se instalou entre religião<sup>17</sup> de um lado, ciência de outro. Na era da informática participativa (a chamada “Web 2.0”, em que qualquer indivíduo do planeta pode deixar comentários, pareceres, opiniões sobre qualquer conteúdo que se vê na Internet) basta ver toda e qualquer notícia publicada em qualquer grande website de notícias ou rede social que trate de alguma descoberta ou novidade no campo das ciências naturais. Invariavelmente, os comentários abaixo da reportagem versarão sobre religião e ciência, normalmente pendendo para o lado do ceticismo quanto à validade ou veracidade da descoberta científica, pois sua aceitação parece indicar a negação da crença do indivíduo no Criador, ou para o completo rechaço de toda e qualquer religião e crença em um Criador. Estão aí colocados os dois grupos dicotômicos: os defensores da ciência, que se sentem ultrajados ao verem comentários religiosos em uma notícia que “não pertence aos religiosos”, e os defensores da fé, que, por sua vez, sentem sua crença agredida ao verem qualquer menção sobre um cosmos sem menção ao Criador deste cosmos.<sup>18</sup> Em outras palavras, as pessoas parecem se sentir obrigadas a escolher entre Deus

---

<sup>14</sup> Os sete estados são: Texas, Minnesota, New Mexico, Pennsylvania, Missouri, South Carolina, e Alabama. Os outros dois são Louisiana e Mississippi. Quase todos estes estados estão na região conhecida como *Bible Belt* – o “Cinturão da Bíblia”, onde a presença de igrejas de cunho evangélico puritano, em sua maioria Batistas, é extremamente forte, política e culturalmente.

<sup>15</sup> Termo usado por LAMOUREUX, Denis O. *I love Jesus & I accept evolution*. Eugene: Wipf & Stock, 2009, que adotaremos neste trabalho.

<sup>16</sup> SANCHES, Mário A. Os cristãos são criacionistas? In: \_\_\_\_\_. (Ed.) *Criação e Evolução: Diálogo Entre Teologia e Biologia*. São Paulo: Ed. Ave-Maria, 2009. p. 11-33, à p.12.

<sup>17</sup> A fim de evitar a enorme discussão que seria tentar definir o complexo e multifacetado termo “religião”, ao falarmos do debate ciência/religião neste trabalho, entendemos religião conforme Brakemeier: “religião se caracteriza por devoção a algo sagrado [...] e que se alicerça num conjunto de crenças.” BRAKEMEIER, Gottfried. *Ciência ou Religião: Quem vai conduzir a história?* São Leopoldo: Sinodal, 2006. p. 7.

<sup>18</sup> Para um exemplo simples, basta olhar: TERRA NETWORKS. Hubble Descobre Galáxias Formadas Há Mais De 13 Bilhões De Anos. [S.l.]: *Terra - Ciência*. 12 Dez. 2012. Disp. em: <<http://bit.ly/ZgqcZw>>. Acesso em: 18 dez. 2012.

(que estaria do mesmo lado que a Bíblia e o criacionismo) e a ciência (associada ao ateísmo e materialismo).

Nesse contexto que estou chamando de “batalha”, podemos facilmente identificar os “generais”, ou a “central de comando” para os soldados militantes. De um lado, o alvorecer do chamado movimento neo-ateísta, que com o seu materialismo científico tem sido identificado como um dos responsáveis pelo atual cenário de animosidade entre ciência e religião. Richard Dawkins, chamado de “rottweiler de Darwin”<sup>19</sup> e autor de “Deus, um Delírio” (2006) tem se tornado um “*superstar*” popular quando o assunto é defender o ateísmo militante e atacar às religiões. O premiadíssimo cientista de Oxford tem se esforçado através de livros, documentários em TV aberta, palestras, redes sociais e etc. para divulgar a ideia de que Darwin eliminou completamente a necessidade de Deus e decretou o fim de qualquer possibilidade do sobrenatural. Tentativas de conjugar os dois campos, ou até mesmo de conviver pacificamente, como as do premiadíssimo paleontólogo Stephen Jay Gould, são para Dawkins impossíveis, e uma “perda de tempo”.<sup>20</sup> A evolução biológica, para Dawkins e seus seguidores, é essencialmente ateia, e as religiões são um atraso e até mesmo perniciosas para a sociedade.

Se Dawkins e outros são os generais que comandam os soldados ateus neste cenário de guerra, do outro lado da militância estão os cristãos que têm no movimento criacionista, e em seu literalismo bíblico, seu quartel general. Boa parte deste trabalho se dedicará a examinar este movimento, mas por agora, basta reconhecer que, conforme aumentam os ataques à religião, mais os crentes se entrincheiram e voltam-se às armas, e uma vez que o grande argumento é a teoria da evolução, e como ela supostamente acaba não só com sua visão do Gênesis, mas sim com a totalidade da religião, é justamente ali que os cristãos criacionistas vão concentrar seus maiores esforços. Já que “Darwin matou Deus”, vamos nós agora, por assim dizer, “matar Darwin”, para mostrar que “Deus ainda vive.” E está posto o cenário belicoso, que supostamente busca salvar a própria essência da fé cristã.

---

<sup>19</sup> Numa referência direta a Thomas H. Huxley, conhecido como “o buldogue de Darwin”, por ter sido o maior apoiador e divulgador de Darwin quando da publicação de “A Origem das Espécies”. Cf. ENCYCLOPEDIA BRITANNICA ONLINE. *T.H. Huxley*. [S.l.]: Encyclopedia Britannica Inc. [S.d.] Disp. em: <<http://global.britannica.com/EBchecked/topic/277746/TH-Huxley>>. Acesso em: 14 Jan. 2014.

<sup>20</sup> DAWKINS, Richard. Interview with Richard Dawkins. Transcrito de programa televisivo *Faith and Reason*. PBS. [S.l.s.d.] Disponível em: <<http://www.pbs.org/faithandreason/transcript/dawk-frame.html>>. Acesso em: 23 nov. 2013.

Nas palavras de Ian Barbour, célebre teólogo/cientista que nos acompanhará nesta jornada, “tanto o literalismo bíblico e o materialismo científico alegam que ciência e religião têm verdades literais e rivais a afirmar sobre o mesmo domínio – a história da natureza – de modo que é preciso escolher uma delas.”<sup>21</sup>

Assim, este trabalho visa a explorar a relação criação/evolução e esta aparente dicotomia entre religião de um lado e ciência de outro a partir da seguinte pergunta: como se caracteriza o movimento criacionista e quais os entraves hermenêuticos que impedem a construção de pontes de diálogo entre a teologia e a ciência evolucionista? Para isso, seguiremos o seguinte percurso: no capítulo 1, vamos caracterizar o movimento criacionista desde sua origem, e sua relação com a teoria da evolução biológica. Abordaremos as matizes e os tipos básicos de criacionismo cristão, naquilo que chamaremos “espectro das origens”. No capítulo 2, abordaremos os pressupostos e a maneira criacionista de entender hermeneuticamente os primeiros capítulos da Bíblia. Após, veremos o que a teologia tem a dizer sobre o Gênesis, e o que as pesquisas revelam sobre a compreensão do cosmos do povo que escreveu o primeiro livro bíblico. Finalmente, no capítulo 3, analisaremos as formas de relação que têm sido sugeridas para abordar a questão ciência/religião, indicando alternativas que julgamos frutíferas para a superação da noção de conflito entre as duas áreas e quais pontes de diálogo podem ser estabelecidas entre a teologia e a ciência evolucionista a partir desta reflexão.

Vale lembrar que, por se tratar de um assunto que sai da academia e penetra facilmente na opinião pública, a linguagem que usaremos será por vezes menos erudita, inclusive para possibilitar o que, em última análise, desejamos com este trabalho: que ele sirva como ferramenta – uma das poucas em língua portuguesa – para quaisquer pessoas que encontram dificuldades de navegar de forma intelectualmente satisfatória e espiritualmente íntegra e recompensadora neste mar aparentemente turbulento entre a ciência evolucionista e a religião.

---

<sup>21</sup> BARBOUR, Ian. G. *Quando a ciência encontra a religião: Inimigas, Estranhas ou Parceiras*. São Paulo: Ed. Cultrix, 2000. p. 25.



## 1. A RELAÇÃO CRIAÇÃO-EVOLUÇÃO E O ESPECTRO DAS ORIGENS

- “Você acredita que Deus nos criou ou que viemos do macaco?”<sup>22</sup>
- “Você quer saber se acredito na criação ou na evolução?”
- “Sim.”
- “Acredito que Deus nos criou através da evolução.”
- “Como assim? Isso não existe! Ou é um, ou é outro.”

O diálogo acima é fictício, mas poderia não ser. Quando o assunto é “de onde viemos?”, frequentemente somos confrontados com questionamentos semelhantes a esses. Mas será que existem apenas estas duas posições?

Iniciaremos nossa jornada com uma exposição das diferentes posições adotadas pelas pessoas quando o assunto em questão aparece. Apresentaremos estas posições naquilo que tem sido chamado de “espectro das origens”, evidenciando assim que há mais do que apenas duas posições possíveis – criação *versus* evolução, e teceremos alguns comentários sobre as implicações disso. Na sequência, traçaremos um breve histórico do movimento criacionista, desde sua origem até os dias atuais, para compreendermos melhor as origens desta “dicotomia das origens.”

### 1.1. Definindo os termos: o espectro criação-evolução na atualidade

Falar do movimento criacionista não é tarefa simples, pois, ao contrário do que pode parecer, é um movimento imenso e não uniforme. Segundo Hyers, existiam já em 1984 mais de 50 organizações criacionistas nos Estados Unidos, mais uma dúzia no Canadá<sup>23</sup>, e atualmente, uma rápida pesquisa na Internet revela aproximadamente 338 websites de organizações, ministérios e preletores

<sup>22</sup> A frase popular de que, segundo a evolução, “o homem veio do macaco” é prova cabal da completa má-compreensão da teoria de Darwin. Segundo a teoria da evolução das espécies, o ser humano e os macacos modernos compartilham um ancestral comum relativamente recente, que não era nem ser humano (*Homo sapiens*) e nem “macaco” (que, aliás, não é uma categoria biológica, mas um nome popular.) Da mesma forma, segundo a teoria, o ser humano compartilha um ancestral comum (muitíssimo antigo) com todas as outras formas de vida do planeta.

<sup>23</sup> HYERS, Conrad. The fall and rise of creationism. *The Christian Century*, Chicago, IL, n. 102, p. 411-415, 1985. Republicado: HYERS, C. A queda e ascensão do criacionismo. *Theologando: Revista Teológica – Fé e Ciência*, Ed. Fonte Editorial: São Paulo, Ano 3, n. 3, p.117-126, 2009, à p. 117. O artigo original pode ser visto em:

<<http://www.religion-online.org/showarticle.asp?title=1917>>. Acesso em: 7 jul. 2012.

criacionistas em todo o mundo.<sup>24</sup> No Brasil, temos no mínimo 4 instituições bem organizadas<sup>25</sup>. Por isso, cabem as perguntas: o que significa dizer que alguém é criacionista hoje em dia? No que creem, por exemplo, quanto à idade do planeta? Seria a Terra um planeta jovem, ou um planeta muito antigo, como afirma a ciência atual? Os dias da criação são de 24 horas ou podem ser período longos de tempo, talvez como as eras geológicas? E o evolucionista? Significa que é ateu?

Para responder a estas perguntas, alguns autores têm trabalhado na tipificação e tipologia a fim de definir melhor estes termos no que tange a fé cristã. Steven Engler, em seu artigo “Tipos de Criacionismo Cristão”<sup>26</sup> faz uma detalhada análise das tipologias adotadas por Ronald Numbers, autor do ensaio *The Creationists*<sup>27</sup> (que anos depois deu origem ao livro homônimo, considerado a obra seminal sobre o movimento criacionista), e Eugenie Scott<sup>28</sup>, diretora executiva do *National Center for Science Education (NCSE)*, e propõe uma nova tipologia, adaptada e mesclada com contribuições de ambos. No entanto, a tipologia de Engler apresenta-se complexa, com detalhes redundantes e algumas imprecisões<sup>29</sup>, sendo não muito útil para os propósitos desta seção, que é de examinar panorâmica e

<sup>24</sup> Segundo a lista mais completa disponível (mas um tanto quanto desatualizada) do “Arquivo Talk. Origins”, maior fonte de informações sobre a controvérsia criação x evolução na Internet. Disponível em: <<http://www.talkorigins.org/origins/other-links-cre.html>>. Acesso em: 4 dez. 2012.

<sup>25</sup> Sociedade Criacionista Brasileira <<http://www.scb.org.br/>>; Associação Brasileira de Pesquisas da Criação <<http://abpc.impacto.org/>>; Universo Criacionista <<http://www.universocriacionista.com.br/>>; Sociedade Origem e Destino <<http://www.origemedestino.org.br/>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

<sup>26</sup> ENGLER, Steven. Tipos de criacionismo cristão. *Rever – Revista de Estudos da Religião. Religião e Ciência - Tendências atuais (Parte II)*. São Paulo, Ano 7, p. 83-107, Jun. 2007. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/rever/rv2\\_2007/t\\_engler.htm](http://www.pucsp.br/rever/rv2_2007/t_engler.htm)>. Acesso em: 6 Jul. 2012.

<sup>27</sup> NUMBERS, Ronald. *The Creationists*. *Zygon: Journal of Religion & Science*, v. 22, n. 2, p. 133-164, 1987.

<sup>28</sup> SCOTT, Eugenie. *The Creation/Evolution Continuum*. National Center For Science Education. NSCE, 7 Dec. 2000. Disp. em: <<http://ncse.com/creationism/general/creationevolution-continuum>>. Acesso em: 10 Jul. 2012.

<sup>29</sup> Engler, em seu artigo, critica as tipologias sugeridas por estes autores e sugere, então, uma terceira, aumentando em muito o número de “tipos” de criacionismo. No entanto, Engler desconsidera, em primeiro lugar, que o ensaio de Numbers não almeja ser uma tipologia e nem mesmo sequer apresentar uma. Ele é muito mais um histórico do movimento do que qualquer outra coisa. Numbers menciona *en passant* dois grupos nos quais os criacionistas podem ser divididos, e subdivide estes grupos apenas. E a tipologia de Scott, ao contrário de “servir a uma agenda polêmica”, como afirma Engler, é simplesmente uma exposição pedagógica (como ele mesmo reconhece) de “posições quanto ao debate origens” e não uma tipologia de *criacionismos*. Ela serve apenas, conforme a autora, para demonstrar que o debate, longe de ser uma dicotomia, é na verdade um “espectro”. A tipologia proposta por Engler se torna redundante ao propor categorias que não se diferenciam em nenhum aspecto (como o que ele chama de TR – Terra recente e CI – científico) e confusa, ao igualar como “tipo de criacionismo” nomes que historicamente nunca foram utilizados por nenhum grupo como tal (“criacionismo antropocêntrico”, por exemplo). Com isso, não desmerecemos o trabalho de Engler, que certamente tem alto valor por especificar claramente aspectos que não aparecem em simples listas de tipos, apenas justificamos porque preferimos não adotá-lo para os propósitos deste trabalho, preferindo uma tipologia didática como a de Scott, informada teologicamente por LAMOUREUX, 2009.



comparativamente as crenças fundamentais das diferentes interpretações do Gênesis no que diz respeito à criação. Por isso, usaremos aqui uma modificação da tipologia proposta por Scott, mas informada teologicamente por Lamoureux<sup>30</sup>, que tem como princípio organizador a literalidade de interpretação das Escrituras, indo das mais literalistas às mais figurativas. A ordem de apresentação aqui, ressaltamos, não é de cronologia histórica. As posições que analisaremos são: *Terra-planismo e geocentrismo*; *Criacionismo da Terra-Jovem*; *Criacionismos da Terra-Antiga*; *evolução teísta*; *evolução deísta* e *evolução disteleológica*. Após, faremos algumas considerações sobre o que foi apresentado que nos prepararão para as seções subsequentes deste trabalho.

Lamoureux utiliza-se de critérios específicos para descrever cada um dos tipos acima, quais sejam:

- Teleologia (plano e propósito): Se a existência tem plano e propósito, um significado e/ou fim último, ou se é disteleológica, isto é, desprovida de plano e propósito e sem significado último.
- Design inteligente: ver esclarecimento na página seguinte.
- Idade do universo: Como o grupo vê a idade do universo, ou seja, se concorda com os achados da ciência moderna ou não.
- Evolução da vida: Como o grupo vê a evolução da vida, se aceita algum tipo de evolução das espécies (como a microevolução ou macroevolução, que explicaremos adiante) ou não.
- Atividade divina na origem do universo e vida: Se é direta ou indireta, ou seja, se Deus miraculosamente interveio de alguma forma ou se ele utilizou-se de processos naturais, que podem ser/terem sido sustentados e ordenados por ele ou não.
- Atividade divina na vida humana: se Deus interage com a vida humana ou não, respondendo orações e operando milagres, por exemplo.
- Bíblia: o *status* que a Bíblia ocupa para o grupo, se é ou não palavra de Deus inspirada.
- Interpretação de Gn 1-11: Se a interpretação destes capítulos é literal (estrita ou geral), figurada, ou irrelevante.

---

<sup>30</sup> LAMOUREUX, 2009. e também LAMOUREUX, Denis O. *Evolutionary Creation: A Christian Approach to Evolution*. Eugene, Or.: Wipf & Stock, 2008.

- Origem da humanidade: Se a humanidade iniciou-se com Adão e Eva como figuras históricas ou não e se a humanidade carrega a *Imago Dei*.
- Teologia/filosofia: Em termos gerais, se o grupo é adepto de um cristianismo conservador, liberal, ou de outra corrente filosófica.
- Ética: Em termos gerais, se é pautada pela Bíblia ou por correntes humanistas.

Cabem aqui, antes de iniciarmos nossa jornada por cada um das posições, alguns esclarecimentos a respeito do item “design inteligente” e teleologia.

O design inteligente usado aqui nesta tipologia não se refere ao uso popular do termo na mídia corrente (principalmente na mídia criacionista), referindo-se ao Movimento do Design Inteligente - MDI (*Intelligent Design Movement* ou *Intelligent Design Theory*) que é atualmente chamado de neo-criacionismo. Falaremos sobre este movimento na seção 1.3.

Aqui nos referimos ao clássico uso do termo feito no início do século XX pela chamada “teologia natural”, que entendia que a beleza, complexidade e funcionalidade do mundo e do universo declaram a glória e revelam o poder eterno de um Criador divino. Concordamos com Lamoureux quando afirma que este conceito (que é advindo da Bíblia), é uma *crença*<sup>31</sup>, não uma observação direta de fatos, mas sim uma interpretação dos fatos, e está diretamente relacionado com o chamado argumento teleológico (do grego *telos* = propósito, objetivo final) e o “princípio antrópico”, sob o qual o universo, conforme revelado pela ciência, parece ter sido especificamente ajustado para o aparecimento da vida humana. O design inteligente, entendido dessa forma, não tem nada a dizer sobre como o Criador teria criado, ao contrário do movimento moderno, que afirma categoricamente, ao menos, como Deus NÃO teria criado, ou seja, pela evolução.<sup>32</sup>

Vale lembrar também que a categorização que apresentaremos a seguir não é de modo algum exaustiva. Existem linhas nubladas separando alguns grupos de outros, e uma tipologia usando outros e/ou mais critérios pode resultar numa maior especificidade na descrição tipológica, como o faz Engler. Ao final da exploração dos diferentes grupos apresentaremos algumas breves considerações, fazendo uso de um quadro-resumo adaptado de Lamoureux<sup>33</sup> com todas as posições e suas

---

<sup>31</sup> No terceiro capítulo falaremos com mais detalhes deste entendimento.

<sup>32</sup> LAMOUREUX, 2009, p. 8-14.

<sup>33</sup> LAMOUREUX, 2009, p. 40-41.

respectivas crenças quanto aos critérios apresentados acima. Sugerimos a leitura daquela seção tendo em mãos esta tabela (disponível no ANEXO 2), para facilitar a compreensão.

Para fins de informação e pesquisa posterior, traremos os nomes de cada posição quanto às origens também no inglês, em virtude de que a literatura disponível é abundante nesta língua, tanto na Internet quanto em livros e artigos.

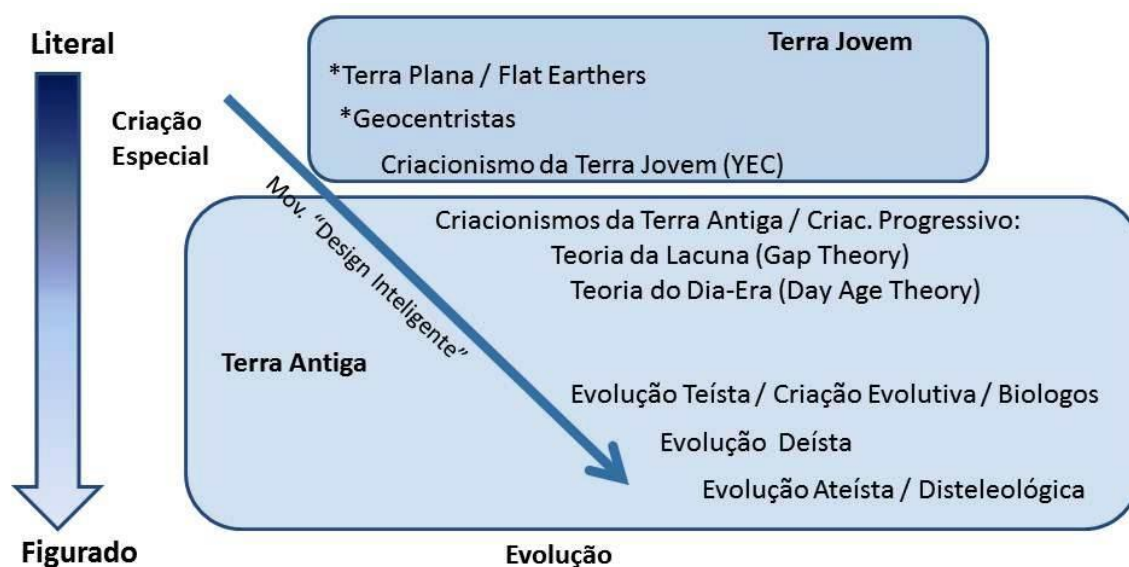


Figura 1 – O espectro criação-evolução e o tipo de interpretação bíblica. Adaptado de Eugenie Scott, disponível em <<http://ncse.com/creationism/general/creationevolution-continuum>>. O Movimento do Design Inteligente influencia a argumentação de ambos os grupos, da Terra-Jovem e Terra-Antiga, por isso foi colocado na diagonal. \* Os terra-planistas e geocentristas foram incluídos aqui por também defenderem uma Terra jovem a partir de uma interpretação ultra-literal da Bíblia.

### 1.1.1. Terra-planismo e geocentrismo

Pode soar estranho, mas ainda hoje existem pequenos grupos que defendem a literalidade absoluta da Bíblia e rejeitam todo e qualquer achado das ciências físicas, inclusive no que diz respeito ao formato do planeta e a conformação do sistema solar. Os Terra-planistas entendem que a Bíblia ensina que a Terra é plana, portanto ela o é, e qualquer ciência que diz o contrário está em erro.

O renascimento moderno do Terra-planismo remonta ao britânico Samuel Birley Rowbotham (1816-1884), que em sua monumental obra do séc. XIX *“Earth Not a Globe”* citou 76 versos da Escritura para comprovar que a Terra era de fato plana. Muitos destes versos se referem aos “confins da Terra” (Dt 28:64, 33:17; Sl

98:3, 135:7; Je 25:31).<sup>34</sup> O grupo atual mais organizado iniciou-se com Samuel Shenton em 1956 e foi posteriormente liderado por Charles K. Johnson, de Lancaster, Califórnia, sede atual da “Sociedade da Terra Plana” (*Flat Earth Society*). Johnson faleceu em 2001, deixando a sociedade com alegados 3.000 membros. Após 2004, a sociedade foi reativada por Daniel Shenton, (que não tem parentesco com o anterior) e continua até hoje, inclusive aparecendo publicamente para falar sobre o assunto.<sup>35</sup>

Já os geocentristas, apesar de rejeitaram que a Terra é plana, tomam como literais os textos bíblicos sobre a imobilidade da Terra e a mobilidade do sol, admitindo, então, que o modelo Copérnico (do heliocentrismo, em que os planetas giram em torno do sol) está em erro (cf. Sl 104:5, I Cr 16:30 e o famoso Js 10:12–13, em que Deus teria ordenado que o sol não se movesse no céu). O movimento perdura desde os tempos de Galileu e os seus defensores modernos mais conhecidos são Walter van der Kamp (1913-1998) e o católico Robert Sungenis, autor do livro de 2006 “*Galileo Was Wrong*”.

Incluímos estes grupos aqui, pois ambos sustentam, obviamente, que a teoria da evolução biológica é uma falácia, sendo, portanto, também criacionistas. No entanto, os movimentos criacionistas majoritários rejeitam qualquer tipo de associação com estes grupos<sup>36</sup>, embora o que os distingue é, em última análise, um problema hermenêutico de literalidade seletiva, em que alguns textos devem ser tomados como literais e outros não.

### **1.1.2. Criacionismo da Terra-Jovem – CTJ** ***Young-Earth Creationism – YEC***

Este é o maior, mais bem financiado e mais organizado grupo criacionista atual. Também chamado de “criacionismo científico” ou “ciência da criação” (*scientific creationism* ou *creation science*), esta visão das origens é frequentemente identificada como “a posição criacionista”, dada a penetração e influência de seus

<sup>34</sup> SCHADEWALD, Robert J. The flat-Earth bible. *Bulletin of the Tychoonian Society*. Pitt Meadows, BC, n. 44, p. 27-39, July 1987. Disp. em: <<http://www.lhup.edu/~dsimanek/febible.htm>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

<sup>35</sup> Cf. site oficial da sociedade, disponível em: <<http://theflatearthsociety.org>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

<sup>36</sup> FAULKNER, Danny. *Geocentrism and Creation*. Creation Ministries International Website: [S.l.; S.d.]. Disponível em: <<http://creation.com/geocentrism-and-creation>>. Acesso em: 9 jul. 2012.

escritos. O CTJ tem no engenheiro hidráulico Henry Morris (1918-2006) sua grande referência. Trataremos extensivamente de Morris e deste grupo no restante deste trabalho, por isso, por agora, apenas nos deteremos nos aspectos principais e introdutórios desta posição. Morris e seus seguidores entendem que “a Bíblia oferece um confiável registro científico sob o qual deve se basear a pesquisa sobre as origens”.<sup>37</sup> Por isso, sustentam que uma leitura adequada do texto bíblico leva inescapavelmente à conclusão de que, além da teoria da evolução ser falsa, a Terra é jovem, tendo não mais do que 10 mil anos<sup>38</sup>, ao contrário dos 4,6 bilhões de anos defendidos pela ciência. Além de rejeitar a evolução biológica, entendendo que os seres vivos foram criados especialmente por Deus durante os seis dias da semana da criação – e que os dias são literalmente de 24 horas – o grupo rejeita a evolução cosmológica (teoria do *Big Bang* e expansão das galáxias) e também a evolução geológica do planeta. O dilúvio de Noé é central para esta posição, pois ele teria formado praticamente todos os fósseis e seria o responsável pelas características geológicas do planeta, ideia conhecida como *catastrofismo*.

Mas o grupo vai ainda mais longe. McCalla nos esclarece:

Morris descarta evidências das disciplinas modernas de história antiga, arqueologia, religião comparada, lingüística e assim por diante. Ele insiste (ecoando a visão de Isaac Newton no século XVII) que a única história real é aquela documentada por fontes escritas e, portanto, só abrange os últimos milhares de anos. Toda a evidência para a história humana anterior é baseada nos pressupostos improváveis dos evolucionistas. Há, no entanto, uma fonte histórica que antecede os primeiros escritos humanos e é absolutamente confiável: a Palavra escrita pelo próprio Deus em Gênesis. Assim como verdadeira ciência para os criacionistas é aquela que é compatível com a evidência bíblica dos capítulos cosmológicos iniciais do Gênesis, só é verdadeira história antiga o que é compatível com a evidência bíblica dos capítulos 10 e 11 do Gênesis. Os criacionistas se opõem às ciências humanas históricas como sendo antibíblicas exatamente da mesma forma que eles se opõem a geologia histórica e a biologia evolutiva.<sup>39</sup>

<sup>37</sup> MORRIS, H. M. *O Enigma das Origens - A Resposta*. Trad. Adiel de A. Oliveira. Belo Horizonte, MG: Editora Origens, A.B.P.C., 1995. p. 203.

<sup>38</sup> Não há consenso entre os próprios criacionistas da Terra jovem quanto a idade da Terra, podendo variar entre 6 mil, 8 mil ou 10 mil, dependendo do autor ou instituto de pesquisa.

<sup>39</sup> Orig.: “*Morris dismisses evidence from the modern disciplines of ancient history, archaeology, comparative religion, linguistics and so on. He insists (echoing Isaac Newton's seventeenth-century view) that the only real history is that documented by written sources and therefore it only covers the past few thousand years; all evidence for earlier human history is based on the improvable assumptions of the evolutionists. There is, however, one historical source that does predate the earliest human writings and is absolutely reliable: the written Word of God himself in Genesis.36? Just as true science for creationists is that which is compatible with the biblical evidence of the early cosmological chapters of Genesis, so true ancient history is that which is compatible with the biblical evidence of chapters 10 and 11 of Genesis. Creationists oppose the historical human sciences as unbiblical in precisely the same way that they oppose historical geology and evolutionary biology.*”

Com relação à evolução das espécies, os CTJ fazem uma distinção entre a *microevolução* e a *macroevolução*. A *microevolução*, aceita pelos criacionistas, é “a ocorrência de mudanças evolutivas em pequena escala, como as mudanças de frequências gênicas dentro de uma população”<sup>40</sup>, que causam mudanças nos organismos apenas abaixo do nível taxonômico de espécie. Deus teria criado então, “tipos básicos” de espécies, que teriam evoluído dentro destes “tipos”.<sup>41</sup> Já a *macroevolução* é a evolução em grande escala, que origina mudanças no ou acima do nível de espécie, ou seja, uma espécie dando origem a outra ou um grande grupo biológico dando origem a outro. A *macroevolução*, já ostensivamente observada e documentada<sup>42</sup>, é rejeitada pelos CTJ, mas é interessante notar que dentro do paradigma evolucionista atual, a chamada *síntese evolutiva moderna*<sup>43</sup>, a *macroevolução* é considerada o resultado de um conjunto de eventos de microevolução. Assim, a distinção entre *micro* e *macroevolução* seria apenas de grau, sendo a única diferença entre elas a escala e o tempo considerados. Conforme o notável biólogo Ernst W. Mayr observa,

evolução transespecífica [entre espécies] não é nada mais do que uma extrapolação e magnificação dos eventos que acontecem dentro de populações e espécies. [...] É enganoso fazer uma distinção entre as causas da micro e da macroevolução.<sup>44</sup>

Diversas pesquisas nos Estados Unidos tem demonstrado que esta visão das origens é majoritária. Dentre os cristãos chamados “nascidos de novo” (ou *born-again christians*, identificados com igrejas de cunho evangelical), quase 90% são

McCALLA, Arthur. *The Creationist Debate: The Encounter between the Bible and the Historical Mind*. London: T & T Clark International, 2006. p. 177.

<sup>40</sup> RIDLEY, Mark. *Evolução*. Trad. Henrique Ferreira et al. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 543.

<sup>41</sup> MORRIS, 1995, p. 216. Os tipos básicos são normalmente entendidos pelos criacionistas como o equivalente ao nível taxonômico de “família” dentro da classificação biológica clássica de Lineu. Ou seja, todos os felídeos (Família *Felidae*) formariam um “tipo”, que teria evoluído (microevolução, segundo eles) para formar desde gatos domésticos até os leões. Isso reduziria, segundo os criacionistas, em muito o número de animais que Noé teria colocado na arca, e toda a evolução deste tipo básico para a diversidade de felídeos que vemos hoje teria se dado nos últimos 6 mil anos após Noé – um tempo absurdamente curto segundo a ciência.

<sup>42</sup> THEOBALD, Douglas L. *29+ Evidences for Macroevolution: The Scientific Case for Common Descent*. The Talk.Origins Archive. [S.l.] Vers. 2.89, 2012.

Disponível em: <<http://www.talkorigins.org/faqs/comdesc/>>. Acesso em: 14 jul. 2012.

<sup>43</sup> A *síntese evolutiva moderna*, chamado também de *neo-darwinismo* ou ainda *teoria sintética da evolução* é o paradigma atual de entendimento da evolução e denota a combinação da teoria de evolução de espécies por meio de seleção natural de Charles Darwin, a genética como base para a herança biológica de Gregor Mendel e a genética populacional.

<sup>44</sup> MAYR, Ernst. *Animal species and evolution*. Harvard University Press, Cambridge, Mass. 1963. p. 586-587 apud KUTSCHERA, Ulrich; NIKLAS, Karl J. The modern theory of biological evolution: an expanded synthesis. *Naturwissenschaften*, v. 91, n. 6, p. 255-276, 2004. à p. 265.

criacionistas da Terra jovem, segundo pesquisa de 2004.<sup>45</sup> Dentre a população como um todo, a pesquisa mais recente aponta para 33%<sup>46</sup>. Conforme já dissemos, trataremos em detalhe deste grupo no segundo capítulo.

### 1.1.3. Criacionismo da Terra-Antiga – CTA *Old-Earth Creationism – OEC*

Esta designação serve apenas como guarda-chuva para abrigar as diferentes posições que, apesar de rejeitarem a evolução biológica, aceitam os achados seculares da ciência geológica sobre a idade da Terra, atualmente calculada em 4,6 bilhões de anos, bem como da coluna geológica, que designa as *eras* pelas quais nosso planeta já passou. Ao longo da história, diversas posições surgiram para harmonizar estes achados com o texto de Gênesis (por isso às vezes refere-se a *criacionismos*, no plural), e esta era a posição reinante quando Darwin publicou seu famoso livro, conforme veremos a seguir.

Dentre as tentativas de harmonização do relato bíblico com uma Terra antiga, duas abordagens se destacam:

#### 1.1.3.1 *A teoria da lacuna / gap theory*

Também chamado de “criacionismo da ruína-restauração” ou “ruína e restituição” (*ruin-restoration creationism*), esta posição apoia-se numa leitura alternativa dos primeiros versos da Bíblia, admitindo que há uma lacuna de tempo (*Gap*) indeterminado entre os versos 1 e 2 de Gênesis 1. O verbo hebraico normalmente traduzido como *era* em “E a terra *era* sem forma e vazia” pode ser traduzido como “tornou-se”, o que resultaria no seguinte:

Gn 1:1 – No princípio criou Deus os céus e a terra.

*Lacuna (GAP) – possíveis milhões de anos*

Gn 1:2 - E a terra *se tornou* sem forma e vazia.

---

<sup>45</sup> ABC NEWS. *Six in 10 Take Bible Stories Literally, But Don't Blame Jews for Death of Jesus*. ABC News Opinion Poll. [S.l.] 15. Feb. 2004. Disp. em: <<http://abcnews.go.com/images/pdf/947a1ViewsoftheBible.pdf>>. Acesso em: 07 jul. 2012.

<sup>46</sup> PUBLIC'S Views on Human Evolution. 30 Dec. 2013.

Deus teria criado a Terra, bilhões de anos atrás, criado a vida, que teria florescido, mas por alguma razão a teria destruído num gigantesco cataclismo, *tornando* a Terra sem forma e vazia. A história que segue seria, então, a história da recriação, literal, em seis dias de 24 horas, onde Deus criaria Adão, Eva e toda a natureza, novamente.

Essa reconciliação do Gênesis com a ciência tornou-se extremamente popular no século XVIII, onde florescia a nova ciência chamada geologia, e onde os cientistas que a executavam eram cristãos preocupados em revelar através da recém-estabelecida pesquisa científica, as obras do Criador no “Livro da Natureza”. Ela permitiu colocar as imensas eras geológicas dentro da lacuna, possibilitando uma explicação inclusive para os fósseis, que seriam as evidências da “ruína”, para uma posterior recriação.

A popularização desta interpretação se deve claramente a Thomas Chalmers (1780-1847), um professor de teologia da Universidade de Edimburgo, que ensinou pela primeira vez sobre ela em 1814, atribuindo-a ao teólogo holandês do séc. XVII Simon Episcopius (1583-1643).

Minha opinião, conforme publicado em 1814, é que Gênesis 1:1 não é parte do primeiro dia – mas se refere a um período de antiguidade indefinida quando Deus criou os mundos do nada. O início do primeiro dia eu creio ser o movimento do espírito de Deus sobre a face das águas. Nós podemos dar à Geologia a amplitude de tempo que for necessária [...] sem infringir nem mesmo na literalidade do registro Mosaico.<sup>47</sup>

Ainda antes de Darwin, alguns teólogos como Anton Westermeyer, em “*The Old Testament Vindicated from Modern Infidel Objections*” sugeriam que a própria queda de Satanás teria ocorrido nesse imenso lapso de tempo entre a ruína e a restituição, sendo os fósseis o resultado de uma batalha épica com os demônios que queriam atrapalhar esta nova criação de Deus.<sup>48</sup> Esta interpretação foi ampliada e popularizada por outro influente teólogo da lacuna, G. H. Pember (1910-1836), que

---

<sup>47</sup> Orig.: “My own opinion, as published in 1814, is that it [Genesis 1:1] forms no part of the first day—but refers to a period of indefinite antiquity when God created the worlds out of nothing. The commencement of the first day's work I hold to be the moving of God's Spirit upon the face of the waters. We can allow geology the amplest time [...] without infringing even on the literalities of the Mosaic record.” BIXLER, R. Russell. *Earth, Fire, and Sea: The Untold Drama of Creation*. Pittsburgh, PA: Baldwin Manor Press, 1986. p. 86-87 apud MCIVER, Tom. Formless and Void: Gap Theory Creationism. *Creation Evolution Journal* v. 3, 24 aug. p. 1-24, 1988. Publicado online pelo National Center For Science Education. NSCE: [S.l.], 18 Oct. 2008. Disp. em: <<http://www.ncseprojects.org/cej/8/3/formless-void-gap-theory-creationism>>. Acesso em: 14 jul. 2012.

<sup>48</sup> WHITE, Andrew D. *A History of the Warfare of Science with Theology in Christendom*. New York: George Braziller, 1955 (1895) apud MCIVER, 1988.



em seu “*Earth's Earliest Ages*” argumenta que Deus não revelou a nós como interpretar a geologia, por isso devemos nos render aos geólogos. O mundo pré-adâmico teria sucumbido em pecado, levando Deus a destruí-lo e a recriá-lo, agora perfeito e bom.<sup>49</sup> Ainda hoje, em determinados circuitos evangélicos e pentecostais, afirma-se que a queda de Satanás ocorreu nesta lacuna de tempo.<sup>50</sup>

A teoria da lacuna ganhou muita popularidade na primeira metade do século XX quando C.I Scofield a endossou na sua Bíblia de referência (1909), juntamente com uma ênfase no dispensacionalismo e no pré-milenarismo<sup>51</sup>, que iriam se tornar pedras angulares do movimento fundamentalista até hoje.

O teólogo Bernard Ramm afirma:

A teoria da lacuna se tornou, assim, a interpretação padrão dentro da hiper-ortodoxia, aparecendo em uma infinidade de livros, *booklets*, estudos bíblicos e artigos de periódicos. De fato, se tornou tão sacrossanta com alguns que questioná-la é o equivalente a brincar com a Escritura Sagrada ou manifestar inclinações modernas.<sup>52</sup> (grifo nosso)

Outros influentes teólogos que advogam pela (ou ao menos se declararam abertos a) teoria da lacuna são Harry Rimmer (envolvido diretamente no Julgamento Scopes, o qual abordaremos adiante), L. Allen Higley, Charles C. Ryrie (do *Dallas Theological Seminary*, bastião do fundamentalismo norte-americano) e mais recentemente os tele-evangelistas Jimmy Swaggart, Benny Hinn e Kenneth Hagin.<sup>53</sup>

### 1.1.3.2 *Teoria do dia-era / day-age theory*

A reconciliação do dia-era com o Gênesis possui uma história bem mais difícil de ser traçada, talvez por se tratar de uma leitura muito mais óbvia da Escritura do que a harmonização da lacuna que acabamos de ver. Esta hipótese sustenta que os dias de Gênesis 1 não seriam, literalmente, dias de 24 horas, podendo antes ser

<sup>49</sup> PEMBER, G. H. *Earth's Earliest Ages*. New York: Revell, 1885. p. 15 apud MCIVER, 1988.

<sup>50</sup> REAGAN, David. *When Was Satan Created?* Antioch Baptist Church of Knoxville, [ S.d.] Disponível em <<http://www.learnthebible.org/when-was-satan-created.html>>. Acesso em: 04 dez. 2012

<sup>51</sup> O dispensacionalismo é uma corrente de interpretação bíblica futurista que entende que Deus tem se relacionado com os seres humanos de diferentes maneiras através de diferentes pactos bíblicos em uma série de "dispensações", ou períodos da história. O pré-milenarismo (ou pré-milenismo) é a parte do entendimento dispensacionalista que entende que a segunda vinda de Cristo se dará de forma literal e física antes dos mil anos de reino do mesmo sobre a Terra, conhecido como milênio ou reino milenar. Contrasta-se com o pós-milenismo e o amilenismo.

<sup>52</sup> Orig.: “*The gap theory has become the standard interpretation throughout hyper-orthodoxy, appearing in an endless stream of books, booklets, Bible studies, and periodical articles. In fact, it has become so sacrosanct with some that to question it is equivalent to tampering with Sacred Scripture or to manifest modernistic leanings*”. Ramm, Bernard. *The Christian View of Science and Scripture*. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans, 1954. p. 135.

<sup>53</sup> Para um aprofundamento bastante completo na história da teoria da lacuna, ver MCIVER, 1988.

longos períodos de milhares ou milhões de anos, que correspondem ou não aos períodos geológicos. Um dos primeiros registros que se tem notícia deste tipo de interpretação remonta até Agostinho, no Séc. V, que em seu “*De Genesi ad Litteram*” (Sobre a Interpretação Literal do Gênesis) já aponta que os dias de Gênesis não poderiam ser literais, afinal o dia solar de 24 horas só pode ter existido depois da criação do sol, que não aconteceu até o 4º dia.<sup>54</sup>

Esta leitura, dos dias serem épocas ou eras geológicas, é frequentemente apoiada pela interpretação da palavra hebraica *yom* que é usada na Bíblia de diversas formas, podendo significar dias de 24 horas, dias de 12 horas ou uma quantidade indefinida de tempo. Afinal, “Para Deus, um dia é como mil anos, e mil anos é como um dia.” (2 Pedro 3:8)<sup>55</sup>

Muitos geólogos do séc. XVIII e XIX já apontavam para esta harmonização do Gênesis com os seus achados, dentre eles John William Dawson, discípulo do influente Charles Lyell, considerado junto com James Hutton o pai da Geologia moderna. Até mesmo George Frederick Wright, autor do ensaio mais crítico à evolução<sup>56</sup> da obra seminal do movimento fundamentalista - “*The Fundamentals*”, da qual falaremos mais adiante, advogava pela teoria do dia-era.

Outro famoso defensor desta visão foi William Jennings Bryan, o promotor do caso Scopes (do qual trataremos no cap. 3) e célebre lobista anti-evolução no início do séc. XX.<sup>57</sup>

Ronald Numbers deixa claro que no tempo de Darwin, tanto nos circuitos científicos como nos religiosos, salvo raríssimas exceções, ninguém insistia em encaixar toda a história da vida e da Terra em meros seis mil anos, e que um dilúvio global seria o responsável por todos os fósseis. Nem mesmo os mais ferrenhos críticos da evolução orgânica defendiam tal posição. Praticamente todos os teólogos

<sup>54</sup> Cf. PENNOCK, Robert T. *Tower of Babel: The Evidence against the New Creationism*. Cambridge, MA: MIT, 1999. p. 19.

<sup>55</sup> Para uma análise detalhada do uso de *yom* na Bíblia, ver NEYMAN, Greg. *Old Earth Creation Science - Word Study Yom*. Old Earth Ministries: [S.l.], 16 Mar. 2005. Disp. em: <[http://www.oldearth.org/word\\_study\\_yom.htm](http://www.oldearth.org/word_study_yom.htm)>. Acesso em: 17 Jul 2012.

<sup>56</sup> WRIGHT, George Frederick. *The Passing of Evolution*, In: TORREY, R. A.; DIXON, A. C. (orgs.) *The Fundamentals: A Testimony to the Truth*. 4 vols. Los Angeles: Bible Institute of Los Angeles, 1917; repr., Grand Rapids, MI: Baker, 2003, Ch. 6, p. 60-72. Disponível online em: <<http://www.ntslibrary.com/PDF%20Books%20II/Torrey%20-%20The%20Fundamentals%204.pdf>>.

Acesso em: 28 dez. 2013.

<sup>57</sup> NUMBERS, R. *The Creationists: From Scientific Creationism to Intelligent Design*. Cambridge, MA: Harvard UP, 2006. p. 58.

e cientistas cristãos adotavam uma das formas de reconciliação da Terra antiga, fossem eles criacionistas ou evolucionistas-teístas. Afirma Numbers,

Para encontrar um criacionista que insistisse na aparição recente de todos os seres vivos em seis dias literais, que duvidasse da evidência de progressão do registro fóssil, e que atribuísse significância geológica ao dilúvio bíblico, alguém teria que procurar bem além do pensamento científico corrente. Até mesmo nas margens da empreitada científica ocupada por professores clérigos, havia muito poucos advogados de uma Terra jovem.<sup>58</sup>

A reconciliação do dia-era com o Gênesis é às vezes incluída na concepção chamada “criacionismo progressivo”. Esta diferenciação é complexa, com alguns autores considerando esta nomenclatura ainda um terceiro grupo de Criacionismo da Terra-Antiga. No entanto, podemos afirmar que a diferenciação é mais uma questão da nomenclatura e da ênfase utilizada pelo respectivo defensor da posição. Os que se autodenominam criacionistas progressivos dão mais ênfase na intervenção divina ao criar, nos chamados “atos criativos”, em que Deus, ao longo de milhões de anos, teria criado os “tipos” que deram origem às diversas espécies de seres vivos, do que aos dias representando períodos geológicos ou não. Assim, eles admitem uma certa quantidade de evolução (talvez *microevolução*), mas Deus teria intervindo sobrenaturalmente para criar “novos tipos”. O mais famoso defensor que se autodenominou criacionista progressivo foi Bernard Ramm, em seu “*The Christian View of Science and Scripture*”, onde defende a conclusão de P.J Wiseman de que a criação foi *revelada (pictoriamente)* em seis dias e não *efetuada* em seis dias ou épocas geológicas literais<sup>59</sup>. Afirma Ramm:

As vastas florestas cresceram e se decompueram em carvão, para que o carvão pudesse aparecer como um produto natural e não uma inserção artificial na natureza. As milhões de vidas marinhas nasceram e pereceram para se transformarem em petróleo. A superfície da Terra sofreu intemperismo, e deu origem a florestas e vales. De tempos em tempos, os grandes atos criativos *de novo* aconteceram. A complexidade das formas animais aumentaram. Finalmente, quando cada rio tinha já cortado o seu curso natural, quando cada montanha estava no seu devido lugar, quando cada animal estava na terra de acordo com sua impressão digital, então ele, a quem toda a criação antecipou, foi feito – o HOMEM, em quem

<sup>58</sup> Orig.: “To Find a creationist who insisted on the recent appearance of all living things in six literal days, who doubted the evidence of progression in the fossil record, and who attributed geological significance to the biblical deluge, one has to look far beyond the mainstream of scientific thought. Even in the margins of the scientific enterprise occupied by clerical professors of science who rejected evolution, there were few advocates of a young earth.” NUMBERS, 2006, p. 11.

<sup>59</sup> P.J. Wiseman é autor de uma hipótese que defende que o Gênesis foi revelado a Abraão sob forma de 12 placas, e que estas placas chegaram a Moisés através dos patriarcas, e ele então compilou o texto. Cf. WISEMAN, P. J *Creation Revealed in Six Days: The evidence of Scripture confirmed by Archaeology*. London: Marshall, Morgan and Scott, 1958.

unicamente está o sopro de Deus. [...] Isto não é evolução. É criacionismo progressivo.<sup>60</sup>

É interessante notar que, nas diferentes posições do CTA, aceita-se a evolução cosmológica e geológica. Ou seja, Deus teria usado processos indiretos para criar o cosmos e os aspectos da fisionomia do nosso planeta. Ele teria operado ao longo dos bilhões de anos para formar as galáxias e os planetas, e operado através dos fenômenos naturais para formar a geologia da Terra. No entanto, os processos naturais que deram origem aos seres vivos e à biodiversidade do planeta – estudados e descritos pela teoria da evolução de Darwin – são rejeitados. Os CTA aceitam uma intervenção divina indireta para o mundo físico, mas apenas uma intervenção direta para o mundo orgânico. Esta intervenção pode ter se dado em uma semana literal, ou em atos criativos ao longo de milhões de anos, como vimos.

A crítica a esse tipo de abordagem foi e continua sendo ferrenha, pois a criação parece ter sido efetuada por evolução descontínua, que tem que ser “escorada” por Deus, gerando a famosa crítica que este Deus seria o deus das lacunas (*god of the gaps*), que não seria capaz de planejar ou antever um processo que pudesse ser continuado por si mesmo, devendo então intervir periodicamente para dar “uma ajudinha” ao processo. O próprio Henry Morris, pai do CTJ, aponta que prefere uma evolução teísta, onde Deus teria planejado e iniciado o processo sem precisar ficar intervindo. “Das duas, a evolução teísta é menos incoerente com o caráter de Deus”<sup>61</sup>, afirma.

Mesmo assim, o Criacionismo da Terra-Antiga, seja nas formas do dia-era, teoria da lacuna e formas de criacionismo progressivo está bastante vivo atualmente, com diversos defensores e iniciativas de organização do movimento, principalmente para combater o próprio CTJ – o Criacionismo da Terra-Jovem. Talvez o mais

---

<sup>60</sup> Orig.: “The vast forests grew and decayed for his coal, that coal might appear a natural product and not an artificial insertion in Nature. The millions of sea life were born and perished for his oil. The surface of the earth was weathered for his forests and valleys. From time to time the great creative acts, ‘de novo’, took place. The complexity of animal forms increased. Finally, when every river had cut its intended course, when every mountain was in its purposed place, when every animal was on the earth according to blueprint, then he whom all creation anticipated is made, MAN, in whom alone is the breath of God. [...] This is not evolution. It is Progressive Creationism.” RAMM, 1954, apud NUMBERS, 2006, p. 186-187.

<sup>61</sup> MORRIS, 1995, p. 221.

proeminente defensor dessa posição hoje seja o Dr. Hugh Ross, astrônomo e fundador do Ministério *Reasons to Believe*.<sup>62</sup>

#### 1.1.4. Evolução teísta ou criação evolutiva Theistic evolution / evolutionary creation

Esta visão das origens aceita totalmente o consenso da ciência moderna quanto à idade do planeta e a evolução das espécies, entendendo que ela é a maneira que um Deus teísta usou para criar. Alguns evolucionistas teístas preferem o termo “criação evolutiva” (*evolutionary creation*) para enfatizar que a sua aceitação da evolução não significa que eles abandonaram a crença em um Criador, e para enfatizar que o teísmo não é mero adjetivo da posição evolucionista, mas sim o contrário. Outros ainda utilizam-se do nome cunhado pelo célebre médico e geneticista Francis Collins, diretor do Projeto Genoma Humano, enunciado em seu livro *A Linguagem de Deus: BioLogos*<sup>63</sup>. Deste livro, temos uma descrição das crenças fundamentais deste grupo:

1. O universo surgiu do nada, há aproximadamente 14 bilhões de anos.
2. Apesar das improbabilidades incomensuráveis, as propriedades do universo parecem ter sido ajustadas para a criação da vida.
3. Embora o mecanismo exato da origem da vida na Terra permaneça desconhecido, uma vez que a vida surgiu, o processo de evolução e de seleção natural permitiu o desenvolvimento da diversidade biológica e da complexidade durante espaços de tempo muito vastos.
4. Tão logo a evolução seguiu seu rumo, não foi necessária nenhuma intervenção sobrenatural.
5. Os humanos fazem parte desse processo, partilhando um ancestral comum com os grandes símios.
6. Entretanto, os humanos são exclusivos em características que desafiam a explicação evolucionária e indicam nossa natureza espiritual. Isso inclui a existência da Lei Moral (o conhecimento do certo e do errado) e a busca por Deus, que caracterizam todas as culturas humanas.<sup>64</sup>

Os adeptos da evolução teísta frequentemente afirmam que a aceitação da teoria da evolução biológica não difere em nada da aceitação de outras ciências, como a astronomia ou a meteorologia, pois a aceitação de todas se apoia num

<sup>62</sup> Ross é um respeitado astrônomo, com publicações na área fora do eixo criacionista. Ele frequentemente organiza debates contra os CTJ. Site oficial do Ministério *Reasons to Believe*: <<http://www.reasons.org>>. Acesso em: 16 jan. 2014.

<sup>63</sup> BIOLOGOS tornou-se também o nome da fundação criada por Collins para promover o diálogo entre a fé cristã e a evolução biológica. Ela trabalha principalmente com diálogos com denominações evangélicas de cunho fundamentalista, como a *Southern Baptist Convention* dos EUA. Cf.: <<http://www.biologos.org>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

<sup>64</sup> COLLINS, Francis. S. *A Linguagem de Deus*: um cientista apresenta evidências de que Ele existe. Trad. Giorgio Cappeli. 4.Ed. São Paulo: Gente, 2007. p. 206.

princípio de naturalismo metodológico, ou seja, causas naturais respondem pelos fenômenos naturais, sem a interferência de agentes sobrenaturais. No entanto, esta visão rejeita o naturalismo filosófico ou metafísico, que absolutiza e nega a realidade do sobrenatural. As leis da natureza seriam, então, as causas secundárias dos fenômenos naturais, sendo Deus a causa primária, conforme o argumento tomista. Deus agiria através da evolução – e de todas as outras leis naturais - sendo o idealizador, planejador e sustentador do processo, de acordo com a doutrina da providência, realizando seus desígnios e propósitos através das leis naturais, e não de maneira intervencionista.<sup>65</sup>

A visão da evolução teísta é aceita pelas principais religiões monoteístas do mundo, inclusive várias cristãs. É oficialmente a posição da Igreja Católica Romana<sup>66</sup> e da Igreja Ortodoxa, e é aceita por várias igrejas protestantes históricas. Um grande número de cientistas e teólogos, cristãos ou não (Stephen Jay Gould, por exemplo, cientista de origem judaica), aceitam esta posição como a reconciliação final e necessária entre a religião e a ciência. Como afirma Lamoureux, de uma perspectiva cristã,

Juntas elas se preenchem. Separadas são incompletas. Descobertas científicas revelam *como* Deus criou este espetacular e maravilhoso mundo que reflete design, enquanto a Bíblia declara explicitamente *quem* o criou – O Deus do cristianismo.<sup>67</sup>

A interpretação dos capítulos iniciais do Gênesis feita por este grupo baseia-se nos achados do método histórico-crítico de exegese das Escrituras. Trataremos desta interpretação no próximo capítulo, portanto, aqui cabe apenas colocar que os evolucionistas-teístas entendem que Gênesis 1-11 contém três elementos: ciência antiga, poesia antiga e teologia divina. Esta teologia divina, que seria a *mensagem* de Deus para o homem, seguiria o chamado princípio da *acomodação*, sobre o qual nos deteremos mais adiante, de Santo Agostinho e João Calvino:

Para que Deus comunicasse sua verdade divina a nós, ela primeiro precisaria ser colocada em palavras, para que entendêssemos. Tinha que

<sup>65</sup> Inúmeros autores tem trabalhado a ação da providência divina através das leis naturais. Para uma ótima introdução ao tema, sugerimos BARBOUR, 2000, cap. 6, p. 199-220. Para aprofundamento, POLKINGHORNE, J. C. *Science and Providence: God's Interaction with the World*. Boston: New Science Library, 1989.

<sup>66</sup> O próprio Papa João Paulo II declarou que novas descobertas científicas têm demonstrado que a evolução é “mais que uma hipótese”. Ver em KNIGHT, Kevin. Truth Cannot Contradict Truth. *New Advent*, 15 Feb. 2009. Disponível em <[http://www.newadvent.org/library/docs\\_jp02tc.htm](http://www.newadvent.org/library/docs_jp02tc.htm)>. Acesso em: 18 Jul. 2012.

<sup>67</sup> Orig.: “*Together they fulfill each other; alone they are incomplete. Scientific discoveries reveal how the Creator made this spectacular design-reflecting world, while the bible declares precisely who created it -The God of Christianity.*” LAMOUREUX, 2009, p. 30.

ser *acomodada* em uma linguagem humana. [...] Os cristãos tem que entender o primeiro capítulo de Gênesis pelo que ele é: uma descrição “precisa” do universo físico por padrões do mundo antigo que Deus usou como veículo para entregar verdades teológicas eternas para o seu povo.<sup>68</sup>

Dentre os adeptos desta posição há cristãos das mais diversas tradições, e não apenas das tradições que são tidas como mais abertas a “teologias liberais”, mas também cristãos evangélicos de cunho puritano, como Francis Collins, e até pentecostais, como o próprio Denis Lamoureux, além de católicos, anglicanos e luteranos.<sup>69</sup>

Embora aceitando que Deus teria criado através da evolução, há ainda bastante discussão quanto ao papel de Deus na evolução do gênero humano, em que momento ele teria dotado o homem da “sua imagem”, ou se Adão e Eva teriam sido pessoas históricas ou não, mas a posição evolucionista teísta assegura que o homem também é produto do processo evolutivo, tendo um ancestral comum com outros animais.

Os evolucionistas teístas procuram frequentemente ressaltar que são sim “criacionistas”, uma vez que aceitam a doutrina ortodoxa da criação, conforme os Pais da Igreja e o Credo Apostólico. No entanto, denunciam a cooptação do termo “criacionista” por essa parcela de cristãos fundamentalistas, que fizeram com que o termo fosse imediatamente identificado com uma interpretação particular do texto bíblico, de seis dias literais de 24 horas. Para eles, a evolução responde à pergunta “Como?” e a criação responde às perguntas “O quê?”, “Quem?” e “Por quê?”.

Por sua vez, a aceitação da evolução por parte dos adeptos desta reconciliação do Gênesis com a ciência é frequentemente criticada por outros criacionistas, que acusam estes cientistas e teólogos de estarem a um “passo da apostasia ao abrirem espaço para um raciocínio sofisticado neo-ortodoxo”<sup>70</sup>, e que todo o cristianismo é devastado ao se rejeitar uma interpretação estritamente literal

---

<sup>68</sup> Orig.: “*In order for God to communicate his divine truth to us, it had to first be put into words for us to understand. It had to be accommodated to an existing human language. [...] Christians need to understand the first chapter of Genesis for what it is: an 'accurate' rendering of the physical universe by ancient standards that God used as the vehicle to deliver timeless theological truth to His people.*” GLOVER, Gordon J. *Beyond the Firmament: Understanding Science and the Theology of Creation*. Chesapeake, VA: Watertree, 2007. p. 70.

<sup>69</sup> Como exemplos, John Haight, teólogo de quem falaremos no cap. 3, é católico e propõe uma teologia evolucionista; Philip Hefner, luterano, idealizador e ex-editor do periódico mais importante no estudo das relações entre ciência e religião, o *Zygon: Journal of Religion & Science*, e John Polkinhorne, ministro anglicano e uma das principais vozes no debate entre a relação ciência e religião.

<sup>70</sup> MORRIS, 1995, p. 246.

do Gênesis 1-11, afirmando inclusive que “se a Bíblia não pode ser confiada em assuntos científicos e históricos, então não pode também ser confiada em termos de salvação e espiritualidade”.<sup>71</sup>

Uma pesquisa de 2010 do Instituto Datafolha demonstrou que “59% dos brasileiros acreditam em Deus e também em Darwin”, o que sugere à primeira vista, que adotariam uma posição evolucionista teísta. No entanto, a reportagem descreve o resultado com a seguinte redação: “Para 59%, ser humano é resultado de uma evolução guiada por Deus; somente 8% não acreditam em interferência divina”.<sup>72</sup> Tal redação da pesquisa deixa mais dúvidas do que certezas, pois a posição evolucionista teísta não afirma que Deus “guia” a evolução, muito menos que “interfere”, o que sugeriria um intervencionismo ativo no processo. Ao contrário, a posição da evolução teísta afirma, a partir de uma postura de fé, que o processo foi concebido, engendrado por Deus, que o sustenta conforme sua providência, e não de forma a interferir no processo de forma material, como o termo “evolução guiada por Deus” pode sugerir.

Trataremos desta posição com mais detalhes no capítulo 3 deste trabalho.

### 1.1.5. Evolução deísta

A posição deísta sobre as origens atesta que um ser supremo dotado de inefável inteligência iniciou o universo em que a evolução ocorreria – sendo o *primum movens* da existência, e depois saiu de cena, jamais interferindo ou revelando-se à sua criação. Frequentemente se fala deste Deus como um Criador que deu corda ao relógio e saiu, para nunca mais voltar. Em contraste com o Deus teísta do cristianismo tradicional, este Deus é impessoal, não se envolve com a vida de homens e mulheres, sendo às vezes chamado de “deus-dos-filósofos”, ou o “Grande Arquiteto do Universo”.

Pode-se dizer que os deístas abraçam a revelação de Deus na natureza, assumindo que há design que aponta para um Criador – através da harmonia e da

---

<sup>71</sup> MORRIS, H. M. The Vital Importance of Believing in Recent Creation. *Back to Genesis in Acts & Facts*, Dallas, TX: ICR, n. 138a, June 2000. Disponível em <<http://www.icr.org/pubs/btg-a/btg-138a.htm>>. Acesso em: 14 ago. 2012.

<sup>72</sup> SCHWARTSMAN, Hélio. Um em cada 4 brasileiros crê em Adão e Eva. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 2 abr. 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0204201010.htm>>. Acesso em: 27 jan. 2014.



ordem do universo, como o próprio Albert Einstein afirmou<sup>73</sup>, mas rejeitam a revelação de Deus através da Bíblia ou de alguma religião. Sendo assim, todas as noções teológicas que advêm das Escrituras como o amor de Deus pela humanidade, o sacrifício redentor de um Deus encarnado, a imagem de Deus no ser humano, são rejeitadas. Deus seria essencialmente transcendente e nunca imanente.

O deísmo tornou-se uma posição filosófico-religiosa bastante comum na Europa do Iluminismo, principalmente na Inglaterra. Com as crescentes descobertas científicas e a ascensão da alta crítica das Escrituras, diversos cristãos teístas abraçaram o deísmo, considerando a Bíblia como apanhado de mitos de um povo primitivo, embora alguns ainda reconhecendo a utilidade e o mérito dos ensinamentos morais de Jesus<sup>74</sup>.

O Lorde Herbert de Cherbury (1583-1648) é considerado o pai do deísmo na Inglaterra, e o seu livro “*De Veritate*” (*On Truth, as It Is Distinguished from Revelation, the Probable, the Possible, and the False*) de 1624 o primeiro grande marco do pensamento deísta europeu. Ele identifica as chamadas “*Common Notions*” (noções comuns) da religião, que são

1. Há um Deus Supremo. 2. Ele deve ser adorado. 3. Virtude e devoção são as peças fundamentais para a adoração divina. 4. Devemos lamentar por nossos pecados e arrepender-se deles. 5. A bondade divina dispensa recompensas e punições, tanto nesta vida como depois dela.<sup>75</sup>

Assim, após analisar por extenso essas noções comuns, conclui:

A verdade revelada existe, e seria injusto ignorar isso. Mas sua natureza é bastante distinta da verdade baseada [nas noções comuns] [...] A verdade da revelação depende da autoridade daquele que a revela. Devemos, então, proceder com grande cuidado em discernir o que realmente é revelado [...] Devemos tomar muito cuidado para evitar enganos, pois

---

<sup>73</sup> “*Diante de tal harmonia no cosmos que eu, com minha mente humana limitada, sou capaz de reconhecer, no entanto, há pessoas que dizem que Deus não existe. Mas o que realmente me deixa irritado é que eles me citam como se eu apoiasse tais pontos de vista.*” Esta frase de Albert Einstein é frequentemente usada para mostrar sua crença em Deus, o que é um fato. No entanto, o deus de Einstein está longe de ser o Deus teísta do cristianismo tradicional, o que ele faz questão de deixar claro em outras frases, como: “*Eu acredito no Deus de Spinoza, que se revela na harmonia de tudo o que existe, não em um Deus que se preocupa com o destino e as ações da humanidade*”. Cf. CLARK, Ronald W. *Einstein: The Life and Times*. New York: World Publishing Company, 1971. p. 425.

<sup>74</sup> Na obra CORBETT, Michael; HEMEYER, Julia Corbett. *Politics and Religion in the United States*. New York: Garland Pub., 1999. p. 68, os autores citam John Adams e Thomas Jefferson como exemplos.

<sup>75</sup> Orig.: “*1. There is one Supreme God. 2. He ought to be worshipped. 3. Virtue and piety are the chief parts of divine worship. 4. We ought to be sorry for our sins and repent of them. 5. Divine goodness doth dispense rewards and punishments both in this life and after it.*” CHERBURY, Lord Edward Herbert of. *The Ancient Religion of the Gentiles, and Causes of Their Errors*, p. 3-4, apud ORR, John. *English Deism: Its Roots and Its Fruits*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1934. p. 96-99.

homens que estão deprimidos, supersticiosos ou ignorantes das causas são sempre sujeitas a eles.<sup>76</sup>

Após Cherbury, o deísmo floresceu na Inglaterra. Merece destaque o autor Matthew Tindal, que escreveu “*Christianity as Old as the Creation*” (1730), obra que se tornou, por causa dos intensos debates gerados após sua publicação, a “Bíblia do deísta”.<sup>77</sup>

O deísmo é intensamente criticado pelos autores cristãos tradicionais. Alguns autores cristãos, Lamoureux, por exemplo, inclusive escrevem o “deus deísta”, assim, com letra minúscula. Ele afirma: “Um designer impessoal pode tintilar a curiosidade intelectual de alguns por um período, mas um ser assim distante é, pra todas as razões práticas, irrelevante ou não-existente.”<sup>78</sup>

Talvez por essa razão, o deísmo entrou em declínio apenas um século após sua popularização, saindo da cena pública e ficando restrito às crenças pessoais de alguns, onde permanece até hoje.<sup>79</sup>

### 1.1.6. Evolução disteleológica

Esta é a posição também conhecida como evolução ateísta, atéia, ou materialista. Alguns ainda a chamam, duvidosamente, de darwinismo<sup>80</sup>, e a literatura criacionista frequentemente identifica esta visão como a “posição evolucionista”, embora vimos que outras posições também aceitam a evolução biológica.

A visão da evolução disteleológica abraça a posição filosófica do materialismo científico, chamado também de naturalismo filosófico ou metafísico. Ou

<sup>76</sup> Orig.: “Revealed truth exists; and it would be unjust to ignore it. But its nature is quite distinct from the truth [based on Common Notions] [...] [T]he truth of revelation depends upon the authority of him who reveals it. We must, then, proceed with great care in discerning what actually is revealed[...] [W]e must take great care to avoid deception, for men who are depressed, superstitious, or ignorant of causes are always liable to it.” CHERBURY, Lord Edward Herbert of. *De Veritate* (On Truth, as It Is Distinguished from Revelation, the Probable, the Possible, and the False) 1624. Trans. Meyrick H. Carré. Bristol: University of Bristol by J.W. Arrowsmith, 1937. p. 308-309.

<sup>77</sup> WARING, Edward Graham. *Deism and Natural Religion: A Source Book*. New York: Frederick Ungar Pub., 1967. p. 107.

<sup>78</sup> Orig.: “An impersonal designer may titillate the intellectual curiosity of some for a brief period, but such a distant being is, for all practical purposes, irrelevant and non-existent. LAMOUREUX, 2009, p. 33.

<sup>79</sup> Anthony Flew, famoso filósofo ateu, “se converteu” ao deísmo em 2004, causando grande repercussão midiática.

<sup>80</sup> Um esclarecimento se faz necessário sobre o termo “darwinismo”. Alguns autores diferenciam a teoria da evolução como explicação natural para a biodiversidade do termo darwinismo. Para estes, darwinismo seria a teoria somada a esta visão de mundo materialista filosófica de que falamos aqui. Outros autores ainda equivalem esta compreensão ao termo “evolucionismo”. Sugerimos cautela ao utilizar estas expressões, pois podem possuir diferentes conotações, dependendo de quem as utiliza.

seja, como o célebre Carl Sagan afirmava, “O Cosmos é tudo o que existe, existiu ou existirá”.<sup>81</sup> Não há plano ou propósito na natureza, na existência, no universo (disteleologia). Tudo evoluiu ao acaso, e nós somos nada senão moléculas. O ser humano é apenas mais um produto da evolução, sem plano, propósito ou significado último. Nas palavras de Dawkins,

O universo que observamos tem precisamente as propriedades que deveríamos esperar se, no fundo, não há projeto, propósito, bem ou mal, nada a não ser uma indiferença cega, impiedosa.<sup>82</sup>

Para os adeptos desta visão, não há maneira possível de se dissociar a evolução biológica e os achados da ciência de uma posição ateísta. Como afirma Alister McGrath, “para Dawkins [...] as ciências naturais, e especialmente a biologia evolucionista, representam uma autoestrada intelectual para o ateísmo”.<sup>83</sup> Nas palavras do zoólogo Ernst Haeckel (1834-1919), contemporâneo de Darwin, a evolução fornece explicações para tudo, e aparentemente as religiões são um atraso para o progresso do conhecimento: “Com esse único argumento, foi explicado o mistério do universo, anulada a Divindade e anunciada uma nova era de conhecimento infinito.”<sup>84</sup>

Deus, para os materialistas científicos, é uma ilusão que deve ser abandonada, um conceito ultrapassado da infância da humanidade:

O Deus gentil que amorosamente moldou cada um de nós e salpica o céu com estrelas brilhantes para o nosso deleite - esse Deus é, como Papai Noel, um mito da infância, e não qualquer coisa que um adulto sadio e sem ilusões pode, literalmente, acreditar. Esse Deus deve ou ser transformado em um símbolo de algo menos concreto ou abandonado completamente.<sup>85</sup>

A visão da evolução disteleológica, e de forma mais geral, do naturalismo filosófico tem se proliferado enormemente nos últimos anos graças a popularização do chamado movimento neo-ateísta. Este movimento tirou o ateísmo dos circuitos de discussão filosófica e teológica e tornou-o um fenômeno de massa, principalmente a partir da publicação – e expressiva venda – de cinco livros principais: “*The End of Faith: Religion, Terror, and the Future of Reason*” (2004) e “*Letter to a Christian*

<sup>81</sup> Orig.: “*The Cosmos is all there is, or ever was, or ever will be.*” SAGAN, Carl. *Cosmos*. New York: Random House, 1980. p.1.

<sup>82</sup> DAWKINS, Richard. *O Rio Que Saía Do Éden: Uma Visão Darwiniana Da Vida*. Trad. Alexandre Tort. Rio De Janeiro: Rocco, 1996. p. 70.

<sup>83</sup> McGRATH, Alistair E. ; McGRATH, Joanna C. *The Dawkins Delusion? Atheist Fundamentalism and the Denial of the Divine*. Downers Grove, Illinois: IVP Books, 2007. p. 13-14.

<sup>84</sup> Cf. EISELEY, Loren C. *Darwin's Century: Evolution and the Men Who Discovered It*. Garden City, NY: Doubleday, 1958. p. 346, apud BARBOUR, 2000, p. 24.

<sup>85</sup> DENNETT, Daniel Clement. *A Perigosa Ideia De Darwin: A Evolução e os Significados da Vida*. Trad. Talita M. Rodrigues. Rio De Janeiro: Rocco, 1998. p.18.

*Nation*” (2007), de Sam Harris; “*The God Delusion*” (2006) de Richard Dawkins; “*Breaking the Spell: Religion as a Natural Phenomenon*” (2006) de Daniel Dennett, e “*God is Not Great: How Religion Poisons Everything*” (2007), de Christopher Hitchens.<sup>86</sup> Tal fenômeno é sem precedentes, como analisa R. Albert Mohler Jr.:

Pegue um avião, prepare-se para um voo, e observe o que os outros passageiros estão lendo. É provável que você veja livros que representam uma nova onda de ateísmo conforme você olha ao redor da cabine. Os chamados Novos Ateus têm escrito *bestsellers* que atingiram muito além do público tradicional de tais livros. Livros de Richard Dawkins e Christopher Hitchens passaram semanas e meses na lista de best-sellers do New York Times. Claramente, algo está acontecendo.<sup>87</sup>

Estes autores têm sido frequentemente chamados de “Os Quatro Cavaleiros do Neo-Ateísmo”<sup>88</sup>, e popularizaram, literalmente fazendo campanha, o “ateísmo militante” e catequético. Richard Dawkins, premiadíssimo biólogo de Oxford e autor de inúmeros *best-sellers*, é o principal porta-voz desse movimento, empenhando-se em verdadeira cruzada contra as religiões. Ele afirma, sem titubear, sobre seu “Deus, um Delírio”, que “este livro [...] saiu, sim, para converter”.<sup>89</sup> Com um estilo sarcástico, irônico e muito provocador, ele e seus companheiros iniciaram uma cruzada que, diferentemente do ateísmo clássico, atacam ferozmente a religião – particularmente as monoteístas - considerando-a perniciosa e sem nenhum atributo positivo. Dawkins afirma:

O Deus do Antigo Testamento é talvez o personagem mais desagradável da ficção: ciumento, e com orgulho; controlador mesquinho, injusto e intransigente; genocida étnico e vingativo, sedento de sangue; perseguidor misógino, homofóbico, racista, infanticida, filicida, pestilento, megalomaniaco, sadomasoquista, malévolo.<sup>90</sup>

E ainda,

Meu ponto não é que a religião em si é a motivação para guerras, assassinatos e ataques terroristas, mas que a religião é o principal rótulo, e o mais perigoso, pelo qual podemos identificar um “eles” em oposição a um “nós”.<sup>91</sup>

<sup>86</sup> Em português: HARRIS, Sam. *A morte da fé: religião, terror e o futuro da razão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. ; \_\_\_\_\_. *Carta a uma nação cristã*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. ; DAWKINS, Richard. *Deus, um delírio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. ; DENNETT, Daniel C. *Quebrando o encanto*. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 2006. ; HITCHENS, Christopher. *Deus não é grande*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

<sup>87</sup> MOHLER JR., R. Albert.. *Atheism Remix: A Christian Confronts the New Atheists*. Wheaton, Il.: Crossway Books, 2008. p. 11-12.

<sup>88</sup> Numa clara alusão aos cavaleiros do livro do Apocalipse. Cf. Ap 6.

<sup>89</sup> DAWKINS, 2006, p. 159.

<sup>90</sup> DAWKINS, 2006, p. 55.

<sup>91</sup> DAWKINS, Richard. *O Capelão Do Diabo*. Ensaios Escolhidos. Comp. Latha Menon. Trad. Rejane Rubino. São Paulo: Companhia Das Letras, 2005. p. 158.

O que fica claro e notório na argumentação neo-ateísta é a centralidade da teoria da evolução biológica de Charles Darwin. Para o grupo, ela foi a prova definitiva da inexistência de qualquer divindade. As sociedades ateístas crescem no mundo todo, fazendo campanhas para que ateus “saíam do armário”, e usando a figura de Charles Darwin como embaixador de sua causa – embora este nunca tenha se identificado realmente como ateu<sup>92</sup>. No Brasil, a ATEA (Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos) promulga o dia 12 de Fevereiro – data de nascimento de Charles Darwin – como “dia do orgulho ateu”. Tais campanhas ateístas usando a evolução como carro chefe têm cada vez mais contribuído para fortalecer a noção dicotômica das origens, conforme aprofundaremos adiante.

Diversos autores, cientistas, teólogos, ateus e religiosos tem se manifestado opostos a associar a evolução biológica com um inerente materialismo filosófico, argumentando que tal atitude traz muito mais malefícios do que benefício para o próprio empreendimento científico. Eles denunciam o movimento neo-ateísta por adotar uma postura cientificista, dogmática e panfletária.<sup>93</sup>

Na terceira parte deste trabalho trataremos em mais detalhes deste grupo.

## 1.2. Considerações sobre o espectro das origens

A partir deste panorama das diferentes posições possíveis com relação às origens e à controvérsia criação/evolução, pode-se completar um quadro-resumo, que nos ajudará a fazermos algumas considerações. Recomendamos a leitura desta parte consultando-se este quadro disponível no ANEXO 2 – Espectro das Origens.

A primeira é que este quadro, adaptado de Lamoureux, é obviamente limitado, pois coloca o diverso espectro das origens em apenas cinco posições (desconsiderando o Terra-planismo e geocentrismo). É evidente que há posições

---

<sup>92</sup> Ao contrário, se identificou como teísta: “A razão é testemunha da extrema dificuldade ou até impossibilidade de conceber este imenso e maravilhoso universo – incluindo o homem com sua capacidade de olhar para o passado e para o futuro – como resultado do cego acaso ou da necessidade. Refletindo, eu me senti compelido a procurar uma Causa Primeira que possuísse uma mente inteligente de algum modo análoga à do homem; e eu mereço, pois, ser chamado de Teísta.” BARLOW, Nora (Ed.) *The Autobiography of Charles Darwin 1809-1882*. London: Collins, 1958. p. 92-93. No entanto, a maioria de seus biógrafos concorda que Darwin tornou-se um agnóstico no final da vida, após passar por um período de deísmo. Ver DARWIN, Charles; DARWIN, Francis. *The Life and Letters of Charles Darwin*, including an Autobiographical Chapter. New York: Basic, 1959.

<sup>93</sup> Por exemplo, GOULD, Stephen J. *Evolution: The Pleasures of Pluralism*. New York Review of Books, June 26, 1997. Disponível em: <<http://cogweb.ucla.edu/Debate/Gould.html>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

não contemplados por ele, como por exemplo os adeptos da evolução agnóstica, que afirmam não saber se a evolução indica plano e propósito. Eugenie Scott, na sua análise, contempla esta posição, por exemplo.<sup>94</sup> No entanto, para os propósitos deste trabalho, o quadro é útil para enfatizarmos alguns pontos:

1) O debate criação *versus* evolução é uma falsa dicotomia. Ou seja, ao invés de serem apenas uma posição contra outra – “criação *versus* evolução”, o debate das origens se apresenta muito mais como um “espectro”, ou um “contínuo.” Quatro das cinco posições afirmam que o mundo é a criação de Deus, e três aceitam que os seres vivos apareceram pela evolução. Em outras palavras, há quatro grupos de criacionistas e três grupos de evolucionistas, sendo dois grupos (evolução deísta e evolução teísta) ao mesmo tempo “criacionista” e “evolucionista”.

2) Três dos cinco grupos se identificam com o cristianismo tradicional, ou conservador. Tanto os CTJ, como os CTA e os evolucionistas teístas aceitam pontos fundamentais do cristianismo histórico como a criação do mundo por Deus, o design inteligente na natureza, a ação divina em nível pessoal, a inspiração das Escrituras pelo Espírito Santo, a imagem de Deus no ser humano, a encarnação e divindade de Cristo, a pecaminosidade do ser humano e uma ética bíblica.

3) As diferenças entre estes três grupos de cristãos está basicamente na forma de atividade de Deus no mundo. Enquanto os CTJ rejeitam a evolução cosmológica, geológica e biológica, os CTA aceitam as duas primeiras mas rejeitam a terceira, por que o relato do Gênesis afirma que as formas de vida foram criadas “segundo suas espécies”. Assim, a atividade seria direta para algumas coisas criadas mas indireta para outras, ao contrário dos CTJ, onde ela seria direta para tudo, de maneira intervencionista, *ex nihilo* (do nada.) Já os evolucionistas teístas não fazem esta diferenciação, alegando que a atividade é sempre indireta, em processos ordenados e sustentados por Deus, que age através de causas secundárias estudadas pela ciência.

4) A questão do “concordismo científico” nos capítulos 1-3 de Gênesis é a chave do problema. O entendimento de que a Bíblia necessita estar alinhada cientificamente com os achados da ciência moderna pelos CTJ e CTA os obriga a rejeitar a evolução, seja ela biológica, cosmológica ou geológica. Se este concordismo for rejeitado, como o fazem os evolucionistas teístas, os problemas

---

<sup>94</sup> Ver em SCOTT, 2000. Disp. em <<http://ncse.com/creationism/general/creationevolution-continuum>>. Acesso em: 06 jan. 2014.

praticamente desaparecem. Por isso, a interpretação das Escrituras é a chave para resolver o aparente conflito entre os cristãos conservadores, a fim de saber se realmente o Espírito Santo revelou fatos científicos na Bíblia ou se o relato da criação é de outra natureza.

A esta tarefa interpretativa nos deteremos no Cap. 2.

### 1.3. Breve histórico da controvérsia

*Você já ouviu falar de ácido universal? [...] Ácido universal é um líquido tão corrosivo que atravessa qualquer coisa! O problema é: como contê-lo? Ele dissolve garrafas de vidro e latas de aço inoxidável tão facilmente como sacos de papel. [...] Eu nem percebia que em poucos anos eu iria encontrar uma ideia – a ideia de Darwin - com semelhança inconfundível ao ácido universal: ela perfura e corrói quase todos os conceitos tradicionais e deixa na sua esteira uma visão do mundo revolucionada, com a maioria dos antigos marcos ainda reconhecíveis, mas transformados de maneira fundamental.*<sup>95</sup>

- Daniel Dennett

O filósofo contemporâneo Daniel Dennett, um dos ícones do movimento neo-atéista atual, escreve sobre uma fantasia infantil que sempre passou pela sua cabeça e de seus amigos: um ácido universal, que de tão potente, não poderia ser contido, pois causaria corrosão em qualquer contêiner em que se tentasse coloca-lo. Em seu livro “A Perigosa Ideia de Darwin” (1995), ele afirma ter descoberto tal ácido: é ela própria, a evolução pela seleção natural. Segundo Dennett, a ideia de Darwin “vaza” da biologia para inúmeras outras áreas da vida e conhecimento humano, desde a cosmologia, para um lado, até a psicologia, para outro, alterando nossa compreensão e percepção de toda a realidade.<sup>96</sup>

Embora criticada como exagerada<sup>97</sup>, a visão de Dennett ilustra um pouco do impacto histórico da teoria de Charles Darwin no pensamento e cultura ocidental. Não há como negar que ela modificou a forma como vemos o mundo em diversos aspectos e domínios. Vamos, então, nas páginas a seguir, explorar um pouco da história das relações entre a teoria da evolução e o movimento conhecido como criacionismo.

<sup>95</sup> DENNETT, 1995, p. 63.

<sup>96</sup> DENNETT, 1995, p. 63.

<sup>97</sup> Muitos autores, inclusive ateus e agnósticos têm criticado a posição de Dennett, Dawkins e outros chamados “ultradarwinistas”, por extrapolar quase desmedidamente as implicações da teoria darwiniana. Dentre os críticos, destaca-se o paleontólogo Stephen Jay Gould, o qual Dennett critica ferozmente em sua obra. Para ver a crítica de Gould ao livro de Dennett, ver GOULD, 1997. Disponível em: <<http://cogweb.ucla.edu/Debate/Gould.html>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

### 1.3.1. Criacionismo no tempo de Darwin

Nos anos iniciais após a publicação de “A Origem das Espécies” (1859), intenso debate foi gerado na Inglaterra, tanto nos campos científico quanto no religioso, filosófico e social, com posições de aceitação e rejeição em todas estas esferas. Darwin teve muito apoio no campo das ciências, mas também muitos questionamentos, com ferrenhos defensores e acusadores, uma vez que outras propostas de evolução já eram vigentes na época (o lamarckismo e a ortogênese<sup>98</sup>, por exemplo). E, ao contrário do que muitos pensam, o mesmo ocorreu no campo religioso, com teólogos abraçando a evolução como a maneira criadora de Deus enquanto outros, sim, considerando-a uma afronta às Sagradas Escrituras e à dignidade humana. O respeitadíssimo botânico americano de Harvard Asa Gray (1810-1888) é um exemplo de cientista cristão, membro ativo de uma igreja presbiteriana em Cambridge, Massachusetts, que abraçou as ideias de Darwin e foi seu maior divulgador nos anos iniciais na América, tornando-se amigo pessoal de Darwin. Contudo, embora os debates sobre a recém-proposta teoria terem sido acalorados, no campo das ciências naturais as ideias de Darwin já eram triunfantes em ambos os lados do Atlântico no final do século XIX.<sup>99</sup>

No campo religioso, os debates inflamados sobre as implicações do darwinismo para a condição do homem e para as ideias de design na natureza

---

<sup>98</sup> Darwin não foi em hipótese alguma o primeiro a sugerir que os seres vivos teriam evoluído, ou que a vida na Terra tenha sido fruto de um longo processo de evolução de formas graduais mais simples para mais complexas. Tal pensamento já aparece até em filósofos pré-Socráticos e em Aristóteles, por exemplo. No entanto, o naturalista francês Jean-Baptiste Lamarck (1744-1829) foi o primeiro a oferecer uma proposta completa de mecanismo dessa evolução, em forma de uma teoria científica estruturada e coesa. Segundo o chamado Lamarckismo (1809), os seres vivos evoluíram através da herança de caracteres adquiridos durante a vida. Tornou-se extremamente popular o exemplo das girafas, que teriam descendido de ancestrais de pescoço curto, que “esforçaram-se” para alcançar folhas mais altas. Através de esforço, os filhotes nasciam com o pescoço cada vez “um pouco” mais alto. Essa ideia foi provada errônea, pois não há como caracteres adquiridos durante a vida serem passados para as células reprodutórias, que darão origem à prole. Já a ortogênese é uma noção bastante antiga e popularizada no séc. XIX de que a vida teria uma propensão inata de evoluir e progredir de forma não linear, mas em uma direção perceptível, através de uma força motriz misteriosa, interna ou externa. Foi uma ideia contrária a explicação Darwiniana da evolução por seleção natural, este sim, o grande mérito de Charles Darwin, ao sugerir um mecanismo facilmente observável e satisfatório como força motriz principal da evolução.

<sup>99</sup> Louis Agassiz (1820-1873) famoso geólogo criacionista da época admitiu a “aceitação universal” de Darwin antes de falecer, já em 1873. Para mais sobre a aceitação das ideias de Darwin, ver NUMBERS, 2006, p.3-19 e BOWLER, Peter J. *Evolution: The History of an Idea*. Berkeley, CA : University of California Press, 3.ed. 2003.



também aconteciam.<sup>100</sup> No entanto, o que ocupava realmente as discussões dos teólogos não era exatamente a teoria da evolução das espécies, mas sim a chamada “alta crítica” (ou método histórico-crítico de interpretação das Escrituras). Este debate foi, obviamente, influenciado pela publicação da teoria darwiniana, mas para os clérigos, muito mais grave do que a harmonização de Darwin com o Gênesis eram as suspeitas lançadas sobre a divindade de Cristo, a historicidade dos milagres bíblicos, a ressurreição corpórea ou não de Jesus, advindas em grande parte do livro de David F. Strauss “*Das Leben Jesu, kritisch bearbeitet*” (*The Life of Jesus, Critically Examined*, de 1846), e da versão “atualizada” do cristianismo proposta por Lyman Abbot em seu “*The Evolution of Christianity*” (1892), sem céu ou inferno, sem pecado original ou Cristo divino.

Para conter a chamada “onda do modernismo” da época, um projeto bastante influente foi lançado nos Estados Unidos para identificar o que seriam as bases essenciais do cristianismo – os fundamentos – e chamar os cristãos a uma guerra de proteção a estas crenças contra a investida do modernismo. Uma legião dos mais proeminentes pensadores cristãos da época foi selecionada para contribuir com o projeto, que pressupunha engajamento com o cristianismo tradicional em todos os níveis. O resultado deste projeto foi a publicação, inicialmente em doze volumes e depois em quatro, da coleção de ensaios “*The Fundamentals – A Testimony to the Truth*” (1910-1915).<sup>101</sup>

De acordo com Karl Giberson em *Saving Darwin* (2008), o alvo principal do *The Fundamentals* era claro:

Dos noventa artigos que compunham a coleção, ao menos um terço defendia a Bíblia contra Strauss e outros “alto-críticos”. Os outros apresentavam doutrinas, argumentos apologéticos, criticavam vários “ismos” e discutiam evangelismo mundial e outros assuntos práticos. Outros eram testemunhos pessoais de cristãos exemplares.<sup>102</sup>

Conforme o autor, o que é notável nestes artigos é que a evolução aparece, com algum disfarce, em aproximadamente vinte por cento dos escritos, mas quase não há referência ao ponto de vista da criação em seis dias literais de 24 horas, o

<sup>100</sup> LARSON, Edward J. *Evolution: The Remarkable History of a Scientific Theory*. New York: Modern Library. 2004. p. 89-92.

<sup>101</sup> A coleção completa do *The Fundamentals* está disponível online em: <<http://www.ntslibrary.com/>>. Acesso em: 15 jan. 2014. A obra tem versão em português lançada em 2005 pela Ed. Hagnos.

<sup>102</sup> Orig.: *Of about ninety articles in the series, fully one-third defended the Bible against Strauss and the higher critics. The rest presented doctrines, laid out apologetic arguments, criticized various "isms," and discussed world evangelism and other practical matters. Some of the essays were personal testimonies written by exemplary Christians.* GIBERSON, Karl. *Saving Darwin: How to Be a Christian and Believe in Evolution*. New York: HarperOne, 2008. p.60.

atual e poderoso Criacionismo da Terra-Jovem. Ou seja, mesmo os mais influentes “fundamentalistas da época” falavam positivamente sobre o criacionismo progressivo, elos históricos entre espécies e uma Terra antiga. A geologia, ciência que passou por grandes revoluções no séc. XVIII e XIX, já havia estabelecido as bases para a chamada coluna geológica<sup>103</sup> bem antes de Darwin, e as pesquisas sobre a idade da Terra e das rochas eram encabeçadas por cientistas cristãos. Por isso, a teologia procurou harmonizar a já sabida e aceita antiguidade da Terra com o relato bíblico do Gênesis, surgindo assim as duas principais correntes interpretativas: a de que haveria uma criação inicial “no início”, que fora destruída, vindo depois a criação dos seis dias literais (teoria da lacuna entre os versos 1 e 2 de Gênesis 1) e a teoria do dia-era, em que cada dia representaria uma ou mais eras geológicas, de possíveis milhões de anos. No entanto, embora houvesse nos escritos do *The Fundamentals* algumas críticas claras à evolução como ataque à fé cristã, a maioria parecia compartilhar a visão do geólogo George Frederick Wright, um dos autores de artigos do compêndio, de que os ataques vindos da filosofia eram bem mais sérios do que os vindos das ideias de Darwin: “Hume é mais perigoso que Darwin”<sup>104</sup>, ele escreve.

Interessante notar, então, que o movimento atual do fundamentalismo, hoje unanimemente oposto à evolução, recebe seu nome de uma publicação do início do séc. XX em que seus escritores, os autênticos “fundamentalistas”, estavam relativamente não muito preocupados com a evolução. Não havia, nas raízes do movimento, uma chamada à “luta armada” contra a evolução, além de haver certa receptividade à ideia de um planeta muito antigo, fato que deveria ser considerado pelos criacionistas atuais.

De acordo com Ronald Numbers, autor da já mencionada obra seminal sobre o movimento criacionista “*The Creationists - The Evolution of Scientific Creationism*”, na virada do séc. XIX para o séc. XX, a evolução biológica ganhava adeptos inclusive nos setores tradicionais do cristianismo.<sup>105</sup> De onde surgiu, então, a oposição ferrenha à evolução biológica e à noção de uma Terra antiga dentro do fundamentalismo cristão?

---

<sup>103</sup> A coluna geológica é a tabela teórica que divide a história do planeta em Eras e Períodos geológicos, baseando-se nos grandes eventos que moldaram o planeta, tanto geológicos (divisão dos continentes, eras glaciais, etc.) como biológicos (grandes extinções, grupos dominantes de seres vivos, etc.)

<sup>104</sup> WRIGHT, 1917, *apud* GIBERSON, 2008, p. 60.

<sup>105</sup> NUMBERS, 2006. p. 3.

Parte da resposta a esta pergunta se encontra no que Giberson chama de “desagradáveis companheiros de viagem” de Darwin, que usavam seu principal conceito – a sobrevivência do mais apto, (ou “*survival of the fittest*” no original inglês), a seu bel-prazer:

O fato da natureza *melhorar* as espécies “selecionando” as mais *aptas* [fit] atraiu a atenção de alguns personagens sombrios com ideias bem diferentes do que seria “apto”. Militaristas agressivos na Alemanha invocaram Darwin para justificar invasões em nações mais fracas. Planejadores sociais alegaram que programas de esterilização forçada dos “não-aptos” eram simplesmente boa ciência, e construtores de impérios racionalizavam o extermínio de raças “menos avançadas” como forma de melhorar a espécie humana.<sup>106</sup> (grifos originais)

O aspecto científico da evolução saía de cena conforme as agendas “sociais” de grupos específicos usavam-na para objetivos imorais, o que provocou em muitos cristãos uma lógica e compreensível rejeição completa a esta “infamada” ideia, que tinha, segundo alguns, suas raízes no próprio Satanás, e que se tornou o bastião de uma visão de mundo ateísta, humanista, secularista e moralmente caída.

Assim, para alguns líderes cristãos, era necessário acabar de uma vez por todas com esta maliciosa ideia de Darwin, e para isso, era preciso falar de ciência.

### 1.3.2. George McCready Price

O pequeno e periférico grupo dos Adventistas do Sétimo Dia – que nem havia sido convidado para fazer parte do *The Fundamentals*, é responsável pela segunda parte da resposta à pergunta que fizemos acima: de onde surgiu a oposição ferrenha à evolução biológica e à Terra antiga dentro do fundamentalismo cristão?

O adventismo, surgido sob forte influência do movimento Millerita<sup>107</sup>, apoia uma leitura estritamente literal do texto bíblico, opondo-se veementemente a qualquer ideia que venha a relativizar os sete dias literais da semana da criação, uma vez que a guarda do Sábado é um dos fundamentos de sua doutrina. Ellen White (1827-1915), a profetisa fundadora da religião, afirma que em uma de suas visões “foi carregada para a criação, e lhe foi mostrado que aquela semana, na qual

<sup>106</sup> Orig.: “His central idea that nature improved species by “selecting” the more fit attracted the intention of some shady characters with rather different ideas about exactly what “fit” should mean. Aggressive militarists, particularly in Germany, invoked Darwin to justify assaults on weaker nations. Social planners claimed that programs that forcibly sterilized die “unfit” were simply good science. Empire builders rationalized the extermination of “less advanced” races as a way to improve the human species.” GIBERSON, 2008, p. 61.

<sup>107</sup> Movimento apocalíptico dos seguidores do fazendeiro William Miller (1782-1849), que marcou datas para a segunda volta de Cristo nos anos de 1840.

Deus efetuou toda a criação durante os seis dias e no sétimo descansou, foi exatamente como qualquer outra semana.”<sup>108</sup> Ela apoiava também o dilúvio universal (e não local, como já era a visão reinante na época), pois também foi levada por uma visão a conhecer detalhes adicionais do episódio bíblico.

Assim, no ano de 1923, foi publicado o clássico criacionista “*New Geology*” (Nova Geologia), do geólogo autodidata e adventista-do-sétimo-dia George McCready Price (1870-1963). Price acreditava que a geologia, ancorada no princípio do *uniformitarianismo*<sup>109</sup>, era o ponto mais fraco da teoria evolutiva<sup>110</sup>, e buscou, através de observações e estudos informais, propor uma “geologia diluviana” (*flood geology*), que seria responsável por todas as características geológicas do planeta, bem como pelos fósseis, enunciando o princípio do *catastrofismo*. E o principal: ao afirmar que os aspectos físicos e geológicos do planeta poderiam ter se formado de forma repentina, no decurso de não mais que um ano após o dilúvio, ele dava legitimidade aparentemente científica à noção da Terra jovem, de que nosso planeta não teria mais do que aproximadamente seis mil anos, ao contrário da noção já defendida pela ciência e já aceita pela imensa maioria dos cristãos: a de que a Terra era sim muito antiga.<sup>111</sup> Este número – 6 mil anos –, amplamente usado pelos criacionistas até hoje, é baseado no cálculo da data provável da criação do mundo do bispo irlandês James Ussher (1581-1656). Ussher valeu-se das genealogias bíblicas para concluir, em sua obra de 1650 “*Annales veteris testamenti, a prima mundi origine deducti*”, que a data provável da criação foi a noite anterior ao domingo 23 de outubro de 4004 a.C. A data constava nas primeiras edições da Bíblia King James, e muito posteriormente da Bíblia Scofield, sendo amplamente divulgada. Somados aos quase dois mil anos de era cristã, estava aí a idade do

<sup>108</sup> Orig.: *I was then carried back to the creation and was shown that the first week, in which God performed the work of creation in six days and rested on the seventh day, was just like every other week.* WHITE, Ellen G. *Spiritual Gifts: Important Facts of Faith, in Connection with the History of Holy Men of Old.* Battle Creek, MI: Seventh Day Adventist Publishing Assoc., 1864. p. 64-96 Disponível em: <<http://www.temcat.com/L-3-SOP-Library/Orig&Early/3SG.pdf>>. Acesso em: 07 jul. 2012. Nesta obra há referências também ao dilúvio universal.

<sup>109</sup> O *uniformitarianismo* é a corrente de pensamento idealizada pelo geólogo James Hutton e popularizada pelo livro “*Principles of Geology*” de Charles Lyell em 1830 que diz que “o presente é a chave do passado”, ou seja, os acontecimentos do passado são resultado de forças da natureza idênticas às que se observam na atualidade e os acontecimentos geológicos são o resultado de processos lentos e graduais. Contrasta-se com o *catastrofismo*, em que o dilúvio de Noé teria dado origem aos fósseis e aos grandes traços da geologia da Terra.

<sup>110</sup> Price já tinha, desde o início do século, várias publicações antes do *New Geology* dedicadas ao tema, mas que tiveram pouca repercussão fora dos circuitos adventistas da época. Destaca-se justamente a que tem o título que resume bem a sua ideia quanto a evolução: *Illogical Geology: The Weakest Point in The Evolution Theory.*

<sup>111</sup> Cf. NUMBERS, 2006, p. 11.

planeta – absurdamente jovem se comparado aos milhões já defendidos pela geologia.<sup>112</sup>

O mais interessante na posição de Price é a de que o debate foi polarizado não mais na evolução darwiniana, mas sim no dilúvio e sua possível influência na formação dos fósseis e da coluna geológica, fato que se repetiria na aurora do movimento conhecido como “criacionismo científico” (*creation science*), quase 50 anos mais tarde. Por isso, Price é conhecido como o precursor deste movimento, que tinha na geologia seu principal foco.

O que tem a geologia a ver com tudo isso? Tem muito a ver. Idéias corretas sobre geologia removerão um grande número de noções vãs - eu quase disse superstições - sobre nossa origem, que agora passam sob o nome de ciência. E assim, removendo falsas ideias, deixamos o terreno limpo para as ideias mais corretas em relação à criação, e, portanto, para conceitos mais verdadeiros sobre moral, aquela velha ideia de "dever" e "deveria" com base em nossa relação com Deus como suas criaturas.<sup>113</sup>

Esta “revisão” da geologia proposta por Price teve limitado impacto fora dos circuitos adventistas e fundamentalistas na sua época, até porque, como já dissemos, a Terra antiga e a geologia já eram bastante estabelecidas, fruto de trabalho de cristãos do passado. Além disso, Price não era levado a sério pelos acadêmicos da geologia por não possuir estudo formal na área. No entanto, o efeito dessa publicação, que deu “*status científico*” às visões de Ellen G. White, só seria realmente sentido uns 50 anos mais tarde, na invasão em massa dos movimentos anti-evolução na América e nas futuras batalhas judiciais.

Mas, neste contexto, aconteceu o fato que proporcionou um vislumbre da batalha por vir entre criação x evolução: o célebre e paradigmático caso Scopes, em 1925, conhecido como *The Scopes Monkey Trial*, o “Julgamento do Macaco”, em que o professor de biologia John Scopes foi a julgamento acusado de ensinar a evolução biológica aos seus alunos do Ensino Médio, o que era contrário à lei do seu estado, o Tennessee. O caso atraiu imensa atenção da mídia na época para a

<sup>112</sup> William Thomson, mais tarde conhecido como Lord Kelvin, foi um dos primeiros cientistas a seriamente considerar a questão da idade do planeta, chegando em 1862 a uma idade entre 20 milhões a 400 milhões para a Terra. O número aceito hoje, de aproximadamente 4,6 bilhões, só foi calculado a partir de 1956, com o advento e modernização dos métodos radiométricos.

<sup>113</sup> Orig.: *What has Geology to do with all this? It has much to do with it. Correct ideas of geology will remove a great many vain notions—I had almost said superstitions—regarding our origin, which now pass under the name of science. And in thus removing false ideas it leaves the ground cleared for more correct ideas regarding creation, and thus for truer concepts of morality, the old idea of "must" and "ought" based on our relation to God as His creatures.* PRICE, George McCready. *Illogical Geology: The Weakest Point in The Evolution Theory*. Los Angeles: The Modern Heretic Co. 1906. p. 269. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/42043/42043-h/42043-h.htm>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

pequena cidade de Dayton, e os argumentos usados na corte tornaram o caso uma disputa teológica sobre a veracidade da Bíblia quando confrontada com achados da ciência moderna. William Jennings Bryan, o político que representava o estado do Tennessee no julgamento, possuía uma cópia do livro de Price, e foi claramente motivado pela sua leitura. Scopes foi considerado culpado, mas o julgamento foi anulado por um erro processual. Porém, o verdadeiro saldo imediato do caso foi um aumento do ensino evolucionista, uma vez que a estratégia fundamentalista de usar leis para coibir a expansão do darwinismo falhou nos tribunais da opinião pública.<sup>114</sup>

### 1.3.3. *The Genesis Flood*

O movimento criacionista teve poucos avanços de real impacto no pós-guerra, até que, em 1954, é publicado “*The Christian View of Science and Scripture*”, do filósofo e teólogo cristão Bernard Ramm. Neste livro, Ramm criticava abertamente a noção fundamentalista de que “uma visão ‘superior’ da inspiração bíblica implica que a mesma seja uma fonte confiável de informação científica”<sup>115</sup>, e desta forma, dispensava a necessidade de uma Terra jovem, de um dilúvio global e de uma aparição recente da raça humana. Ainda rejeitando Darwin, Ramm se autodenominava “criacionista progressivo”, e a publicação de seu livro causou furor nos setores mais fundamentalistas, e nos adeptos da geologia diluviana.

Dentre estes estava John Withcomb Jr., um professor de Velho Testamento do *Grace Theological Seminary* em Winona Lake, Indiana, para quem o livro de Ramm, “com suas noções não bíblicas de um dilúvio geograficamente local ofereciam prova final dos absurdos lógicos para os quais alguém é levado como um evangélico que aceita a geologia do uniformitarianismo”.<sup>116</sup>

Withcomb sentiu-se compelido a escrever uma resposta à Ramm, mas sentiu a necessidade de contar com um cientista que pudesse lidar com os aspectos científicos da geologia diluviana. Foi quando conheceu, em 1953, o engenheiro hidráulico, Ph.D. pela Universidade de Minnesota, Henry M. Morris, e o convenceu

<sup>114</sup> O caso, um dos mais célebres da história do direito americano, virou peça teatral, que foi posteriormente adaptada para o cinema: *Inherit the Wind* (1960). O filme ganhou um remake televisivo em 1999. Ambos estão disponíveis no site <www.youtube.com>, mas contém muita ficção atrelada a fatos reais. Falaremos em mais detalhes do episódio no Cap. 3, seção 3.1.1.

<sup>115</sup> HAAS JR., John W. *The Christian View of Science and Scripture: A Retrospective Look*. In: *Journal of the American Scientific Affiliation* n. 31, p.117, 1979, *apud* NUMBERS, 2006, p. 184.

<sup>116</sup> NUMBERS, 2006, p. 187.

(após sucessivas negativas de outros cientistas criacionistas) a escrever as partes sobre geologia, radioatividade e outras do seu já manuscrito livro.

Inspirados pelo desgosto e preocupação com o livro de Ramm, a dupla lançou *“The Genesis Flood”*, publicado em fevereiro de 1961, certamente o mais influente livro criacionista até hoje. Arthur McCalla, um crítico do CTJ, afirma: “o livro se tornou um best-seller do mundo fundamentalista e polarizou a opinião evangélica”.<sup>117</sup> Ele já está na 48ª edição, com mais de 300.000 cópias vendidas (dados de 2011) e foi traduzido para diversas línguas. Continua McCalla,

Legiões de crentes na Bíblia responderam agradecidos a Withcomb e Morris porque o seu sistema eliminava de uma vez por todas a necessidade de contorções interpretativas que dobravam e torciam as palavras da Bíblia para reconcilia-las com os achados da ciência moderna.<sup>118</sup>

O livro inicia com a afirmação da posição defendida pelos autores: da inerrância verbal da Escritura<sup>119</sup>, e segue, onde são abordados basicamente quatro pontos:

[1] as ciências históricas não são verdadeira ciência e a evolução é uma hipótese sobre as origens que não é passível de prova científica genuína, porque a extrapolação dos processos atuais para o passado pré-histórico não observável não é realmente ciência; [2] o criacionismo é uma outra hipótese sobre origens, com base na Bíblia; [3] a verdadeira ciência demonstra apoio esmagador para o ponto de vista criacionista, apoiando assim a hipótese criacionista sobre a origem; e [4] o problema real, de qualquer forma, não é a exatidão da interpretação de vários detalhes dos dados geológicos, mas simplesmente o que Deus revelou em sua Palavra a respeito da origem da humanidade e do universo.<sup>120</sup>

Na prática, o livro revitalizou a quase extinta geologia diluviana entre os cristãos, elevando a hipótese para uma “posição de ortodoxia fundamentalista.”<sup>121</sup> No entanto, ele é verdadeiramente uma reedição dos argumentos já enunciados por Price trinta anos antes (que os autores fizeram questão de referenciar diretamente apenas quatro vezes, dadas as “bandeiras vermelhas” que o autor suscitava por ser

<sup>117</sup> MCCALLA, 2006, p. 172.

<sup>118</sup> Orig.: “Legions of Bible believers responded gratefully to Whitcomb and Morris because their system eliminated once and for all the need for interpretative contortions that twist and bend the words of the Bible in order to reconcile them with the findings of modern science.” MCCALLA, 2006, p. 173.

<sup>119</sup> WHITCOMB, John C.; MORRIS, Henry M. *The Genesis Flood: The Biblical Record and Its Scientific Implications*. 50<sup>th</sup> Anniversary ed. Philadelphia: Presbyterian and Reformed Pub., 2011 (1961), p.X.

<sup>120</sup> Orig.: “the historical sciences are not true science and evolution is an assumption about origins that is not susceptible of genuine scientific proof because extrapolation of present processes into the unobservable prehistoric past is not really science; creationism is another assumption about origins, based on the Bible; true science shows overwhelming support for the creationist viewpoint, thereby supporting the creationist assumption about origins; and the real issue, in any case, is not the correctness of the interpretation of various details of the geological data but simply what God has revealed in his Word concerning the origin of humanity and the universe.” MCCALLA, 2006, p. 181.

<sup>121</sup> NUMBERS, 2006, p. 329.

adventista, além de ser malvisto mesmo na comunidade científica criacionista da época).<sup>122</sup>

Chama a atenção que a grande ênfase do livro de Morris e Withcomb continuava a ser na promoção da geologia diluviana, a exemplo de Price. Para eles, a evolução – e todo o mal que ela supostamente levaria consigo – cairia por terra sem as necessárias e imensas eras geológicas.

Se o sistema de geologia diluviana puder ser estabelecido com uma boa base científica, e for efetivamente promovido e divulgado, então toda a cosmologia evolutiva, ao menos na sua forma presente neodarwiniana, vai a colapso. Isto, por sua vez, significaria que todo e qualquer sistema e movimento anticristão (comunismo, racismo, humanismo, libertinismo, behaviorismo e todo o resto) seria privado do seu fundamento pseudo-intelectual.<sup>123</sup>

O livro mudou a vida especialmente de Morris, que passou a viajar constantemente para dar palestras, quase sempre em circuitos fundamentalistas. Inspirado pelo sucesso da empreitada, Morris deixou seu emprego de professor universitário e fundou em 1963 o *Creation Research Society* que se dividiu mais tarde dando origem ao *Institute for Creation Research*, cujo lema se lia no rodapé de suas publicações: “Cremos que Deus levantou o *ICR* para encabeçar a defesa do cristianismo bíblico contra o dogma ateu da evolução humanista”.<sup>124</sup> O instituto conduziu este trabalho inicialmente através de revisões bibliográficas e publicação de periódicos, e conforme as finanças foram permitindo, através de treinamento, com cursos, seminários, e até iniciativas de pesquisas, como excursões ao *Grand Canyon* e ao Monte *Saint Helens* (local de famosa erupção vulcânica nos EUA) para encontrar traços de rápida deposição sedimentar que poderia servir como prova de um dilúvio universal. A agenda de palestras, debates e convites para falar em igrejas, escolas e universidades cristãs só aumentava, bem como o número de publicações. O exame de um catálogo atual do *ICR* revela mais de 200 livros e publicações, além de livros didáticos para escolas, livros infantis, panfletos, DVDs e videoteipes, etc.

O próprio Morris, falecido em 2006, lançou muitos outros livros dedicados a promover o Criacionismo da Terra-Jovem, dentre os quais merece destaque o *Scientific Creationism* (1974) cuja segunda edição, de 1984, foi traduzida para o

---

<sup>122</sup> NUMBERS, 2006, p. 198.

<sup>123</sup> MORRIS, 1995, p. 252.

<sup>124</sup> Orig.: “We believe God has raised up *ICR* to spearhead Biblical Christianity's defense against the godless dogma of evolutionary humanism.” Cf. site oficial: <<http://www.icr.org>>. Acesso em: 10 jan. 2014.



português com o título “O Enigma das Origens: A Resposta”. Outros institutos criacionistas surgiram ao redor do mundo, e o ICR (hoje encabeçado pelo filho de Morris) e o CRS continuam ativos até hoje, possuindo parceiros inclusive no Brasil, como a “Sociedade Criacionista Brasileira” (SCB) e a “Associação Brasileira de Pesquisas da Criação” (ABPC).

O “boom” criacionista continuou nas décadas de 70 e 80, e a posição da Terra-Jovem passou a ser considerada por muitos a posição “verdadeiramente cristã”, pelo menos nos circuitos do evangelicalismo americano e nos países onde a influência deste grupo é sentida.

#### 1.3.4. Criacionismo pós-Morris e o Movimento do Design Inteligente

Nos trilhos de Morris, muitos outros cientistas criacionistas tornaram-se mundialmente conhecidos. Dentre eles, destacamos o australiano Ken Ham, presidente do instituto *Answers in Genesis* (atualmente o maior portal criacionista da Internet) e autor de “*The Lie: Evolution*” (1987). Ham é o responsável pela abertura do megaempreendimento *Creation Museum* (“Museu Da Criação”), próximo a Cincinnati, EUA, um museu de 27 milhões de dólares com 5574 m<sup>2</sup> de área que conta uma história do mundo bem diferente daquela aceita pela ciência: dinossauros convivendo com humanos num universo de apenas 6.000 anos de idade. Sobre Morris, Ken Ham afirma que:

[Ele foi] um de meus heróis da fé. Ele é o homem que o Senhor levantou como o pai do movimento criacionista moderno. O famoso livro “*The Genesis Flood*” [...] foi o livro que o Senhor usou para dar início ao movimento criacionista moderno ao redor do mundo.<sup>125</sup>

Duane Gish, presidente emérito do *Institute for Creation Research*, e autor de “*Evolution: The Fossils Say No!*” (1978) é outro célebre autor que recicla diversos argumentos e dados que remontam a Henry Morris em seus escritos. No Brasil, a influência de Morris é sentida também nos escritos e palestras de autores criacionistas como Cristiano P. da Silva Neto, e mais recentemente de Adauto

<sup>125</sup> Orig.: [Morris] was one of my heroes of the faith. He is the man the Lord raised up as the father of the modern creationist movement. The famous book *The Genesis Flood*, coauthored by Dr. Morris and Dr. Whitcomb, was the book the Lord used to really launch the modern creationist movement around the world.” BAPTIST PRESS NEWS. Henry Morris Obituary. [S.l.]: Southern Baptist Convention, 27 Feb. 2006. Disponível em <<http://www.bpnews.net/bpnews.asp?ID=22739>>. Acesso em: 09 jul. 2012.

Lourenço, autor do recente “Como Tudo Começou?” (2007)<sup>126</sup> e do adventista Marcos Eberlin, autor do livro online “Fomos Planejados”.<sup>127</sup>

Eberlin é o representante brasileiro da mais recente cartada criacionista: o Movimento do Design Inteligente (MDI). Surgido no início dos anos 90 e com alegadas pretensões científicas muito mais do que religiosas, tal movimento caiu como que “de paraquedas” nas mãos dos tradicionais criacionistas discípulos de Morris, e possibilitou um sopro de ar puro em suas iniciativas. Fortalecido com a publicação do livro “*Darwin’s Black Box*” (A Caixa-preta de Darwin) em 1996 do bioquímico Michael Behe (um católico romano) o movimento ancora-se no argumento de que algumas estruturas celulares são irredutivelmente complexas, não sendo possível sua formação pela simples seleção natural. Portanto, tais estruturas só podem ter sido planejadas e desenhadas por um designer. Behe esquia-se de sugerir implicações religiosas para sua hipótese, pois a considera estritamente científica, então nunca menciona quem seria o “designer”.<sup>128</sup> Ele evita associação com entidades criacionistas (embora seja *pesquisador associado* do *Discovery Institute*, central de comando do movimento nos EUA, que evita mencionar em suas publicações referências diretas a Deus ou à Bíblia) mas seu argumento – chamado de *complexidade irredutível* – foi amplamente aceito pelas organizações criacionistas tradicionais e tem sido desde então promulgado por elas como “prova” do *status* “científico” do criacionismo, diferente do chamado criacionismo “bíblico”, que seria o estudo criacionista usando apenas a Bíblia. No entanto, ao contrário dos criacionistas tradicionais, Behe não rejeita a evolução como um todo, apenas acha que ela não dá conta de explicar a natureza no nível molecular.<sup>129</sup>

O movimento do DI tornou-se a “bola da vez” nas discussões judiciais que têm levado ciência e religião para os tribunais nos últimos dez anos, e tal fato não é mera coincidência, mas parte de um plano muito bem arquitetado pelo *Discovery Institute*. Em 1999, um documento chamado “*The Wedge*” (A Cunha) “vazou” na

---

<sup>126</sup> LOURENÇO, Adauto. *Como Tudo Começou?* São Paulo: Ed. Fiel. 2007. Cf. site oficial: <<http://www.universocriacionista.com.br>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

<sup>127</sup> Cf. site oficial <<http://www.marcoseberlin.com.br/>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

<sup>128</sup> “Para se deduzir que houve um plano não é preciso ter um candidato para o papel de planejador. Podemos chegar à conclusão de que um sistema foi planejado pelo simples exame do mesmo, e podemos ter muito mais certeza sobre o planejamento em si do que sobre o planejador.” BEHE, Michael. *A Caixa Preta De Darwin: O Desafio Da Bioquímica À Teoria Da Evolução*. Tradução de Ruy Jungmann. Rio De Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. p. 196-197.

<sup>129</sup> Behe aceita a ancestralidade comum de todos os seres vivos, inclusive a dos seres humanos com os símios, bem como a antiguidade do planeta. Cf. BEHE, 1997, p. 15.

Internet revelando um detalhado plano de ação para a infiltração ao longo de cinco anos do fundamentalismo cristão na política e educação americanas. O documento detalha uma série de manobras estratégicas do MDI que incluem desde pesquisa, produção de escritos, relações públicas e “confrontação cultural”, para atingir seu objetivo, claramente expresso em suas páginas iniciais: “reverter a sufocante visão de mundo materialista e substituí-la por uma ciência consoante com convicções cristãs e teístas”.<sup>130</sup>

Quando finalmente o *Discovery Institute* admitiu ter sido a origem do documento, não havia outra coisa a se fazer a não ser legitimá-lo, o que aconteceu quando o advogado de Berkeley e co-fundador do Instituto, Phillip E. Johnson, lançou “*The Wedge of Truth: Splitting the Foundations of Naturalism*” (publicado em português como “Ciência, Intolerância e Fé: A cunha da verdade: rompendo os fundamentos do naturalismo”).<sup>131</sup> Ali, bem como no documento *The Wedge*, ele defende uma polêmica agenda de que o naturalismo (ou materialismo) não deve ser a base da ciência moderna, redefinindo, assim, o próprio conceito de ciência como o conhecemos. William Dembski, um dos líderes do movimento, não deixa dúvidas:

As implicações do design inteligente são radicais no verdadeiro sentido desta palavra muito utilizada. A questão colocada pelo design inteligente não é a forma como deveríamos fazer ciência e teologia à luz do triunfo do racionalismo iluminista e do naturalismo científico. A questão, ao contrário, é como devemos fazer ciência e teologia à luz do colapso iminente do racionalismo iluminista e do naturalismo científico. Essas ideologias estão de saída. Não porque elas são falsas (apesar de serem) ou por terem sido superadas pelo pós-modernismo (não foram), mas porque elas estão falidas.<sup>132</sup>

Na prática, a estratégia delineada pelo *The Wedge* deu seus primeiros frutos através do trabalho de Johnson, que buscou, através de *lobbys* em conselhos regionais de educação, colocar o ensino da evolução em xeque em favor da abordagem do Design Inteligente, o que acabou culminando no célebre *Kitzmiller versus Dover Trial* – o primeiro julgamento que tratava especificamente do DI. O tribunal julgou uma decisão do conselho escolar do distrito de Dover na Pensilvânia

<sup>130</sup> Orig.: “[*Design theory*] promises to reverse the stifling dominance of the materialistic worldview, and to replace it with a Science consonant with Christian and theistic worldviews.” DISCOVERY INSTITUTE. *The Wedge*. Center for the Renewal of Science and Culture. Discovery Ins.: Seattle, WA: 1999. Disponível em: <<http://www.antievolution.org/features/wedge.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2014.

<sup>131</sup> JOHNSON, Phillip E. *Ciência, intolerância e fé: a cunha da verdade: rompendo os fundamentos do naturalismo*. Trad. Elizabeth Gomes. Viçosa: Ultimato, 2004.

<sup>132</sup> DEMBSKI, William A. *Intelligent Design: The Bridge between Science & Theology*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1999. p. 14-15 apud FORREST, Barbara; GROSS, Paul R. *Creationism's Trojan Horse: The Wedge of Intelligent Design*. Oxford: Oxford UP, 2004. p. 119.

que requeria que o DI fosse ensinado nas aulas de ciências, inclusive trocando o livro texto das aulas de Biologia pelo já preparado “*Of Pandas and People*”, livro de “biologia criacionista”. O Juiz John E. Jones III considerou tal decisão como inconstitucional, argumentando que o DI “não consegue se dissociar de seus antecedentes criacionistas, e conseqüentemente religiosos”, e que por não se tratar de ciência, seu lugar é fora das aulas de ciências.<sup>133</sup>

Ken Miller, chamado como testemunha em favor da ciência contra o DI neste caso, comenta:

O que eles procuram, como é explicado no documento Wedge, é nada menos que a derrubada do materialismo e seus legados culturais em favor, como Phillip Johnson colocou, de uma “ciência teísta”, um novo tipo de ciência que usaria o Divino não como causa final, mas como explicação científica. Scott Minnich, um microbiologista da Universidade de Idaho e *fellow* do Discovery Institute, fez exatamente este ponto no julgamento de Dover, observando que para o DI ser considerado “ciência”, as regras da ciência têm que ser ampliadas para que causas sobrenaturais possam ser consideradas. [...] <sup>134</sup>

Miller continua, argumentando sobre o perigo que isso representa:

Se há uma característica que distinguiu a ciência ocidental de qualquer outra forma de investigação na história humana é a sua insistência de que a própria natureza deve ser a fonte de respostas para perguntas sobre o mundo natural. Este é o fundamento não apenas da tradição ocidental pós-iluminismo, mas da própria ciência. [...] O que aconteceria [se] a ciência do futuro passasse a considerar causas “não-naturalísticas” como explicações legítimas? [...] Aquele terremoto que devastou parte do terceiro mundo pode ter sido causado pelo movimento das placas tectônicas, mas pode também ter sido a punição pelo pecado daqueles que agora sofrem nos destroços. Por que se importar em conduzir pesquisas exaustivas sobre genomas de vírus para encontrar a fonte do HIV quando os lúcidos cientistas do DI concluíram que foi enviado como um aviso divino contra estilos de vida fora da norma? [...] Uma vez que o sobrenatural se torna um elemento válido na investigação científica, a ciência cessará de ser uma busca empírica pela verdade no mundo natural. Como a fé, “ciência teísta” seria uma janela subjetiva no mundo que reflete as mais profundas convicções de seus adeptos...[...] <sup>135</sup>

<sup>133</sup> JONES III, John E. *Decision in Kitzmiller v. Dover*. Harrisburg, PA: Federal District Court. 20 dec. 2005. p. 136. Disponível em: <[http://ncse.com/files/pub/legal/kitzmiller/highlights/2005-12-20\\_Kitzmiller\\_decision.pdf](http://ncse.com/files/pub/legal/kitzmiller/highlights/2005-12-20_Kitzmiller_decision.pdf)>. Acesso em: 27 jan. 2014.

<sup>134</sup> Orig.: “*What they seek, as explained in the Wedge document, is nothing less than the overthrow of materialism and its cultural legacies in favor, as Phillip Johnson put it, of a “theistic science,” a new kind of science that would use the Divine not as ultimate cause, but as scientific explanation. Scott Minnich, a University of Idaho microbiologist and Discovery Institute fellow, made exactly this point at the Dover ID trial, noting that for ID to be considered science, ‘the rules of science have to be broadened so that supernatural causes can be considered’.*” MILLER, Kenneth R. *Only a theory: evolution and the battle for America's soul*. New York: Viking Penguin, 2008. p. 196.

<sup>135</sup> Orig.: “[...] *if there is one characteristic that has distinguished Western science from every form of inquiry in human history, it is its uncompromising insistence that nature itself must be the source of answers for questions about the natural world. That's the foundation not only of the Western post-Enlightenment tradition, but of science itself. What would happen to science if its ground rules were changed? What would a science of the future look like if we considered “nonnaturalistic” causes to be*

O caso *Kitzmiller versus Dover* tomou enormes proporções na mídia americana e mundial, rendendo livros, artigos, estudos de caso e um documentário televisivo, e em parte tornou o movimento do DI – o novo codinome do criacionismo – conhecido e copiado mundialmente, como veremos agora.

### 1.3.5. Criacionismo no mundo

Atualmente, o fenômeno criacionista é sem dúvida mundial. Um recente artigo publicado na conceituada revista *Science*<sup>136</sup> traz os resultados de um esforço de pesquisa em diversos países europeus, mais Japão e EUA, onde os participantes deveriam responder “verdadeiro” ou “falso” à seguinte afirmação: “o ser humano, conforme o conhecemos, se desenvolveu a partir de espécies animais anteriores”. Os resultados mostram rejeição à evolução em porcentagens consideráveis em diversos países, mas chama a atenção que quem encabeça a lista é a Turquia, país que ainda debate a questão de um governo secular ou teocrático. Os EUA ficam logo atrás, com índice de rejeição que chega a 40%, sendo que outros 40% aceitam a evolução - um declínio de 5% na aceitação se comparado a estudo semelhante de 1985. (Veja a tabela com os resultados no ANEXO 4).

O mundo muçulmano também tem sido alvo de estudos que demonstram que o criacionismo (na versão muçulmana, obviamente) tem ampla aceitação. Segundo estudo de 2007<sup>137</sup>, apenas 8% dos egípcios, 11% dos malaios, 14% dos paquistaneses e 16% dos indonésios concordam que a teoria de Darwin é provavelmente ou certamente verdadeira.

Ainda bem longe da América do Norte, o Ministério da Educação da Coreia do Sul em maio de 2012 ordenou às editoras que removessem os exemplos relacionados à evolução dos livros-texto escolares, atendendo aos pedidos de uma imensa organização criacionista do país, que parece ter aprendido as estratégias

---

*legitimate scientific explanations? [...] That earthquake devastating part of the third world might have been caused by the shifting of tectonic plates, but it could also be a punishment for the sinfulness of those now suffering in the rubble. Why bother to conduct an exhaustive molecular search through simian virus genomes to find the source of HIV when clear-thinking ID scholars have concluded that it was sent as a divine warning against deviant lifestyles? [...] Once the supernatural becomes a valid element in scientific inquiry, science will cease to be an empirical search for the truth of the natural world. Like faith itself, "theistic science" will be a subjective window on the world that reflects the innermost convictions of its adherents...[...]" MILLER, 2008, p. 197-198.*

<sup>136</sup> MILLER, J. D. et al. Science communication. Public acceptance of evolution. *Science*, v. 313, n. 5788, p. 765-766, 2006.

<sup>137</sup> HAMEED, Salman. Bracing for Islamic creationism. *Science*, v. 322, n. 5908, p. 1637-1638, 2008.

com o movimento do Design Inteligente americano.<sup>138</sup> Meses depois o pedido foi revogado, mas a discussão no país ainda é acirrada.

No Brasil, como já comentamos, as escolas do Rio de Janeiro também puderam ensinar o criacionismo em 2004, sob ordem da então governadora Rosinha Garotinho. Polêmicas também envolvem a possível candidata à presidência em 2014 Marina Silva<sup>139</sup>, embora recentemente ela tenha negado ser criacionista.

E finalmente, no estudo em escala global mais recente a que temos acesso, feito pela fundação Ipsos para a agência de notícia Reuters em 23 países em 2011, três em cada dez pessoas (28%) declara-se “criacionista”, e creem que “os seres humanos foram de fato criados por uma força espiritual tal como o Deus em quem creem e não acreditam que a origem do homem veio através da evolução a partir de outras espécies como os macacos”.<sup>140</sup> Quem lidera este ranking é a Arábia Saudita, onde 75% declaram-se conforme acima, seguido por Turquia (60%), Indonésia (57%), África do Sul (56%) e Brasil (47%). Curiosamente, a pesquisa também trata da religiosidade global, trazendo o dado de que 51% da população pesquisada acredita em um ou mais deuses contra 18% dos que não acreditam, sendo que o Brasil aparece em terceiro lugar com maior porcentagem de crença em um único Deus (84%), atrás apenas de Indonésia (93%) e Turquia (91%). Ou seja, os três países que exibem maior porcentagem de crença em Deus estão entre os cinco que exibem maior porcentagem de crença criacionista, indicando que a noção dicotômica da qual temos falado – de que a crença em Deus implica rejeição da evolução – é realmente bastante comum.

Vemos, assim, que a empreitada criacionista ao longo do séc. XX e XXI tem rendido frutos, cristalizando a noção de que há um conflito real entre Deus e Darwin.

<sup>138</sup> PARK, Soo Bin. South Korea surrenders to creationist demands. *Nature*, v. 486, n. 7401, p. 14, 2012. A propósito, grande parte da bibliografia criacionista produzida por Morris está disponível em Coreano, evidenciando a força que o movimento tem naquele país.

<sup>139</sup> TRAUMANN, Thomas. A ministra criacionista. *Revista Época*, São Paulo: Ed. Globo, n. 506, 13 maio 2008. Disp. em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG81345-6010-506,00.html>>. Acesso em: 27 jan 2014.

<sup>140</sup> Orig.: “*Three in ten (28%) global citizens refer to themselves as “creationists and believe that human beings were in fact created by a spiritual force such as the God they believe in and do not believe that the origin of man came from evolving from other species such as apes” led by those from Saudi Arabia (75%), Turkey (60%), Indonesia (57%), South Africa (56%) and Brazil (47%).*” IPSOS Global @dvisory: Supreme Being(s), the Afterlife and Evolution. New York: IPSOS. 25 apr. 2011. Disponível em: <<http://www.ipsos-na.com/news-polls/pressrelease.aspx?id=5217>>. Acesso em: 26 jan. 2014. Em contraste, quatro em cada dez (41%) se identificam como “evolucionistas”, liderados por Suécia, (68%), Alemanha (65%), China (64%), Bélgica (61%) e Japão (60%).

No próximo capítulo exploraremos esta noção, tentando entender se tal conflito é realmente uma necessidade bíblica ou até mesmo epistemológica, e onde residem os obstáculos para uma convivência pacífica entre as duas partes.





## 2. O PROBLEMA HERMENÊUTICO

*Não há prova científica de que a Terra é velha. Não há qualquer evidência de que houve evolução de um organismo menos complexo para um mais complexo. [...] A revelação divina do Criador do mundo afirma que Ele fez tudo em seis dias há alguns milhares de anos atrás.<sup>141</sup> [...] A Bíblia contém todos os princípios básicos sobre os quais VERDADEIRA ciência é feita.<sup>142</sup> [...] A Bíblia é um livro de ciência!<sup>143</sup>*

- Henry Morris

### 2.1. Castelos em guerra?

Richard Palmer abre sua obra “Hermenêutica” referenciando Gerhard Ebeling, quando este afirma ser “a hermenêutica o *Brennpunkt* (foco central) dos problemas teológicos de hoje.”<sup>144</sup> Ao depararmos com o assunto em questão, não podemos deixar de concordar. No caso do movimento criacionista, a questão não aparece apenas ao entendermos hermenêutica como “teoria da exegese bíblica”, embora isso sem dúvida represente um desafio ao diálogo criação-evolução, mas também na hermenêutica como uma explicação fenomenológica da própria existência humana, uma ontologia da compreensão, conforme a análise heideggeriana do *Dasein*, em que *compreensão* e *interpretação* são modos fundantes da existência humana<sup>145</sup>.

O “ser-no-mundo” criacionista e sua abordagem diante das Escrituras é determinada por uma cosmovisão que já procuramos deixar clara até aqui: a de que existe um conflito real, até de ordem espiritual, entre duas visões de mundo. Morris não poderia ser mais claro: “Afinal, há apenas duas cosmovisões básicas - a visão

<sup>141</sup> Orig.: “*There are no proven scientific evidences that the earth is old. There is no evidence whatever for the evolution of one kind of organism into a more complex organism. [...] Divine revelation from the Creator of the world states that He did it all in six days several thousand years ago.*” MORRIS, Henry M. Foreword. In: MORRIS, John D. *The Young Earth*. Colorado Springs, CO: Creation-Life Publishers, 1994. p. 4-5.

<sup>142</sup> Orig.: “*The Bible does contain all the basic principles upon which true science is built. [...]*” MORRIS, H.M. *Many Infallible Proofs: Practical and Useful Evidences of Christianity*. San Diego, CA: Creation-Life Publishers, 1980. p. 229.

<sup>143</sup> Orig.: “*The Bible is a book of science!*” MORRIS, H.M. *The Troubled Waters of Evolution*. San Diego, CA: Creation-Life Publishers, 1982. p. 75.

<sup>144</sup> PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Trad. Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 2006. p.15.

<sup>145</sup> PALMER, 2006, p. 51.

de mundo centrada em Deus e a visão de mundo centrada no homem, a criação ou evolução”.<sup>146</sup>

Tal visão não poderia ser expressa de maneira mais evidente do que na ilustração que traremos a seguir, retirada do portal criacionista *Answers in Genesis*. A figura tem como título “O Problema: Salmos 11:3”, onde se lê: “Se forem destruídos os fundamentos, que poderá fazer o justo?”



Figura 2 - Castelos do cristianismo e do humanismo. Cf. HAM, Ken. *Maturing the Message: Creationism and Biblical Authority in the Church*. Answers in Genesis. 23 nov. 2009. Disponível em <<http://www.answersingenesis.org/articles/am/v5/n1/maturing-message>>. Acesso em: 28 dez. 2013.

Existem dois “castelos” em luta: humanismo e cristianismo. Vê-se claramente que o castelo do “humanismo” é o responsável pela produção de muitos “males” que assolam a sociedade: aborto, divisão familiar, comportamento

<sup>146</sup> MORRIS, 1994, p. 4-5.

homossexual, eutanásia, pornografia e racismo.<sup>147</sup> O alicerce deste castelo é, veja só, os “milhões de anos”, assim mesmo, com aspas, que equivale à “homem é autoridade”. No outro castelo, o do cristianismo, o alicerce são os “6 dias”. Não Cristo, não a ressurreição, mas os seis dias, que equivalem à “Deus é autoridade”. Repare nos soldados dos castelos: os do castelo humanista sabem muito bem onde atacar – exatamente no alicerce. Já os do castelo cristão não operam em consonância. Um demonstra felicidade ao estourar um “balão do humanismo”, outro atira pra lugar nenhum, outro mira no próprio companheiro, outro dorme, enquanto um – o traidor – atira contra sua própria fundação, numa referência claríssima aos próprios cristãos que questionam a abordagem dos seis dias. Mas nenhum atira contra o fundamento do outro castelo: os milhões de anos. Em versão modificada do cartum, a fundação do castelo cristão diz: “Revelação – Palavra de Deus”, enquanto o alicerce do castelo humanista diz “razão humana autônoma”.

Muitíssimo poderia ser explorado apenas com esta ilustração, mas o ponto principal é claro, e é a resposta que motiva todo o “ser-no-mundo” criacionista: a integridade do cristianismo assenta-se sobre a literalidade da interpretação da história da criação, e ela está em colapso, prestes a ruir. Os criacionistas da Terra jovem estão em uma jornada para salvar toda a religião cristã ao lutar contra os “milhões de anos”.

Esta “visão de mundo evolucionista”, conforme se referem inúmeras vezes os criacionistas, é , segundo o movimento, a responsável por toda a tragédia que assola a humanidade, afirmativamente relacionando a ciência evolutiva com uma sociedade que “dá as costas para Deus”, onde haveria drogas, libertinagem, gravidez indesejada e sexo pré-marital. Como vimos no cartum, o movimento frequentemente se dirige aos próprios cristãos, alertando-os ao perigo que assola a igreja quando se deixa levar pelos “milhões de anos”. No já mencionado multimilionário *Creation Museum* de Cincinnati, há uma seção com instalações e dioramas que ilustram muito bem esta visão, aqui relatada por um visitante que deixou seu testemunho num site da Internet:

Os visitantes andam por um beco escuro, sinistramente iluminado, revestido com artigos de revistas e jornais que evidenciam a queda de valores cristãos nas mãos de uma sociedade moderna que deu as costas para Deus. Sirenes soam, o lixo está espalhado pelas esquinas, pichações

---

<sup>147</sup> Em outras versões modificadas deste cartum, também usadas pelo *Answers in Genesis*, vê-se ainda mais “mazelas”: relativismo moral, casamento gay, materialismo, divórcio e remoção dos 10 mandamentos.

cobrem as paredes – é um xenófobo retrato amedrontador de uma sociedade urbana secular assolada pelo crime como Nova York ou Los Angeles, destinado a personificar tudo que aterroriza o coração da América. Janelas quebradas permitem ver o interior de lares mundanos com famílias destruídas, onde as telas exibem cenários corriqueiros de adolescentes grávidas, fumando maconha e bebendo. [...] Ao que parece, é o trabalho de Satanás, e é tudo por causa do veneno da ciência evolutiva, que é nada-sutilmente ilustrada em uma cena ridiculamente melodramática onde uma gigantesca bola de demolição com as inscrições “milhões de anos” atinge as paredes de uma igreja na tentativa de deixá-la em ruínas.<sup>148</sup>

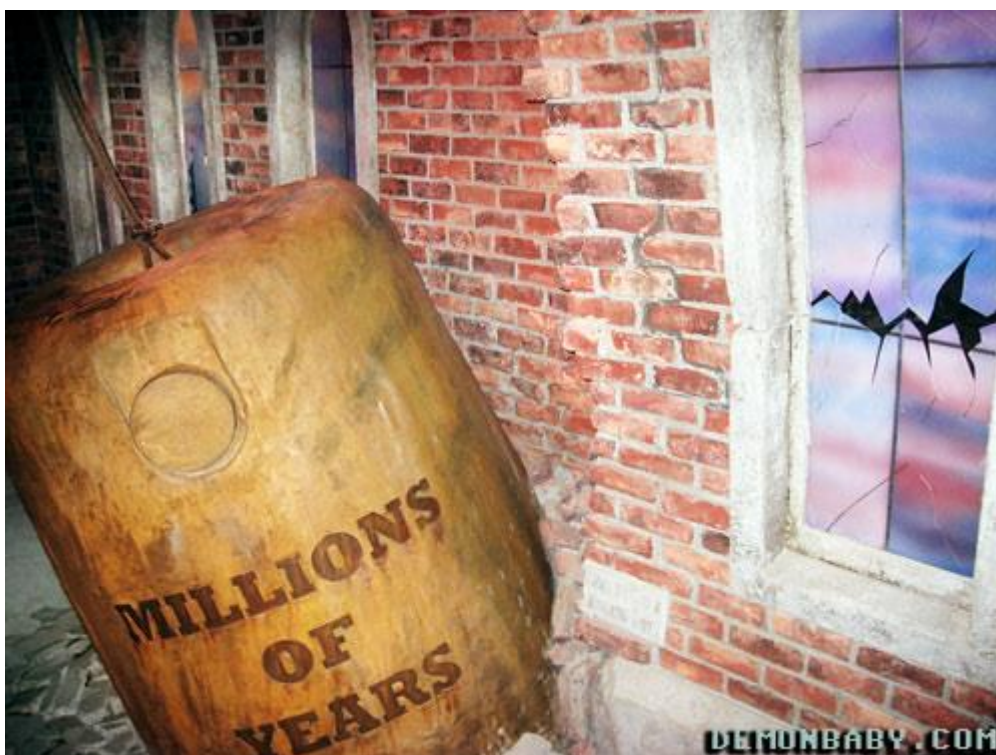


Figura 3 - "Milhões de anos" destruindo a fachada de uma igreja cristã, no Museu da Criação, em Cincinnati, USA. Extraído de: EXPLORING The Creation Museum - America's New Mecca of Fanatical Ignorance. Web log post. Demonbaby. Ed. Rob. [S.l:s.n]. 6 June 2008. Disp. em: <<http://www.demonbaby.com/blog/2008/06/exploring-creation-museum-americas-new.html>>. Acesso em: 12 jul. 2012.

Este ponto de vista já aparecia no *The Genesis Flood* de Morris e Withcomb, que apesar de se preocupar muito mais com a geologia e interpretação bíblica do dilúvio, já incluía no final do livro uma seção intitulada “Evolução, Comunismo e

<sup>148</sup> Orig.: *Visitors walk through a dark, eerily-lit alley, wallpapered with magazine articles chronicling the downfall of Christian values at the hands of a modern society that turned its back on God. Sirens wail, trash litters the corners, graffiti covers the walls - it's a fear-mongering, xenophobic red state portrayal of secular, crime-ridden urban wastelands like New York or Los Angeles, meant to embody everything that terrifies America's heartland. Broken windows look into broken secular homes, where screens display all-too-common scenarios of Godless teenagers getting pregnant, drinking, smoking marijuana. [...] apparently it's the work of Satan, and it's all because of the poison of evolutionary science, which is unsubtly illustrated in a laughably melodramatic scene where the giant wrecking ball of "millions of years" is shown smashing into the side of a church.* EXPLORING The Creation Museum - America's New Mecca of Fanatical Ignorance. Web log post. Demonbaby. Ed. Rob. [S.l:s.n]. 6 June 2008. Disp. em: <<http://www.demonbaby.com/blog/2008/06/exploring-creation-museum-americas-new.html>>. Acesso em: 12 jul. 2012.

Humanismo.”<sup>149</sup> No entanto, as supostas implicações sociais da teoria da evolução das espécies foi mais explorada em obras posteriores de Morris, como em “*The Bible Has the Answer*”, de 1976.” Afirma Morris:

A evolução é, assim, não apenas antibíblica e anticristã, mas é completamente impossível e não científica. Mas ela serviu eficazmente como a base pseudocientífica do ateísmo, agnosticismo, socialismo, fascismo, e inúmeras outras falsas e perigosas filosofias ao longo do último século.<sup>150</sup>

Vemos que para o criacionismo, o que está em jogo é muito mais do que uma simples questão científica, e aqui quero compartilhar uma história que ilustra muito bem tal ponto.

O biólogo celular e católico praticante Ken Miller, professor da Brown University nos EUA, é provavelmente o mais experiente defensor da evolução nas frequentes batalhas judiciais que envolvem o criacionismo e a evolução no EUA. Ele é coautor do livro de Biologia mais usado nas escolas de Ensino Médio nos EUA e é frequentemente convidado para debates com criacionistas. Em sua obra “*Finding Darwin’s God*” (2002), ele relata como foi seu encontro com o mais importante criacionista do séc. XX, Henry Morris. Miller conta que foi chamado a um debate público com Morris em 1981 na cidade de Tampa, Florida, onde ambos poderiam expor suas ideias, defender suas posições e refutar argumentos. Nas palavras do autor,

Na frente de um grande público, eu martelei Morris repetidamente com os muitos erros da "geologia do dilúvio" e fiz o meu melhor para mostrar o enorme peso das evidências científicas por trás da evolução. Nunca se sabe muito bem o resultado deste tipo de debate, mas os professores de ciências locais presentes estavam exultantes de que eu obtive uma vitória científica.

Por uma ironia do destino, os organizadores deste evento tinham reservado quartos para o Dr. Morris e eu em um mesmo hotel local. Quando entrei no refeitório para tomar café na manhã seguinte, percebi Morris em uma mesa sozinho, terminando café da manhã. Cheio de confiança por causa do debate, perguntei se poderia acompanhá-lo. O já idoso Morris tremeu um pouco, mas concordou. Eu pedi um bom café e, em seguida, fui direto ao ponto. "Você realmente acredita em todas essas coisas?"

Acho que eu esperava uma piscadela e um aceno de cabeça. Nós dois já tínhamos sido pagos para estar no debate, e, talvez, eu esperava que ele admitisse que ele fez dessa história de criacionismo seu sustento de vida. Mas ele não fez nada do tipo. Henry Morris deixou claro para mim que ele

<sup>149</sup> WHITCOMB; MORRIS, 1961, p. 443-445.

<sup>150</sup> Orig.: “*Evolution is thus not only anti-Biblical and anti-Christian, but it is utterly unscientific and impossible as well. But it has served effectively as the pseudo-scientific basis of atheism, agnosticism, socialism, fascism, and numerous other false and dangerous philosophies over the past century.*” MORRIS, Henry; CLARK, Martin E., *The Bible Has The Answer*, Revised Edition, San Diego: Creation-Life Publishers, 1976. p. 89.

acreditava em tudo o que ele havia dito na noite anterior. "Mas Dr. Morris, muito do que você argumentou está errado, começando com a idade da terra!" Morris tinha sido incapaz de responder aos dados geológicos sobre a idade da Terra que eu tinha apresentado no debate, e isso tinha prejudicado bastante a sua credibilidade com o público. No entanto, ele me olhou diretamente nos olhos.

"Ken, você é inteligente, você é bem-intencionado, e você está cheio de energia. Mas você também é jovem, e *você não percebe o que está em jogo. Em uma questão de tamanha importância, os dados científicos não são a autoridade máxima.* Mesmo você sabe que a ciência está errada às vezes." (grifo meu)

Verdadeiramente eu sei. Morris continuou, para que eu pudesse ter a sensação do que era a autoridade final. "A Escritura nos diz qual é a conclusão certa. E se a ciência, momentaneamente, não concorda com isso, então temos que continuar trabalhando até que tenhamos a resposta certa. Mas não tenho dúvidas quanto ao que essa resposta será." Morris, em seguida, pediu licença, e eu fiquei a refletir sobre o que ele tinha dito. Eu tinha sentado ali pensando que o homem era um charlatão, mas saí dali apreciando a profundidade, o poder, e a sinceridade de suas convicções.<sup>151</sup>

Essa incrível história vivida por Ken Miller e o testemunho do Museu da Criação evidenciam com precisão quais são as questões realmente envolvidas neste debate, na visão criacionista: a própria essência e integridade do cristianismo estão em xeque, bem como o próprio sistema de valores do *american way of life*, que no

---

<sup>151</sup> Orig.: *In front of a large audience, I hammered Morris repeatedly with the many errors of "flood geology" and did my best to show the enormous weight of scientific evidence behind evolution. One never knows how such a debate goes, but the local science teachers in attendance were jubilant that I scored a scientific victory.*

*As luck would have it, the organizers of this event had booked rooms for both Dr. Morris and myself in a local motel. When I walked into the coffee shop the next morning, I noticed Morris at a table by himself finishing breakfast. Flushed with confidence from the debate, I asked if I might join him. The elderly Morris was a bit shaken, but he agreed. I ordered a nice breakfast, and then got right to the point. "Do you actually believe all this stuff?"*

*I suppose I might have expected a wink and a nod. We had both been paid for our debate appearances, and perhaps I expected him to acknowledge that he made a pretty good living from the creation business. He did nothing of the sort. Henry Morris made it clear to me that he believed everything he had said the night before. "But Dr. Morris, so much of what you argued is wrong, starting with the age of the earth!"*

*Morris had been unable to answer the geological data on the earth's age I had presented the night before, and it had badly damaged his credibility with the audience. Nonetheless, he looked me straight in the eyes.*

*"Ken, you're intelligent, you're well-meaning, and you're energetic. But you are also young, and you don't realize what's at stake. In a question of such importance, scientific data aren't the ultimate authority. Even you know that science is wrong sometimes."*

*Indeed I did. Morris continued so that I could get a feeling for what that ultimate authority was. "Scripture tells us what the right conclusion is. And if science, momentarily, doesn't agree with it, then we have to keep working until we get the right answer. But I have no doubts as to what that answer will be." Morris then excused himself, and I was left to ponder what he had said. I had sat down thinking the man a charlatan, but I left appreciating the depth, the power, and the sincerity of his convictions. MILLER, Kenneth. R. *Finding Darwin's God: a scientist's search for common ground between God and evolution.* New York: HarperCollins Publishers, 2002. p. 172-173.*

seu entendimento é a base de toda a sociedade ocidental<sup>152</sup>. Toda a crise de valores morais experimentado pela América conservadora e puritana a partir dos pós-guerra precisava ter um responsável. E esse responsável foi identificado, e precisa ser combatido: Charles Darwin e a teoria da evolução, pois estes, no entendimento criacionista, exigem uma leitura bíblica que supostamente relativiza os capítulos iniciais do Gênesis.

Segundo Conor Cunningham, teólogo da Universidade de Nottingham e autor do premiado documentário da BBC *“Did Darwin Kill God”* tal foi o caso já no Julgamento Scopes, em 1925. Sobre William Jennings Bryan, o promotor no caso, o autor afirma:

Bryan fazia parte de um crescente movimento cristão fundamentalista de direita. Mas o que poucos sabem, é que ele também era um dedicado socialista. Ele odiava o Darwinismo Social, uma nova ideologia utilizada por políticos de direita para justificar os membros mais fortes na sociedade reprimirem os mais fracos. Ele via a aceitação da sobrevivência do mais apto em toda parte e *achava que os americanos estavam perdendo a moralidade cristã por causa do Darwinismo*. William Jennings Bryan era um político de esquerda com convicções religiosas de direita. Esses elementos se juntaram na sua condenação do Darwinismo [no Julgamento Scopes].<sup>153</sup> (grifos nossos)

Se a moral e os bons costumes estavam em decadência já nos anos 20, o que dizer do pós-guerra e da revolução sexual da década de 60? Não é de se admirar que o *“The Genesis Flood”* de Morris e Withcomb data desta época, e que a década de 70 foi de intensa produção de literatura por parte de Morris e seu time de criacionistas *do Institute for Creation Research*.

Não surpreende, portanto, a opinião de Henry Morris a respeito da origem satânica da teoria da evolução:

---

<sup>152</sup> Pode-se enxergar, no movimento criacionista, uma íntima relação entre o *ethos* americano, ameaçado pela teoria da evolução, e a “Doutrina do Destino Manifesto”, segundo a qual os estadunidenses comporiam um grupo de pessoas eleitas por Deus para promoverem o desenvolvimento e a formação da mais importante nação de todos os tempos, e que serviria de modelo para o resto do mundo, para civiliza-lo e guia-lo. Para mais sobre isso, ver: NEW, David S. *Christian Fundamentalism in America: A Cultural History*. Jefferson, NC: McFarland, 2012.

<sup>153</sup> Orig.: *“Bryan was part of the growing right-wing fundamentalist Christian movement, but what is less well-known, is that he was also a devoted socialist. He hated social Darwinism, a new ideology used by right-wing politicians to justify the stronger members in society crowding out the weak. He saw the embracing of the survival of the fittest everywhere and he also thought that Americans were losing their Christian morality because of Darwinism. Bryan was a left-wing politician with right-wing religious views. These elements came together in his condemnation of Darwinism.”* CUNNINGHAM, Conor. *Did Darwin Kill God?* Charles Darwin - The BBC Documentaries. BBC. London, [S.d.] Documentário Televisivo, 2009.

Atrás de ambos os grupos de evolucionistas [ateus e teístas] pode-se perceber a influência maligna de "a antiga serpente, chamada o Diabo, e Satanás, que engana todo o mundo".<sup>154</sup>

Morris vai mais longe, afirmando que a teoria evolutiva foi dada a Ninrode pelo próprio Satanás, na torre de Babel.

A sua parte superior era como uma grande cobertura de templo, adornado com signos zodiacais que representam os exércitos do céu, Satanás e seus "principados e potestades, dominadores das trevas deste mundo" (Efésios 6:12). Esses espíritos malignos, talvez se reuniram com Ninrode e seus sacerdotes, para planejar sua estratégia de longo alcance contra Deus e a sua obra redentora para o mundo pós-diluviano. Isso incluía especialmente o desenvolvimento de uma cosmologia não-teísta, uma que poderia explicar a origem e o significado do universo e do homem sem reconhecer o verdadeiro Deus da criação. A negação do poder e da soberania de Deus na criação é, naturalmente, fundamental na rejeição de Sua autoridade em todas as outras esferas. [...]

Uma questão permanece. Supondo que Satanás seja a verdadeira fonte do conceito evolutivo, como se originou em sua mente? [...] Uma possível resposta para esse mistério pode ser que Satanás, o pai da mentira, não enganou apenas a todo mundo e as hostes angelicais que o seguiram. Ele enganou-se a si próprio! A única maneira que ele poderia realmente saber sobre a criação (assim como a única maneira de saber sobre criação) foi Deus dizer-lhe. (...) Ele se recusou a acreditar e aceitar a Palavra de Deus a respeito de sua própria criação e lugar na economia de Deus [...] Ele, portanto, enganou a si mesmo ao supor que todas as coisas, incluindo a si mesmo e inclusive Deus, tinha evoluído por processos naturais fora do material primordial do universo [...]

Todo o complexo monstruoso foi revelado a Ninrode em Babel por influências demoníacas, talvez pelo próprio Satanás [...] Se algo como isso realmente aconteceu, no início da história pós-diluviana, então o próprio Satanás é o criador do conceito de evolução [...]<sup>155</sup>

<sup>154</sup> Orig.: "Behind both groups of evolutionists one can discern the malignant influence of 'that old serpent, called the Devil, and Satan, which deceiveth the whole world.'" MORRIS, H.M. *The Twilight of Evolution*. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1963. p. 93 *apud* FLANK, L. *Is evolution the work of the devil?* Debunking Creation Science Homepage. [S.l: s.n.], 1995.

Disponível em <<http://www.huecotanks.com/debunk/devil.htm>>. Acesso em: 02 dez. 2013

<sup>155</sup> Orig.: "Its top was a great temple shrine, emblazoned with zodiacal signs representing the hosts of heaven, Satan and his 'principalities and powers, rulers of the darkness of the world' (Ephesians 6:12). These evil spirits there perhaps met with Nimrod and his priests, to plan their long-range strategy against God and his redemptive purposes for the post-diluvian world. This included especially the development of a non-theistic cosmology, one which could explain the origin and meaning of the universe and man without acknowledging the true God of creation. Denial of God's power and sovereignty in creation is of course foundational in the rejection of His authority in every other sphere [...] One question remains. Assuming Satan to be the real source of the evolutionary concept, how did it originate in his mind? [...] A possible answer to this mystery could be that Satan, the father of lies, has not only deceived the whole world and the angelic hosts who followed him - he has even deceived himself! The only way he could really know about creation (just as the only way we can know about creation) was for God to tell him! [...] He refused to believe and accept the Word of God concerning his own creation and place in God's economy [...] He therefore deceived himself into supposing that all things, including himself and including God, had been evolved by natural processes out of the primordial stuff of the universe [...] The entire monstrous complex was revealed to Nimrod at Babel by demonic influences, perhaps by Satan himself [...] If something like this really happened, early in post-



Se o próprio Satanás é tido como o criador do conceito de evolução, fica claro entender o porquê de tanto investimento criacionista em propagar sua visão particular da Escritura. Estes esforços, normalmente aplicados em modificações do currículo escolar da rede pública, muitas vezes já levaram a ciência (e a religião) para as cortes judiciais, inclusive a Suprema Corte, sempre com derrota criacionista<sup>156</sup>.

## 2.2. Ciência e Bíblia segundo o Criacionismo da Terra-Jovem

Para adentrar em detalhes de como o movimento criacionista entende a ciência e o Gênesis, examinaremos um bom resumo das crenças do grupo advindo de um desses julgamentos - o famoso “*Arkansas Act 590*” de 1981, que postulava “que o estado do Arkansas dará tratamento balanceado à *ciência da criação* e à *ciência da evolução*” (popularmente conhecido como “*equal time act*”, ou “lei do tempo igual”):

‘*Creation science*’ significa as evidências científicas para a criação e as inferências dessas evidências. *Creation science* inclui as evidências científicas e inferências relacionadas que indicam:

- Repentina criação do universo, energia e vida, a partir do nada.
- A insuficiência da mutação e da seleção natural em suscitar o desenvolvimento de todas as formas de vida a partir de um único organismo.
- Mudanças apenas em limites fixos nos tipos originalmente criados de plantas e animais.
- Ancestralidade separada de humanos e primatas.
- Explicação da geologia da Terra por catastrofismo, incluindo a ocorrência de um dilúvio global.
- Uma origem relativamente recente da Terra e dos seres vivos.<sup>157</sup>

Basicamente todo este corpo de crenças do CTJ tem como base os escritos de Henry Morris. Cada alegação acima pode ser traçada a uma interpretação da

---

*diluvian history, then Satan himself is the originator of the concept of evolution [...]* MORRIS, 1982, p. 74-75, *apud* Flank, 1995.

<sup>156</sup> Alguns dos mais famosos são: *Wright v. Houston Independent School District* (1972); *Willoughby v. Stever* (1973); *Daniel v. Waters* (1975); *Hendren v. Campbell* (1977); *Segraves v. California* (1981); *McLean v. Arkansas* (1982); *Edwards v. Aguillard* (1987); *Webster v. New Lenox School District* (1990); *Bishop v. Aronov* (1991); *Pelozo v. Capistrano School District* (1994); *Hellend v. South Bend Community School Corporation* (1996); *Freiler v. Tangipahoa Parish Board of Education* (1997); *Edwards v. California University of Pennsylvania* (1998); *LeVake v. Independent School District 656* (2000); *Selman v. Cobb County School District* (2005); *Kitzmiller v. Dover Area School District* (2005)

<sup>157</sup> STATE OF ARKANSAS. Act 590 of 1981 - General Acts, 73<sup>rd</sup> General Assembly. Disponível em <<http://www.talkorigins.org/faqs/mclean-v-arkansas.html>>. Acesso em: 12 jul. 2012.

Bíblia ou dos fatos da ciência divulgada por ele ou por seus correligionários, e remete ao que entendem ser a literalidade dos capítulos iniciais de Gênesis.

Para dar conta das possíveis incongruências entre o relato bíblico da criação, interpretado como descrição científica de um evento histórico factual e objetivo, e a realidade observada, são frequentes as “ginásticas textuais”, como vemos na questão já levantada por Agostinho de que, conforme o relato descrito em Gênesis 1, a luz teria sido criada antes do sol (luz no primeiro dia e o sol no quarto dia), o que seria impossível por ser esta estrela que fornece luz para o planeta. Segundo a interpretação criacionista da Terra jovem de Morris, no primeiro dia houve a “ativação dos elementos físicos do cosmos” – seria esse então o significado do “Haja luz” divino – e a luz que iluminou os três primeiros dias “obviamente não provinha do sol [...] mas deve ter provindo essencialmente das mesmas direções de que viria posteriormente quando as fontes permanentes de luz foram colocadas em seus devidos lugares.”<sup>158</sup> Ou seja, havia outra “entidade emissora de luz” para os três primeiros dias, não mencionadas no relato.

Outra ginástica no mínimo interessante é aquela feita com o firmamento de Gn 1:6 (em hebraico: *rāqîa'*), o qual, na interpretação criacionista, é sinônimo de coisas tão diversas como céu, atmosfera, espaço, contrariando o consenso (inclusive das traduções bíblicas) de que o firmamento (firme!) era entendido como uma estrutura rígida, um domo ou abóbada (conforme veremos mais adiante em detalhes). Segundo Morris,

em hebraico, a palavra *rāqîa'* significa ‘tenuidade espalhada’ [*orig. spread-out thinness*] e é essencialmente sinônimo de céu (note Gn. 1:8) e desta forma significa simplesmente “espaço”, referindo-se ao espaço geral ou a um espaço específico, como o contexto requer. Neste caso, o firmamento era essencialmente a atmosfera, onde os pássaros voam.<sup>159</sup>

Morris conhecia a interpretação consensual (do que chama de “críticos liberais”) quanto ao firmamento, mas não a aceitava, afirmando:

Infelizmente a palavra em Inglês tem sido interpretada por muitos como se referisse a uma cúpula sólida através do céu, conseqüentemente essa idéia tem sido usado por críticos liberais como prova do *status* “pré-científico” do Gênesis. Nem a palavra hebraica original, nem qualquer das passagens em que ocorre sugere tal idéia, no entanto. [sic] O “firmamento” é simplesmente “espaço fino e estendido.”<sup>160</sup>

<sup>158</sup> MORRIS, 1995, p. 208.

<sup>159</sup> MORRIS, 1995, p. 210.

<sup>160</sup> Orig.: “Unfortunately the English word has been interpreted by many to refer to a solid dome across the sky; consequently this idea has been used by liberal critics as evidence of the “prescientific” outlook of Genesis. Neither the original Hebrew word nor any of the passages in which it occurs suggest

Como um “espaço” pode ser “fino” e ter a tarefa de segurar “as águas de cima” (Gn 1:7) é um perfeito exemplo de contradição no suposto literalismo estrito dos CTJ. Vê-se claramente um esforço para sugerir coisas que não estão literalmente no texto – nem nos originais e nem mesmo nas traduções! A propósito das “águas de cima”, alguns criacionistas<sup>161</sup> sugeriram a existência de um “lençol de vapor d’água invisível” (orig. *water-vapor canopy*), que não estaria mais presente hoje, após a queda de Adão, mas que traria diversos benefícios para a vida primitiva na Terra, além de prover grande parte das águas para o dilúvio global:

As águas acima [do firmamento] devem ter sido na forma de um vasto lençol de vapor de água invisível, translúcido à luz das estrelas, mas produzindo um maravilhoso efeito estufa que mantinha as temperaturas moderadas de polo a polo, impedindo assim a circulação de massas de ar e a resultante queda de chuva (Gn 2:25). Certamente tinha o efeito adicional de filtrar eficientemente as radiações prejudiciais vindas do espaço, reduzindo drasticamente as taxas de mutações somáticas nas células vivas, e como consequência, tornando radicalmente menor a taxa de envelhecimento e morte.<sup>162</sup>

Por causa dos inúmeros problemas e inconsistências que a hipótese do lençol de água “acima da atmosfera” acarreta (já amplamente discutidas na literatura<sup>163</sup>), diversos institutos criacionistas e pesquisadores já a descartam atualmente<sup>164</sup>, não havendo consenso sobre do que se tratariam as águas “acima do firmamento”.

Vejam agora alguns outros pontos fundamentais da interpretação criacionista da Terra jovem (CTJ):

- Não havia morte, nem mesmo de animais, pois esta surgiu apenas com a queda de Adão. A morte de vegetais não é considerada “morte”, pois o CTJ define “vida”

*such an idea, however. A ‘firmament’ is simply ‘thin, stretched-out space’.* MORRIS, Henry M. *The Genesis Record: A Scientific and Devotional Commentary on the Book of Beginnings*. Grand Rapids: Baker Book House, 1976.

Disponível em: <<http://www.vananne.com/evolutionvscreation/The%20Genesis%20Record.htm>>.

Acesso em: 30 maio 2013.

<sup>161</sup> Aparentemente o primeiro a sugerir tal estrutura foi DILLOW, Joseph C. *The Waters Above: Earth's Pre-flood Vapor Canopy*. Chicago: Moody, 1981.

<sup>162</sup> MORRIS, 1995, p. 208-209

<sup>163</sup> Argumentação criacionista:

DEEM, Rich. *The Water Vapor Canopy Theory - Why the Bible (And Science) Says It Is False*. [S.l.]: Evidence for God from Science, 11 Oct. 2007.

Disponível em: <<http://www.godandscience.org/youngearth/canopy.html>>. Acesso em: 08 dez. 2012.

Argumentação evolucionista:

FARRAR, Paul; HYDE, Bill. *The Vapor Canopy Hypothesis Holds No Water*. [S.l.:s.n]

Disponível em: <<http://www.talkorigins.org/faqs/canopy.html>>. Acesso em: 08 dez. 2012.

<sup>164</sup> BATTEN, Don. et al. Chapter 12 - Was There a Water Vapour Canopy? In: *The Creation Answers Book: Answers to over 60 Commonly-asked Questions in 20 Categories*. Eight Mile Plains, Qld., Australia: Creation Ministries International, 2006. p. 175-177.

Disponível em: <<http://creation.com/images/pdfs/cabook/chapter12.pdf>>. Acesso 8 dez. 2012.

apenas como aqueles entes que possuem a *nephesh*, ou alma, que é associada por eles à consciência<sup>165</sup>. Dessa forma, vegetais não tem consciência, portanto sua “morte” para servir de alimento a outras criaturas não é considerada morte.<sup>166</sup>

- Todo o universo foi criado com uma “idade aparente”, maduros desde o princípio, sem passar por estágios de crescimento e desenvolvimento a partir de primórdios simples.<sup>167</sup>

- Segundo Morris e outros CTJ, não havia chuva antes do dilúvio, conforme Gn 2:5. A terra seria molhada por uma espécie neblina úmida, conforme a Escritura. Outros CTJ afirmam que apenas não havia chovido até o dia da criação do homem.<sup>168</sup>

- Não é aceita a interpretação de que haveria duas histórias da criação. O que se afirma é que a dita “segunda” (a partir de Gn 2:4b) seria tão somente um detalhamento sobre a criação do homem e da mulher (do sexto dia), ou ainda, segundo Morris,

um relato escrito por Adão, do seu ponto de vista. A primeira (Gn 1:1 – 2:3) não poderia ter sido observada pessoalmente por homem algum, e deve ter sido escrita diretamente pelo próprio Deus, com o Seu próprio “dedo”, do mesmo modo que escreveu os dez mandamentos (Ex 31:18)<sup>169</sup>

- Não são aceitas também qualquer uma das tentativas de harmonização de criação com uma Terra antiga, nem a teoria da lacuna e nem a teoria do dia-era. A centralidade de um dilúvio global também é especialmente notável, rejeitando-se qualquer tentativa de sugestão de um dilúvio local. No sumário e conclusão do seu “*Scientific Creationism*” (1974), Morris afirma, categórico:

Parece não haver maneira possível de se evitar a conclusão de que, se afinal de contas a Bíblia e o cristianismo são verdadeiros, as eras geológicas precisam ser completamente rejeitadas. Nem a teoria dia-era, nem a teoria da lacuna nem outra teoria qualquer será capaz de conciliá-las com o Gênesis. Em seu lugar, como forma apropriada de entender a história da Terra da forma como é registrada nas rochas sedimentares que contém

<sup>165</sup> Para mais detalhes sobre esta interpretação, ver MORRIS, 1995, p. 207-2011

<sup>166</sup> As inconsistências e complicações com essa abordagem são inúmeras, pois então por que haveria Deus criado seres tão bem adaptados a serem predadores, como tubarões, leões e até insetos, se originalmente não precisariam usar suas “armas” para predação?

<sup>167</sup> MORRIS, 1995, p. 209. Os problemas físicos e teológicos com esta posição também são inúmeros. Muitos CTJ argumentam que os métodos de datação de rochas, estrelas, e etc. estariam incorretos, já outros não questionam os métodos, mas afirmam que eles aferem essa idade aparente, o que sugere que Deus teria deixado todas as evidências para termos certeza de um universo antigo, mas que na verdade é bem recente, tornando Deus um mentiroso.

<sup>168</sup> MITCHELL, Tommy. *Arguments Christians Should Not Use - There Was No Rain Before the Flood*. [S.l.]: Answers in Genesis. Answers in Genesis Website, 19 Oct. 2010.

Disponível em: <<http://www.answersingenesis.org/articles/2010/10/19/rain-before-flood>>. Acesso em: 10 dez. 2012.

<sup>169</sup> MORRIS, 1995, p. 206.

fósseis em toda a crosta terrestre, o grande dilúvio mundial descrito tão claramente na Bíblia precisa ser aceito como mecanismo básico.<sup>170</sup>

É patente no corpo de crenças do criacionismo um esforço sobremaneira grande para relacionar a literalidade do relato de Gênesis 1 e 2 com a obra salvífica de Cristo, afirmando-se que a rejeição da primeira implica a rejeição automática da segunda, por causa da pretensa literalidade de ambos. Vemos isso claramente no excerto a seguir, que é parte de uma “carta” enviada a pastores de igrejas americanas alertando para o perigo que o cristianismo corre se tal interpretação não for ensinada:

Toda a esperança dos cristãos repousa sobre a existência de (1) um Jesus Cristo *literal*, descrita pela Bíblia como o Segundo Adão, que (2), *literalmente*, ofereceu seu corpo como um sacrifício pelos pecadores amados por Deus, e que pagou o preço por seus pecados em uma (3) cruz *literal* – um Jesus Cristo, que (4), *literalmente*, era o Filho de Deus. Foi esse Deus-homem que (5) *literalmente* morreu e foi (6) *literalmente* ressuscitado no (7) terceiro dia de 24 horas *literal*, após sua crucificação. Isso foi necessário porque o (8) primeiro homem *literal*, chamado Adão, que foi criado no (9) sexto dia *literal* de 24 horas da criação com toda a criação em estado de (10) *literal* perfeição imortal, e foi (11) *literalmente* declarado por Deus para ser (12) *literalmente* perfeito. Adão viveu em um (13) jardim *literal* chamado Éden, quebrou um (14) mandamento *literal* que foi (15), *literalmente*, falado a ele por Deus Todo-Poderoso, mandamento que o instruiu a não comer de uma (16) árvore *literal* do conhecimento o bem e do mal, causando assim (17) a morte *literal* sobrevinda a todos os homens e à vida animal. Agora, toda a criação está (18) *literalmente* morrendo, sujeita às forças entrópicas de decaimento, e a criação está esperando pela redenção final em que a Terra (19), *literalmente*, será restaurada a sua glória original, a mesma (20) perfeição sem-pecado e imortal *literal* da (21) primeira criação *literal* conforme descrita em Gênesis 1. Remova qualquer um desses blocos fundamentais e toda a estrutura entra em colapso, deixando o crente sem esperança.<sup>171</sup> (grifos originais)

<sup>170</sup> MORRIS, 1995. p. 255.

<sup>171</sup> Orig (grifos originais). “*The entire hope of the Christian rests on the existence of a (1) literal Jesus Christ, described by Scripture as the Second Adam, who (2) literally offered up His body as a sacrifice for sinners loved by God, and who paid the price for their sins on a (3) literal cross - a Jesus Christ who (4) literally was the Son of God. It was this God-man who (5) literally died and was (6) literally resurrected on the (7) literal third, 24-hour day after His crucifixion. This was necessary because the (8) literal first man, named Adam, who was created on the (9) literal sixth 24-hour day of creation with all of creation in a state of (10) literal deathless perfection, and was (11) literally declared by God to be (12) literally perfect. Adam lived in a (13) literal garden called Eden, broke a (14) literal commandment which was (15) literally spoken to him by God Almighty, a commandment which instructed him not to eat of a (16) literal tree of knowledge of good and evil, thus causing (17) literal death to fall on all men and animal life. Now all of creation is (18) literally dying, the subject of entropic forces of decay, and creation is waiting for the final redemption in which the earth will (19) literally be restored to its original glory - the same (20) literal sinless/deathless perfection of the (21) literal first creation as described in Genesis 1. Remove any one of these foundational blocks and the entire structure collapses, leaving the believer with no hope.*” PHILLIPS, Doug. An Urgent Appeal to Pastors. *Back to Genesis in Acts & Facts*, Dallas, TX: ICR, n. 119, Nov 1998.

Disponível em: <<http://www.icr.org/article/847/>>. Acesso em: 30 maio 2013

Para os CTJ, a ciência só está correta no que afirma sobre o presente, não podendo emitir qualquer parecer sobre o passado, porque, como inúmeras vezes gostam de afirmar, “ninguém estava lá pra ver”, portanto, somente Deus, que sim, estava lá para ver, poderia dar informações sobre o passado. Uma vez que as informações que Deus deu (literalmente “ditou”!) estão registradas na Bíblia, é nela que devemos nos apoiar para saber sobre o passado. Outro célebre criacionista, Ken Ham, afirma em seu provocativo texto “*Were you there?*” (Você estava lá?)

Precisamos nos perguntar: "Onde é que vamos colocar a nossa fé e confiança? Nas palavras dos cientistas, que não sabem tudo, que não estavam lá, ou na Palavra de Deus, o Deus que sabe tudo e que estava lá?"<sup>172</sup>

Pergunto-me como os criacionistas responderiam à medicina e à investigação forense, feita diariamente hoje em dia, e que consiste em exatamente isso: encontrar no presente pistas que revelam o que aconteceu no passado.

Apesar deste ceticismo com relação aos achados científicos quanto ao passado, os CTJ não hesitam em vasculhar as publicações científicas em busca de dados que possam porventura confirmar, ou pelo menos por em dúvida, conceitos chave da evolução e principalmente de uma Terra antiga. A obra seminal de Morris e Withcomb, bem como a produção de Price no início do século XX, dedicaram páginas e páginas para questionar os dados geológicos que confirmavam, já no século XVIII e XIX, a antiguidade da Terra. Assim, os livros do Criacionismo da Terra-Jovem sempre trazem uma longa seção questionando os métodos radiométricos, amplamente usados para medir a antiguidade das rochas. Estas seções normalmente questionam os métodos mais usados, como o Urânio-Chumbo, o Potássio-Argônio e o Rubídio-Estrôncio, apoiando-se em alguns poucos casos em que essas datações indicaram resultados discrepantes e questionando os pressupostos do decaimento radioativo. Paralelo a isso, os livros trazem uma seção indicando as evidências para uma Terra jovem, elencando uma série de argumentos, como, por exemplo, as taxas de sedimentação nos sistemas aquíferos e o influxo de diferentes elementos químicos no oceano. Exemplificando, Morris afirma:

[...] a quantidade de qualquer elemento químico na água do mar, dividido pela taxa anual daquele elemento químico lançado no mar anualmente através

<sup>172</sup> Orig.: “*We need to ask ourselves this question: "Where do we put our faith and trust? In the words of scientists who don't know everything, who were not there? Or in the Word of God—the God who does know everything—and who was there?"* HAM, Kenneth. *Were You There? Back to Genesis in Acts & Facts*. Dallas, TX: ICR, n.18, Oct. 1989.

das água dos rios, dará o tempo requerido para acumular aquele elemento, presumindo que não havia nada dele no oceano no princípio, e que a proporção de afluxo tenha sido sempre a mesma.<sup>173</sup>

O que é interessante, porém, é que segundo a literatura criacionista, estas taxas dão números incrivelmente discrepantes. Segundo as medições (que normalmente datam da década de 50 ou 60, quando não do início do século XX) o número de anos que levaria, por exemplo, para o sódio que temos atualmente se acumular nos oceanos seria de 260 milhões de anos, o do Silício apenas 8 mil, o do Mercúrio 42 mil, e do alumínio apenas 100 anos. A conclusão criacionista é de que “todos os dados apontam para uma idade da Terra, então, de muito menos do que um bilhão de anos”, quando, na opinião de qualquer outro cientista seria: “este método, com resultados tão discrepantes, não é um método confiável para determinar a idade do planeta.”<sup>174</sup> Além disso, os cientistas empenhados em “desbançar” os argumentos criacionistas os acusam de sempre valerem-se de pesquisas obsoletas e já refutadas e de publicações que raramente contam com “peer-review”<sup>175</sup>.

Para ilustrar em como os CTJ estão sendo eficazes e efetivos em propagar suas doutrinas, lanço mão de um episódio ocorrido em 2013 que se tornou bastante conhecido via redes sociais na Internet. Circulou por volta do mês de Maio uma foto (Ver ANEXO 3) de um teste de ciências de 4ª série de uma escola da Carolina do Sul que certamente está ensinando – de forma incrivelmente eficiente – o Criacionismo da Terra-Jovem aos seus alunos. O teste foi divulgado por um pai

<sup>173</sup> MORRIS, 1995, p. 154-155.

<sup>174</sup> GLOVER, 2007, p. 154.

<sup>175</sup> Nos meios acadêmicos, o “peer review” ou revisão por pares consiste em submeter o trabalho científico ao escrutínio de um ou mais especialistas do mesmo escalão que o autor, que na maioria das vezes se mantêm anônimos ao autor. Esses revisores anônimos frequentemente fazem comentários ou sugerem revisões no trabalho analisado, contribuindo para a qualidade do trabalho a ser publicado. No caso da publicação de artigos científicos, o diálogo entre os autores e os revisores é arbitrado por um ou mais editores, afiliados à revista científica em causa. Aquelas publicações e prêmios que não passaram pela revisão paritária tendem a ser vistos com desconfiança pelos acadêmicos e profissionais de várias áreas. As publicações criacionistas só possuem peer-review feito por outras instituições criacionistas, e muitas vezes os títulos acadêmicos de cientistas criacionistas são questionados pela comunidade científica em geral. O Dr. Kent Hovind, por exemplo, proeminente criacionista, (auto-denominado “Dr. Dino”), teve sua “tese” de doutorado exposta na Internet, e um rápido exame da mesma mostra claramente que não teria sido o suficiente nem para ser aprovado num curso secundário, pois contém uma mistura inebriante de imprecisão científica, escrita incoerente, erros ortográficos frequentes e habilidades acadêmicas de muito baixa qualidade. Ele abre sua “tese” com a seguinte frase: “Olá, meu nome é Kent Hovind. Eu sou um evangelista da ciência da criação. Eu vivo em Pensacola, Florida. Eu tenho sido um professor de ciências do ensino médio desde 1976. Eu tenho sido muito ativo na controvérsia criação / evolução há algum tempo.” Hovind está atualmente na prisão por evasão de divisas. Sua “tese” pode ser vista aqui: <<http://wlstorage.net/file/kent-hovind-doctoral-dissertation.pdf>>. Acesso em: 06 jan. 2014.

preocupado com o que sua filha de dez anos estava aprendendo nas aulas de ciências, e segundo ele próprio testemunha,

Eu não sabia que isso estava sendo ensinado a ela até que ouvimos um comercial de rádio juntos sobre a exposição “*Discover the Dinosaurs*” que estava chegando ao Centro de Convenções TD [em Greenville, Carolina do Sul]. O comercial começa: “Após 65 milhões de anos os dinossauros voltaram ...” Ela comentou imediatamente que eram apenas quatro mil anos atrás. Quando eu tentei corrigi-la, ela retrucou: “Você estava lá?”<sup>176</sup>

Olhando a foto da prova, é realmente difícil escolher uma dentre as diversas perguntas escandalosas contidas no texto (“Qual é o livro da história do universo?” Resposta: “A Bíblia.”) mas a última questão do teste revela onde a menina do referido pai aprendeu a retruca-lo: “Na próxima vez que alguém disser que a Terra tem bilhões (ou milhões de anos), o que você pode responder?” Resposta: “Você estava lá?”

Em suma, podemos concluir que a hermenêutica criacionista é determinada por um compromisso inalienável com uma pretensa interpretação bíblica literalista, que se apoia numa noção de inspiração verbal inerrante da Escritura, mas que insiste em coadunar elementos extratextuais para dar conta das notáveis incongruências entre o mundo observado e revelado pela ciência atualmente com o mundo descrito em Gênesis. Os CTJ, então, procuram ajustar os achados da ciência, efetivamente propondo acomodações no mundo natural que se encaixem com sua leitura da Escritura, que entendem conter uma descrição acurada do mundo físico. Da mesma forma, sua cosmovisão é completamente condicionada a esta interpretação literalista do Gênesis, de forma a crer que todo o cristianismo cai por terra se abandonada a convicção de historicidade factual do primeiro livro da Bíblia.

### 2.3. Mito e linguagem mítica em Gênesis

Embora a penetração da interpretação criacionista do Gênesis na cultura e sociedade atuais seja grande (conforme pesquisas já apontadas) e fique cada vez

---

<sup>176</sup> Orig.: *I didn't know that this was being taught to her until we heard a radio commercial together about the Discover the Dinosaurs exhibit was coming to the TD Convention Center [in Greenville, South Carolina]. The Commercial starts out, "After 65 million years, the dinosaurs have returned ..."* She commented immediately that it was only four thousand years ago. When I corrected her, she snapped back, “Were you there?” Entrevista do pai da criança ao Portal Snopes. MIKKELSON, Barbara; MIKKELSON, David P. *Science Test*. Snopes. 2013. Web. Disponível em <<http://www.snopes.com/photos/signs/sciencetest.asp>>. Acesso em: 5 dez. 2013.



mais em evidência para o público leigo<sup>177</sup>, ela configura-se uma visão minoritária, dogmática e profundamente presa a grupos religiosos fundamentalistas quando confrontada com estudos teológicos sérios dos últimos dois séculos. A crítica textual e a crítica histórica desde o séc. XIX têm sido profícuas quando o assunto é exegese dos capítulos iniciais de Gênesis e seus achados têm confirmado a posição do célebre Hermann Gunkel, de que “a questão da historicidade dos relatos da criação não é mais uma questão aberta para o historiador moderno.”<sup>178</sup> Ademais, uma leitura não-literal do Gênesis, longe de ser uma “invenção” pós-Darwin (como frequentemente acusam os criacionistas), já aparecia em Agostinho e outros pais da igreja<sup>179</sup>, e ainda muito antes, com Fílon de Alexandria, por exemplo, no séc. I d.C.<sup>180</sup>

O consenso, indisputável do ponto de vista histórico e literário, é de que os relatos da criação de Gênesis 1-3, e boa parte dos capítulos subsequentes até o 11 são escritos em linguagem mítica – ou seja, são mitos de criação<sup>181</sup>. E antes que sejamos muito rápidos em tirar quaisquer conclusões sobre isso, é necessário esclarecer o que sejam: linguagem mítica e mito.

Aqui, se faz importante desfazer a compreensão usual e não erudita de que mito é sinônimo de ficção ou ilusão, ou simplesmente de uma história irreal, que nunca aconteceu. Segundo Eliade,

---

<sup>177</sup> O vertiginoso crescimento das igrejas evangélicas pentecostais e neo-pentecostais no Brasil tem, ao meu ver, contribuído para a divulgação de ideias criacionistas. Veja, por exemplo, que até o Pastor Silas Malafaia, hoje um dos mais importantes pastores do segmento no Brasil, possui um livro dedicado ao tema criação x evolução: MALAFAIA, Silas. *Criação x Evolução: Quem está com a razão?* São Paulo: Ed. Central Gospel. 2005. Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus, possui em sua página pessoal na internet alguns textos e vídeos apoiando a interpretação criacionista. Veja por exemplo. MACEDO, Edir. *Fé em evolução*. Web log Post. [S.l.:s.n.] 27 set. 2009. Disponível em: <<http://www.bispomacedo.com.br/2009/09/27/fe-em-evolucao/>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

<sup>178</sup> GUNKEL, Hermann. *The Legends of Genesis, the Biblical Saga and History*. Trad. William Herbert Carruth. Chicago: Open Court, 1901, p.1.

<sup>179</sup> Russel Stannard, em seu “*Science and the Renewal of Belief*” credita a Agostinho a seguinte frase: “No princípio foram criados apenas germes ou causas das formas de vida que estavam para desenvolver-se posteriormente em curso gradual.” Mesmo não citando referência direta à frase, ela se encaixa sim perfeitamente ao pensamento Agostiniano exposto em *De Genesi ad litteram* e também em *De Trinitate*. Exposições sobre o tema em GILSON, Etienne. *Matter and Forms. Part 3 - Chapter 2*. The Christian Philosophy of Saint Augustine. New York: Random House, 1960. p. 197-209. Cf. STANNARD, Russell. *Science and the Renewal of Belief*. London: SCM, 1982 repr. West Conshohocken, PA: Templeton Found. Press, 2004. p.13.

<sup>180</sup> Fílon admitia que sempre havia dois sentidos para a interpretação da Torá: o literal e o alegórico, e que o sentido real, aquele que devia ser buscado, era o alegórico.

<sup>181</sup> Karl Barth recusa-se a chamar a criação bíblica de mito. Para ele, deve ser chamada de saga ou simplesmente de estória (*story*), ou “história não histórica” Ele argumenta que esta “estória” é o contar de um evento histórico que não pode ser expresso historiograficamente. No seu entendimento, a criação é um evento histórico, pois sucedeu, mas pré-histórico, e aponta as diferenças dela para um mito real. Veja n. 188 abaixo. Cf. BARTH, Karl. *Church Dogmatics - Vol. 3 - Part 1 - The Doctrine of Creation*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1958. p. 83-84.

Seria difícil encontrar uma definição do mito que fosse aceita por todos os eruditos e, ao mesmo tempo, acessível aos não-especialistas. Por outro lado, será realmente possível encontrar uma única definição capaz de cobrir todos os tipos e todas as funções dos mitos, em todas as sociedades arcaicas e tradicionais? O mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares.<sup>182</sup>

Em virtude dessa multiplicidade de enfoques para se lidar com o mito, faremos aqui uma breve análise de seus aspectos principais no que tange a função, forma e importância.

Croatto parece-nos dar uma definição de mito suficiente para nosso propósito: Mito é um *relato* de um *acontecimento originário*, no qual os *deuses agem*, e cuja finalidade é *dar sentido* a uma *realidade significativa*.<sup>183</sup>

Seguiremos a análise feita por Rossi<sup>184</sup>, quebrando essa definição em partes para melhor compreendê-la.

1. Em primeiro lugar, o mito é um *relato*, ou seja, é um texto, pertencente à ordem literária do discurso, e como tal, pretende dizer algo a alguém a respeito de alguma coisa. Croatto destaca neste aspecto a função social do mito como discurso, bem como de toda a palavra humana.
2. O mito relata um *acontecimento originário*. Ele configura-se como ferramenta de compreensão da própria história e identidade de uma cultura – suas tradições fundantes. Por isso a abundância de mitos de criação.

É o *ilud tempus* da criação no qual as coisas são constituídas *como são agora*, no qual dão-se as normas que regulam uma sociedade, no qual se deitam as raízes da identidade cosmovisional de um povo.<sup>185</sup>

3. Os deuses agem no mito. Eles significam a conexão simbólica da realidade com o transcendente, que tem força e poder para fazer tudo que é instaurado originariamente.
4. O mito dá sentido à realidade, pois, segundo Croatto, “as origens tem um prestígio ontológico de grande impacto para o ser humano”, e “remeter uma realidade presente à primordialidade é uma maneira – própria justamente do mito – de ligar

<sup>182</sup> ELIADE, Mircea. Aspectos Do Mito. Lisboa: Ed. 70, 1986. p.12.

<sup>183</sup> CROATTO, José Severino. *Los Lenguajes de la Experiencia Religiosa*: Estudio de Fenomenología de la Religión. B. Aires: Fund. Univ. a Distancia Hernandarias, 1994. p.145-152.

<sup>184</sup> ROSSI, Luiz A. Solano. A Criação no Livro de Gênesis. In: SANCHES, Mário. A. (Ed.), 2009, p. 37-54. A análise que se segue está às páginas 48-49.

<sup>185</sup> CROATTO, J.S. O mito como interpretação da realidade: considerações sobre a função da linguagem de estrutura mítica no Pentateuco. Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana, Petrópolis: Vozes, v. 23, p.16-22, 1996, à p. 17.

algo com a fonte do ser”<sup>186</sup>. O mito não fala do passado, mas do presente, ou, como declara Malinowski, “não é unicamente uma história contada, mas uma realidade vivida”.<sup>187</sup>

5. As realidades de que tratam o mito são *significativas*, ou seja, não existem mitos para dar sentido a coisas banais. O mito responde a perguntas mais íntimas do ser humano sobre o seu ser e estar no mundo.<sup>188</sup>

Por isso o mito é parte inseparável da linguagem religiosa – uma vez que a religião e a fé se preocupam exatamente dessas mesmas questões últimas. Eduardo Arens, em seu ensaio “Mito e Realidade”<sup>189</sup> traz luz sobre esse aspecto, quando fala dos 3 tipos de realidades existentes na experiência humana:

- Realidades sensíveis objetivas: As do mundo físico, percebidas pelos sentidos, que compreendemos sem dificuldade.
- Realidades sensíveis subjetivas: realidades “interiores”, sentimentos sensoriais e afetivos. Compreende-se sem dificuldade, desde que se tenha a experiência. Para falar dela, usamos imagens e comparações.
- Realidades transcendentais: de caráter filosófico e teológico, como o bem, o belo, o divino e o “mais além”. Não pertencem ao mundo dos sentidos, e sua aceitação depende de crenças e convicções pessoais. Para falar desta realidade se emprega linguagem figurada – simbólica e/ou metafórica.

Arens exemplifica ao falar de anjos, seres do “mais além”. Para descrevê-los, pode-se usar linguagem filosófica e abstrata (essências puras), ou imagens concretas, tomadas do mundo sensível: seres que se movem, falam, têm aparência visível. Esta linguagem “de cá” para falar de coisas “de lá”, é o que o autor chama de linguagem mitológica, muito usada na Bíblia.

<sup>186</sup> CROATTO, 1996, p. 17

<sup>187</sup> MALINOWSKI, Bronislaw. *Magia, Ciência e Religião*. Lisboa: Edições 70, 1984. p. 100, *apud* REIMER, Haroldo. *Toda a criação: Bíblia e ecologia*. São Leopoldo: Oikos, 2006. p. 22.

<sup>188</sup> Karl Barth questiona chamar a história da criação de mito justamente por causa destes pontos. Para ele, “A definição habitual de que o mito ‘é a história dos deuses’ é apenas superficial. No mito ambos os deuses e a história não são o verdadeiro ponto em questão, mas apenas apontam para ele. O objeto e conteúdo real do mito são os princípios essenciais das realidades gerais e as relações do cosmos natural e espiritual que, diferentes da história concreta, não estão confinados a espaços e tempos determinados. [...] Mitos reais nunca tem a criação como seu tema e objeto. [...] Mas seus contos e seus eventos e figuras são, obviamente, retratos e concretizações do que acontece sempre e em toda parte e, nessa medida, não acontece ‘em lugar nenhum ou em qualquer momento’.” Como a criação aconteceu, ele prefere o termo saga. Ver n.181. Cf. BARTH, 1958, p. 84-85.

<sup>189</sup> ARENS, Eduardo. *La Biblia Sin Mitos: Una Introducción Crítica*. Lima: Paulinas, 2004. p. 121.

[...] a linguagem mítica e os mitos em si, são usados para explicar realidades transcendentais e perguntas profundas do homem, que para ele são reais.[...] São realidades religiosas e existenciais. Por sinal, os sentidos não captam todas as realidades, certamente não as do "mais além" - mas para falar deles é necessário o uso de uma linguagem humana, compreensível e comunicável. São perguntas sobre a origem e o destino do homem e de toda a esfera do divino. O mito é uma forma pictórica de falar sobre estas realidades profundas, realidades que podem ser experiências espirituais, intuições ou convicções. Os escritores da Bíblia não recorreram à linguagem filosófica para falar sobre estas realidades, mas à linguagem mítica, imagens figurativas tiradas do mundo das experiências sensoriais (ver, ouvir, falar, agir, etc.)<sup>190</sup>

O mito, mais do que uma linguagem, é um modo pré-científico e pré-filosófico de compreender os conceitos, os quais são, muitas vezes, conceitos de fé, cosmovisionais de um povo, de realidade transcendente e não passíveis de verificação histórica ou científica. Por isso, a linguagem mítica é a forma mais adequada para lidar com eles.

O que deve estar sempre no centro das atenções é a verdade a qual o mito aponta, que foi a razão pela qual foi escrita e composta. Os mitos e sua linguagem expressam realidades que tocam o homem mais profunda e existencialmente do que aquelas captadas pela ciência e lógica. Por isso, sua verdade é existencial, não estritamente científica ou histórica.<sup>191</sup>

As dificuldades do homem moderno ao lidar com o mito advêm da questão da sua historicidade factual ou não. Croatto novamente traz luz a este assunto:

É claro que o mito é uma construção imaginária. Por isso foi dito que se opõe à história. Mas não é assim. O imaginário está "no que é narrado", enquanto relato que é; mas "o que é narrado" e que nunca aconteceu é na verdade a *interpretação* de uma realidade dada no presente, que pode ser desde um acontecimento até uma lei ou norma de vida. Portanto o "histórico" do mito não está no *que é relatado* mas *naquilo a que o relato se refere*, e cujo sentido este quer manifestar.<sup>192</sup>

E ainda,

...a diferença entre historiografia e mito/lenda/novela – embora pertencentes todos ao gênero literário "história"- está em que aquela expõe (pretensamente) um fato como aconteceu, ao passo que estes *interpretam um fato criando e narrando outro*.<sup>193</sup>

Croatto aponta que a historiografia e o mito pertencem a instâncias e esferas completamente distintas, uma vez que o mito quer interpretar fatos sob uma perspectiva religiosa, conectando o mundo real à esfera divina, enquanto que a história almeja explicar fatos por suas causas e efeitos, como ciência que é. Ao lermos um fato histórico sob perspectiva religiosa, precisamos necessariamente

<sup>190</sup> ARENS, 2004, p.121.

<sup>191</sup> ARENS, 2004, p.122.

<sup>192</sup> CROATTO, 1996, p.17.

<sup>193</sup> CROATTO, 1996, p.18.

recriar este fato, recontando-o com uma grande carga de símbolos – “só assim pode ser uma narração religiosa.” O autor ainda alerta para o perigo de não captar este elemento religioso do mito, e interpretá-lo erroneamente:

Ler um relato *religioso* de um sucesso como ‘acontecido’ na forma como está contado é não captar esse mesmo elemento religioso, e implica em torná-lo ‘falso’ (!) (*sic*), pois presta-se atenção ao não-sucedido como sucedido e se perde o *sentido* que o não-sucedido (o sucesso do relato) está outorgando a um fato que não é o do mito mas que está fora dele, e que está interpretando.<sup>194</sup>

Para se realizar esta tarefa de interpretar religiosamente uma realidade vivida ou “sucesso” (algo que sucedeu), é imprescindível o uso abundante de símbolos, pois estes “possuem uma reserva de sentido que é explorada por cada releitura sem que se possa ser esgotada.”<sup>195</sup> Só eles chegam no nível de profundidade requerida para a realidade que se intenta interpretar. Por isso, Croatto lembra Paul Ricoeur quando dizia que o símbolo (e conseqüentemente o mito, sempre carregado de símbolos) “dá o que pensar”.<sup>196</sup>

O relato da criação de Gênesis 1-3 preenche perfeitamente essa descrição, trazendo uma abundância de símbolos – que foram já interpretados no próprio texto bíblico e o são até hoje – a serpente, as duas árvores, o fruto, etc.

Diversos autores têm, dessa forma, trabalhado para resgatar o valor do mito como portador de verdade, ao lado de outras linguagens não menos significativas, mas apontando-o como a linguagem mais adequada, e por assim dizer, “irmã” do discurso religioso. Os esforços de demitologização – ou seja, a eliminação do mito do discurso religioso, têm sido duramente criticados, por se entender que não há como executar tal tarefa dentro do campo da religião sem se esvaziar a mensagem profunda sobre significação última. Ao se tentar tal projeto, acaba-se “remitizando” a mensagem (através de outros símbolos), ou procurando-se alternativas linguísticas e filosóficas, que acabam sendo novos mitos modernos.<sup>197</sup>

Sob esse prisma, os autores críticos identificam no Gênesis e no resto do Pentateuco diversos mitos fundantes da história de Israel. Ou seja,

as realidades mais significativas para a vida social de Israel são remetidas a um *illud tempus* impreciso, primordial, carregado da “presença divina” (teofanias, sonhos, visões, locuções). [...] Se observarmos bem, todas as instituições de Israel são remetidas a um ponto “original” –

<sup>194</sup> CROATTO, 1996, p. 18.

<sup>195</sup> CROATTO, 1996, p.19.

<sup>196</sup> RICOEUR, Paul. Le symbole donne à penser. *Esprit*, v. 27, p. 60-76, 1959. *apud* CROATTO, 1996, p.19.

<sup>197</sup> ARENS, 2004, p. 123.

cosmogônico/pais/êxodo-deserto – onde Javé intervém como ator essencial. É a interpretação que liga as realidades atuais com o transcendente, isto é, com Javé (nível de significação), através do original.<sup>198</sup>

E qual seria então a “realidade atual” que o mito da criação do Gênesis 1 e 2 pretende interpretar? Em que contexto foram escritos? Quais os significados dos elementos míticos dos relatos da criação, e por que o relato tem a configuração que possui? Valendo-me das palavras de Milton Schwantes,

Nem sempre estamos em condições de situar os textos bíblicos. Permanecem dúvidas. Este não é o caso de Gênesis 1. Podemos localizá-lo com muita precisão no tempo e no espaço.<sup>199</sup>

#### 2.4. O relato da criação como contra-mito babilônico

É consenso entre os estudiosos que os capítulos iniciais de Gênesis nascem em contexto exílico ou pós-exílico, ou seja, entre os anos de 587 e 539 a.C., quando a antiga elite de Judá e Jerusalém foi deportada para a Babilônia. Num contexto totalmente novo, o povo judeu foi confrontado com realidades socioculturais e principalmente religiosas muito distintas das suas, e pra isso foi necessário articular a sua fé de forma a responder a estes novos desafios.

Haroldo Reimer, na sua obra “Toda a Criação” enfatiza:

Gênesis 1 precisa ser lido a partir desse contexto de encontro e desencontro cultural e religioso. [...] é um texto poético que articula o debate da fé de Israel com o mundo cultural e religioso mesopotâmico, sobretudo com os mitos cosmogônicos e a religião astrológica.<sup>200</sup>

Como um povo oriundo da região siro-palestinese, Israel teve por centenas de anos a influência de povos vizinhos, cada qual com suas tradições culturais e seus mitos de origem e criação. Desta vez, no exílio babilônico, não foi diferente, e certamente por lá o povo teve contato com o mais famoso mito cosmogônico babilônico, o *Enuma-Elish* (“Quando no alto”, em referência às suas primeiras palavras).

Este poema acádio, escrito em sete tabuinhas de barro com mais de mil versos, é um relato mitológico que traz a justificativa para a supremacia do deus Marduc sobre os outros deuses do panteão babilônico, descrevendo uma intensa

<sup>198</sup> CROATTO, 1996, p.19.

<sup>199</sup> SCHWANTES, Milton. *Projetos de Esperança - Meditações sobre o Gênesis 1-11*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1989. p. 26-27.

<sup>200</sup> REIMER, 2006, p. 25.

batalha entre os deuses.<sup>201</sup> Ele começa dando uma descrição do universo primitivo, constituído apenas por águas doce e salgada, intimamente misturadas, personificadas nas divindades Apsu e Tiamat respectivamente. Destes, nascem as outras divindades, que brigam entre si, criam exércitos e formam partidos. Após uma trama com batalhas e mortes, Marduc, filho de Ea, mata Tiamat e com os restos de seu corpo forma o universo. Ele corta Tiamat (que é uma figura feminina normalmente associada com um dragão ou serpente marinha) em duas partes: a parte superior forma o céu – em forma de abóbada, que deve conter suas águas – e a inferior forma a terra, que se assenta sobre o “abismo das águas” – formado por Apsu e Tiamat. A abóbada é sustentada por pilares, e os astros são criados com as carcaças de outros deuses, e representam essas divindades. Marduc arranca-lhe os olhos, e dos buracos forma os rio Eufrates e Tigre. Do resto do corpo de Tiamat, o deus supremo Marduc (que a esta altura do poema é chamado de Senhor) molda a terra, com montanhas, planícies e vales. O homem primitivo é formado do sangue de um dos deuses executados e o império babilônico é criado para que o homem possa servir aos deuses.

Segundo alguns autores, a penetração cultural do *Enuma Elish* no Antigo Oriente era tão grande que a própria Bíblia traz resquícios desta cosmogonia baseada no conflito de deidades:

Por acaso não és tu aquele que despedaçou Raab, que trespassou o dragão? Não és tu aquele que secou o mar, as águas do Grande Abismo? (Isaías 51:9b-10a)

Ademais, a palavra abismo תְּהוֹם (tehom) ecoa de longe, segundo alguns linguistas, a *tihām(at)*, do qual foi feito o oceano primitivo segundo o mito babilônico<sup>202</sup>.

Haroldo Reimer aponta algumas observações notáveis com relação a este poema, que revelam características importantes sobre a sociedade e religiosidade dos povos que o criaram. Estas características serão importantes para perceber como o povo de Israel retrabalhou este mito no relato da criação de Gênesis 1 e 2. Primeiro, no *Enuma Elish*, a masculinidade vence a feminilidade, o que o autor

<sup>201</sup> VVAA. *A criação e o dilúvio segundo os textos do Oriente Médio Antigo* (Documentos do mundo da Bíblia – 7). Tradução de M. Cecília de M. Duprat. São Paulo: Paulinas, 1990. p. 13.

<sup>202</sup> WESTERMANN, Claus. *Creation*. London: SPCK, 1974. p. 40. Para detalhadas análises da influência de mitos e lendas mesopotâmicas no Gênesis, e seus possíveis resquícios nas palavras do original hebraico, ver GRAVES, Robert; PATAI, Raphael; DAVIS, Robert A. (Ed.) *Hebrew Myths: The Book of Genesis*. Manchester, England: Carcanet, 2005.

considera ser um reflexo das estruturas sociais e políticas da época<sup>203</sup>. Em segundo lugar, a criação da humanidade foi feita basicamente para que os homens fizessem tarefas que os deuses não queriam mais fazer:

[...] a humanidade foi formada para que os deuses, concebidos à imagem do homem [...] e tidos como obrigados anteriormente a trabalhar com as próprias mãos, para poderem prover sua subsistência [...] pudessem descarregar sobre esta humanidade o encargo que pesava sobre eles e viver livres de qualquer obrigação.<sup>204</sup>

E resumindo, outro texto caldeu relacionado ao *Enuma Elish*, afirma: “para permitir aos deuses morarem em uma habitação que satisfaça o coração, ele (Marduc) formou a humanidade.” E ainda, numa versão alternativa: “Ea [...] formou a humanidade para ser aquela que faz...”<sup>205</sup> Reimer aponta a íntima relação homem/trabalho nestes mitos mesopotâmicos, uma diferença bastante clara com relação ao mito hebreu.

O autor ainda destaca a concepção de imagem de Deus revelada nos mitos babilônicos, em que somente os imperadores e governantes detinham o direito de serem chamados e até venerados como imagens de Deus. No prólogo do famoso código de Hamurabi, do século XVIII a.C., o governante é reverenciado como a encarnação do deus Marduc, legitimando o seu código de direito, que devia ser obedecido pois fora “doado” pelo deus maior.<sup>206</sup>

Trazendo nosso foco agora para o relato da criação conforme Gênesis, trataremos de notar as semelhanças e diferenças. É interessante perceber como o retrabalho dos redatores – que a ortodoxia cristã considerará como inspirados por Deus<sup>207</sup> – preocupou-se majoritariamente com uma correção teológica dos mitos de criação babilônicos do que com uma correção cosmológica/cosmogônica. Nas palavras de um autor cristão americano:

Ao invés de aproveitar a oportunidade para acabar com a visão comumente aceita do universo, que estava cheia de erros cosmológicos e teológicos, Deus parece sequestrar a cosmogonia popular e usá-la como veículo para corrigir o registro *teológico*, deixando o registro *cosmológico* intacto.<sup>208</sup>

<sup>203</sup> REIMER, 2006, p. 28.

<sup>204</sup> VVVA, 1990, p. 13.

<sup>205</sup> VVVA, 1990, p. 13.

<sup>206</sup> REIMER, 2006, p. 29.

<sup>207</sup> O conceito de inspiração apresenta uma diversidade de concepções. Para uma introdução ao tema, sugerimos BRAKEMEIER, Gottfried. *Autoridade da Bíblia: Controvérsias-Significado-Fundamento*. 2 Ed. Cap. 6 – A Inspiração da Bíblia. São Leopoldo: Ed. Sinodal, CEBI, EST, 2003. p. 33-39; e também ARENS, 2004, p. 225-260.

<sup>208</sup> GLOVER, 2007, p. 63.



Deter-nos-emos por agora neste caráter “polêmico” do mito hebreu, que procurou nacionalizar a história do cosmos e contrapor conceitos teológicos babilônicos com a teologia hebraica. A primeira diferença que salta aos olhos ao comparar a tradição hebraica da criação com a babilônica é que “o universo não é fruto de uma luta contra o caos ou contra os deuses.”<sup>209</sup> De uma perspectiva cristã, Gordon Glover afirma:

Ele [o universo] não está sujeito aos caprichos e desejos de uma legião de deidades temperamentais que mais parecem uma família disfuncional do que um exército de nobres divindades. [...] [No mito babilônico], cada nova administração divina traz mais incerteza e imprevisibilidade à natureza. Em forte contraste, a Bíblia nos mostra um mundo coerente criado em unidade pelas três pessoas da trindade trabalhando juntas em total harmonia. Ordem, propósito e uniformidade são tecidos no universo desde o princípio.<sup>210</sup>

Ao dizer que o universo foi criado por um único Deus através de sua palavra criadora, o mito hebreu já declara o seu caráter polêmico e contra cultural, o que certamente foi uma séria acusação em meio a uma religião politeísta.

Outro ponto de polêmica correção teológica na história da criação hebraica com relação ao mito babilônico está na questão da luz e dos luzeiros. Num contexto de religião astrológica, em que os astros representavam as divindades maiores no panteão babilônico, o relato da criação hebraica afirma que estes astros são obras da criação de Javé, e recebem dele uma função serviçal: devem fazer separação entre o dia e a noite, e servir de sinais para as estações, dias e anos (v.14). Eles são “secularizados e despotencializados como serviçais do Deus de Israel.”<sup>211</sup>

Lamoureux nota que num contexto de adoração aos astros, o relato hebreu traz como que um grito radical de protesto de Deus para o seu povo e para o povo babilônico, que seria considerado blasfêmia entre os povos da região: “Vocês não sirvam aos céus! Os céus servirão a vocês!” Ele também nota a proposital omissão das palavras hebraicas lua e sol, chamando-os de “luzeiro maior e menor”, para evitar qualquer tipo de menção àquilo que eram consideradas divindades pelo povo babilônico.<sup>212</sup> “A dignidade desses astros está, pois, em sua tarefa. Não lhes cabe

<sup>209</sup> REIMER, 2006, p. 32.

<sup>210</sup> Orig.: “[the universe] is not therefore subject to the whims and wants of temperamental deities that act more like a dysfunctional family than a host of noble deities. (...) [In the Babylonian myth] each new divine administration brings more uncertainty and unpredictability to nature. In sharp contrast, the Bible shows us a coherent world created in unity by the three persons of the Trinity working together in total harmony. Order, purpose and uniformity are built into the universe from the very beginning.” GLOVER, 2007, p. 62-63.

<sup>211</sup> REIMER, 2006, p. 33.

<sup>212</sup> LAMOUREUX, 2009, p. 60.

nenhum traço de divindade”<sup>213</sup>, deixa claro o Gênesis 1. “Com isso, o deus Marduc é destituído do seu poder, evidenciando-se assim o caráter polêmico do poema israelita.”<sup>214</sup>

Haroldo Reimer também comenta o caráter notadamente prescritivo do relato da criação de Gênesis, fazendo algumas considerações sobre seus elementos.<sup>215</sup>

1. Trabalho e pausa – Na organização do relato já está subentendido um regime temporal de atividade e pausa. “O trabalho faz parte da ordem da criação; porém a criação, sobretudo dos humanos, não tem no trabalho a sua culminância nem seu sentido exclusivo.” A estrutura do relato culmina no estabelecimento do *shabat*, pois assim como Deus descansou, devemos nós também descansar.<sup>216</sup>

2. Comunidade da criação – A forma “estereotipada” usada pelo relato “E viu Deus que era bom” (vv. 12, 18, 21, 25) funciona como elo de ligação entre as comunidades de coisas criadas, que possuem valor intrínseco mesmo antes do homem ser criado, por serem apreciadas por Deus.

3. Humanos: seres da terra integrados na criação – O termo *adam* suscitaria para qualquer israelita a noção de que Adão foi criado da terra (*adamah*), sendo parte integrante da mesma, assim como outros seres que “Deus fez brotar da terra”: plantas (v.12) e animais (v.24). Tal associação se torna explícita no segundo relato da criação em Gên. 2.

4. Imagem de Deus – Dignificação especial de homem e mulher (*adam* não tem gênero) por serem feitos à imagem e semelhança do Criador, ao contrário do que ensinava a cultura babilônica, em que só os governantes tinham a imagem de deus.

5. Mandatos dos humanos – A nós é dada a ordem de sujeitar e dominar, o que tem trazido consequências desastrosas segundo a compreensão ocidental moderna desta prescrição. Reimer gasta algumas páginas explorando a questão dos limites e possibilidades desta sujeição e domínio, sugerindo uma leitura “eco-cêntrica” e não “egocêntrica” para este domínio.<sup>217</sup>

Concluindo essa análise, que obviamente não se esgota em absoluto nessa curta exposição, Reimer reitera, citando Croatto:

<sup>213</sup> SCHWANTES, 1989, p.31.

<sup>214</sup> REIMER, 2006, p. 33.

<sup>215</sup> A exposição dos cinco pontos a seguir é explorada nas p. 33-42 de REIMER, 2006.

<sup>216</sup> Reimer argumenta que num contexto de trabalho exílico forçado, este ensinamento deve ter trazido esperança e alimentado a resistência.

<sup>217</sup> REIMER, 2006, p. 43.

No conflito com a dominância cultural e religiosa dos dominantes babilônicos, Israel formula o sentido de seu próprio existir no cosmos e no contexto da dominação babilônica; com isso expressa sua própria cosmologia presente. Produz-se algo como um contra-mito nacionalizado. Afinal, 'cada mito está configurado para dizer algo sobre o presente, não sobre o passado. O passado do mito é o sentido do presente vivido'.<sup>218</sup>

## 2.5. Gênesis e a questão das fontes

O livro de Gênesis, ao contrário de um livro atual ou de uma peça musical, não foi simplesmente composto ou redigido. Ele cresceu.<sup>219</sup> Sua redação final passou por um longo e complexo processo de formação, e cada parte constituinte do relato das origens teve vida própria e sua tradição peculiar. Como bem lembra Westermann: “Dois estágios devem ser diferenciados nesse processo: o oral e o escrito”.<sup>220</sup> Neste processo de transmissão da tradição oral, era muito comum uma história conter variantes, e quando alguém iria posteriormente registrá-la de forma escrita, não o fazia de modo a eliminar variações, mas ao contrário, mantinha as tradições o quanto fosse possível – afinal, não se estava fazendo historiografia segundo a concepção moderna. Segundo Westermann,

Essas narrativas já existiam por décadas e décadas antes de serem registradas por escrito. Porém não no sentido de um material da tradição conhecido de poucos e transmitido por poucos, mas tratava-se de parte integrante da vida, do pensamento, da cultura e da fé em Deus do povo de Israel e de seus antepassados. Era parte indissociável de sua história; eles viviam com essas narrativas. Esse é o sentido e o significado propriamente dito do conceito “história da tradição”, que hoje é determinante para a pesquisa no Gênesis.<sup>221</sup>

Dessa forma, “o que chegou até nós não é uma narrativa individual que simplesmente passou da tradição oral para a tradição escrita”.<sup>222</sup> A exegese bíblica através da crítica literária é praticamente unânime em afirmar que o livro de Gênesis – e mais precisamente o Pentateuco – foi compilado a partir de fontes documentais independentes, as conhecidas letras JEPD, em que “J” é a chamada tradição Javista, “E” a tradição Eloísta, “P” o Escrito Sacerdotal (do alemão *Priesterschrift*) e

<sup>218</sup> REIMER, 2006, p. 33, citando CROATTO, J.S. Quem pecou primeiro? Estudo de Gên. 3 em perspectiva utópica. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana*, v. 37, Petrópolis: Vozes, 2001. p. 16.

<sup>219</sup> WESTERMANN, 1974, p. 28.

<sup>220</sup> WESTERMANN, Claus. *O Livro do Gênesis: um comentário exegético-teológico*. Tradução de Nélio Schneider. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2013. p. 16.

<sup>221</sup> WESTERMANN, 2013, p. 17.

<sup>222</sup> WESTERMANN, 1974, p. 29.

“D” os escritos de tradição Deuteronomista. Estas fontes, como nos lembra Gunkel, referido por Westermann,

não são autores no nosso sentido, mas, em primeira linha, transmitentes que puseram em forma de livro, de uma proto-história coesa, material que receberam de outros. Nesse processo, eles atuaram, em primeira linha, como transmitentes, mas ao mesmo tempo também como autores e teólogos.<sup>223</sup>

Ou seja, as fontes, ao invés de serem entendidas como “autores individuais”, devem ser lidas como “escolas”, como fruto de grupos com tradições, épocas e locais muitas vezes distintos, mas que deixaram marcas de sua origem, ênfases e teologia na redação que chegou até nós.

Esta exegese utilizando-se a chamada hipótese documental tem comumente dividido o livro de Gênesis em quatro grandes ciclos: A proto-história (*primeval history*, Gn cap. 1-11), o ciclo de Abraão (cap. 12-25), o de Jacó (cap. 25-36) e o de José (cap. 37-50).<sup>224</sup> Segundo esta hipótese, o relato da criação está inserido nesta proto-história de Gn 1-11, e estes capítulos devem ser reconhecidos e estudados como uma unidade<sup>225</sup>. Eles contêm uma coleção de “motivos”, temas e assuntos muito comuns na mentalidade dos povos do Oriente Próximo, com vários paralelos entre as diferentes culturas da região. Portanto, o povo de Israel certamente familiarizou-se com estas histórias, que permearam também sua cultura e seus escritos. Assim, estes capítulos são creditados a duas fontes: a P (Escrito Sacerdotal) e a J (Javista). Esta, muito mais antiga, data do século X ou IX a.C. e aquela do século V ou IV a.C. Estas duas fontes foram compiladas por um redator de modo que a fonte P começa com a história da criação (de Gn 1:1 até Gn 2:4a) e continua com as grandes genealogias dos capítulos 5, 10 e 11. Já a fonte J foi colocada pelo redator logo após o relato da criação de P, em Gn 2:4b até 3:24, o que é comumente chamado de “segunda história da criação”. J continua com boa parte do resto de Gênesis, incluindo a história de Caim e Abel e também com parte das genealogias dos cap. 9 e 10. A narrativa do dilúvio está no meio, nos cap. 6-9, e contém um entrelaçamento cuidadoso entre as fontes P e J.

Vemos, então, que a Bíblia contém na verdade duas histórias da criação, a primeira de tradição Sacerdotal (P), em Gênesis 1, e a segunda, bem mais antiga, de tradição Javista (J), em Gênesis 2. O escrito sacerdotal caracteriza-se por uma

<sup>223</sup> WESTERMANN, 2013, p. 17.

<sup>224</sup> RENDSBURG, Gary. *The Redaction of Genesis*. Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 1986. p. 1.

<sup>225</sup> WESTERMANN, 1974, p. 17.

preocupação com leis, rituais e genealogias, e apresenta Deus como Elohim, poderoso e distante, que cria com sua palavra criadora. O texto também tem formato poético, litúrgico, com repetições de frases típicas de doxologias e é muito bem estruturado. Westermann nos esclarece:

Deus cria o mundo por meio de sua palavra imperativa. A forma linguística peculiar do primeiro capítulo, a linguagem solenemente pausada, de efeito rítmico, é obtida por uma série de frases sempre iguais que entremeia o capítulo, a saber, partes integrantes da ordem criadora. I. A introdução da ordem “E Deus falou [...]” (v. 3,6,9,11,14,20,24,26). II. A ordem no jussivo: “Haja [...]”, “Apareça [...]” etc. (v. 3,6,9,11,14s,20,24 [26]). III. Sua execução é relatada com: “E foi isso que aconteceu [...]” (v. 3,7,9,11,15,24,30). IV. A conclusão é formada pela fórmula de avaliação (também chamada fórmula de aprovação): “E Deus viu que era bom” (v. 4,10,12,18,25,31 ampliada). Ver ademais a ordenação temporal “E veio o anoitecer...” (v. 5,8,13,19,23,31). Essa foi inserida por P para vincular a criação com a história que começa com ela. O arcabouço cronológico aponta para o todo estruturado do tempo. Para o autor desse capítulo, tudo o que acontece tem como base a palavra imperativa de Deus. Cada nova seção de sua obra é iniciada com uma palavra de ordem dita por Deus (para Abraão em Gn 17; para Moisés em Êx 25 etc).<sup>226</sup>

Alguns autores também têm observado ao longo da história que o relato de P sobre a criação foi construído em “painéis paralelos”, usando-se um jogo de palavras que rimam em hebraico: *tōhû* (sem forma) e *bōhû* (vazia). Elohim, então, trabalha para “resolver” estes problemas, *dando forma* nos 3 primeiros dias – através de uma série de separações, e *preenchendo* (decorando) nos outros 3, através de atos criativos. Esta hipótese tem sido chamada “hipótese da estrutura” (*framework hypothesis*). Veja fig. 4.

<sup>226</sup> WESTERMANN, 2013, p.22.

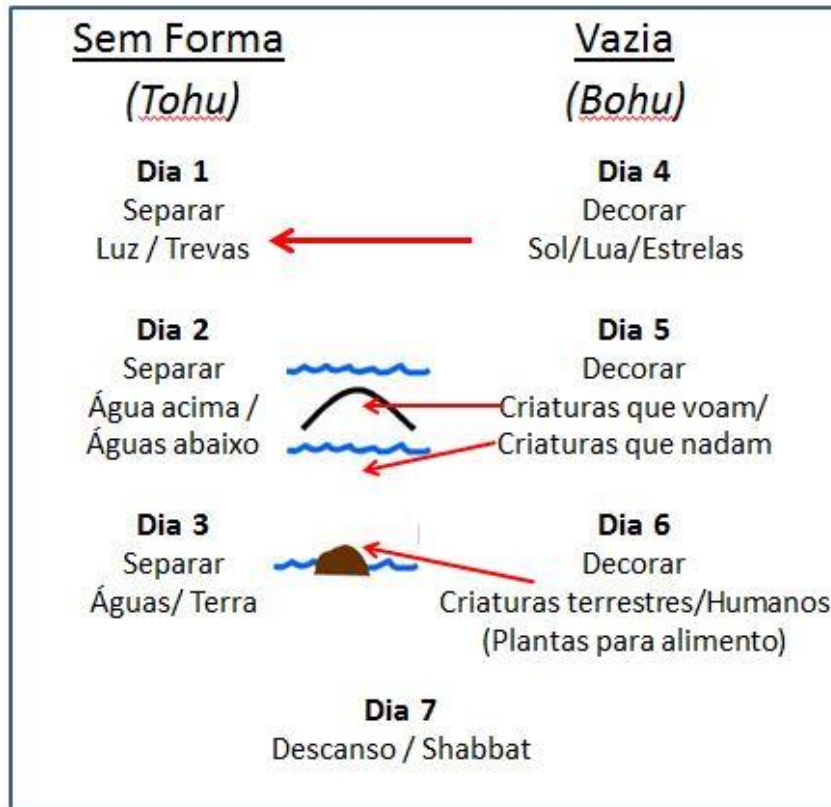


Figura 4 - Painéis Paralelos em Gênesis 1. Adaptado de Lamoureux, 2009, p. 74

Destaca-se em P o caráter cósmico, ordenado e inabalável do todo-poderoso Criador, que jamais poderia ser derrubado por outra deidade, como no épico babilônico, em que Marduc parece estar sempre a mercê de uma nova revolta de deuses. O texto de P soa como propaganda de um Deus todo-poderoso, que tem o cosmos em suas mãos, em resposta clara à influência politeísta do entorno babilônico quando da sua redação.

Já na criação Javista (cap.2-4), Deus é lahweh Elohim, tem características antropomórficas (caminha e visita o homem), e cria através da ação de suas mãos. A história do Javista é essencialmente familiar aos humanos, e não mais cósmica.

J descreve um drama que apresenta questões onipresentes à experiência humana: tentação, escolha e as consequências de escolha, os relacionamentos, a conformidade, a tensão, culpa e punição. Gênesis 2-4 é uma história de interesse humano, enquanto Gênesis 1 é uma peça de propaganda real.<sup>227</sup>

<sup>227</sup> Orig.: "J describes a drama that presents issues ubiquitous to human experience: temptation, choice and the consequences of choice, relationships, compliance, tension, blame, and punishment. Genesis 2-4 is a human interest story, while Genesis 1 is a piece of royal propaganda." LEEMING, David Adams. *Creation Myths of the World: An Encyclopedia*. 2 ed. Santa Barbara, CA: ABC-CLIO, 2010. p. 128.

Há diferenças notáveis na ordem de criação das coisas entre a criação de P e a de J. Vejamos o quadro:

Criação P (Gen 1)	Criação J (Gen 2)
	Ordem de criação, sem menção de dias:
Vegetação – 3º dia	1º Homem - (v.7)
Pássaros – 5º dia	2º Vegetação (frutos para comer) – (v.8-9)
Animais terrestres - 6º dia	3º. Animais terrestres e pássaros – (v.19)
Homem e mulher – 6º dia	4º. Mulher – (v.22)

Figura 5 - Ordem da criação segundo P e J.

Nota-se que no relato Javista os animais foram criados com um objetivo específico: fazer companhia ao homem e ajudá-lo, conforme o texto Gn 2:

<sup>18</sup>Iahweh Deus disse: "Não é bom que o homem esteja só. Vou fazer uma auxiliar que lhe corresponda. <sup>19</sup>Iahweh Deus modelou então, do solo, todas as feras selvagens e todas as aves do céu e as conduziu ao homem para ver como ele as chamaria: cada qual devia levar o nome que o homem lhe desse.<sup>228</sup>

A tradução de *uma auxiliar* não é exata no texto hebraico, pois a palavra “ezer” [ עֵזֶר ] é inclusive substantivo masculino, talvez por isso é traduzido como “ajuda” em outros idiomas e versões. Como não encontrou nos animais a “ajuda que lhe correspondesse”, Deus criou então a mulher:

<sup>20</sup>O homem deu nomes a todos os animais, às aves do céu e a todas as feras selvagens, mas, para o homem, não encontrou a auxiliar que lhe correspondesse. <sup>21</sup>Então Iahweh Deus fez cair um torpor sobre o homem, e ele dormiu. Tomou uma de suas costelas e fez crescer carne em seu lugar. <sup>22</sup>Depois, da costela que tirara do homem, Iahweh Deus modelou uma mulher e a trouxe ao homem. <sup>23</sup>Então o homem exclamou: "Esta, sim, é osso de meus ossos e carne de minha carne! Ela será chamada 'mulher', porque foi tirada do homem!"<sup>229</sup>

Claus Westermann, em seu comentário teológico sobre o Gênesis, enfatiza o belíssimo jogo de palavras utilizado no hebraico na exclamação de Adão, ao dizer que “ela será chamada mulher”. Na versão em português deste seu comentário, tal exclamação é expressa assim: “Até que enfim, esta é osso dos meus ossos e carne

<sup>228</sup> Tradução da BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2000.

<sup>229</sup> Tradução da BÍBLIA de Jerusalém, 2000.

da minha carne! Será chamada ‘homena’ porque do homem foi tomada!” Seu tradutor no português esclarece-nos:

Em português, normalmente se apela aos termos “varoa” e “varão” com a intenção de reproduzir o jogo de palavras no original hebraico e também no texto em alemão: ambos formam o termo para mulher, acrescentando ao termo correspondente a homem (= ’İš e Mann) um sufixo feminino (’İššah e Männin). Note-se que o termo “Männin” tampouco é uma palavra válida para “mulher” em alemão. O termo (inexistente) “homena” é imitação literal desse expediente em português sem alterar o termo-base.<sup>230</sup>

O papel do redator que compilou as duas fontes P e J tem sido ressaltado em trabalhos mais recentes, e diversos autores identificam intencionalidade teológica e estilística no seu trabalho redacional<sup>231</sup>. Na redação final da narrativa do dilúvio, por exemplo, o redator que teria compilado as fontes P e J estruturou a narrativa em forma de quiasma – um recurso literário ou retórico em que as palavras em uma frase ou verso, ou as unidades em um pedaço maior do texto, são apresentados em uma ordem na primeira metade do paralelo e, então, de modo invertido na segunda metade. Esta estrutura serve para ressaltar um “ponto focal” no relato, atraindo a atenção do leitor da época para a parte mais importante da história. O dilúvio estaria assim então relatado, com destaque para o ponto focal central (Ver fig. 6):

<sup>230</sup> WESTERMANN, 2013, p. 38-39.

<sup>231</sup> O autor Thomas Brodie afirma que o número de autores que apoiam uma abordagem literária ou retórica da Bíblia já é suficiente para formar ao menos três bibliografias do tamanho de livros inteiros. Ele cita como exemplos:

WATSON, Duane F.; HAUSER, Alan J. *Rhetorical Criticism of the Bible: A Comprehensive Bibliography with Notes on History and Method*. BINS 4. Leiden/ New York/Cologne: Brill. 1994.

POWELL, Mark A. *The Bible and Modern Literary Criticism: A Critical Assessment and Annotated Bibliography*. BINS 22. New York/Westport, Conn./London: Greenwood. 1992.

MINOR, Mark. *Literary Approaches to the Bible: An Annotated Bibliography*. West Cornwall, Conn. : Locust Hill. 1992.

Cf. BRODIE, Thomas L. *Genesis as Dialogue: A Literary, Historical, & Theological Commentary*. Oxford: Oxford UP, 2001. p. 32.



<b>A</b>	Nóe e seus filhos Sem, Cão e Jafé (6:9-10)
<b>B</b>	Promessa de inundar e estabelecer pacto. (12-18)
<b>C</b>	Preservação da vida e alimento para sustento. (19-22)
<b>D</b>	Comando para entrar na arca. ( 7:1-3)
<b>E</b>	7 dias esperando para a terra inundar. ( 4-10)
<b>F</b>	40 dias águas aumentam e a arca flutua. (11-17)
<b>G</b>	150 dias águas prevalecem. (18-24)
<b>CENTRO DEUS LEMBRA DE NOÉ (8:1)</b>	
<b>G'</b>	150 dias águas escoam (2-5)
<b>F'</b>	40 dias (fim das) águas cessam e arca repousa. (4-6)
<b>E'</b>	7 dias (períodos) esperando terra secar. (7-14)
<b>D'</b>	Comando para sair da arca. (15-22)
<b>C'</b>	Multiplicação da vida e comida para sustento. (9:1-7)
<b>B'</b>	Promessa de não inundar de novo e lembrar pacto.
<b>A'</b>	Noé e seus filhos Sem, Cão e Jafé. (18-19)

Figura 6 - Quiasma do dilúvio. Adaptado de WENHAM, Gordon J. *Word Biblical Commentary*. Waco, TX: Word, 1987.

No entanto, outros autores questionam a teoria das fontes, apontando inconsistências e estruturas redacionais somente possíveis a partir de uma obra escrita como um todo<sup>232</sup>. Gary Rendsburg, por exemplo, identifica diversas narrativas quiásmicas no Gênesis (o ciclo de Jacó, o ciclo de Abraão, a história de José), e uma estrutura redacional especial na proto-história de Gn 1-11 (que não seria exatamente um quiasma), relacionando os eventos da criação com o dilúvio.

A Criação, Palavra de Deus para Adão (1:1–3:24)  
 B Filhos de Adão (4:1–16)  
 C Desenvolvimento tecnológico da humanidade (4:17–26)  
 D Dez gerações de Adão a Noé (5:1–32)  
 E Ruína: Os Nefilins (6:1–8)

A' Dilúvio, Palavra de Deus a Noé (6:9–9:17)  
 B' Filhos de Noé (9:18–29)  
 C' Desenvolvimento étnico da humanidade (10:1–32)  
 E' Ruína: Torre de Babel (11:1–9)  
 D' Dez gerações de Noé a Terá (11:10–26)<sup>233</sup>

<sup>232</sup> BRODIE, 2001, p. 32. novamente elenca diversos autores que questionam e até abandonam a teoria das fontes, considerando o Gênesis uma unidade. Dentre eles, cita: BAKER, D. W. Diversity and Unity in the Literary Structure of Genesis. In: *Essays on the Patriarchal Narratives*, ed. MILLARD, A. R.; WISEMAN, D. J. Winona Lake, Ind.: Eisenbrauns, 1980. p. 197–215. CASSUTO, Umberto. The Story of Tamar and Judah. *Biblical and Oriental Studies*. Vol I: The Bible. Jerusalem: Magnes, 1973. (Hebr. 1929) p. 29-40. DAHLBERG, Bruce T. *On Recognizing the Unity of Genesis*. Th. Dig 24, p. 360-367.1976.

<sup>233</sup> RENDBURG, 1986, p.8. Note que há uma “troca de ordem” na parte complementar da estrutura entre D' e E'. Rendsburg ressalta que o redator sacrificou a perfeição da estrutura para deixar a transição mais suave de Terá a Abraão, cuja história segue no cap. 12. Cf. RENDBURG, 1986, p. 22.

Enfim, a teologia e as ciências humanas são sobretudo profícuas em análises textuais, teológicas, linguísticas<sup>234</sup> e históricas das narrativas do Gênesis, e o consenso de que elas não configuram (e nem pretendem configurar) historicidade científica é absolutamente indiscutível, a despeito da insistência fundamentalista de considerá-los como tal. Qualquer que seja a resposta para a questão das fontes, não pareceu ser problemático para o redator do Gênesis o fato de haverem duas histórias “contradizentes” sobre a criação, o que já mostra em primeira-mão que elas não devem ser lidas de forma literal, como relatos factuais e históricos, mas talvez sim como expressões de louvor (litúrgica ou talvez até musical no caso do Gn 1) e de fé em um Deus criador. Os relatos míticos são abundantes, mostrando-nos que os textos de Gênesis 1-11 tratam de coisas profunda e universalmente humanas, talvez muito mais importantes para o nosso “ser-na-terra” do que a historicidade científica de como o universo começou a existir. Como informa-nos Brakemeier:

Certamente não se exclui a possibilidade de que os primeiros capítulos do livro de Gênesis oferecem noções de “ciência antiga”. No entanto, o propósito é outro. Os autores não estão interessados em informar sobre pormenores técnicos da gênese dos “céus e terra”, mas em reivindicar como obra de Deus tudo o que existe. Não explicam, mas qualificam. A fé estaria errando se quisesse oferecer explicações cosmológicas em concorrência com a pesquisa científica.<sup>235</sup>

## 2.6. A cosmologia hebraica

Deslocando nossa atenção para o universo físico descrito no relato da criação, vemos que o mito hebreu apresenta uma descrição do cosmos entendida exatamente como os outros povos do Oriente Próximo antigo o entendiam. É o “estado-da-arte” da ciência antiga. Outros relatos da criação, além do *Enuma Elish*, evidenciam um universo com a mesma estrutura<sup>236</sup> que veremos aqui. Vamos atentar para esta concepção a partir dos primeiros 19 versos de Gênesis 1.

<sup>234</sup> Nas pesquisas, deparei-me inclusive com uma profunda análise linguística sob a perspectiva da semiótica estrutural greimasiana do texto de Gn 1 – 2:4a. Ver KIRCHOF, Edgar R. *As Verdades da criação* – Uma abordagem estrutural de Gn 1-2,4a. São Leopoldo: Ed. Unisinos – Série Acadêmica, 1999.

<sup>235</sup> BRAKEMEIER, 2006, p. 47.

<sup>236</sup> O antigo Egito tem diversos mitos de criação. Os personagens/deuses mudam, mas a noção básica de universo é sempre a mesma, com o firmamento, águas de cima e de baixo, etc. Para isso, ver ALLEN, James P. *Genesis in Egypt: The Philosophy of Ancient Egyptian Creation Accounts*. New Haven, CT: Yale Egyptological Seminar, Dept. of Near Eastern Languages and Civilizations, Graduate School, Yale University, 1988.

<sup>1</sup>No princípio, Deus criou o céu e a terra.<sup>2</sup>Ora, a terra estava vazia e vaga, as trevas cobriam o abismo, e um vento de Deus pairava sobre as águas.  
<sup>3</sup>Deus disse: "Haja luz" e houve luz. <sup>4</sup>Deus viu que a luz era boa, e Deus separou a luz e as trevas. <sup>5</sup>Deus chamou à luz "dia" e às trevas "noite". Houve uma tarde e uma manhã: primeiro dia. <sup>6</sup>Deus disse: "Haja um firmamento no meio das águas e que ele separe as águas das águas", e assim se fez. <sup>7</sup>Deus fez o firmamento, que separou as águas que estão sob o firmamento das águas que estão acima do firmamento, <sup>8</sup>e Deus chamou ao firmamento "céu". Houve uma tarde e uma manhã: segundo dia. <sup>9</sup>Deus disse: "Que as águas que estão sob o céu se reúnam numa só massa e que apareça o continente" e assim se fez. <sup>10</sup>Deus chamou ao continente "terra" e à massa das águas "mares", e Deus viu que isso era bom. <sup>11</sup>Deus disse: "Que a terra verdeje de verdura: ervas que dêem semente e árvores frutíferas que dêem sobre a terra, segundo sua espécie, frutos contendo sua semente" e assim se fez. <sup>12</sup>A terra produziu verdura: ervas que dão semente segundo sua espécie, árvores que dão, segundo sua espécie, frutos contendo sua semente, e Deus viu que isso era bom. <sup>13</sup>Houve uma tarde e uma manhã: terceiro dia. <sup>14</sup>Deus disse: "Que haja luzeiros no firmamento do céu para separar o dia e a noite; que eles sirvam de sinais, tanto para as festas quanto para os dias e os anos; <sup>15</sup>que sejam luzeiros no firmamento do céu para iluminar a terra" e assim se fez. <sup>16</sup>Deus fez os dois luzeiros maiores: o grande luzeiro para governar o dia e o pequeno luzeiro para governar a noite, e as estrelas. <sup>17</sup>Deus os colocou no firmamento do céu para iluminar a terra, <sup>18</sup>para governarem o dia e a noite, para separarem a luz e as trevas, e Deus viu que isso era bom. <sup>19</sup>Houve uma tarde e uma manhã: quarto dia.<sup>237</sup>

Esta representação do universo é amplamente conhecida pela literatura do Antigo Oriente, e é comumente referida pelos estudiosos como "universo tripartido" ("*3-tier universe*", ou "*3-story universe*" na língua inglesa). O universo teria três "reinos" ou "domínios": Céu, Terra e Mundo dos Mortos (Sheol ou Hades). Abaixo, uma representação gráfica de como o cosmos era entendido a partir deste modelo. (Ver Fig.7. Outra representação de cunho mais artístico no ANEXO 1.)

---

<sup>237</sup> Tradução da BÍBLIA de Jerusalém, 2000.

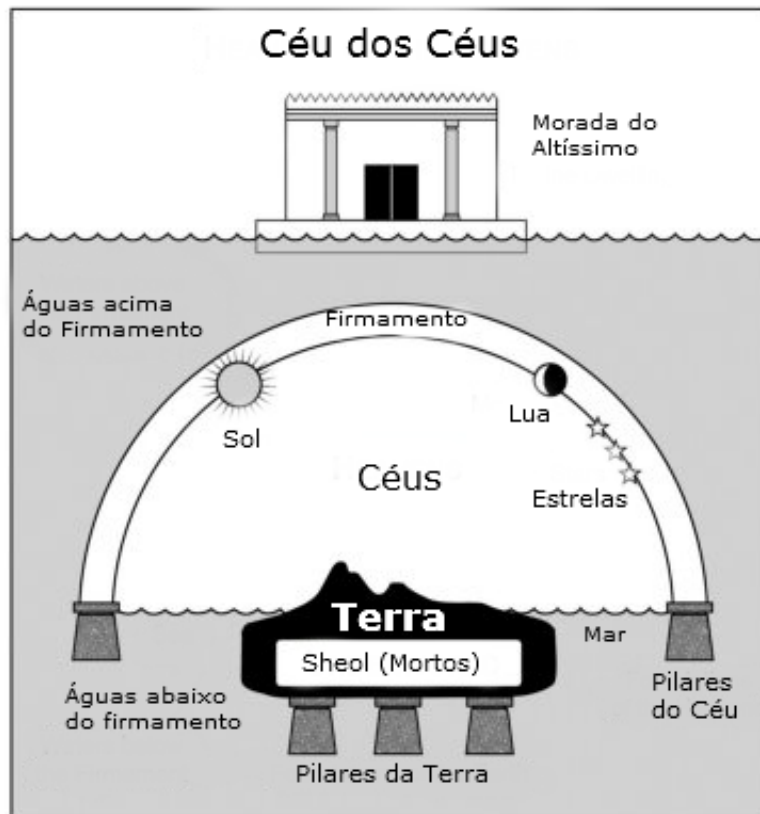


Figura 7 - Universo Tri-Partido, conforme entendimento do povo hebreu. (Desenho de Kenneth Kully) Cf. Lamoureux, 2009, p. 47.

Nesta figura, podemos ver claramente os elementos que compõem a visão bíblica do universo, comum aos povos do Antigo Oriente. Antes de analisar alguns aspectos é importante salientar o seguinte: esta descrição do mundo e do cosmos é perfeitamente consonante com uma observação direta da realidade, conforme a perspectiva do observador. Numa sociedade pré-científica, sem os equipamentos e treinamento advindos da ciência, a descrição do cosmos a seguir é, na verdade, uma descrição muito plausível da realidade, conforme os olhos de quem observa. É o “estado-da-arte” da “ciência” da época. Esta descrição do mundo e dos fenômenos é conhecida como “perspectiva fenomenológica”, ou “linguagem fenomenológica”, e foi assim que os autores bíblicos escreveram sobre a natureza. Por exemplo: O sol se move no céu, e não a terra. (ver Ec 1:5, Sl 19:6, Js 10:13) Esta concepção perdurou nas sociedades humanas até o séc. XVII, e foi, na realidade, a base de todo problema de Galileu com a Igreja.

Vamos analisar, então, algumas dessas concepções antigas sobre o cosmos e a Terra:

1. Embora não declarando explicitamente, a Bíblia entende a Terra como plana. A palavra “terra” aparece mais de 2500 vezes no Antigo Testamento (Hebraico: 'eres) e 250 vezes no Novo (Grego: ge). Nunca é sugerida ideia de esfericidade. Nos textos que afirmam Deus como Criador (Sl 95:3-6, Sl 104:1-24, Sl 33:6-8, Jó 26:7-13, por exemplo), seria perfeitamente normal comparar a terra a uma esfera, bola, ou até mesmo a uma fruta, mas isso nunca acontece. Ao contrário, o universo na Bíblia é comparado a uma tenda, com a Terra como seu chão. (Sl 19:4, 104:2 e Is 40:22<sup>238</sup>). Jesus, ao ser tentado por Satanás, também sobe no alto de uma montanha e de lá avista todos os reinos do mundo (algo só possível teoricamente com uma Terra plana).

2. A Terra é circular, e é circundada por um mar. Pr 8:22-31 e Jó 26:7-14 descrevem a criação do mundo, aquele afirmando que Deus “traçava um círculo sobre a face do abismo”(v. 27); e este dizendo claramente “Marcou um limite circular sobre a superfície das águas, onde a luz e as trevas se confinam.”(v.10)<sup>239</sup> E o já mencionado texto de Is 40:22 também declara uma Terra circular. “É ele o que está assentado sobre o círculo da terra, cujos moradores são para ele como gafanhotos; é ele o que estende os céus como cortina, e o desenrola como tenda para nela habitar.”

Esta concepção da Terra plana, circular e circundada por um mar também circular é confirmada pelo célebre “Mapa-mundi Babilônico”, que data de aproximadamente 500 a.C., encontrado no séc. XIX na região sul do atual Iraque. (Fig. 8)

---

<sup>238</sup> Este verso de Isaías é interessante, pois é frequentemente usado para justificar supostas antecipações científicas da Bíblia, pois afirma que “[Deus] está entronizado sobre o círculo da terra...” o que indicaria uma terra redonda. No entanto, basta ler o resto do verso para vermos que, ao contrário, a Terra, vista de cima (onde Deus estaria sentado), é como um disco, com o firmamento se estendendo como um lençol: “... cujos habitantes são como gafanhotos; ele estende os céus como uma tela, abre-os como uma tenda que sirva de habitação.”(Isaías 40:22 – trad. Bíblia de Jerusalém)

<sup>239</sup> Pr 8:27 e Jó 26:10 segundo Tradução Almeida Revisada da Imprensa Bíblica.

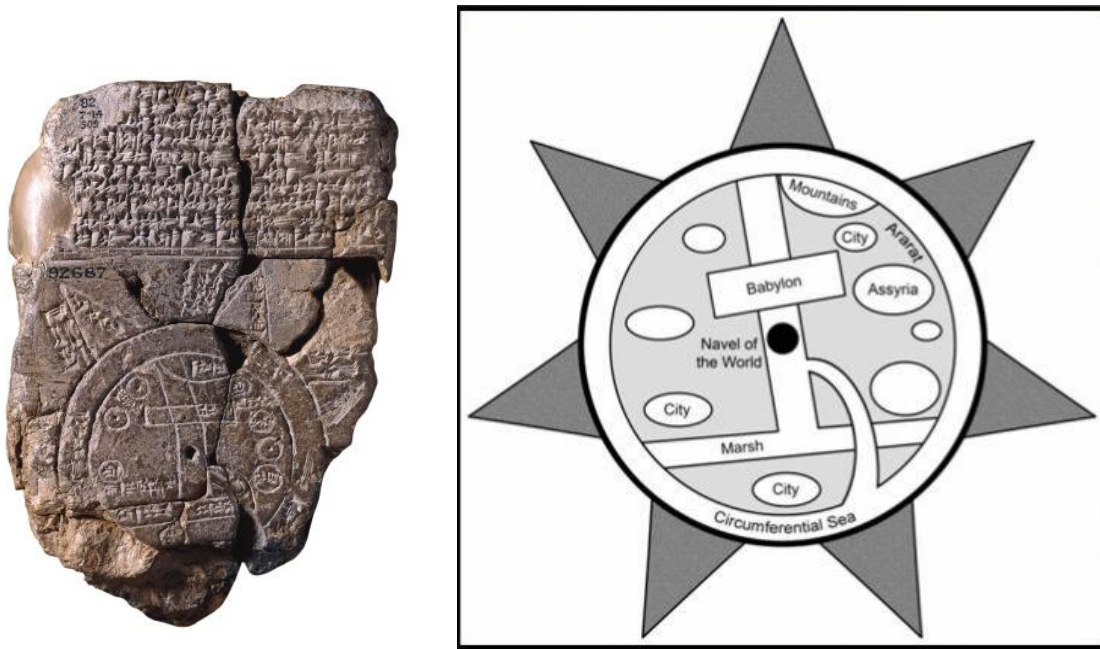


Figura 8 - Mapa-Mundi Babilônico (circa 500 a.C.), mostrando o mar que circunda o mundo então conhecido. Cf. Lamoureux, 2006, p.53

Este incrível mapa mostra claramente, dentre outras coisas interessantíssimas, o mar circundando todo o mundo conhecido (mostrado no mapa como “*Circumferential Sea*”). Um detalhe importante é que esta era exatamente a perspectiva geográfica de quem habitava aquela região. Para praticamente qualquer lado que se viajava, encontrava-se água. Veja a figura 9.

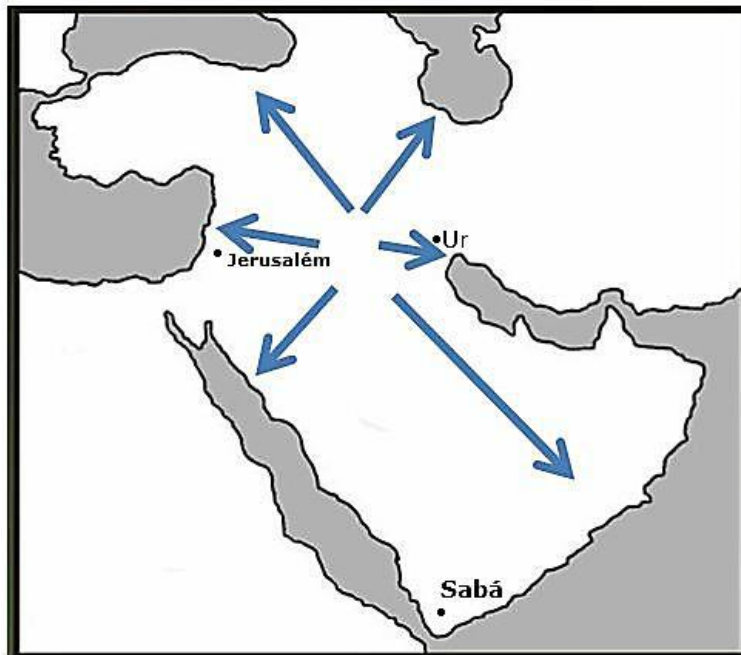


Figura 9 - Representação da região Oriente Próximo, evidenciando os corpos d'água que circundam a região, e mostrando as localizações aproximadas de Jerusalém, Sabá e Ur, conforme pesquisas arqueológicas. (Cf. Lamoureux, 2006, p 52.)

Por causa disso é que a Escritura frequentemente se refere à expressão “confins da terra”, pois na concepção do mundo antigo, cidades litorâneas ficavam próximas do “fim da terra”. Isaías 41:8-9 afirma que Deus chamou Abraão dos confins da terra, quando habitava em Ur dos Caldeus. E o próprio Jesus fala da Rainha de Sabá (Rainha do Sul), que também veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão. (Mt 12:42)

3. A Terra é imóvel. A Bíblia registra três vezes que "o mundo se acha firmado, de modo que se não pode abalar" (1 Cr 16:30, Sl 93:1, Sl 96:10). A estabilidade da Terra é entendida como a de um prédio, firmado em sólidas fundações, que é exatamente como os autores registram quando falam das “fundações (fundamentos) da terra” - Jó 38:4-6, Pr 8:29, Jr 31:37. Por exemplo: "Lançaste os fundamentos da terra, para que ela não fosse abalada em tempo algum." (Sl 104:5)

4. Uma sólida estrutura circular, uma abóbada, domo ou cúpula – chamada na Vulgata de *firmamentum*, por isso o português firmamento – segurava um corpo d’água acima da terra. O Salmo 148:4 não deixa dúvidas: “Louvai-o, céus dos céus, e as águas que estão sobre os céus!”.

Criado no Segundo dia da criação, o firmamento separava, conforme explicitamente afirma o texto bíblico em Gn 1:6-8, as “águas de cima” das “águas de baixo” (ver figura 7.) Biblicamente, não há como negar a compreensão de clara existência desta estrutura, e talvez esta seja a maior dificuldade da argumentação criacionista, que continua a procurar diferentes interpretações para esta estrutura tão claramente descrita na Bíblia. Conforme já brevemente abordamos, a palavra firmamento é a hebraica *rāqîa’* [רקיע] derivada do verbo *rāqa’* [רקע] que é usada em dois contextos apenas na Bíblia:

1) Aplainando metais, batendo-os como que com um martelo para formar finas folhas (lâminas) de metal, conforme Êx 39:3: “Bateram (*rāqa’*) o ouro em lâminas delgadas, as quais cortaram em fios...”

2) Contexto de criação do céu, conforme Jó 37:18: “Acaso podes, como ele, estender (*rāqa’*) o firmamento, que é sólido como um espelho de bronze fundido?”<sup>240</sup>

Há mais um texto que usa um substantivo - “*riqqua*” [רקיע] – derivado de *rāqa’*, que também dá a ideia de “laminar”, aplainar: “Os incensários daqueles que

<sup>240</sup> A língua inglesa traduz como “spread out”, “beaten out”, ou “hammered out”.

pecaram contra as suas almas; deles se façam chapas (riqqua), de obra batida, para cobertura do altar.” (Nm 16:38).

Estes textos deixam claro pelo uso que sim, o firmamento era entendido como uma estrutura sólida que Deus havia “espalhado como quem espalha um metal, batendo, abrindo, formando uma gigantesca chapa como de metal”, exatamente como aparenta ser aos olhos do observador.<sup>241</sup>

Dessa cúpula ou abóbada, a chuva – obviamente, já que há um oceano de água acima do firmamento - caía pelas janelas do céu, como mostram Gn 7:1 (“e as janelas dos céus se abriram...”) e 8:2. É importante lembrar que esta noção de um oceano acima da abóbada celeste é extremamente lógica numa sociedade que não dispunha das ferramentas da ciência moderna. Ela é consoante com a simples observação, pois a água dos oceanos terrestres parece azul, assim como o céu, portanto, nada mais natural que haver um oceano acima de uma estrutura rígida, ainda mais porque de vez em quando a água deste oceano cai aqui para baixo.

Há ainda outras concepções do mundo antigo bastante claras na Escritura, como os “pilares do céu”. Dennis Lamoureux nota:

Estar ciente do significado do termo firmamento lança luz sobre passagens bíblicas que se referem a "os fundamentos / pilares dos céus" (Jó 26:11, 2 Sm 22:8) e "as extremidades dos céus" (Dt 4:32, Is 13:05; Sl 19:6, Mt 24:31). Estas são noções razoáveis a partir de um ponto de vista fenomenológico antigo. Aos olhos dos povos antigos, o firmamento não se move. Assim, ele deve ter sido colocado em algo sólido e imóvel, como os pilares ou fundações estabelecidos por antigos construtores. O impacto visual do horizonte também levou à conclusão lógica de que a abóbada celeste tinha extremidades.<sup>242</sup>

Outra noção interessante sobre a cosmologia antiga é que o céu – “lugar de habitação celestial do Altíssimo” – era entendido como um lugar físico, e ficava descansado por sobre o “o oceano celestial” – as águas de cima: “Tu que te cobres de luz como de um manto, que estendes os céus como uma cortina. És tu que pões nas águas os vigamentos da tua morada...” Sl 104:2-3, cf. 148:4.

<sup>241</sup> Cf. MARTIN, Gary. *Raqi'a: Form and Function of the "Firmament" as a Celestial ĩmes/lĩmen in Israelite Cosmology*. Graduate Seminar Paper for Religion 502: Ancient Near Eastern Religion. University of Washington, 2003, p.15.

Disponível em: <<http://faculty.washington.edu/garmar/Raqia.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

<sup>242</sup> Orig.: “*Being aware of the meaning of the term firmament sheds light on biblical passages that refer to “the foundations/pillars of the heavens” (Job 26:11; 2 Sam 22:8) and “the ends of the heavens” (Deut 4:32; Isa 13:5; Ps 19:6; Matt 24:31). These are reasonable notions from an ancient phenomenological view point. In the eyes of ancient peoples, the firmament did not move. Thus, it must have been placed on something solid and immovable, like the pillars or foundations set down by ancient builders. The visual impact of the horizon also led to the logical conclusion that the dome of heaven had ends[...].*” LAMOUREUX, 2009, p. 58.



Da mesma forma o mundo dos mortos – Sheol (usada 65 vezes no AT) ou o Hades (25 vezes no NT) – era entendido como lugar físico e real, e não como “outra dimensão”, como normalmente se faz hoje. Vejamos Nm 16:31-33:

E aconteceu que, acabando ele de falar todas estas palavras, a terra que estava debaixo deles se fendeu; e a terra abriu a boca e os tragou com as suas famílias, [...] Assim eles e tudo o que era seu desceram vivos ao Sheol; e a terra os cobriu, e pereceram do meio da congregação.

## 2.7. O concordismo científico em Gênesis

Poderíamos continuar, apontando muitas mais noções cosmológicas antigas que a Bíblia nos revela, em paralelo com outros textos do Antigo Oriente. A questão que se coloca agora, com relação à correta interpretação do Gênesis é a seguinte: se “os céus” e a terra não se configuram em realidade da maneira apresentada pelo relato de Gênesis 1 – não há firmamento, não há corpo d’água acima do céu, não há corpos celestes presos a um firmamento, não há pilares da terra - o relato de sua criação não pode ser entendido literalmente como descrição de eventos reais que os criaram.

Tal conclusão pode trazer enorme desconforto para o cristão piedoso, principalmente, arrisco dizer, para aqueles com origem em igrejas de cunho evangelical, muito expostas à interpretação criacionista. Para este grupo – no qual me incluo pela minha origem – acostumou-se entender que se a Bíblia é realmente “Palavra de Deus”, ela teria a obrigação de ser “inerrante”, inclusive no que tange a uma descrição física da realidade, ou seja, ela precisa “concordar” com a realidade conforme compreendida pela ciência do Séc. XXI. Tal compreensão pode ser chamada de “concordismo científico” da Bíblia. Se a descrição bíblica da realidade não concorda com a ciência, obviamente é a ciência que deve estar errada, já que “Deus não pode mentir”, e a Bíblia é a “Palavra de Deus”<sup>243</sup>. Essa é a opinião dos discípulos de Henry Morris, como Ken Ham, do *Answers in Genesis*:

Mas se a Bíblia não pode ser confiável em geologia, astronomia e biologia, então como ele pode ser confiável sobre moralidade e salvação? [...] Se a

<sup>243</sup> Vê-se que o entendimento de “inspiração” pela parcela fundamentalista cristã é uma inspiração verbal e direta – praticamente Deus ditando as exatas palavras que o autor deveria escrever. Embora os autores fundamentalistas admitam que a cultura e personalidade do autor são expressos no texto, na prática não é admitido que a cultura pode influenciar a concepção de mundo físico dos autores, e que esta concepção não corresponda com a realidade observada hoje.

Bíblia erra na ciência, como podemos insistir que é a infalível Palavra de Deus, que deve ser obedecida? <sup>244</sup>

No entanto, como acabamos de ver, o concordismo científico inevitavelmente falha. Se ele falha para os dias 2 e 4 (criação do firmamento e dos astros), também falha para os outros dias, em que são criados os seres vivos. Alguns grupos criacionistas concordariam com a afirmação de que o cosmos apresentado em Gênesis é realmente uma visão antiga do Universo, e não teriam problema em abandoná-la. No entanto, nenhum grupo criacionista abandona a noção também antiga de como foram criados os seres vivos e o homem.<sup>245</sup> Sugerir que o concordismo falha só para as estruturas inanimadas e não para as vivas destrói a estrutura dos atos criativos entretecidos entre estes elementos, que são o cerne do Gênesis 1. Lamoureux esclarece.

A visão das origens encontrada neste relato da criação é baseada numa perspectiva fenomenológica antiga do mundo físico. Nos olhos dos povos antigos, o universo era uma estrutura tri-partida estática. [...] De sua perspectiva, os organismos vivos também pareciam estáticos, porque eles nunca viram animais, plantas ou pessoas se transformarem em outras formas de vida. Em sua tentativa de explicar o mundo, os antigos logicamente conceberam um mundo que foi criado rapidamente e totalmente formado.<sup>246</sup>

Segue-se disso que o relato não deve ser entendido como uma descrição científica moderna de como o cosmos foi criado. Ele é sim um relato poético, mítico e teológico, permeado por “ciência antiga”, destinado a revelar, assim cremos, verdades muito mais profundas e importantes, como veremos a seguir.

Os significados de um poema vão muito além do texto literal e incluem sutilezas contidas nas palavras e mesmo na forma. Foi o que Maimônides ensinou com relação a Provérbios 25:11 – “Como maçãs de ouro em salvas de prata, assim é a palavra dita a seu tempo.” O vaso (salva) de prata – o

<sup>244</sup> Orig.: “*But if the Bible can't be trusted in geology, astronomy and biology—then how can it be trusted in morality and salvation? [...] If the Bible gets it wrong in science, how can we insist it is the infallible Word of God which must be obeyed?*” HAM, Ken. *Bruce Willis and The Gallup Poll: An Alarming Trend*. [S.l.]: Answers in Genesis. Answers in Genesis Website. 6 apr. 2000. Disponível em <<http://www.answersingenesis.org/articles/2000/04/06/bruce-willis-gallup-poll>>. Acesso em: 25 dez. 2013

<sup>245</sup> Os CTA, como vimos anteriormente, aceitam a ação de Deus indireta para criar o Universo, ou seja, aceitam as descobertas científicas que descrevem o Big Bang, a evolução das galáxias, etc. Porém, não aceitam o mesmo princípio para o universo vivo, rejeitando as teorias científicas que descrevem o surgimento dos seres vivos, a saber, a evolução biológica. Por que Deus poderia usar processos naturais para criar parte da criação, e não poderia usar os mesmos processos naturais para criar outra parte?

<sup>246</sup> Orig.: “*The view of origins found in this creation account is based on a phenomenological perspective of the physical world. In the eyes of ancient people, the universe was a static 3-tier structure. (...) From their viewpoint, living organisms also appeared to be static, because they never saw plants, animals or humans change into other forms of life. In attempting to understand the origin of the world, the ancients logically conceived that it was created rapidly and fully formed.*” LAMOUREUX, 2006, p.75.

sentido literal do texto – é lindo e valioso, mas as maçãs de ouro nele contidas, isto é, os significados internos do texto, são ainda *mais* lindas e valiosas.<sup>247</sup>

Mas como articular, então, os “significados internos” do texto – as maçãs de ouro, contidas nas “salvas de prata”? A teologia já há muito tempo nos fornece essa resposta.

## 2.8. O princípio da acomodação

Desde Orígenes (182-254 d.C.), a teologia cristã já vem interpretando textos bíblicos de forma metafórica e não-literal.

A quem, pergunto, que tenha senso, parecerá ser dito coerentemente que o primeiro, o segundo e o terceiro dia, nos quais se nomeiam tardes e manhãs, foram sem Sol, sem Lua e sem estrelas, e o primeiro dia sem céu? Quem será encontrado tão idiota que julgue que Deus, como um homem qualquer do campo, tenha plantado árvores no paraíso, no Éden voltadas para o Oriente, e nele tenha plantado a árvore da vida, isto é, uma árvore visível e palpável, e de tal maneira que alguém comendo desta árvore com seus dentes corporais alcançasse a vida e, comendo de outra árvore, obtivesse a ciência do bem e do mal? Quando se diz que Deus caminhava no paraíso após o meio dia, e que Adão se escondia debaixo da árvore, não tenho dúvida de que com isto a Escritura profere uma expressão figurativa, na qual se indicam certos mistérios. [...] Será muito fácil, para quem o quiser, reunir das santas Escrituras muitas coisas que, apesar de terem sido escritas como fatos, não podem ser cridas competente e razoavelmente que se tenham realizado segundo a história. [...] e poderá notar que nestas narrativas que parecem enunciadas segundo a letra, há inseridas e simultaneamente tecidas coisas que a história não recebe, mas que, todavia, possuem uma inteligência espiritual.<sup>248</sup>

Orígenes já faz aqui uma clara distinção entre “mensagem espiritual” e coisas enunciadas “segundo a letra”. Em cima disso, Lamoureux reflete sobre as passagens bíblicas que parecem nos falar sobre conceitos do mundo físico, apresentando-nos um princípio hermenêutico que se propõe a resolver as questões do concordismo científico que assolam a mente de cristãos expostos às doutrinas de inerrância bíblica típicas do criacionismo. É o “princípio mensagem-incidente”:

[...] passagens nas Escrituras que lidam com o mundo físico apresentam uma *Mensagem de Fé* e uma *ciência incidental antiga*. Conforme este princípio interpretativo, a inerrância bíblica está na Teologia Divina, e não nas declarações que faz sobre a natureza. A qualificação de ciência antiga como “incidental” não significa que ela não é importante. A ciência nas Escrituras é vital para transportar as verdades espirituais. Ele

<sup>247</sup> SCHROEDER, G. L. *O Gênesis e o Big Bang*. Tradução de Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Cultrix, 1997. p. 34.

<sup>248</sup> Orígenes, *De Principiis*, Livro IV. Parte 3.16. Disponível em: <[http://sumateologica.files.wordpress.com/2010/02/origenes\\_de\\_principiis\\_livroiv.pdf](http://sumateologica.files.wordpress.com/2010/02/origenes_de_principiis_livroiv.pdf)>. Acesso em: 26 dez. 2013.

atua como um copo ou recipiente que oferece "águas vivas" (João 4:10). No entanto, a palavra *incidental* carrega o significado de "aquilo que está ao lado" e "acontecendo em conexão com algo mais importante." Em outras palavras, a ciência antiga na Escritura está "ao lado" do "mais importante": a Mensagem de Fé.<sup>249</sup> (grifos originais)

O autor canadense nos apresenta um diagrama de seu princípio hermenêutico, muito útil para os debates sobre este tema quando a questão da inerrância<sup>250</sup> das Escrituras entra em cena:

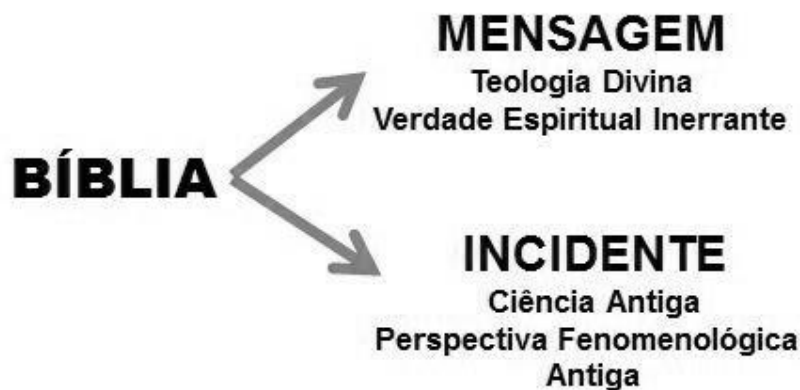


Figura 10 - Princípio "Mensagem-Incidente" (Message-Incident Principle). Cf. Lamoureux, 2009, p.45.

<sup>249</sup> Orig.: [...] "passages in Scripture that deal with the physical world feature both a Message of Faith and an incidental ancient science. According to this interpretive principle, biblical inerrancy rests in Divine Theology, and not in statements referring to nature. Qualifying ancient science as "incidental" does not mean it is unimportant. The science in Scripture is vital for transporting the spiritual truths. It acts as a cup or vessel that delivers "living waters" (John 4:10). However, the word incidental carries meanings of "that which happens to be alongside" and "happening in connection with something more important." In other words, the ancient science in Scripture is "alongside" the "more important" Message of Faith." LAMOUREUX, 2009, p. 45.

<sup>250</sup> A inerrância é um princípio bíblico extremamente precioso para o evangelicalismo contemporâneo. De forma geral, esta doutrina sustenta que a Bíblia, em seus manuscritos originais, está isenta de erros de qualquer espécie. Nas palavras da Declaração de Chicago sobre Inerrância Bíblica, de 1978, (a qual contou com mais de 200 assinaturas de famosos líderes do evangelicalismo contemporâneo): "Tendo sido na sua totalidade e verbalmente dadas por Deus, as Escrituras não possuem erro ou falha em tudo o que ensinam, quer naquilo que afirmam a respeito dos atos de Deus na criação e dos acontecimentos da história mundial, quer na sua própria origem literária sob a direção de Deus, quer no testemunho que dão sobre a graça salvadora de Deus na vida das pessoas". THE CHICAGO STATEMENT ON BIBLICAL INERRANCY. *International Council of Biblical Inerrancy*. Chicago: Dallas Theological Seminary, 1978.

Versão em Português disponível em:

<[http://www.monergismo.com/textos/credos/declaracao\\_chicago.htm](http://www.monergismo.com/textos/credos/declaracao_chicago.htm)>. Acesso em: 12 dez. 2013. Embora sendo de cunho fortemente fundamentalista, o documento faz concessões sobre linguagem fenomenológica e cultura dos autores, o que pode ser explorado sob o prisma da mensagem-incidente.

Ou seja, segundo o princípio de Lamoureux, a Bíblia traz uma mensagem de fé que contém teologia divina, com mensagens espirituais inerrantes, mas que por vezes encontra-se envolta por uma roupagem “incidental”, mediada pela cultura, linguagem e inclusive, noções científicas antigas, que, nesse caso, estão sob uma perspectiva fenomenológica.

[...] o propósito da Escritura não é para revelar a estrutura real dos céus. Em vez disso, ao afirmar que "O firmamento proclama a obra das mãos de Deus" no Salmo 19, o Santo Espírito emprega uma noção astronômica antiga como um vaso para revelar a inerrante verdade teológica de que os céus refletem um design inteligente e este aponta para o Criador.<sup>251</sup>

Dessa forma, numa perspectiva cristã bastante ortodoxa de inspiração, ao revelar ao povo hebreu que Deus criou o universo, o Espírito Santo (através dos autores bíblicos) teria “descido” ao nível do povo, acomodando essa mensagem de fé ao nível de conhecimento do povo, usando as noções científicas da época – o célebre “princípio da acomodação”, já discutido por Calvino:

O Espírito Santo não tinha a intenção de ensinar a astronomia, e, ao propor a instrução comum para as pessoas mais simples e sem instrução, fez uso por Moisés e outros profetas da linguagem popular, para que ninguém pudesse abrigar-se sob o pretexto de obscuridade, como vemos muito prontamente às vezes os homens fingindo uma incapacidade de entender, quando algo profundo ou recôndito é submetido ao seu conhecimento. Assim, como Saturno, embora maior que a lua, não o é para o olho devido a sua distância maior, o Espírito Santo prefere falar infantilmente a ser ininteligível para os humildes e ignorantes.<sup>252</sup>

Diversos autores<sup>253</sup> já apontaram que o princípio da acomodação é parte fundamental da teologia cristã, sendo uma realidade personificada na própria encarnação de Jesus Cristo,

o qual, subsistindo em forma de Deus, não considerou o ser igual a Deus coisa a que se devia aferrar, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz. (Filipenses 2:5-8).

<sup>251</sup> Orig.: [...] “the purpose of Scripture is not to reveal the actual structure of the heavens. Rather, by stating that “the firmament proclaims the work of God’s hands” in Ps 19, the Holy Spirit employs an ancient astronomical notion as a vessel to reveal the inerrant theological truth that the heavens reflect intelligent design and point to the Creator.” LAMOUREUX, 2009, p. 58.

<sup>252</sup> Orig.: “The Holy Spirit had no intention to teach astronomy; and, in proposing instruction meant to be common to the simplest and most uneducated persons, he made use by Moses and the other Prophets of popular language, that none might shelter himself under the pretext of obscurity, as we will see men sometimes very readily pretended an incapacity to understand, when anything deep or recondite is submitted to their notice. Accordingly, as Saturn though bigger than the moon is not so to the eye owing to his greater distance, the Holy Spirit would rather speak childishly than unintelligibly to the humble and unlearned.” CALVIN, John. *Commentary on the Book of Psalms*. Grand Rapids, MI: Eermans, 1949, vol.5, p. 184, Comentário do Salmo 136.

Disponível em <<http://www.ccel.org/ccel/calvin/calcom12.pdf>>. Acesso em: 17 dez. 2012.

<sup>253</sup> Para mais sobre o assunto, ver MCGRATH, Alistair. *Historical Theology: An Introduction to the History of Christian Thought*. Oxford: Blackwell Publishers, 1998. p. 208-209.

No que tange à ciência, o próprio Jesus usou o princípio da acomodação para melhor se comunicar com o povo de sua época. Vejamos por exemplo a passagem em que Cristo, ao ensinar sobre o Reino de Deus, afirma que ele “É como um grão de mostarda que, quando se semeia, é a menor de todas as sementes que há na terra.”(Mc 4.31). Sabemos hoje que a semente da mostarda não é a menor semente existente. Seria Jesus ignorante sobre sua própria criação? Estaria ele ou o Espírito Santo mentindo? Ou ele estaria usando o princípio da acomodação, para melhor comunicar uma verdade espiritual à sua audiência? Ficamos, pelo exposto até agora, com a segunda opção.

Da mesma forma, estaria o Espírito Santo usando o princípio da acomodação – ou seja, usando um contra-mito babilônico nacionalizado, permeado por uma “ciência antiga”, pré-copérnica, pré-darwiniana, como veículo para falar de verdades espirituais de fundamental importância para a vida humana? Certamente achamos esse ser o caso.

## **2.9. A mensagem do Gênesis**

Mas qual seria então a mensagem espiritual – ou as mensagens, contidas nos relatos da criação de Gênesis? Afortunadamente, cristãos ao longo do tempo têm sido capazes de compreender as profundas realidades espirituais e suas implicações reveladas naquilo que tem sido chamada de “doutrina da criação” – e a produção teológica nessa área é, por falta de palavra melhor – monumental. Obviamente, a exploração teológica da doutrina da criação está fora do escopo deste trabalho, mas não poderíamos ir adiante sem ao menos mencionar brevemente, além do que já trouxemos sobre o assunto a partir de Haroldo Reimer, uma pequena gota neste oceano teológico que se desenvolveu ao longo dos anos no que tange a interpretação teológica da criação.

Os diversos tratados teológicos, de Agostinho a Barth, passando por Aquino a Moltmann, a respeito da criação<sup>254</sup> frequentemente apontam, analisam e dissertam

---

<sup>254</sup> Emil Brunner, faz um amplo resumo da história da doutrina da criação no apêndice do Cap. 1 de BRUNNER, Emil. *The Christian Doctrine of Creation and Redemption*. Trans. Olive Wyon. Philadelphia: Westminster, 1952. p. 36-39.

profundamente sobre muitas verdades, algumas das quais foram resumidas aqui por Marcus Borg<sup>255</sup>:

1. *Deus como Criador*. Ele é a fonte de tudo que há. A Bíblia afirma que “no início, Deus criou”. Este “no início” tem sido interpretado pelo pensamento cristão, grosso modo, de duas maneiras complementares. A primeira vê temporalmente, isto é, “no início” como originação histórica. Em algum momento de um distante passado, no início do tempo, Deus criou a existência. A segunda visão entende o “no início” apontando para uma relação de *dependência ontológica*, ou seja, Deus é a fonte de tudo que *é em cada momento do tempo*. Sem ele, nada do que *é seria*, ou o que *é deixaria de ser*. Sem sua providência, não haveria mais existência. Deus aqui é Criador e sustentador da criação. Essa noção de criação é compatível com qualquer teoria científica que exista ou venha a existir sobre o modo que Deus usou para criar, por isso frequentemente se afirma que o relato da criação foi preservado para ensinar-nos sobre “O quê”, “Quem” e “Por quê?” e não sobre o “Como”.

2. *O Relacionamento Deus-Mundo*: Normalmente entende-se esta relação também de dois modos, bastante explorados na dogmática cristã. O primeiro, segundo Borg, seria o modelo da “produção”, ou seja, Deus cria o Universo como um artista cria sua obra. Uma vez criada, ela é separada do próprio Deus, numa visão teísta sobrenatural – Deus como o totalmente outro. Já o outro modelo é chamado por Borg de modelo “emanacionista” ou “procriativo”. Segundo esse modelo, Deus traz à existência o universo de dentro do seu próprio ser; ele é de Deus e em Deus. No entanto, o universo não é Deus (panteísmo) pois Deus é maior que o universo. Nas palavras de Atos 17:28, “Pois nele vivemos, nos movemos e existimos”. Aqui se localiza a famosa discussão da imanência e transcendência de Deus, que é oportunamente trabalhada por Moltmann ao dissertar sobre “Criação no Espírito”:

De acordo com as tradições bíblicas, toda ação divina é pneumática em seu resultado. É sempre o Espírito que leva ao seu objetivo o agir do Pai e do Filho. Por isso, o Deus trino inspira ininterruptamente a sua criação. Tudo que é, existe e vive graças ao constante fluxo de energias e possibilidades do Espírito cósmico. [...] Através das energias e possibilidades do Espírito, o próprio Criador está presente na sua criação. Ele não está somente

---

<sup>255</sup> BORG, Marcus J. *Reading the Bible Again for the First Time: Taking the Bible Seriously but Not Literally*. San Francisco: HarperSanFrancisco, 2001. p. 38-46.

contraposto a ela de forma transcendente, mas entra nela e nela está de forma imanente.<sup>256</sup>

Assim, vemos que o Deus transcendente que cria o mundo, apresenta-se imanente, fazendo nele a sua morada (Jo 14:23), através da *Ruah* divina, derramada sobre toda a criação<sup>257</sup>.

Se desviais o rosto, eles se perturbam; se lhes retirais o sopro, expiram e voltam ao pó donde saíram. Se enviáveis, porém, o vosso sopro, eles revivem e renovais a face da terra. Salmos 104:29-30.

O Espírito derramado sobre todas as criaturas, segundo Susin, “in-habita’, é atmosfera e ar que entra até o fundo dos pulmões e faz palpitar o ritmo da vida”. Isso leva a um conhecimento que deveria ser transformador da relação do homem com o mundo, pois através do Espírito,

todas as criaturas comungam umas com as outras, [Ele é] elo e laço, união da biodiversidade do universo. Por isso o Espírito leva a criação não só a desabrochar, mas a amadurecer e chegar à plenitude dos desígnios divinos.<sup>258</sup>

Susin, a exemplo de Moltmann e outros, também enfatiza a importância deste reconhecimento trinitário na criação. A respeito do filho Criador, afirma Susin:

É o filho em pessoa, mais do que uma Lei impessoal ou um conjunto de normas, quem dá a forma, a estrutura, a substância e a medida de todas as criaturas. O Filho é a “Inteligência” e a “Palavra” criadora do Pai, expressão de seu desígnio, da sua decisão benevolente. Preexistente à criação (cf. Jo 1,1-5), é o “arquetipo”, o “modelo” no qual e para qual o Pai modela toda a criação. É a primícia e o primogênito de toda a criatura, desde antes da criação, e nele está a promessa da ressurreição e transfiguração plena, a glorificação do universo (cf. 1Cor 15:20-28).<sup>259</sup>

Em suma, Deus cria com a presença do Espírito e com a forma de sua Palavra. Por isso, os primeiros teólogos do cristianismo declaravam: “Criação do Pai, por meio do Filho no Espírito Santo.”<sup>260</sup>

3. *A Natureza da Realidade*: O refrão repetido múltiplas vezes em Gênesis 1 é central para a doutrina da criação: “E viu Deus que era bom”. Deus não somente cria como fruto de sua benevolência, mas considera tudo o que cria como bom, e a criação como um todo como “muito boa”. Walter Brueggemann, em seu comentário sobre o Gênesis, entende o “bom” de Deus primariamente como qualidade estética,

<sup>256</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *Deus Na Criação: Doutrina Ecológica Da Criação*. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 28-29.

<sup>257</sup> MOLTSMANN, 1993, p. 28-30.

<sup>258</sup> SUSIN, Luiz Carlos. *A Criação de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 39.

<sup>259</sup> SUSIN, 2003, p. 38.

<sup>260</sup> SUSIN, 2003, p. 84, e também MOLTSMANN, 1993, p. 149.



e não necessariamente moral, e sugere que poderia ser traduzido como “adorável, agradável, bonito”.<sup>261</sup> Alguns autores apontam uma relação aqui com a chamada “teologia do abençoar” divino, em que o Sábado, não apenas representa a passagem do tempo, mas sim o deleite e satisfação de Deus naquilo que criou. Tal entendimento não faz jus à velha tradição cristã popular de considerar elementos da criação (o corpo, por exemplo), como intrinsecamente maus, bem como ao pensamento de Marcião e dos gnósticos de que este mundo não pode ser obra de Deus por causa da maldade<sup>262</sup>. *Esse qua esse bonum est* - Tudo que é, é bom pelo seu próprio ser.

4. *Natureza humana*: As histórias da criação em Gênesis afirmam, segundo Borg, ao menos duas coisas a respeito do homem: somos a “coroa” da criação, feitos a imagem de Deus, e a nós foi dado “domínio” sobre a terra e outras criaturas, e ao mesmo tempo somos “feitos do pó” (e ao pó voltaremos). Uma infinidade de escritos já se dedicaram a analisar o significado dessas afirmações, principalmente a de que a humanidade carrega a “*Imago Dei*”. Não cabe aqui fazer uma análise das diferentes concepções ao longo da história do que significaria esta noção, mas gostaria apenas de mencionar como Brueggemann a entende, por ser uma noção que não vejo ser muito comum em determinados círculos. Segundo este autor, a afirmação sobre a imagem de Deus (vv. 26-27) precisa ser entendida em justaposição à resistência de Israel a qualquer “imagem” - representação de Deus (cf. Ex 20:4; Dt 5:8). Deus não poderia ser visto como imagem de nada (cf. Dt 4:15-18, no qual imagem é relacionada com a criação). No entanto, em meio a tentação idólatra da babilônia de associar imagens a divindades,

o texto faz uma surpreendente contra-afirmação. Há uma maneira sim em que Deus é representado [“imaginado”] no mundo, e apenas uma: humanidade. Esta é a única criatura, a única parte da criação que nos revela algo sobre a realidade de Deus. [...] Deus é conhecido através desta criatura que existe no domínio da história livre, onde poder é recebido, decisões são feitas e compromissos são honrados. Deus não é representado por nada fixo, mas na liberdade da pessoa humana para ser fiel e graciosa. O contraste entre imagens fixas que são proibidas e imagem

<sup>261</sup> Orig.: “*lovely, pleasing, beautiful.*” BRUEGGEMANN, Walter. *Genesis: A Bible Commentary for Teaching and Preaching*. Atlanta: John Knox, 1982. p. 37.

<sup>262</sup> BRUNNER, 1952, p. 17.

humana que é afirmada é uma proclamação impressionante sobre Deus e sobre a humanidade.<sup>263</sup>

Mas no que consistiria então, a essência e a intenção do autor, em afirmar que seres humanos são feitos “à imagem e semelhança de Deus”? Ainda segundo Brueggemann,

é agora geralmente aceito que a imagem de Deus refletida na pessoa humana é como a de um rei que estabelece estátuas de si mesmo para declarar seu domínio onde o rei em pessoa não pode estar presente (embora há que se reconhecer a inadequação da analogia uma vez que tal escultura é “fixa”). A criatura humana atesta à divindade de Deus através da *liberdade com e autoridade sobre* todas as outras criaturas confiadas ao seu cuidado. A imagem de Deus na pessoa humana é um mandado de poder e de responsabilidade. Mas este poder deve que ser exercido conforme Deus exerce poder.<sup>264</sup>

Obviamente, como muitos já apontaram<sup>265</sup>, a má compreensão deste domínio (v.26), e do “sujeitai a terra” (v. 28) e seu entendimento como “subjugo” tem sido apontado como responsável pela atual crise ecológica (inclusive com sugestões de culpa<sup>266</sup> sobre as tradições judaico-cristãs, que, segundo os críticos, interpretou tais textos como exploração e abuso). Brakemeier nos lembra que tal compreensão só acontece quando o ser humano esquece que ele “é, ao mesmo tempo, parte da criação e gerente da mesma” e que o “imperativo de dominar a terra não pode ser secularizado, isto é, desvinculado da responsabilidade própria da criatura diante do Criador”.<sup>267</sup> O domínio (que no contexto da narrativa é atribuído apenas ao homem sobre os animais) e a sujeição da criação deve ser entendido como o de um pastor-rei (cf. Ez 34), que assegura o bem-estar de cada outra criatura, trazendo-as a

<sup>263</sup> Orig.: “our text makes a surprising counter-assertion. There is one way in which God is imaged in the world and only one: humanness! This is the only creature, the only part of creation, which discloses to us something about the reality of God. (...) God is known peculiarly through this creature who exists in the realm of free history, where power is received, decisions are made, and commitments are honored. God is not imaged in anything fixed but in the freedom of human persons to be faithful and gracious. The contrast between fixed images which are prohibited and human image which is affirmed represents a striking proclamation about God and about humanness.” BRUEGGEMANN, 1982, p.32-33.

<sup>264</sup> Orig.: *It is now generally agreed that the image of God reflected in human persons is after the manner of a king who establishes statues of himself to assert his sovereign rule where the king himself cannot be present. (We may draw on this analogy only while recognizing its inadequacy, such plastic or sculpture is “fixed.”) The human creature attests to the Godness of God by exercising freedom with and authority over all the other creatures entrusted to its care. The image of God in the human person is a mandate of power and responsibility. But it is power exercised as God exercises power.* BRUEGGEMANN, 1982, p. 33.

<sup>265</sup> Só para ficar com os que estamos citando nesta parte, SUSIN, 2003, p. 95-98, MOLTSMANN, 1993, p. 54, BRUEGGEMANN, 1982, p.32, BRUNNER, 1952, p. 66-68.

<sup>266</sup> Ver por exemplo um artigo na prestigiada Revista Science. WHITE, L. The Historical Roots of Our Ecologic Crisis. *Science* v.155 n. 3767, p. 1203-1207, 1967.

<sup>267</sup> BRAKEMEIER, Gottfried. *O Ser Humano Em Busca De Identidade: Contribuições Para Uma Antropologia Teológica*. São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 2002. p.19.

cumprir o seu mandato de crescer e multiplicar. (Ez 34:1-6 traz inclusive a caricatura do pastor humano que faz mal-uso deste imperativo divino.) Susin prefere que usemos o termo do capítulo 2 para resolver esse impasse, em que a ordenança é dada sob a forma de “cultivar o jardim”. Interessante que se entendermos essa “domínio” do ser humano na perspectiva de Cristo, “o que reina é o que serve”. A tarefa do pastor não é controlar, mas sim dar a sua vida pelas ovelhas (Jo 10:11). O papel do ser humano como imagem de Deus é fazer com que a criação se torne completamente a criação segundo a vontade daquele que a criou.<sup>268</sup>

Num segundo momento, o homem é lembrado que, mesmo sendo imagem de Deus, é pó da terra – finito, mortal, criatura como as outras. Tal paradoxo é expresso belamente no Salmo 8, onde lemos: “Quando vejo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que preparaste; Que é o homem mortal para que te lembres dele?” e logo depois: “Pois pouco menor o fizeste do que os anjos, e de glória e de honra o coroaste. Fazes com que ele tenha domínio sobre as obras das tuas mãos; tudo puseste debaixo de seus pés.”

5. *O Caráter da Existência Humana*: Além de sermos “pó da terra”, a narrativa bíblica nos lembra de que somos “caídos”. Embora não apareça este termo na Bíblia (“a queda”), a narrativa expõe o fato de que o ser humano vive “à leste do Éden”, numa condição não mais paradisíaca, não mais “original”, não mais como Deus intentou no início. Esta queda é normalmente referida como “queda em pecado”.

As análises teológicas destes textos também são monumentais, mas nos prenderemos aqui ao que a teologia tem normalmente entendido como significado “da queda”:

- a) *A queda como desobediência*: talvez a interpretação mais comum e mais simples, o ato de Adão e Eva foi simplesmente um ato de desobediência a um mandamento divino. Deus mandou que não comessem do fruto, e eles comeram. Conseqüentemente, pecado segundo essa compreensão é normalmente entendido como desobediência a ordens expressas de Deus.
- b) *A queda como “hýbris”*: esta é uma palavra grega que normalmente é traduzida como orgulho, arrogância. A desobediência também está envolvida, mas a ênfase é dada ao *quê*. O ato humano que determinou sua condição foi

<sup>268</sup> BRUEGGEMANN, 1982, p. 33.

o fato dele, ao desobedecer a ordem divina, “querer ser igual a Deus”, a primeira parte da tentação da serpente. *Hýbris* nesse contexto é muito mais que o simples orgulho da linguagem coloquial; ele seria aqui uma atitude de egocentrismo, de pensar na humanidade como senhora do próprio destino, de dar as costas para o Criador como quem diz: “não preciso de ti! Viverei por mim somente!” Este seria o problema fundamental da natureza humana segundo este entendimento: dar a si mesmo o lugar que pertence só a Deus.

- c) *A queda como “indolência”*<sup>269</sup>: Esta palavra é normalmente sinônima de preguiça, morosidade. No entanto, no entendimento teológico ela se relaciona aqui com a compreensão de Paul Tillich sobre autonomia, heteronomia e teonomia. A indolência seria o ato de deixar que “outro qualquer determine a sua identidade existencial”, ou “o fundamento do ser” (*ground of being*) – no caso a heteronomia de Tillich. Adão e Eva “deixaram para a serpente”<sup>270</sup>, ou seja, deixaram que ela determinasse sua agenda. A autonomia e a heteronomia seriam respostas erradas à única maneira de entender-se corretamente como ser humano: a teonomia, em que Deus é o fundamento do ser, e o ser humano voluntariamente se submete a ele.
- d) *A queda como nascimento da consciência*: A última maneira de se entender a queda relaciona-se com a segunda parte da tentação da serpente: “você serão como Deus, *conhecendo o bem e o mal*.” Aqui, a queda representa o conhecimento dos opostos, que acontece naturalmente quando começamos a ter consciência do mundo como “outro”, e não mais como quando estamos no ventre materno, num sentimento de unidade indiferenciada. Esse nascimento da consciência é experimentado por todo o ser humano bem cedo na vida, portanto a ênfase aqui é dada não na desobediência e no pecado em si, mas na inevitabilidade da queda. Começamos no paraíso, mas ao crescermos, o nascer da consciência nos leva a um mundo de divisão e não-união, de ansiedade e de sofrimento – aqui, à leste do Éden. A queda seria inevitável, uma experiência que todos nós passamos. Não é por acaso que Adão (*Adam*) não é exatamente um nome próprio na Bíblia, mas sim um provável trocadilho com *Adamah* – terra, barro (conforme já nos lembrou Reimer nas páginas

<sup>269</sup> Orig.: “*Sloth*”

<sup>270</sup> Borg faz referência aqui a COX, Harvey Gallagher. *On Not Leaving It to the Snake*, New York: Macmillan, 1967, e credita seu entendimento desta maneira de ver a queda a este livro, bem como a Paul Tillich.

anteriores). *Adam* seria então o coletivo de toda a humanidade, ou seja, todos nós somos Adão, e esta é a nossa condição.

Estas interpretações da queda não são, obviamente, mutuamente excludentes. O nascimento da consciência, por exemplo, pode levar a *hýbris*, à pessoa tornar-se egoísta e centrada em si mesma, ou vice-versa: a *hýbris* é, ao mesmo tempo, a entrada à existência humana em sua ambiguidade – o ser humano perde o paraíso, mas ganha a autonomia e responsabilidade. O processo de socialização da vida humana pode levar à indolência entendida como heteronomia, em que o fundamento de nosso ser acaba sendo dado pela cultura, pelo governo, pela religião, etc.

O fato é que as narrativas dos capítulos iniciais de Gênesis possuem uma riqueza e multiplicidade de sentidos que dificilmente se esgota. São literatura religiosa *par excellence*, com símbolos e significados que realmente “dão o que pensar”. De fato, os aspectos mais fundamentais e básicos da aventura humana no universo estão contidos ali, e uma leitura literal e factual, sem o reconhecimento entre a mensagem de fé e a roupagem incidental contida nos relatos acaba, quase sempre, por esconder ou deixar em segundo plano essa imensidão de significados e sentidos. Nas palavras de Gordon Glover,

Não devemos tentar transformar o Genesis em algo que não é, arrastando-o pelo meio de 3.500 anos de progresso científico. Ao ler Gênesis, os cristãos hoje precisam se transportar de volta para o Monte Sinai e deixar nossas mentes modernas no século 21. Se você só se lembrar de uma coisa deste capítulo que seja isto: Gênesis não está nos dando “ciência da criação” [creation science]. Ele está nos dando algo muito mais profundo e prático do que isso. Gênesis está nos dando uma Teologia Bíblica da Criação.<sup>271</sup>

Para encerrar esta parte, compartilho com Borg seu entendimento das mensagens centrais desta “teologia bíblica da criação”, em Gênesis:

...eu posso ouvir a verdade de suas afirmações centrais. "Isto" - o universo e nós - não é auto-causado, mas fundamentado no sagrado. "Isto" é absolutamente notável e maravilhoso, um mistério além das palavras que evoca maravilha, contemplação e louvor. Começamos nossas vidas "no paraíso", mas todos nós experimentamos expulsão para um mundo de exílio, ansiedade, auto-preocupação, escravidão e conflitos. E sim, também um mundo de bondade e beleza: é a criação de Deus. Mas é um mundo em

---

<sup>271</sup> Orig.: “We shouldn’t try to make Genesis into something that it’s not by dragging it through 3,500 years of scientific progress. When reading Genesis, Christians today need to transport themselves back to Mt. Sinai and leave our modern minds in the 21st century. If you only remember one thing from this chapter make it this: Genesis is not giving us creation science. It is giving us something much more profound and practical than that. Genesis is giving us a Biblical Theology of Creation.” GLOVER, 2007. p. 70.

que algo está errado. O resto da Bíblia é, em grande medida, a história (e as histórias) deste estado de coisas: a condição humana e sua solução. Nossas vidas a leste do Éden são marcadas pelo exílio, e precisamos retornar e reconectar; pela escravidão, e nós precisamos de libertação; pela cegueira e surdez, e nós precisamos ver e ouvir de novo; pela fragmentação, e precisamos de integridade; pela violência e conflito, e precisamos aprender a justiça e a paz; por “ego-centrismo” e “outro-centrismo”, e precisamos centralizar em Deus. Essas são as reivindicações centrais das histórias da origem humana de Israel.<sup>272</sup>

---

<sup>272</sup> Orig.: “But I can hear the truth of their central claims. ‘This’— the universe and we — is not self-caused, but grounded in the sacred. ‘This’ is utterly remarkable and wondrous, a Mystery beyond words that evokes wonder, awe, and praise. We begin our lives ‘in paradise’, but we all experience expulsion into a world of exile, anxiety, self-preoccupation, bondage, and conflict. And yes, also a world of goodness and beauty: it is the creation of God. But it is a world in which something is awry. The rest of the Bible is to a large extent the story (and stories) of this state of affairs: the human predicament and its solution. Our lives east of Eden are marked by exile, and we need to return and reconnect; by bondage, and we need liberation; by blindness and deafness, and we need to see and hear again; by fragmentation, and we need wholeness; by violence and conflict, and we need to learn justice and peace; by self- and othercenteredness, and we need to center in God. Such are the central claims of Israel’s stories of human beginnings.” BORG, 2001, p. 46-47.

### 3. CIÊNCIA E RELIGIÃO EM PERSPECTIVA

Até aqui, dedicamos nossa atenção ao movimento criacionista, seus tipos e matizes e sua maneira particular de entender o Gênesis. Mostramos também um pouco do histórico do movimento e abordamos, na sequência, a maneira como os esforços teológicos têm nos ensinado a ver o primeiro livro bíblico, as narrativas das origens e a doutrina da criação.

Com isso, cremos que construímos um firme alicerce para que possamos adentrar na última parte deste trabalho, onde vamos colocar em uma perspectiva mais ampla todo este debate entre ciência e religião. Colocar em perspectiva, aqui, significa olhar de cima, de maneira mais distante, o que os grandes pensadores sobre este tema têm dito sobre essa aparente dicotomia – se é que ela existe ou necessita existir realmente. Afortunadamente, muitos estudiosos têm se dedicado arduamente ao estudo das relações ciência/religião, e a produção na área têm sido muito frutífera.

Iremos explorar, então, diferentes maneiras de se encarar as relações entre os dois campos. Para isso, seguiremos uma tipologia de análise sugerida por Ian Barbour<sup>273</sup>, e modificada por diversos outros autores. Barbour é um dos mais proeminentes teólogos/cientistas que dedicaram suas vidas a este fascinante tema, e ele propôs a seguinte tipologia para identificar as diferentes posições e abordagens que alguém pode ter com relação ao binômio ciência/religião. São elas: conflito, independência, diálogo e integração.<sup>274</sup>

Fica óbvio que já falamos bastante sobre a posição do conflito, cujos representantes são justamente os literalistas bíblicos do criacionismo e os materialistas científicos do neo-ateísmo. Trataremos deles brevemente aqui, usando

<sup>273</sup> Cf. BARBOUR, 2000, e também \_\_\_\_\_. *Religion in an Age of Science - The Gifford Lectures - 1989-1991*. Vol. 1. London: SCM, 1990.

<sup>274</sup> Diversas outras categorias surgiram na literatura sobre o tema para abarcar as diferentes posições. John Polkinhorne, em POLKINHORNE, J. C. *Science and Theology: An Introduction*. London: SPCK, 1998, modifica a tipologia apresentada acima de Barbour e sugere, para o lugar de Diálogo e Integração, Consonância e Assimilação. John Haught, por sua vez, sugere em HAUGHT, J. F. *Science and Religion: From Conflict to Conversation*. New York: Paulist, 1995, uma tipologia fácil de memorizar, pois todas as categorias começam com a letra C: Conflito, Contraste, Contato e Confirmação. Ele próprio modificou esta tipologia em HAUGHT, John F. *Cristianismo e ciência: Para uma teologia da natureza*. Trad. Jonas Pereira dos Santos. São Paulo: Paulinas, 2010 (orig. 2007), onde adiciona a categoria Fusão, anterior ao Conflito. Em HAUGHT, John F. *Deus Após Darwin: Uma Teologia Evolucionista*. Trad. Vera Whately. Rio De Janeiro, RJ: José Olympio, 2006 (orig. 2000), o autor sugere três categorias apenas para ilustrar especificamente como a teologia considerou as dificuldades apresentadas pela seleção natural: Oposição, Separatismo e Engajamento.

o Julgamento Scopes como exemplo paradigmático das relações ciência e religião no séc. XX, que foram inevitavelmente marcadas pelo conflito. Após, nos deteremos às outras posições das quais não falamos tanto até agora, relacionando o que já vimos até aqui com essa perspectiva mais ampla. Concluiremos apontando um possível caminho que pensamos ser frutífero para superação do conflito entre ciência/religião.

### 3.1. Conflito / oposição

*- Eu me pergunto, Sr. Huxley, se é pela linhagem de seu avô ou de sua avó que você alega descender de um macaco?*

*- Eu não me envergonharia de ter um macaco como ancestral, mas me envergonha ser relacionado com um homem que usa seus dons e posições de influência para obscurecer a verdade.<sup>275</sup>*

Por alguns anos lecionei em nível escolar: ciências biológicas para o Ensino Médio e ciências gerais para o Ensino Fundamental. A evolução de Darwin era um dos assuntos de que eu mais gostava, e minha paixão pelo tema transpassava para meus alunos. Mas, conforme o tempo ia passando e os alunos se tornavam mais íntimos, eles acabavam descobrindo que todos os domingos à noite eu não estava no laboratório e nem preparando aulas de ciências, mas sim nos bancos de uma igreja (ou no palco, participando da banda musical.) “Como assim?!” me perguntavam, perplexos. “Não pode ser!”

Este singelo testemunho real e verídico (que se repetiu inúmeras vezes e acontece até hoje) reflete com perfeição a noção mais comum de relacionamento entre ciências e religião: elas estão em lados opostos, em óbvio e notório conflito. Na cabeça das pessoas comuns não há como conciliar um professor de biologia – ou “cientista” qualquer – ser um indivíduo de fé ou acreditar em Deus. São coisas mutuamente excludentes, dizem.

---

<sup>275</sup> Suposto diálogo entre o Bispo de Oxford Samuel Wilberforce e o naturalista Thomas H. Huxley quando da ocasião do histórico encontro de cientistas da Associação Britânica no museu da Universidade de Oxford, em 30 de Junho de 1860, sete meses após o lançamento de “A Origem das Espécies” de C. Darwin. Tal diálogo é objeto de diversas especulações, uma vez que não há registros oficiais ou atas do que exatamente ou realmente foi falado. A transcrição acima é uma das versões mais comuns que circulam popularmente. Para uma análise sobre as supostas versões do diálogo, ver LUCAS, John R. Wilberforce and Huxley: a legendary encounter. *The Historical Journal*, Cambridge University Press, v. 22, n. 2, p. 313-330, 1979.



Certamente essa noção popular, longe de ser uma necessidade epistemológica, é uma construção histórica. Ela já se manifestava – talvez não com tanta força – nos tempos de Darwin, como vemos neste excerto de Thomas H. Huxley, amigo e grande defensor do naturalista inglês (por isso chamado “o buldogue de Darwin”). Ele afirma:

A história nos mostra que quando a ciência se confrontou de igual para igual com a ortodoxia [religião], esta última foi forçada a se retirar das listas, sangrando e amassada, senão aniquilada; mutilada, senão assassinada.<sup>276</sup>

Segundo Ronald Numbers, esta noção de conflito foi uma fabricação um tanto quanto artificial:

Durante a maior parte da história moderna, ciência e religião não estiveram em um estado de conflito. O conflito, ou melhor, a noção de um conflito, surgiu mais ou menos nos últimos 130 anos. Certamente, isso não ocorreu durante a chamada revolução científica do século 17, quando, em geral, a ciência e a religião eram fundidas em um empreendimento comum chamado de filosofia natural. [...] Especialmente no final do século 18, vemos muito mais um esforço conjunto para tentar separar os dois e colocá-los um contra o outro. Isto ganha momento no século 19, [quando] havia um sentimento entre algumas partes que ciência e religião poderiam estar em conflito em certas questões. Mas o público, em sua imensa maioria, acreditava que a ciência poderia ser harmonizada com a religião. Afinal, um dos modelos mais prevaletentes foi chamado de "dois livros", de que Deus se revelou tanto no Livro da Natureza como nas Escrituras. E que como Deus foi o autor de ambos os livros, era impossível que os dois pudessem entrar em conflito. Somente interpretações errôneas de um ou do outro levariam ao conflito.<sup>277</sup>

Numbers identifica duas publicações que foram fundamentais para popularizar tal noção: os *bestsellers* “*History of the Conflict between Religion and Science*” (1874) de John William Draper e “*History of the Warfare of Science with*

<sup>276</sup> Orig.: [...] “*history records that whenever science and orthodoxy [religion] have been fairly opposed, the latter has been forced to retire from the lists, bleeding and crushed if not annihilated; scotched, if not slain.*” HUXLEY, Thomas. H. Darwin on the Origin of Species. *Westminster Review* v.17. London, 1860. p. 556.

Disponível em: <[http://www.victorianweb.org/science/science\\_texts/huxley\\_review\\_of\\_origin.html](http://www.victorianweb.org/science/science_texts/huxley_review_of_origin.html)>. Acesso em: 21 jan. 2014.

<sup>277</sup> Orig.: “*Throughout most of modern history science and religion have not been in a state of conflict. That has emerged, at least the perception of a conflict, has emerged roughly within the last 130 years or so. Certainly, this didn't occur during the so-called scientific revolution of the 17th Century, when by and large science and religion were fused in a common enterprise called natural philosophy. [...] Especially towards the end of the 18th century, we see much more of a concerted effort to try to separate these two and to pit one against the other. This picks up speed in the 19th Century, [...] [when], there was a sense among some parties that science and religion might be in conflict on certain issues. But the public, by and large, believed that science could be harmonized with religion. After all, one of the most prevailing models was called the "two books", that God had revealed himself in the Book of Nature as he had in the Scriptures. And that since God was the author of both books, it was impossible that the two should conflict. Only erroneous interpretations of one or the other would lead to conflict.*” NUMBERS, R. *Interview: Ron Numbers*. Counterbalance Foundation. [S.l.:s.n. s.d.] Transcrito de Entrevista. Disponível em <<http://www.counterbalance.org/transcript/num-frame.html>>. Acesso em: 04 Jan. 2014.

*Theology in Christendom*” (1896), de Andrew Dickinson White. Devido à alta penetração destes escritos (o último publicado até hoje), e à certa publicidade dada a esta noção, muitas pessoas assumiram que os dois campos sempre estiveram em conflito, e tal noção se popularizou especialmente porque servia aos interesses de dois grupos: os que consideravam algumas posições da religião organizada como impedimento ao progresso da ciência, e a alguns religiosos, que se sentiam ultrajados com tal acusação.<sup>278</sup>

A noção de conflito ganhou ainda mais força com a popularização dos escritos de Charles Darwin na América, onde o Julgamento Scopes (do qual trataremos em detalhes abaixo) serviu de modelo paradigmático para o que ficou conhecido então como “o debate criação x evolução”. Se ciência e religião já “estavam em conflito”, quando se fala em origens - em “como viemos parar aqui”, o conflito se torna ainda mais real.

### **3.1.1. O Julgamento Scopes: exemplo paradigmático das relações ciência e religião**

Muito se tem escrito na literatura sobre o caso Scopes – o famoso “Julgamento do Macaco”, onde o professor de biologia John Scopes foi às cortes judiciais do Tennessee por ensinar a teoria da evolução a seus alunos de ensino médio em 1925. Boa parte do que se vê na literatura (e do que consta no senso comum americano sobre o julgamento) é influenciado pelo musical da Broadway e sua adaptação para o cinema “*Inherit the Wind*” (“O Vento Será Tua Herança” na tradução brasileira) de 1960 com *remake* em 1999, que apesar de serem belas obras de arte, pouco trazem em termos de realidade sobre o julgamento.

Segundo o analista Edward Larson<sup>279</sup>, os filmes cristalizaram as fantasias já presentes nas interpretações do fato histórico, como por exemplo, que o movimento anti-evolução, bastante em voga na época nos EUA em função da organização do movimento fundamentalista a partir da publicação do *The Fundamentals*, se enfraqueceu. Este, definitivamente, não foi o caso, como podemos ver pela penetração atual, e a partir da década de 60, do movimento criacionista.

---

<sup>278</sup> NUMBERS, R. *ibid.*

<sup>279</sup> LARSON, Edward. Myth 20 - That the scopes trial ended in defeat for antievolutionism. In: NUMBERS, Ronald L. (Ed.) *Galileo Goes to Jail: And Other Myths about Science and Religion*. Cambridge, MA: Harvard UP, 2009. p. 178-186.

O caso Scopes aconteceu em meio a um complexo cenário político-cultural norte-americano, em que movimentos fundamentalistas em diversas partes do país passaram a conquistar representatividade política nas mais diversas instâncias. No campo educacional, diversos estados já possuíam leis que limitavam ou proibiam a divulgação e promoção das ideias de Darwin, como era o caso do Tennessee, com o chamado *Butler Act*.<sup>280</sup> Neste contexto, diversas organizações surgiam para tentar salvaguardar a separação Igreja-Estado, dentre elas a “*American Civil Liberties Union (ACLU)*”, uma organização sem fins lucrativos destinada a “defender e preservar os direitos e liberdades individuais garantidos a todas as pessoas neste país pela Constituição e leis dos Estados Unidos.”<sup>281</sup> Esta organização resolveu testar a eficácia de tais leis, e divulgou que financiaria qualquer indivíduo que se levantasse contra elas, em qualquer parte do país. Um empresário da pequena cidade de Dayton reuniu-se com um advogado local e juntos convenceram o jovem professor substituto John Scopes a admitir que ensinava evolução a seus alunos, pois isso atrairia atenção da mídia e traria uma necessária e providencial publicidade à pequena cidade.

O plano funcionou de forma brilhante. Milhares foram atraídos à pequena Dayton, e a população da cidade triplicou nos dias anteriores ao julgamento. Veículos de mídia de todo o país e muitos internacionais vieram cobrir aquele que era a “*battle-royale*” entre ciência e religião.<sup>282</sup> A razão para tamanho furor midiático eram, além do tema efervescente, os personagens envolvidos no embate. A acusação ficou a cargo do célebre William Jennings Bryan, três vezes candidato democrata a presidência dos EUA, orador de primeira linha e bastião do movimento fundamentalista, de origem presbiteriana. A defesa do réu coube a Clarence Darrow, nacionalmente famoso advogado, de alta e mordaz perspicácia, membro mais importante da *ACLU* e notório secularista e agnóstico.

As audiências se estenderam por muitos dias, e ao invés de julgar se Scopes tinha quebrado a lei ou não, se o *Butler Act* era constitucional ou não, o julgamento colocou a Bíblia no banco dos réus, tomando um rumo sem precedentes na história do direito: “Na realidade, foi um debate entre Darrow e Bryan sobre

---

<sup>280</sup> Tal lei proibia expressamente que qualquer professor ou escola ensinasse “qualquer teoria que negue a história da criação divina do homem conforme ensinada na Bíblia”.

<sup>281</sup> Segundo seu site oficial, disponível em: <<http://www.aclu.org/guardians-freedom>>. Acesso em: 12 dez. 2013

<sup>282</sup> Cf. LARSON, 2009, p. 178

história bíblica, sobre agnosticismo e crença na religião revelada”<sup>283</sup>, dizia um jornal da época.

Os testemunhos de defesa e acusação versaram sobre a autoridade da Bíblia, sua autenticidade e confiabilidade quando confrontada com a ciência, e o que seria a melhor base para a moralidade: a ciência ou a Escritura Sagrada. Nas palavras de Conor Cunningham,

Darrow desprezava o poder que personalidades religiosas exerciam na lei e na educação americana e considerava a religião como a causa de muito do que havia de errado no mundo. [...] Ele achava que a ciência racional e uma teoria da evolução [sic] eram uma melhor base para a moralidade do que o cristianismo.<sup>284</sup>

Ao mesmo tempo, Bryan via no darwinismo o responsável pelo declínio da moralidade cristã na América, sendo profundamente influenciado por escritos que relacionavam darwinismo com eugenia, comunismo e nazismo<sup>285</sup>.

Se realmente a evolução biológica de Charles Darwin estava intrinsecamente atrelada a tais conceitos, e se ela poderia servir como uma melhor base para moralidade do que o cristianismo – uma moralidade baseada na sobrevivência do mais apto! – não há dúvida de que os cristãos, de Dayton e do resto do país, se levantariam para combater esta infamada ideia chamada evolução!

Lamentavelmente, como nota Cunningham,

Nenhum dos lados fez qualquer tentativa para ver se a evolução estava realmente em desacordo com o cristianismo. Ambos de início já suporam que os dois eram incompatíveis. E isso definiu o tom acusatório que ofuscou o debate nos anos que se seguiriam.<sup>286</sup>

Infelizmente, tal conclusão não poderia estar mais correta. O real saldo do caso Scopes não foi a condenação do professor (com o pagamento de multa de cem dólares), mas foi, de uma vez por todas, cristalizar e divulgar a noção de que o darwinismo está em real conflito com o cristianismo. Aceitá-lo significava abrir mão

<sup>283</sup> LARSON, 2009, p. 181.

<sup>284</sup> Orig.: “Darrow despised the power that religious figures wielded in American law and education, and branded religion as the cause of much of what was wrong in the world. (...) He thought that rational science and a theory of evolution was a better basis for morality than Christianity.” CUNNINGHAM, 2009.

<sup>285</sup> LAATS, Adam. *Fundamentalism and Education in the Scopes Era: God, Darwin, and the Roots of America's Culture Wars*. New York: Palgrave Macmillan, 2010. p. 61-65.

<sup>286</sup> Orig.: “Neither side made any attempt to see whether or not evolution was at odds with Christianity, both assuming the two were incompatible. And that would set an adversarial tone which would cloud the debate in the years to come.” CUNNINGHAM, 2009.

de sua fé e até do seu código moral. A partir dali, era impossível conceber um cristão que aceitasse a teoria da evolução.<sup>287</sup>

Tal conclusão é repetida em coro até hoje, tanto pelos literalistas bíblicos do movimento criacionista quanto pelos materialistas ateus discípulos de Dawkins e Dennett. No entanto, conforme crescem as manifestações extremistas – a quem sempre é dada mais publicidade, pois, afinal, brigas e conflitos vendem mais jornais e revistas – crescem também as vozes que buscam desfazer as más compreensões e propor pontes de interação mais frutíferas do que simplesmente o rechaço mútuo. Vamos analisa-las a partir de agora.

### 3.2. Independência / contraste

A posição da independência ou contraste<sup>288</sup> é uma posição pacificadora, muito popular até hoje em circuitos acadêmicos, teológicos e científicos. Ela afirma que ciência e religião são esferas independentes, estão em domínios separados, estanques, e por isso, o conflito não se justifica. Ademais, elas usariam diferentes linguagens, teriam diferentes funções, fazendo diferentes perguntas e usariam métodos diversos entre si. A ciência lidaria com o objetivo e impessoal, a religião com o pessoal e subjetivo.

Esta posição é uma forma eficiente de se evitar conflitos, e foi exatamente a forma utilizada pelo teólogo Langdon Gilkey no julgamento do Arkansas de 1981, quando a Suprema Corte americana entendeu que o criacionismo deveria ficar fora das aulas de ciências nas escolas públicas por se tratar de uma posição religiosa. Gilkey argumentou:

- 1) A ciência procura explicar dados objetivos, de domínio público, reproduzíveis. A religião indaga sobre a existência da ordem e beleza no mundo e as experiências de nossa vida interior (como a culpa, a ansiedade, a falta de sentido, de um lado, e o perdão, a confiança, a plenitude, de outro.)
- 2) A ciência formula perguntas objetivas sobre o “como”. A religião formula perguntas pessoais sobre o “porquê”, o sentido e a finalidade, nossa origem essencial e nosso destino.
- 3) As bases da autoridade da ciência são a coerência lógica e a adequação experimental. A autoridade religiosa suprema pertence a Deus e à revelação, compreendida por meio de pessoas que receberam a iluminação e o discernimento e validada em

<sup>287</sup> Interessante notar que o criacionismo defendido por Bryan é bem diferente da versão absolutamente dominante nos dias atuais. Bryan não era um literalista tão estrito: ele aceitava que os dias de Gênesis representavam períodos imensos de tempo, ou seja, ele era um Criacionista da Terra Antiga. Na verdade, como já abordamos no cap. 1, o atual e poderoso Criacionismo da Terra-Jovem era praticamente inexistente nos dias de Bryan, em 1920-1930. Ele viria à tona somente em 1960, com Henry Morris.

<sup>288</sup> Em HAUGHT, 2006, essa posição é o “separatismo”.

nossa própria experiência. 4) A ciência faz previsões quantitativas que podem ser testadas experimentalmente. A religião precisa usar uma linguagem simbólica e analógica, porque Deus é transcendente.<sup>289</sup>

A posição da Independência foi popularizada nos circuitos científicos em parte pelo célebre Stephen J. Gould, considerado o maior paleontólogo do séc. XX, e um dos mais notáveis divulgadores da ciência. Em seu livro “Pilares do Tempo”, o autor apresenta o conceito de MNI: *Magisteria Não-Interferentes* (no original inglês, NOMA: *Non-Overlapping Magisteria*). Segundo sua definição, um *magisterium* seria um “domínio de autoridade doutrinal”. Sendo assim, ciência e religião ocupariam dois “*magisteria*”:

Esses dois *magisteria* não interferem um com o outro, nem tampouco englobam todas as especulações (considerem por exemplo, o *magisterium* da arte e o significado da beleza). Para citar antigos clichês, a ciência se interessa pelo tempo, e a religião pela eternidade; a ciência estuda como funciona o céu, a religião como ir para o céu.<sup>290</sup>

Ian Barbour identifica na neo-ortodoxia cristã protestante a cristalização da posição da Independência dentro dos circuitos religiosos. Ele afirma:

A neo-ortodoxia cristã protestante tem defendido uma separação mais explícita entre ciência e religião, procurando recuperar, dos tempos da Reforma, a ênfase na centralidade de Cristo e na primazia da revelação, ao mesmo tempo em que aceita inteiramente os resultados da moderna exegese e pesquisa científica bíblica. Karl Barth e seus seguidores defendem que Deus só pode ser conhecido enquanto revelado em Cristo e confirmado na fé. Ele é o transcendente, o inteiramente outro, o incognoscível, exceto quando se revela. A fé religiosa depende inteiramente da iniciativa divina, e não de uma descoberta do tipo científico. A esfera principal da atuação de Deus é a história, e não a natureza. Os cientistas são livres para prosseguir com seu trabalho sem a interferência da teologia e vice-versa, uma vez que seus métodos e objetos de estudo são totalmente diversos. A ciência baseia-se na observação e razão humanas, enquanto a teologia baseia-se na revelação divina.<sup>291</sup>

Uma outra forma de separar as proposições científicas das teológicas, comum no pensamento católico e neo-ortodoxo, é a distinção tomista de *causalidade primária e secundária*. Deus, como causa primordial, agiria por meio de causas secundárias do mundo natural que a ciência estuda. Como os dois tipos de causa operam em níveis totalmente diferentes, a análise científica pode desenvolver-se em seus próprios termos, sem se referir à teologia. Segundo Barbour,

a explicação científica é completa em seu próprio nível, sem quaisquer lacunas em que Deus precisaria intervir, enquanto o teólogo pode dizer que

<sup>289</sup> GILKEY, Langdon. *Maker of Heaven and Earth*. Garden City, NY: Doubleday, 1959 e \_\_\_\_\_. *Creationism on Trial*. Mineappolis: Winston Press, 1985. p. 108-116 apud BARBOUR, 2000, p. 33.

<sup>290</sup> GOULD, Stephen J. *Pilares do Tempo* – ciência e religião na plenitude da vida. Trad. F. Rangel. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2002. p. 13.

<sup>291</sup> BARBOUR, 2000, p. 33.

Deus mantém e utiliza toda a sequência natural. A causalidade primária representa uma ordem diferente de explicação, em resposta a perguntas muito diferentes daquelas formuladas pelo cientista a respeito das relações no mundo natural.<sup>292</sup>

Um perigo de tal abordagem, como bem aponta Brakemeier<sup>293</sup>, é a redução de Deus ao mero relojoeiro que forjou o relógio, deu corda e saiu de cena, deixando a criação à sua própria sorte, crença da qual falamos no cap. 1: o deísmo.

Embora evitando o conflito, a posição da independência exclui a possibilidade de um enriquecimento mútuo que pode vir a ser frutífero para uma compreensão mais totalitária da realidade. A vida é experimentada em sua integralidade, e não em compartimentos estanques, e a posição da independência também não se livra totalmente de certas dicotomias – de um lado o “Como?” e de outro o “Por quê?”, como bem apontou Polkinghorne. Ademais, segundo ele, “se as respostas a estas perguntas devem fazer algum sentido, precisa haver algum tipo de consonância entre elas.”<sup>294</sup>

Brakemeier concorda, concluindo que

[...] o divórcio entre o crer e o saber acarreta prejuízos não só para as pessoas, como também para a própria religião e ciência. Existe forte interdependência. Mas ela é difícil de definir. Tanto mais importante será o ensaio do diálogo.<sup>295</sup>

### 3.3. Diálogo

Esta posição dá um passo adiante, admitindo que ciência e religião têm algo a dizer uma para a outra. Enquanto a independência enfatiza as diferenças entre os dois campos, os defensores do diálogo trazem à tona as semelhanças entre os dois discursos. Estas semelhanças se dariam principalmente nos pressupostos, nos métodos e em alguns conceitos.

Segundo Thomas Torrance, a possibilidade do diálogo começa a se abrir por que “a ciência propõe questões fundamentais que não consegue resolver”.<sup>296</sup> Ou seja, em áreas em que seus interesses se sobrepõem, o diálogo emerge. Essas áreas não são difíceis de se identificar, por exemplo, em questões-limite, ou

<sup>292</sup> BARBOUR, 2000, p. 131.

<sup>293</sup> BRAKEMEIER, 2006, p. 11.

<sup>294</sup> POLKINGHORNE, J. C. *Science and Theology: An Introduction*. London: SPCK, 1998. p. 21.

<sup>295</sup> BRAKEMEIER, 2006, p. 7.

<sup>296</sup> TORRANCE, Thomas. God and the Contingent World. *Zygon* v. 14, 1979, p.347 *apud* BARBOUR, 2000, p. 39.

fronteiriças, levantadas por exemplo pela astronomia: o que havia antes do *Big-Bang*? O universo é infinito? Por que o universo parece ser tão bem ajustado para o aparecimento da vida, e da vida humana inclusive? Outras questões surgem a partir de situações-limite: Há vida após a morte? Qual a relação de mente e corpo? Todas estas questões envolvem diálogo entre cientistas e teólogos.

O teólogo católico David Tracy identifica dois tipos de situações limite na ciência: os problemas éticos da aplicação da ciência e os pressupostos ou condições de possibilidade de investigação científica. Como exemplo da primeira, poderíamos pensar no uso de células-tronco embrionárias, e da segunda, os experimentos científicos feitos com humanos. Para Tracy, a inteligibilidade do mundo requer uma base racional última, que para o cristão, advém da Bíblia e das estruturas da experiência humana.<sup>297</sup>

Outra possibilidade para o diálogo advém do reconhecimento de paralelos metodológicos e conceituais entre ciência e religião. Os paralelos metodológicos emergem a partir de um reconhecimento, já extensamente trabalhada na literatura<sup>298</sup>, de que a ciência não é na realidade tão “objetiva” quanto normalmente alardeia-se, e nem a religião tão subjetiva quanto se pensava. Thomas Kuhn argumenta que a ciência é feita de paradigmas que emergem de tradições culturais, o que é similar à perspectiva secular de religião, e que a escolha de paradigmas é um julgamento com critérios não previamente determinados, cabendo à comunidade científica julgá-los. “Assim, discrepâncias entre a teoria e os dados podem ser deixadas de lado como anomalias, ou reconciliados por meio da inserção de hipóteses *ad hoc*, e o mesmo pode acontecer e acontece com a religião”<sup>299</sup>. Barbour aponta que

os dados científicos não são independentes das teorias, mas viciados por elas. Os pressupostos teóricos interferem na seleção, interpretação e descrição de dados. Além disso, teorias não surgem da análise lógica dos

<sup>297</sup> TRACY, David. *Blessed Rage for Order, the New Pluralism in Theology*. New York: Seabury, 1975. *apud* BARBOUR, 2000, p. 40.

<sup>298</sup> BARBOUR, 2000, p.41, cita como exemplos os seguintes trabalhos: MCFAGUE, Sallie. *Metaphorical Theology: Models of God in Religious Language*. Philadelphia: Fortress, 1982. ROLSTON, Holmes. *Science and Religion: A Critical Survey*. Philadelphia: Temple UP, 1987. BARBOUR, I. G. *Myths, Models, and Paradigms; A Comparative Study in Science and Religion*. New York: Harper & Row, 1974.

SOSKICE, Janet Martin. *Metaphor and Religious Language*. Oxford: Clarendon, 1985.

<sup>299</sup> KUHN, Thomas S. *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago, IL: University of Chicago, 1996. *apud* BARBOUR, 2000, p. 41.



dados, mas de atos de imaginação criativa, nos quais *analogias* e *modelos* tem frequentemente um papel.<sup>300</sup>

Analogias e modelos são usados em ciência e em religião, e aqui surge outro paralelo.

Arthur Peacocke, outro prolífico autor na área de ciência e religião, ilustra e expande este ponto quando fala dos físicos, para os quais “seus modelos e hipóteses são ‘candidatos à realidade’, ou seja, hipóteses sobre um mundo real (mas apenas imperfeitamente conhecido) do qual os modelos se aproximam e as hipóteses genuinamente se referem”. No entanto,

eles estão comprometidos, sob a base de evidências passada e experiência atual, a, por exemplo ‘crer’ nos elétrons – ou seja, eles não conseguem organizar as suas atuais observações sem afirmar que os elétrons existam. *O que* eles creem sobre os elétrons pode muito bem mudar, o que de fato já ocorreu muitas vezes, mas são *elétrons* a que eles ainda se referem, por causa das longas conexões sociais que remontam às primeiras ocasiões quando eles foram ‘descobertos’. Então, os físicos estão comprometidos a ‘crer’ na existência dos elétrons, mas continuam hesitantes em dizer o que os elétrons são, estando sempre prontos a novos modos de pensar sobre eles que venham a aumentar a confiabilidade de suas previsões e tornar seu entendimento mais totalitário com respeito à gama de fenômenos para os quais este entendimento é relevante.<sup>301</sup>

Ele argumenta que a religião e os religiosos fazem exatamente a mesma coisa, fazendo assertivas sobre a realidade usando termos e conceitos com os quais estão comprometidos, mas que estão em constante transformação e reforma, mesmo que a sua referência não mude, como o elétron.

As analogias e modelos normalmente ocorrem nas ciências no campo do muito grande (astronomia e astrofísica) e do muito pequeno (física quântica), nos ajudando a imaginar o que não é possível observar diretamente, assim como é típico na religião.

A questão do observador, levantada pela física quântica, também faz surgir pontes de diálogo, no momento em que ilustra a “não-tão” objetividade da ciência, uma vez que “observador é objeto inseparável do objeto observado”.

---

<sup>300</sup> BARBOUR, 2000, p. 42.

<sup>301</sup> Orig.: “*They are committed, on the basis of past evidence and current experience, to (for example) 'believing in' electrons—that is, that they cannot organize their current observations without asserting that electrons exist. WHAT they believe about electrons may well, and has in fact, undergone many changes but it is electrons to which they still refer, by long social links going back to the first occasions when they were 'discovered'. So physicists are committed to 'believing in' the existence of electrons but remain hesitant to say what electrons 'are' and are always open to new ways of thinking about them that will enhance the reliability of their predictions and render their understanding more comprehensive with respect to the range of phenomena to which it is relevant.*” PEACOCKE, Arthur Robert. *Creation and the World of Science: The Bampton Lectures*, 1978. Oxford: Clarendon, 1979. p. 21-22.

Outros autores tem se esforçado para traçar paralelos conceituais entre ciência e religião. A teoria da informação e a *transmissão de informações* na ciência (importante na área da computação e até na Biologia, com o DNA), por exemplo, serviram para John Polkinghorne sugerir a atividade de “Deus como transmissor de informações”.<sup>302</sup> A auto-organização de sistemas complexos tem sido relacionada também com um modelo de “Deus como criador de sistemas auto-organizados”, por Niels Gregersen, por exemplo.<sup>303</sup>

Em suma, todos estes autores reconhecem que há diferenças significativas entre ciência e religião, principalmente metodológicas. No entanto, há paralelos significativos que merecem ser trabalhados, para enriquecimento de ambas.<sup>304</sup>

### 3.4. Integração

A posição da integração entre ciência e religião busca um grau elevado de unidade conceitual faltante na posição do diálogo. Para isso, alguns autores sugerem reformulações mais amplas e sistemáticas das ideias teológicas tradicionais. O paleontólogo jesuíta francês Pierre Teilhard de Chardin é um exemplo de tentativa nessa direção, quando tentou entretecer a evolução biológica e o desenvolvimento espiritual num discurso único, cunhando o conceito de “Ponto Ômega”, visto como a culminância da evolução dos processos físicos (o ápice da complexidade e da consciência) e a vinda do Cristo Cósmico.<sup>305</sup>

Na concepção de Barbour, há três propostas distintas para a Integração, cada qual com perspectivas diversas e abordagens mais ou menos vantajosas. Discorreremos brevemente sobre cada uma delas.

#### 3.4.1. Teologia natural

A teologia natural foi o primeiro esforço de integração da ciência com a religião, procurando na natureza sinais que apontassem para um Criador. Ela deve

<sup>302</sup> Cf. POLKINGHORNE, J. C. *Reason and Reality: The Relationship between Science and Theology*. Philadelphia: Trinity International, 1991, especialmente o Cap. 3.

<sup>303</sup> GREGERSEN, Niels H. The idea of Creation and the Theory of Autopoietic Processes. *Zygon* v. 33, p. 359-360, 1998.

<sup>304</sup> Para mais sobre estes paralelos, sugerimos BARBOUR, 1990, p.20.

<sup>305</sup> Cf. TEILHARD De Chardin, Pierre. *The Future of Man*. New York: Harper & Row, 1964.

muito a São Tomás de Aquino, que enunciou dois famosos argumentos: o *cosmológico* e o *teleológico*. Segundo o pensamento de Aquino,

algumas características de Deus só podem ser conhecidas pela revelação, mas a existência de Deus mesmo pode ser conhecida pela razão apenas. Uma versão do argumento [cosmológico] assegurava que todo evento deve ter uma causa, de modo que é necessário postular uma Primeira Causa para evitar a regressão infinita. Uma outra forma dizia que a sequência inteira (finita ou infinita) de causas naturais é contingente e poderia não existir; ela depende de um ser que existe necessariamente. Já o *argumento teleológico* (do grego *telos*, propósito, finalidade) parte da ordem e da inteligibilidade como características gerais da natureza, mas prossegue mencionando indícios específicos de planejamento no mundo natural.<sup>306</sup>

O argumento teleológico de Aquino foi popularizado na época da revolução científica, onde os fundadores da ciência moderna frequentemente expressavam sua admiração pela harmoniosa coordenação e ordem na natureza, que viam como obra de Deus. O universo parecia *planejado*, com suas formas, cores, beleza e complexidade. William Paley (1743-1805) popularizou o argumento com uma ilustração muitíssimo usada até hoje (principalmente na literatura criacionista): a do relógio e do relojoeiro, que diz que se alguém caminhando por aí encontra um relógio, é justo conceber que foi concebido por um ser inteligente, um relojoeiro. Da mesma forma, quando se olha para a natureza, e, por exemplo, para o olho humano, com tantas partes complexas interligadas entre si para uma função específica, só pode-se concluir que é produto de um planejamento inteligente. Darwin, no entanto, desferiu sério golpe no argumento<sup>307</sup>, demonstrando que variação e seleção, dadas enormes quantidades de tempo, poderiam ser responsáveis sim pelo aparente planejamento nos seres vivos.<sup>308</sup>

Versões “modernas” da teologia natural têm aparecido em áreas diversas, como a cosmologia, que tem discutido a questão do chamado *princípio antrópico*. O universo, afirmam os cientistas, não teria formado os elementos pesados necessários para o surgimento da vida se os valores iniciais de algumas constantes físicas tivessem sido ligeiramente diferentes. O mais respeitado astrofísico da atualidade, Stephen Hawking, escreve:

<sup>306</sup> BARBOUR, 2000, p. 44.

<sup>307</sup> Embora Darwin tenha defendido uma versão reformulada do argumento do planejamento, dizendo que Deus não planejou os detalhes particulares de cada espécie, mas sim as leis e processos que regem toda a evolução, relegando os detalhes ao acaso.

<sup>308</sup> Richard Dawkins usou esta ilustração como base para escrever um de seus maiores *best-sellers*: DAWKINS, R. *O Relojoeiro Cego: A Teoria Da Evolução Contra O Desígnio Divino*. São Paulo: Companhia Das Letras, 2003. Neste livro, o autor explora e explica a conclusão de Darwin em linguagem coloquial, de que o aparente design percebido na natureza pode ser explicado pelos mecanismos da evolução biológica, principalmente pela seleção natural.

Se a taxa de expansão um segundo após o Big Bang tivesse sido menor por uma parte em  $10^{10}$  (cem mil milhões de milhões), o universo teria entrado em colapso após alguns milhões de anos. Se fosse maior apenas uma parte em  $10^{10}$ , o universo teria se tornado essencialmente vazio após alguns milhões de anos. Em nenhum dos casos ele teria durado o suficiente para a vida se desenvolver. Assim, há que se apelar para o princípio antrópico ou encontrar alguma explicação física de por que o universo é do jeito que é.<sup>309</sup>

Assim sendo, o universo parece ter sido ajustado em “sintonia fina” para abrigar a vida, e vida consciente, o que reforça a hipótese de um planejador inteligente. O célebre físico Freeman Dyson afirma:

Da existência desses acidentes da física e da astronomia, concluo que o universo é um lugar inesperadamente hospitaleiro para as criaturas vivas que o habitam. Sendo eu um cientista, adestrado nos hábitos de pensamento não do séc. XVIII, mas do XX, não afirmo que a arquitetura do universo prove a existência de Deus. Afirmo apenas que a mente desempenha um papel essencial em seu funcionamento.<sup>310</sup>

Outras defesas contemporâneas têm surgido para a Teologia Natural e para o argumento do planejamento. No entanto, cabe lembrar-se das limitações do mesmo, que pode levar, de novo, simplesmente a aceitação do Deus deísta, o distante e impessoal “arquiteto do universo”.

### 3.4.2. Teologia da natureza

A teologia da natureza é bem mais complexa de ser analisada, pois abarca uma pluralidade de ideias, conceitos e autores. O que as agrupa é o fato de nascerem de dentro de uma experiência religiosa, e não partir da natureza como o faz a teologia natural. No entanto, ela sustenta que algumas noções doutrinárias clássicas precisam ser reformuladas e revistas a partir da moderna concepção de mundo atual.<sup>311</sup> A teologia da natureza vê ciência e religião como fontes relativamente independentes de ideias, mas com áreas de sobreposição que precisam então ser retrabalhadas para que se consiga chegar a uma síntese comum.

<sup>309</sup> Orig.: “If the rate of expansion one second after the big bang had been less by one part on 10 to the 10th power, the universe would have collapsed after a few million years. If it had been greater by one part in 10 to the 10th power, the universe would have been essentially empty after a few million years. In neither case would it have lasted long enough for life to develop. Thus one either has to appeal to the anthropic principle or find some physical explanation of why the universe is the way it is.” HAWKING, Stephen W.; PENROSE, Roger. *The Nature of Space and Time*. Princeton, NJ: Princeton UP, 1996. p. 89-90.

<sup>310</sup> DYSON, Freeman J. *Disturbing the Universe*. New York: Harper & Row, 1979. p. 251. *apud* BARBOUR, 2000, p. 46.

<sup>311</sup> BARBOUR, 2000, p. 47.

Uma área de sobreposição que é afetada por descobertas da ciência é justamente a doutrina da criação e da natureza humana. Nossa compreensão atual da natureza como processo evolutivo dinâmico influencia os modelos de relação entre nós, a natureza e Deus, o que traz consequências práticas para a ética ambiental, por exemplo.

Esta concepção do universo atual, regido pelo *acaso* e pela *lei* nos mais diferentes níveis de organização, tem levado Arthur Peacocke, por exemplo, a formular a sua teologia da natureza com base na ideia de um Deus que age nos processos de contingência e acaso de modo a explorar as possibilidades de expressão criativa dos sistemas naturais.<sup>312</sup> Num caminho parecido, George Ellis, Robert Russel e outros apresentam “Deus como determinador de indeterminações”, a partir de considerações advindas da física quântica.<sup>313</sup>

Esforços em direção a uma teologia da natureza emergem principalmente dos questionamentos levantados pela biologia evolutiva. Polkinghorne nos esclarece:

Ali, [teologia natural] estávamos olhando para as leis da natureza, as regras básicas do jogo cósmico, e sugerindo que elas levantam questões que vão além do científico. [...] No diálogo com os biólogos, [...] a discussão mudou das regras básicas para o próprio jogo cósmico, conforme é realmente jogado no planeta Terra. A tarefa é aceitar a história científica no seu próprio nível, mas propor uma metainterpretação alternativa dessa história, lendo-a a partir da crença de que, por detrás dela, se assentam os propósitos criativos de Deus. Por causa da complexidade da história biológica, o argumento agora sendo discutido tem que apontar de Deus para o mundo. Em outras palavras, não estamos mais preocupados com uma teologia natural, mas como uma teologia da natureza.<sup>314</sup>

Neste sentido, se destacam as obras de John Haught, que propõe em “Deus após Darwin” uma “teologia evolucionista”, ou seja, uma releitura da teologia a partir do que o fato da evolução pode revelar sobre Deus, e também do já mencionado

---

<sup>312</sup> Cf. PEACOCKE, A. R. *Theology for a Scientific Age: Being and Becoming – Natural, Divine, and Human*. Minneapolis: Fortress, 1993.

<sup>313</sup> Cf. RUSSELL, Robert J. Special Providence and Genetic Mutation: A New Defense of Theistic Evolution, In: RUSSELL, Robert J. et al (orgs.) *Evolutionary and Molecular Biology: Scientific Perspectives on Divine Action*. Vatican City State: Vatican Observatory, 1998, *apud* BARBOUR, 2000, p. 210-212.

<sup>314</sup> Orig.: *There we were looking at the laws of nature, the ground rules of the cosmic game, and suggesting that they raised questions going beyond the scientific. [...] In the dialogue with the biologists [...] the discussion has moved from the ground rules to the cosmic game itself, as it has actually been played out on planet Earth. The task is to accept the scientific story at its own level but to propose an alternative meta-interpretation of that story, read out from the belief that behind it lie the creative purposes of God. Because of the complexity of the biological story the argument now being discussed has to point from God to the world. In other words, we are no longer concerned with natural theology, but with a theology of nature.* POLKINGHORNE, 1998, p. 77.

Teilhard de Chardin, pra quem a evolução era o paradigma sob o qual deveríamos entender Deus e a natureza.<sup>315</sup>

### 3.4.3. Síntese sistemática

Barbour sustenta que

Uma integração mais sistemática pode ocorrer se ambas, ciência e religião, contribuírem para uma visão coerente de mundo, elaborada numa metafísica includente. A metafísica é a busca de um conjunto de conceitos gerais em cujos termos seja possível interpretar diversos aspectos da realidade. O esquema conceitual includente que se procura deverá representar as características fundamentais de todos os eventos. Essa metafísica pertence ao campo do filósofo, mais do que do cientista ou do teólogo, mas pode servir como espaço de reflexão comum.<sup>316</sup>

Em outras palavras, a síntese sistemática configura-se numa tentativa de se encontrar, em meio a tanta produção na área das relações ciência e fé, uma alternativa filosófica que consiga abarcar satisfatoriamente uma interpretação da realidade coerente com ambos os campos. Para realizar tal tarefa, Barbour sugere como forte candidata a *filosofia do processo*, de Alfred N. Whitehead (1861-1947), pois ela própria foi elaborada sob influência tanto de ideias científicas como de teológicas, e é considerada uma ponte conceitual para o debate de ideias entre a religião, ciência e filosofia.

Segundo o pensamento de Whitehead, “os processos de mudança e as relações entre os eventos são mais fundamentais do que os objetos estáveis independentes.”<sup>317</sup> Em outras palavras, a pedra fundamental da realidade é a mudança, o “tornar-se”: Cada ocasião real exhibe-se a si mesmo como um processo: um “tornar-se” [*becomingness*].<sup>318</sup>

Para Whitehead, “a natureza é uma rede dinâmica de eventos interligados, caracterizados pela inovação e pela ordem. [...] Os elementos constitutivos da realidade não são dois tipos de realidades estáveis (o dualismo mente/matéria) ou um só tipo de entidade estável (o materialismo), mas um tipo de evento com dois aspectos ou fases: o interior e o exterior.”<sup>319</sup>

<sup>315</sup> Para uma boa introdução à vida e obra de Chardin, sugerimos ARNOULD, Jacques. *Darwin, Teilhard de Chardin e Cia.: a Igreja e a evolução*. Trad. Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 1999.

<sup>316</sup> BARBOUR, 2000, p. 51.

<sup>317</sup> BARBOUR, 2000, p. 51.

<sup>318</sup> Orig.: “Every actual occasion exhibits itself as a process: it is a becomingness.” WHITEHEAD, Alfred North. *Science and the Modern World*. New York, NY: New American Library, 1948. p. 176.

<sup>319</sup> BARBOUR, 2000, p. 51.

Barbour aponta diferenças na concepção de Deus segundo a filosofia do processo:

Para os filósofos do processo, Deus é a fonte da inovação e da ordem, mas a criação é um processo longo e incompleto. Deus estimula a autocriação de entidades individuais, permitindo, com isso, a liberdade e a inovação, assim como a ordem e a estrutura. Deus não é o Soberano transcendente do cristianismo clássico. Deus interage reciprocamente com o mundo; influencia todos os eventos, mas não é causa exclusiva de nenhum. A metafísica do processo entende cada novo evento como produto conjunto do passado daquela entidade, da sua própria ação e da ação de Deus. Aqui, embora transcenda ao mundo, Deus é imanente ao mundo de um modo específico na produção de cada evento. Não há uma sucessão de eventos puramente naturais, interrompida por lacunas onde somente Deus opera.<sup>320</sup>

O responsável por trazer em definitivo a filosofia do processo para o diálogo com a teologia foi Charles Hartshorne, que elaborou um conceito “bipolar” de Deus: imutável quanto à intenção e caráter, e mutável quanto à experiência e relações.<sup>321</sup> Outros autores trazem a discussão para mais próximo do cristianismo, como John Cobb e David Griffin, que salientam que o poder do amor, tal como exemplificado na cruz, é precisamente a habilidade de despertar reações ao mesmo tempo em que se respeita a integridade dos outros seres, uma vez que Deus não é coercitivo, mas persuasivo.<sup>322</sup>

Apesar das valiosas contribuições da filosofia/teologia do processo para uma possível integração entre ciência e religião, Barbour nos alerta:

É perigoso distorcer ideias científicas ou religiosas para adaptá-las a uma síntese preconcebida que pretenda abarcar toda a realidade. Devemos manter sempre em mente a rica diversidade de nossa experiência. Nós a distorcemos quando a retalhamos em domínios separados ou compartimentos estanques; mas também quando tentamos inseri-la à força num sistema intelectual puro. Uma visão coerente da realidade precisa admitir o caráter diferencial dos diversos gêneros da experiência.<sup>323</sup>

Em conclusão, vemos que as três tentativas de integração de ciência e religião – teologia natural, teologia da natureza e síntese sistemática – apresentam suas vantagens e desvantagens, que assim se apresentam dependendo do ponto de vista de quem as olha. Pode-se dizer que todas requerem uma revisão, em menor ou maior escala, de conceitos às vezes tidos como “dogmas” do cristianismo

<sup>320</sup> BARBOUR, 2000, p. 51.

<sup>321</sup> Cf. HARTSHORNE, Charles. *The Divine Relativity: A Social Conception of God*. New Haven: Yale UP, 1948. *apud* BARBOUR, 2000, p. 52.

<sup>322</sup> Cf. COBB, John B., GRIFFIN, David Ray. *Process Theology: An Introductory Exposition*. Philadelphia: Westminster, 1976, p. 53. Para mais sobre esta perspectiva, sugerimos especialmente o cap. 3 – “God as Creative-Responsive Love”, p. 41-62.

<sup>323</sup> BARBOUR, 2000, p. 54.

tradicional. Esta revisão pode, por vezes, significar o abandono de algumas noções (como no caso da filosofia do processo, que rejeita a noção ortodoxa de um Deus “imutável”), mas pode também significar o resgate e a ampliação de conceitos que pensavam-se ser puramente religiosos – como o amor divino – estendendo-o para uma compreensão do universo físico sob este paradigma.

### **3.5. Superando o conflito**

Identificamos neste capítulo as perspectivas que tem surgido ao longo da história para abordar o binômio ciência/religião. A perspectiva do conflito é, sem dúvida, aquela que tem sido perpetuada pela mídia e conseqüentemente a noção atualmente mais comum, uma vez que as sutilezas das posições conciliatórias exigem mais aprofundamento do que uma imagem beligerante entre os extremos do debate. Nesta seção, que nos encaminha para a conclusão deste trabalho, faremos um resumo crítico da posição, apontando o que acreditamos ser uma solução possível para a superação deste conflito. Ressaltemos que o que proporemos aqui é apenas UMA solução, dentre muitas possivelmente viáveis, algumas das quais já pinceladas nas páginas anteriores quando exploramos as posições da independência, diálogo e integração. Na verdade, o caminho intelectual que proporemos aqui inclui conceitos e percepções que os defensores das posições que acabamos de ver adotam para formular as suas “pontes conciliatórias”.

Temos falado neste trabalho que o debate “criação x evolução” é evidência do que temos chamado “dicotomia das origens”, na qual o indivíduo se vê forçado a escolher se fica do lado da ciência – que segundo a noção popular, “invariavelmente” traz consigo a “evolução”, o ateísmo e uma ética humanista – ou do lado da religião, que também “invariavelmente” traz consigo a “criação” (conforme o entendimento popular de seis dias há uns seis mil anos) e uma ética bíblica. De acordo com essa compreensão, não há meio termo. Não há escapatória e nem conciliação. As colunas são estanques e fixas: ou se está cá, ou se está lá, conforme ilustrado na figura abaixo:



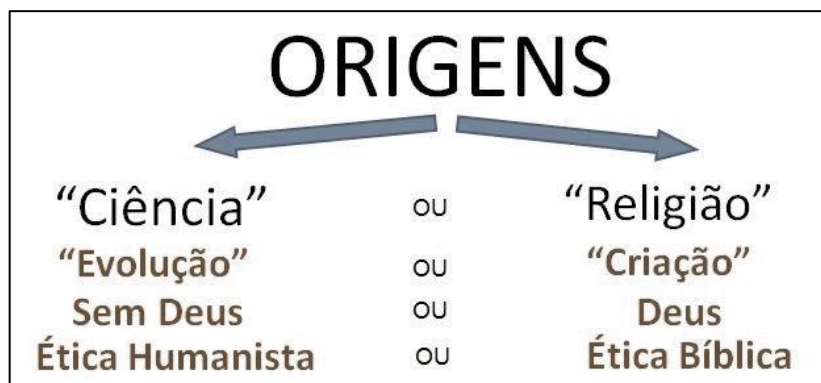


Figura 11 - Dicotomia das origens. (Adaptado de LAMOUREUX, 2009, p. 2)

Os efeitos práticos dessa dicotomia podem ser vistos novamente neste exemplo próprio: quando digo que sou um biólogo cristão. No entendimento popular, isso só pode significar uma coisa: sou um biólogo criacionista, uma vez que um cristão evolucionista é um oxímoro, uma contradição em si mesmo.

A fim de iniciar a nossa desconstrução desta ideia, analisemos mais um excerto, desta vez do neto do já citado Thomas Huxley, o notável biólogo evolucionista Julian Huxley (1887-1975), o qual, a exemplo do avô no séc. XIX, continuava a propagar esta noção dicotômica, agora na década de 60:

No padrão evolutivo de pensamento, não há mais necessidade ou qualquer espaço para o sobrenatural. A terra não foi *criada*, ela *evoluiu*, assim como todos os animais e plantas que o habitam, incluindo nós humanos, nossa mente e alma, assim como o cérebro e o corpo. Assim também aconteceu com a religião. [...] O homem evolutivo não pode mais se refugiar de sua solidão nos braços de um pai divinizado que ele mesmo criou, nem fugir da responsabilidade de *tomar decisões* por abrigar-se sob a égide da autoridade divina. [...] A visão evolutiva *permite a nós discernir*, de forma incompleta, no entanto, os delineamentos da *nova religião* que podemos ter certeza que vai se levantar para servir as necessidades da época vindoura.  
<sup>324</sup> (grifos nossos)

Veja nos grifos a dicotomia evidente. Criação é antônimo de evolução, são conceitos opostos, contradizentes. Repare na mistura de ciência com religião: “aquela” religião já não serve mais, há necessidade de uma nova, baseada na ciência, na evolução.

<sup>324</sup> Orig.: “*In the evolutionary pattern of thought there is no longer either need or room for the supernatural. The earth was not created; it evolved. So did all the animals and plants that inhabit it, including our human selves, mind and soul as well as brain and body. So did religion [...] Evolutionary man can no longer take refuge from his loneliness in the arms of a divinized father figure whom he has himself created, nor escape from the responsibility of making decisions by sheltering under the umbrella of Divine Authority [...] The evolutionary vision is enabling us to discern, however incompletely, the lineaments of the new religion that we can be sure will arise to serve the needs of the coming era.*” HUXLEY, Julian. *The Evolutionary Vision*. in: TAX, Sol; CALLENDER, Charles; (eds.) *Evolution after Darwin*. The University of Chicago Centennial. Chicago, Il: Chicago University Press, 1960. p. 252-253, 260.

Essa mistura também é vista nos escritos daqueles que estão, supostamente, do outro lado do campo de batalha. Valendo-me novamente do criacionista Henry Morris, observemos:

Afinal, há *apenas duas* cosmovisões básicas - a visão de mundo centrado em Deus e a visão de mundo centrada no homem, *a criação ou evolução*.

Não há prova científica de que a Terra é antiga. Não há qualquer evidência de que houve evolução de um organismo menos complexo para um mais complexo. A revelação divina do Criador do mundo afirma que Ele fez tudo em seis dias há alguns milhares de anos atrás. A Bíblia contém todos os princípios básicos sobre os quais VERDADEIRA ciência é feita. *Ela é um livro de ciência*.

Visto que a evolução jamais foi cientificamente provada e, de fato, nem pode ser testada, a longo prazo ela precisa ser aceita pela fé. [...] *o evolucionismo é muito mais religioso que o criacionismo*.

Se há realmente um grande Criador pessoal por trás da origem e significado de todas as coisas, então precisamos urgentemente conhecê-Lo e ordenar a nossa vida segundo a Sua vontade, como revelou em Sua Palavra inspirada.<sup>325</sup> (grifos nossos)

Novamente, inescapável dicotomia e mistura de ciência com religião. No entendimento de Morris, há também apenas duas opções, e a decisão precisa ser tomada em favor de uma delas.

Diversos autores na área de ciência/religião concordam que a posição da “ciência” ilustrada aqui por Huxley é, na verdade, um *cientificismo*, ou seja, uma confluência<sup>326</sup> de ciência com uma visão de mundo materialista-filosófica. Pode-se perceber isso claramente no seu discurso, que incorpora conceitos éticos e existenciais humanísticos (nos grifos, *tomar decisões, discernir*), com a ciência enquanto método de investigação sobre o mundo natural e objetivo. Por isso fiz questão de grafar tal “ciência” assim, com aspas.

Do outro lado, a posição da “religião” ilustrada pelos ditos de Morris, também demonstra uma confluência, desta vez entre o cristianismo e uma interpretação particular da Escritura que crê na criação há seis mil anos em seis dias literais de 24

<sup>325</sup> Orig.: “*After all, there are only two basic worldviews—the God-centred worldview and the man centred worldview, creation or evolution. [...] There is no evidence whatever [for the] evolution of one kind of organism into a more complex organism. [...] There are no proven scientific evidences that the earth is old. [...] Divine revelation from the Creator of the world [states] that He did it all in six days several thousand years ago. [...] The Bible is a book of science! [...] The Bible does contain all the basic principles upon which true science is built. If there is really a great personal Creator behind the origin and meaning of all things, then we urgently need to know Him and to order our lives according to His will, as revealed in His inspired Word.*” MORRIS, 1994, p. 4-5;

\_\_\_\_\_, 1995, p. 16

\_\_\_\_\_. 1980, p. 229;

<sup>326</sup> Ato de descuidadamente combinar ideias e conceitos distintos em um conceito indiferenciado.

horas. Esta confluência de “religião” com tais conceitos – por isso também as aspas em “religião” – pode ser chamada de *fundamentalismo*. (Ver fig. 12)



Figura 12 - Confluência científicismo x fundamentalismo. (Adaptado de LAMOUREUX, 2009, p. 2.)

Essas confluências, ou seja, o entendimento dos conceitos “ciência” e “religião” conforme o esquema acima tem, infelizmente, como vimos ao longo deste trabalho, se cristalizado ao longo das décadas do séc. XX e se popularizado enormemente na primeira década do séc. XXI. O surgimento do movimento neo-atéista, do qual brevemente tratamos no capítulo primeiro, e o próprio crescimento do movimento criacionista, tem contribuído em muito para disseminar essa visão, e infelizmente o entendimento popular de ciência e religião continua profundamente arraigado a estes conceitos.

No entanto, surpreendentemente, os dois grupos responsáveis pela popularização desta noção tem muito mais em comum do que pode parecer na superfície. Para justificar tal proposição, analisemos brevemente as origens do neo-atéismo contemporâneo.

Segundo o antropólogo social Flávio Gordon, o neo-atéismo, representado por Dawkins, Dennet, Hitchens, Harris e tantos outros, tem suas raízes no próprio desencantamento do ideal moderno,

O neo-atéismo parece ser o resultado de uma decepção com o fracasso das chamadas “teorias da secularização” (elaboradas por intelectuais como Feuerbach, Marx, Freud, Nietzsche etc. e, no campo específico da antropologia social, por Tylor, Frazer, Morgan, entre outros), que previram – hoje pode-se dizer, com certeza equivocadamente – o fim do pensamento

religioso na medida em que a ciência e a técnica progredissem. Entre meados do século XIX e meados do século XX, tudo parecia indicar que —“the god delusion” seria definitivamente extirpada da mente humana.<sup>327</sup>

No entanto, ao contrário do que já previa a família Huxley, este obviamente não foi o caso, e diversas pesquisas apontam para o contrário – um crescimento de todas as religiões, e de modo geral, da fé no sobrenatural e imaterial.

Paralelo a isso, os eventos de 11 de Setembro de 2001 também, segundo analistas, foram fundamentais para esta escalada do recente ateísmo militante. Vejamos o comentário do filósofo político John Gray:

O renascimento do ateísmo é um subproduto curioso dos ataques de 9/11. As causas e os motivos dos ataques suicidas contra Washington e Nova York não são totalmente conhecidos, mas para os incrédulos eles eram atos auto-destrutivos de terror que nenhuma mente secularizada poderia cometer. Com o recuo do cristianismo na Europa, pode ter parecido que a incredulidade também estava em declínio. No evento em questão, à incredulidade foi dado um novo sopro de vida, um lembrete selvagem da intensidade persistente da fé.<sup>328</sup>

Os eventos de 2001 trouxeram à tona também o lado mais obscuro da religião: o fundamentalismo. Este fenômeno, evidenciado no lado islâmico por ataques terroristas, tem outra face na América do Norte protestante, que ataca justamente onde Dawkins e seus aliados mais sentem o golpe: nas ciências naturais. Por essa razão, Dawkins e Dennet parecem ignorar todas as outras formas religiosas existentes no planeta, focando suas críticas apenas na parcela judaico-cristã (e por vezes islâmica) das religiões. O movimento criacionista e do chamado Design Inteligente ganhou força após 2001, e a cruzada neo-ateísta partiu às armas. Mas, ao invés de ter como alvo apenas estes movimentos de cunho fundamentalista, o ataque foi direcionado a todo o teísmo.

É justamente nesse ponto que boa parte da crítica aos postulados do movimento ateu reside. Para o materialismo filosófico, o teísmo é desnecessário, pois a ciência substituiu Deus. Infelizmente, para o fundamentalismo, a essência do argumento também é verdade, por isso lutam por uma versão “estranha” de ciência,

<sup>327</sup> GORDON, Flávio. *A Cidade dos Brights: Religião, Ciência e Política no Movimento Neo-Ateísta*. 2010. 411 f. Tese de Doutorado (Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2010. p. 10-11.

<sup>328</sup> Orig.: “A revival of atheism is a curious by-product of the 9/11 attacks. The causes and motives of the suicidal assaults on Washington and New York are not fully known, but for unbelievers they were acts of self-destructive terror that no secular mind could commit. With the retreat of Christianity in Europe, it may have seemed that unbelief was also in decline. In the event, unbelief has been given a new lease of life by a savage reminder of the persistent intensity of faith.” GRAY, John. *Fanatical Unbelief*. *Prospect Magazine*, [S.l.], Nov. 2004.

Disponível em: <[www.thedivineconspiracy.org/Z5013.htm](http://www.thedivineconspiracy.org/Z5013.htm)>. Acesso em: 14 out. 2013.

uma “ciência-teísta”, para substituir a atual ciência que entendem ser intrinsecamente ateuista. John Haught, especialista nas relações ciência/religião esclarece:

O fato é que a idéia de Deus funciona como tudo menos uma hipótese científica para a maioria dos crentes e teólogos, mas isso não detem Dawkins e seus associados. De fato, um componente chave do argumento neo-atéista contra Deus é supor que o criacionismo e o ID [Design Inteligente] representam o ponto alto intelectual e núcleo central das tradições teístas. A maioria dos teólogos contemporâneos rejeitam o criacionismo e o ID por razões teológicas, mas os novos ateus decidiram, quase que por decreto, que a teologia não conta, e deve ser mantida fora das suas discussões a respeito de Deus.<sup>329</sup>

Rejeitando as contribuições da teologia, tomando o “criacionista” como modelo paradigmático de cristão, e daí depreendendo que a negação à Darwin está implícita ao cristianismo, Dawkins e Dennet tornam-se rivais miméticos dos mesmos. Como aponta Gordon,

Simétrica e inversamente, para os criacionistas, todo darwinista é um “fundamentalista darwiniano” como Dawkins e Dennett, e a teoria de Darwin conduz necessariamente ao ateísmo. Assim como os neo-atéistas desejam eliminar a fé religiosa, os criacionistas (ou ao menos os mais radicais entre eles) desejam excluir a teoria de Darwin do patrimônio cultural da humanidade.<sup>330</sup>

Os paralelos entre criacionistas e neo-atéistas não param por aí. John Haught ilumina-nos, mais uma vez:

A ignorância da teologia simplifica ataques dos novos ateus sobre os seus adversários religiosos igualmente desinformados. Ela permite que sua crítica venha de encontro, ponto por ponto, ao fundamentalismo que está tentando eliminar. Na verdade, no amplo espectro do ateísmo contemporâneo, Dawkins, Harris e Hitchens são a epítome do extremo literalista científico quase da mesma forma que os fundamentalistas religiosos que eles condenam representam o extremo literalista no amplo mundo dos judeus, cristãos e islâmicos. A semelhança não é mera coincidência. Literalistas tanto científicos quanto religiosos compartilham a crença de que não há nada além da superfície dos textos que estão lendo - a natureza, no caso da ciência, e as Sagradas Escrituras, no caso da religião [...] a importante diferença entre o novo-ateu e o criacionista não é que um lado alega a tomar ciência a sério e os outros não. Ambos professam, ao menos, fazê-lo. Nem é que um lado espera que a Bíblia forneça informações científicas e os outros não. Ambos assumem que uma literatura supostamente inspirada deve fazer pelo menos isso. Pelo contrário, a diferença significativa é que o criacionista considera a Bíblia

<sup>329</sup> Orig.: “The fact is that the idea of God functions as anything but a scientific hypothesis for most believers and theologians, but this not deter Dawkins and his associates. Indeed, a key component of the new atheist’s case against God is to suppose that creationism and ID [Intelligent Design] represent the intellectual high point and central core of theistic traditions. Most contemporary theologians reject creationism and ID for theological reasons, but the new atheists have decided, almost by decree, that theology does not count and should be kept out of their discussions about God.” HAUGHT, John F. *God and the New Atheism: A Critical Response to Dawkins, Harris, and Hitchens*. Louisville, KY: Westminster John Knox, 2008. p.42.

<sup>330</sup> GORDON, 2010, p. 245.

uma fonte confiável de ciência, e o novo-ateu não. Mas o ponto importante a ter em mente é que o novo ateu coloca as mesmas exigências literalistas na Bíblia que fazem cristãos e outros fundamentalistas.<sup>331</sup>

Ou seja, o fundamentalismo criacionista cristão, com sua leitura literalista e historicista, coloca a Bíblia sob o escrutínio da ciência, ironicamente valendo-se das ferramentas forjadas pela própria ciência. Como afirma Glover, “a ‘ciência da criação’ [criacionismo] dá ao mundo secular um “homem-de-palha” bíblico que pode ser facilmente destruído, juntamente com toda a fé cristã”.<sup>332</sup>

Haught deixa claro que a teologia já há muito rejeita a interpretação literalista feita pelos criacionistas. Dessa forma, ela entende que tal dicotomia entre religião *versus* ciência é falsa e precisa ser rejeitada. Criação *versus* evolução é uma falsa escolha, um falso dilema, que, “obscurece a riqueza teológica contida no dogma da criação, empobrece nossa visão de mundo e de Deus e impossibilita uma posição de diálogo entre religião e ciência.”<sup>333</sup>

Diversos autores compartilham desta mesma opinião, como Lamoureux, que afirma:

Infelizmente, a dicotomia das origens forçou muitos cristãos a lançarem dúvida sobre a ciência ou sobre a comunidade científica, por que, para eles, a palavra evolução é essencialmente ateia ou disteleológica.<sup>334</sup>

Como podemos então, superar a falsa dicotomia perpetrada pelos grupos extremistas? Barbour esclarece qual entendemos ser o primeiro passo: separar as questões científicas das filosóficas:

Em sua epistemologia, esses autores [do materialismo científico] pressupõem que o método científico é a única fonte confiável de conhecimento, pressuposto conhecido por seus críticos como *cientificismo*,

<sup>331</sup> Orig.: “*Ignorance of theology simplifies the new atheists’ attacks on their equally uninformed religious adversaries. It allows their critique to match, point for point, the fundamentalism it is trying to eliminate. In fact, on the wide spectrum of contemporary atheism Dawkins, Harris, and Hitchens epitomize the scientifically literalist extreme almost in the same way that the religious fundamentalists they condemn represent the literalist extreme in the wide world of Jewish, Christian, and Islamic thought. The resemblance is not coincidental. Both scientific and religious literalists share the belief that there is nothing beneath the surface of the texts they are reading – nature in the case of science, sacred Scriptures in the case of religion [...] the important difference between the new atheist and the creationist is not that one side claims to take science seriously and the others does not. They both at least profess to do so. Nor is it that one side expects the Bible to provide scientific information and the other does not. They both assume that allegedly inspired literature should do at least that much. Rather, the significant difference is that the creationist considers the Bible a reliable source of science whereas the new atheist does not. But the important point to keep in mind is that the new atheist places the same literalist demands on the Bible as do Christian and other fundamentalists.*” HAUGHT, 2008, p. 30-33.

<sup>332</sup> Orig.: “*Creation Science hands the secular world a biblical straw man that can be easily torn down, along with the entire Christian faith.*” GLOVER, 2007, p. 105.

<sup>333</sup> SANCHES, 2009, p. 13.

<sup>334</sup> LAMOUREUX, 2009, p.4.

[...] [Eles], em sua metafísica, estenderam os conceitos científicos para além de seu uso na ciência a fim de justificar *filosofias materialistas*. A identificação do real com propriedades mensuráveis, que podem ser conferidas por relações matemáticas exatas, começou nas ciências físicas, mas influenciou cientistas de outras áreas e continua até hoje. Eu argumentaria, porém, que essas propriedades da matéria foram abstraídas do mundo real, ignorando-se a particularidade dos eventos e os aspectos não quantificáveis da experiência humana. Não precisamos concluir que apenas a matéria é real ou que a mente, o sentido e o amor humano são apenas subprodutos da matéria em movimento. O teísmo, em suma, não é intrinsecamente conflitante com a ciência, mas sim com a metafísica do materialismo.<sup>335</sup>

Sanches faz uma bela síntese do problema:

O materialismo científico começa com a ciência, mas termina fazendo uma afirmação filosófica, enquanto o literalismo bíblico parte da teologia para fazer afirmações a respeito de assuntos científicos. No materialismo científico, a ciência engole a religião. No literalismo bíblico, a religião engole a ciência.<sup>336</sup>

Um exemplo interessante para ilustrar essa extrapolação da ciência para a filosofia é trazido por Lamoureux<sup>337</sup>, quando pensamos sobre a questão do Design Inteligente<sup>338</sup> em uma célula viva. A ciência enquanto método e sistema lógico de organização do conhecimento revela alguns fatos sobre as células vivas. Por exemplo: uma célula comum mede em média 10  $\mu\text{m}$  (10 micrômetros, quando 1  $\mu\text{m}$  é igual a 1mm dividido por 1000). Cada célula dessas contém, no mínimo 1 metro de DNA, organizado em cromossomos. A informação contida nesse 1 metro de DNA ocuparia 30 volumes de uma enciclopédia como a Britânica. Se pegarmos todo DNA humano, contido nos 37,2 trilhões de células que compõem o nosso corpo<sup>339</sup>, poderíamos fazer a viagem Terra-Sol no mínimo 70 vezes. Este é um fato da ciência, um fato do mundo FÍSICO que qualquer biólogo, ateu ou não, conhece e admite. Este fato em si não diz nada a ninguém a respeito de nenhuma questão filosófica, metafísica ou religiosa.

<sup>335</sup> BARBOUR, 2000, p. 28-29.

<sup>336</sup> SANCHES, 2009, p. 25.

<sup>337</sup> LAMOUREUX, 2009, p. 11-13.

<sup>338</sup> Lembrando que quando falamos em Design Inteligente não estamos nos referindo ao movimento atual anti-evolução, que afirma que algum tipo de divindade deve ter interferido na origem da vida e na formação de certas estruturas celulares por serem muito complexas para terem sido produzidas pela evolução. Nos referimos ao entendimento clássico da ortodoxia cristã de que a criação declara a glória de Deus, revelando sua natureza divina e seu eterno poder. Isso, entendemos, é uma crença, não um fato objetivo da ciência.

<sup>339</sup> Segundo o mais recente e completo estudo feito para responder essa pergunta aparentemente tão simples. Ver em: ZIMMER, Carl. *How Many Cells Are In Your Body*. National Geographic Phenomena, Web Log "The Loom". 23 Oct. 2013. Disp. em: <<http://phenomena.nationalgeographic.com/2013/10/23/how-many-cells-are-in-your-body/>>. Acesso em: 05 Jan. 2014

Agora, o que acontece quando alguém pondera sobre este fato? As conclusões sobre o significado último desse fato são as mais diversas. Em outras palavras, as conclusões METAFÍSICAS são distintas e às vezes opostas. Um crente em Deus vai observar esses dados e vai talvez afirmar que eles revelam teleologia, revelam uma mente inteligente por detrás, um designer, planejador, um desenhista dotado de extrema inteligência. Outro cientista, que não crê em Deus, afirmará que esse mesmo fato do mundo físico oferece uma ilusão de design, mas que na verdade não revela nem plano nem propósito e nem aponta para um designer.

O que é preciso reconhecer é que há, para os dois cientistas do nosso exemplo, um “salto” que parte da FÍSICA e chega à METAFÍSICA. Este salto parte da mesma observação física, mas chega a diferentes conclusões por causa de no mínimo três fatores complexos: a intuição, a fé e a razão. A razão informa esse salto, mas em última análise, o salto envolve elementos muito mais subjetivos, como a intuição, que seria uma impressão imediata, profundamente subjetiva, sobre um fato. A intuição e a razão contribuem juntas para a fé, que é um processo intelectual-espiritual que leva a uma conclusão última a cerca da realidade dos fatos. Por isso, podemos legitimamente chamar esse salto de “um salto de fé”, uma vez que a fé “é o fundamento do que se espera e a certeza do que não se vê.” (Hb 11:1) Não se pode provar o *status* metafísico do universo, pois é uma crença, não um fato observável pelos métodos da ciência. A interpretação do fato revela mais sobre o intérprete do que sobre o fato em si. Por isso, há que se reconhecer que todos, religiosos ou não, fazem este “salto de fé”, da física para a metafísica, exibindo sim, uma crença em algum tipo de verdade última, e abraçando sim, algum tipo de fé.

Quando há este reconhecimento, a conflagração de conceitos típica da dicotomia “ciência *versus* religião” se enfraquece. (Ver Fig. 13.)



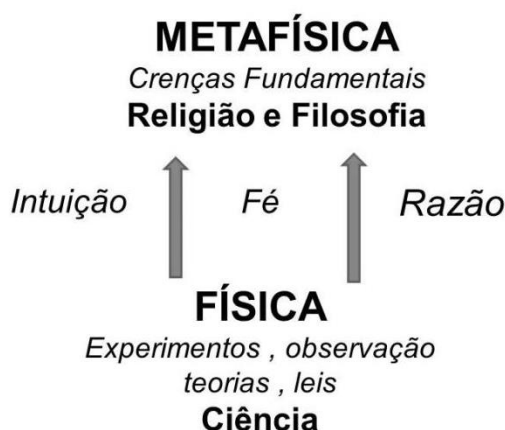


Figura 13 - O Salto de fé, da Física para a Metafísica. (Adaptado de LAMOUREUX, 2009, p. 12.)

Aqui reside o erro dos adeptos da posição da evolução disteleológica (cap. 1). O seu materialismo metodológico – necessário e essencial para o bem fazer da ciência, leva automaticamente a um materialismo metafísico ou filosófico. Não há o reconhecimento de que este salto não é, nem pode ser, automático, mas está subjugado a profundas questões subjetivas. Também é o erro dos criacionistas, que não reconhecem este salto, e depreendem automaticamente que a ciência evolucionista – que envolve método, experimentação, observação, teorias e leis – leva direta e automaticamente a uma posição metafísica ateísta.

Um segundo passo para a superação da noção de conflito está no resgate de uma antiga pedra fundamental do cristianismo, da qual já falamos anteriormente: o dogma ou doutrina da criação. Segundo a concepção de Santo Agostinho, Deus criou tudo o que existe a partir do nada, *ex nihilo*: “Nada havia fora de Vós, com que pudésseis criar, ó Trindade Una e Unidade Trina. Do nada, pois fizestes o céu e a terra...”<sup>340</sup> Esta doutrina tem aplicações e implicações teológicas extremamente profundas (como brevemente vimos no capítulo anterior), mas não tem nada a dizer a respeito da maneira que Deus teria usado para criar. Para citar o antigo clichê, ela responde às perguntas “O quê? Quem?” e “Por Quê?” e não à pergunta “Como?”. Dessa forma, segundo esta doutrina angular do cristianismo histórico, a evolução não seria empecilho para alguém crer que o Deus cristão, o Deus da Bíblia, é criador de todas as coisas. Veja por exemplo este excerto de Brunner:

Como pode a teoria científica da evolução ser combinado com a crença cristã na criação? Primeiro de tudo, vamos tentar responder a essa pergunta na forma de uma analogia: Como podemos combinar a análise química de uma tela pintada com o julgamento estético desta tela, como uma obra de

<sup>340</sup> AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. 8.ed. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1975. p. 327. *apud* SANCHES, 2009, p. 27.

arte? Obviamente os dois não são mutuamente exclusivos, pois os dois assuntos estão em planos diferentes. Quando o químico apenas vê os vários elementos de uma mistura de produtos químicos, o artista vê um significativo conjunto, uma expressão da mente e do espírito.<sup>341</sup>

Diversas tradições religiosas assumem essa postura, declarando-se abertas à possibilidade de a evolução biológica ter sido o processo que Deus usou para criar. Como exemplo, podemos citar o Papa João Paulo II, que declarou:

Novos conhecimentos conduzem ao reconhecimento da teoria da evolução como *mais do que uma hipótese*. A Bíblia fala da origem do universo *NÃO* para fazer um tratado científico, mas para afirmar o correto *relacionamento* entre a humanidade, Deus e o universo. [...]

A Sagrada Escritura simplesmente declara que o mundo foi criado por Deus, e ela expressa essa verdade nos termos da cosmologia [ciência] *em uso na época do escritor*.<sup>342</sup> (grifos nossos)

Do lado protestante, temos o célebre Billy Graham, pastor evangélico, que também se declarou aberto à evolução teísta:

A Bíblia não é um livro de ciências. A Bíblia é um livro sobre Redenção, [...] e é claro que eu aceito a história da criação. Eu creio que Deus realmente criou o universo. Eu creio que Deus criou a humanidade. Se isso aconteceu ou não por um processo evolutivo onde em um certo ponto ele pegou essa pessoa ou criatura e fez dela alma vivente, isso não muda o fato de que Deus, sim, criou a humanidade. [...] A maneira qualquer que Deus usou para criar não faz a menor diferença para o que homens e mulheres são e ao seu relacionamento com Deus.<sup>343</sup>

O que estes exemplos deixam claro é que precisa ser reconhecido o fato de que a Bíblia utiliza-se de uma cosmologia da antiguidade como veículo para trazer mensagens espirituais. É preciso distinguir-se – e não fazer nova confluência! – entre a *mensagem* e o *incidente*, conforme já abordamos anteriormente. Quando se faz tal

<sup>341</sup> Orig.: “How can the scientific theory of Evolution be combined with the Christian belief in Creation? First of all, we will try to answer this question in the form of an analogy: How can we combine the chemical analysis of a painted canvas with the aesthetic judgment of this canvas as a work of art? Obviously the two are not mutually exclusive, because the two subjects are on different planes. Where the chemist only sees the various elements of a chemical mixture, the artist sees a significant whole, an expression of mind and spirit.” BRUNNER, 1952, p.40.

<sup>342</sup> Orig.: “New knowledge leads to the recognition of the theory of evolution as more than a hypothesis [...] Sacred scripture wishes simply to declare that the world was created by God, and in order to teach this truth it expresses itself in the terms of the cosmology [ie, science] in use at the time of the writer.” JOÃO PAULO II, Papa. *Message to Pontifical Academy of Sciences on Evolution*. (Revised Translation) Origins: CNS Documentary Service 26, Nov 1996. p. 415.  
\_\_\_\_\_. *Scripture and Science: The Path of Scientific Discovery*. Origins: CNS Documentary Service 11. Oct 1981. p. 279.

<sup>343</sup> Orig.: “The Bible is not a book of science. The Bible is a book of redemption. [...] And of course, I accept the Creation story. I believe that God did create the universe. I believe He created man, and whether it came by an evolutionary process and at a certain point He took this person or being and made him a living soul or not, does not change the fact that God did create man[...] Whichever way God did it makes no difference as to what man is and man’s relationship to God.” FROST, David. *Billy Graham: Personal Thoughts of a Public Man. 30 Years of Conversations with David Frost*. Colorado Springs, CO: Chariot Victor, 1997. p. 73-74.

concessão, os problemas são consideravelmente minimizados, e pontes de diálogo podem começar a surgir.

Brakemeier traz um exemplo muitíssimo interessante (ecoado por muitos, inclusive Lamoureux, que o chama de “analogia embriologia-evolução”), valendo-se da explicação de Lutero ao primeiro artigo do credo apostólico, no catecismo menor:

O Reformador diz: “Creio que Deus criou a mim e a todas as criaturas [...]”. A lógica parte de uma confissão pessoal para a afirmação geral da criação do mundo. Falar em criação só faz sentido se eu mesmo me entender como procedente das mãos de Deus. [...] Mas o que mais chama a atenção é o fato de que Lutero qualifica como ‘criação’ aquilo que, sob o aspecto biológico, não passa de um processo muito natural. Um ser humano nasce em razão de um da fusão de um óvulo e de um espermatozoide, seguida de gestação e parto. Os mecanismos reprodutivos são cabalmente conhecidos. Não constituem nenhum segredo. Então seriam os pais os “criadores” de seus filhos? A fé cristã nega isso. Pais são progenitores, responsáveis pela vida que geraram, encarregados de sua proteção e educação. Na verdade, porém, não produziram seus filhos, mas os receberam. Na raiz da vida está o Deus criador. Filhos são ‘criaturas divinas’, assim como todas as demais coisas do universo. Esse é um outro olhar do que o científico. Ele não se interessa pelo funcionamento das coisas, mas por sua razão e finalidade. São dimensões que, numa visão conjunta da realidade, não podem faltar sob pena de graves prejuízos. Já dizia Blaise Pascal que Deus tem presença oculta na natureza.<sup>344</sup>

Acrescento, lembrando Lamoureux<sup>345</sup>, que quando lemos a belíssima declaração do Salmo 139:13 – “Tu criaste o íntimo do meu ser e me teceste no ventre de minha mãe. Eu te louvo porque me fizeste de modo especial e admirável.” – ninguém, nem o mais fundamentalista dos cristãos, interpreta tal texto como se Deus, factual e materialmente, invadissem o útero feminino e, com uma agulha, “tecesse” o braço do bebê junto ao corpo, seus rins e etc. Provavelmente qualquer cristão, criacionista ou não, entende o texto como uma expressão de fé de que sim, somos criaturas de Deus, parte da criação, e ele é nosso criador, e que no caso da nossa gestação e formação, ele opera por causas secundárias, as “leis da embriologia”, do crescimento celular, que são reveladas pela ciência através de uma ultrassonografia.

Da mesma natureza, entendemos, é o relato da criação de Gênesis. Deus é nosso criador, operando através de causas secundárias que a ciência chamada evolução biológica estuda. Em escala temporal humana, o processo de criação de Deus no caso de nossos filhos no ventre materno dura aproximadamente nove meses. O processo de criação do ser humano durou aproximadamente 14 bilhões de

<sup>344</sup> BRAKEMEIER, 2006, p. 47-48.

<sup>345</sup> LAMOUREUX, 2009, p. 27-28.

anos.<sup>346</sup> Mas falamos, conforme Isaías 57:15, do Deus que habita a eternidade, para quem um dia ou mil anos não tem diferença alguma.

Em síntese, em vista do exposto neste capítulo e ao longo deste trabalho, entendemos que não há motivo real para um conflito entre ciência e religião, e que o debate “criação x evolução” é, no mínimo, uma fabricação mal-informada que representa uma falsa escolha, um falso dilema, ancorado em má-ciência e má-teologia. Tais conceitos estão em níveis distintos de debate, respondendo à diferentes perguntas. No entanto, tais perguntas podem sim fazer parte de um diálogo em comum, almejando uma mais completa e recompensadora compreensão da realidade e condição humana com relação ao universo que nos cerca.

---

<sup>346</sup> Idade aproximada do início do universo segundo o modelo atualmente mais aceito, a teoria do *Big Bang*.

## CONCLUSÃO



Figura 14 - Capa da Revista Superinteressante nº. 240, Jun. 2007.

Sim, Darwin matou deus. Aquele deus que se refugia nas lacunas do conhecimento humano, que só atua nas coisas para as quais a ciência não encontrou explicação foi realmente assassinado quando Darwin mostrou que ele não era mais necessário. O deus “tapa-buraco” da nossa ignorância nunca foi necessário. No entanto, entendemos que não é esse deus que a Bíblia apresenta. Não é esse o deus de Jesus, e não é nesse deus que cremos. O Deus em que cremos faz sim as plantas crescerem, mesmo que conheçamos as auxinas que atuam em suas células possibilitando o crescimento. Ele pinta o céu de azul, planejando que a refração dos raios solares incidam sobre a atmosfera de forma a espalhar comprimentos de onda curtos, fixando esta cor no céu. Ele nos mantém vivos, fazendo com que impulsos elétricos do nosso encéfalo cheguem ao coração, marcando seu passo que bombeia sangue. Ele é Deus que cura, muitas vezes através de remédios. Ele fala, através de textos e de pessoas. E ele cria, talvez através de uma grande explosão e posterior evolução. O conhecimento destes mecanismos não invalidam a fé que se tem que Ele, sim, é doador e sustentador da vida, e Criador do universo. Pelo contrário, conhecer estes mecanismos é um privilégio concedido a nós, neste momento da aventura humana pela história, de

olhar a criação como que através de um raio-x, vendo as vigas de aço anteriormente escondidas por trás do gesso das paredes.

Concluimos este trabalho esperando ter demonstrado que ciência e religião ao contrário de estarem em conflito, podem e devem ser “companheiras de viagem”. A noção de dois campos beligerantes necessita ser desfeita, pois não representa o que há de melhor em ambas as áreas. Ao contrário, evidencia posições de extremismo que em nada contribuem para o progresso e aperfeiçoamento de ambas. Como companheiras de viagem, ambas podem dialogar sobre seus métodos, modos de compreensão, pressupostos, onde sem dúvida encontrarão coisas em comum, além, é claro, de diferenças fundamentais – mas que não representam nenhum problema, afinal, não há competição entre elas.

Esperamos ter demonstrado também que o conflito só aparece quando não respeitamos essas especificidades de cada uma. Quando lemos um texto sagrado sem nos darmos conta – e sem respeitarmos – a roupagem antiga em que suas verdades estão acondicionadas. Não podemos nos deixar levar pela falsa dicotomia que nos é apresentada devido a uma compreensão popular e desinformada de “ciência” e de “religião”, que na verdade não passam de cientificismo e fundamentalismo. Ambas as noções empobrecem em muito a própria essência do que é a ciência e do que é a religião e o cristianismo.

É fundamental o reconhecimento do “salto de fé” que todo e qualquer indivíduo, independente se teísta ou ateu, dá ao se deparar com a realidade revelada pela ciência. As conclusões últimas a respeito da realidade não são apreendidas automaticamente, mas envolvem a profundidade do espírito humano com toda sua subjetividade e mediações.

Ao navegar na pesquisa sobre os esforços de conciliação entre os dois campos, vimos um oceano extremamente frutífero de possibilidades, novas compreensões, saberes e experiências que em muito podem ajudar a qualquer um que esteja lutando para libertar-se de tão angustiante dicotomia, que a mim mesmo perseguiu por tantos anos.

Creemos que a teologia tem papel fundamental na construção destas pontes de diálogo entre a ciência evolucionista e a religião. É dela que partem as pontes, pois é ela quem interpreta os textos bíblicos de forma a revelar as verdades espirituais neles contida, reconhecendo a roupagem antiga em que estão acondicionadas. E é ela quem estende a mão à ciência, convidando-a, como

parceira, a fornecer o próprio instrumental teórico para a análise dos textos bíblicos, para a pesquisa historiográfica e arqueológica e para o próprio descobrir da natureza – natureza esta que declara a glória do Pai, e que foi a forma escolhida para “aquele que é antes de tudo” se fazer carne e habitar entre nós.

Há diálogo entre teologia e ciência, e esse diálogo precisa chegar aos ouvidos do público em geral, bem como da academia brasileira, ainda tão influenciada pela falsa noção dicotômica. Esperamos que este trabalho possa servir como um passo inicial nas pesquisas de tão frutífera área que é a das relações entre a ciência das origens e a teologia, e que iniciativas de diálogo possam surgir, esperamos, a partir daqui.

Encerro, como comecei, com Francis Bacon, que nos estimula à contínua busca nos “dois livros” as respostas para nossos anseios mais profundos como seres humanos:

Pois, que homem algum, por um fraco conceito de sobriedade ou mal aplicada moderação, pense ou mantenha que se pode pesquisar demasiado longe ou ser versado em demasia no livro da palavra de Deus ou no livro das obras de Deus, em teologia ou em filosofia [natural]; mas antes aspirem os homens a um avanço ou progresso ilimitados em ambas; cuidando, isso sim, de aplicá-las à caridade, e não ao envaidecimento; ao uso, e não à ostentação; e também de não misturar ou confundir imprudentemente esses saberes entre si.<sup>347</sup>

---

<sup>347</sup> BACON, Francis. *O progresso do conhecimento*. Tradução, apresentação e notas Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 2007. Tradução de: *The Proficiency and Advancement of Learning Divine and Humane*, 1605.





## REFERÊNCIAS

- A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2000.
- A BÍBLIA SAGRADA. Tradução Almeida Revisada. Imprensa Bíblica Brasileira.
- ABC NEWS. *Six in 10 Take Bible Stories Literally, But Don't Blame Jews for Death of Jesus*. ABC News Opinion Poll.. [S.l.] 15. Feb. 2004. Disp. em: <<http://abcnews.go.com/images/pdf/947a1ViewsoftheBible.pdf>>. Acesso em: 07jul. 2012.
- ALLEN, James P. *Genesis in Egypt: The Philosophy of Ancient Egyptian Creation Accounts*. New Haven, CT: Yale Egyptological Seminar, Dept. of Near Eastern Languages and Civilizations, Graduate School, Yale University, 1988.
- ARENS, Eduardo. *La Biblia Sin Mitos: Una Introducción Crítica*. Lima: Paulinas, 2004.
- ARNOULD, Jacques. *Darwin, Teilhard de Chardin e Cia.: a Igreja e a evolução*. Trad. Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 1999.
- BACON, Francis. *O progresso do conhecimento*. Tradução, apresentação e notas Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 2007. Tradução de: BACON, Francis. *The Proficiency and Advancement of Learning Divine and Humane*, 1605.
- BAPTIST PRESS NEWS. Henry Morris Obituary. [S.l]: Southern Baptist Convention, 27 Feb. 2006. Disponível em <<http://www.bpnews.net/bpnews.asp?ID=22739>>. Acesso em: 09 jul. 2012.
- BARBOUR, Ian. G. *Quando a ciência encontra a religião: Inimigas, estranhas ou parceiras*. São Paulo: Editora Cultrix, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Religion in an Age of Science - The Gifford Lectures - 1989-1991*. Vol. 1. London: SCM, 1990.
- BARLOW, Nora (Ed.) *The Autobiography of Charles Darwin 1809-1882*. London: Collins, 1958.
- BARTH, Karl. *Church Dogmatics - Vol. 3 - Part 1 - The Doctrine of Creation*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1958.
- BATTEN, Don. et al. Chapter 12 - Was There a Water Vapour Canopy? In: *The Creation Answers Book: Answers to over 60 Commonly-asked Questions in 20 Categories*. Eight Mile Plains, Qld., Australia: Creation Ministries International, 2006. p. 175-177. Creation.com - The Creation Answers Book. Creation Ministries International. Disponível em: <<http://creation.com/images/pdfs/cabook/chapter12.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2012.
- BEHE, Michael. *A Caixa Preta De Darwin: O desafio da bioquímica à teoria da evolução*. Tradução de Ruy Jungmann. Rio De Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BIXLER, R. Russell. *Earth, Fire, and Sea: The Untold Drama of Creation*. Pittsburgh, PA: Baldwin Manor Press, 1986.

BORG, Marcus J. *Reading the Bible Again for the First Time: Taking the Bible Seriously but Not Literally*. San Francisco: Harper San Francisco, 2001.

BOWLER, Peter J. *Evolution: The History of an Idea*. 3<sup>rd</sup> ed. Berkeley, CA: University of California Press, 2003.

BRAKEMEIER, Gottfried. *Autoridade da Bíblia: Controvérsias-Significado-Fundamento*. 2. Ed. São Leopoldo: Ed. Sinodal, CEBI, EST, 2003.

\_\_\_\_\_. *Ciência ou Religião: Quem vai conduzir a história?* São Leopoldo: Sinodal, 2006.

\_\_\_\_\_. *O Ser Humano Em Busca De Identidade: Contribuições Para Uma Antropologia Teológica*. São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 2002.

BRODIE, Thomas L. *Genesis as Dialogue: A Literary, Historical, & Theological Commentary*. Oxford: Oxford UP, 2001.

BRUEGGEMANN, Walter. *Genesis: A Bible Commentary for Teaching and Preaching*. Atlanta: John Knox, 1982.

BRUM, Eliane. E no princípio era o que mesmo? *Revista Época*. São Paulo: Ed. Globo, n. 346, 3 Jan. 2005. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT884203-1664-1,00.html>>. Acesso em: 16 jun. 2012.

BRUMFIEL, Geoff. Newton's Religious Screeds Get Online Airing. *Nature* v. 430, n. 7002, p. 819, 2004.

BRUNNER, Emil. *The Christian Doctrine of Creation and Redemption*. Trans. Olive Wyon. Philadelphia: Westminster, 1952.

CALVIN, John. *Commentary on the Book of Psalms*. Grand Rapids, MI: Eermans, 1949, vol.5. Disponível em <<http://www.ccel.org/ccel/calvin/calcom12.pdf>>. Acesso em: 17 dez. 2012.

CHERBURY, Lord Edward Herbert of. *De Veritate*. Trans. Meyrick H. Carré. Bristol: University of Bristol by J.W. Arrowsmith, 1937.

CLARK, Ronald W. *Einstein: The Life and Times*. New York: World Publishing Company, 1971.

COBB, John B., GRIFFIN, David Ray. *Process Theology: An Introductory Exposition*. Philadelphia: Westminster, 1976.

COLLINS, Francis. S. *A Linguagem de Deus: um cientista apresenta evidências de que Ele existe*. Trad. Giorgio Cappeli. 4.ed. São Paulo: Gente, 2007.

CORBETT, Michael; HEMEYER, Julia Corbett. *Politics and Religion in the United States*. New York: Garland Pub., 1999.

CROATTO, José Severino. *Los Lenguajes De La Experiencia Religiosa: estudio de fenomenología de la religión*. Buenos Aires: Fundación Univ. a Distancia Hernandarias, 1994. p. 145-152.

\_\_\_\_\_. O mito como interpretação da realidade: considerações sobre a função da linguagem de estrutura mítica no Pentateuco. *Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana*. Petrópolis: Vozes, v. 23, p.16-22, 1996.

\_\_\_\_\_. Quem pecou primeiro? Estudo de Gên. 3 em perspectiva utópica. *Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana*. Petrópolis: Vozes, v. 37, p.15-27, 2001.

CUNNINGHAM, Conor. *Did Darwin Kill God? Charles Darwin - The BBC Documentaries*. BBC. London, [S.d.]. Documentário Televisivo. 2009.

DARWIN, Charles; DARWIN, Francis. *The Life and Letters of Charles Darwin - Including an Autobiographical Chapter*. New York: Basic, 1959.

DAWKINS, Richard. *Deus: um delírio*. Trad. Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. Interview with Richard Dawkins. Transcrito de programa televisivo *Faith and Reason*. PBS. Disponível em <<http://www.pbs.org/faithandreason/transcript/dawframe.html>>. Acesso em: 23 nov. 2013.

\_\_\_\_\_. *O Capelão Do Diabo: ensaios escolhidos*. Comp. Latha Menon. Trad. Rejane Rubino. São Paulo: Companhia Das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. *O Relojoeiro Cego: a teoria da evolução contra o desígnio divino*. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia Das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. *O Rio Que Saía Do Éden: uma visão darwiniana da vida*. Trad. Alexandre Tort. Rio De Janeiro: Rocco, 1996.

DEEM, Rich. *The Water Vapor Canopy Theory - Why the Bible (And Science) Says It Is False*. [S.l.]: Evidence for God from Science, 11 Out. 2007. Disponível em: <<http://www.godandscience.org/youngearth/canopy.html>>. Acesso em: 08 dez. 2012.

DENNETT, Daniel C. *A Perigosa Idéia De Darwin: a evolução e os significados da vida*. Trad. Talita M. Rodrigues. Rio De Janeiro: Rocco, 1998.

DILLOW, Joseph C. *The Waters Above: Earth's Pre-flood Vapor Canopy*. Chicago: Moody, 1981.

DISCOVERY INSTITUTE. *The Wedge*. Center for the Renewal of Science and Culture. Discovery Ins.: Seattle, WA: 1999. Disponível em: <<http://www.antievolution.org/features/wedge.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2014.

DOBZHANSKY, Theodosius. Biology, Molecular and Organismic. *American Zoologist*, vol. 4. p. 443-452, 1964.

ELIADE, Mircea. *Aspectos Do Mito*. Lisboa: Ed. 70, 1986.

ENGLER, Steven. Tipos de criacionismo Cristão. *Rever – Revista de Estudos da Religião*, n. 2, p. 83-107, jun. 2007. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/rever/rv2\\_2007/t\\_engler.htm](http://www.pucsp.br/rever/rv2_2007/t_engler.htm)>. Acesso em: 06 jul 2012.

EXPLORING THE CREATION MUSEUM - America's New Mecca of Fanatical Ignorance. Web log post. Demonbaby. Ed. Rob. [S.l: S.n.] 6 Jun. 2008. Disponível em: <<http://www.demonbaby.com/blog/2008/06/exploring-creation-museum-americas-new.html>>. Acesso em: 12 jul. 2012.

FARRAR, Paul; HYDE, Bill. *The Vapor Canopy Hypothesis Holds No Water*. TalkOrigins Archive. [S.l: S.n. S.d] Disponível em: <<http://www.talkorigins.org/faqs/canopy.html>>. Acesso em: 08 jul. 2012.

FAULKNER, Danny. *Geocentrism and Creation*. Creation Ministries International . [S.l: S.d] Disponível em: <<http://creation.com/geocentrism-and-creation>>. Acesso em: 9 jul. 2012.

FLANK, L. *Is evolution the work of the devil?* Debunking Creation Science Homepage. 1995. [S.n.: s.l.] Disponível em: <<http://www.huecotanks.com/debunk/devil.htm> >. Acesso em: 02 dez. 2013.

FORREST, Barbara; GROSS, Paul R. *Creationism's Trojan Horse: The Wedge of Intelligent Design*. Oxford: Oxford UP, 2004.

FROST, David. *Billy Graham: Personal Thoughts of a Public Man*. 30 Years of Conversations with David Frost. Colorado Springs, CO: Chariot Victor, 1997.

GIBERSON, Karl. *Saving Darwin: How to Be a Christian and Believe in Evolution*. New York: HarperOne, 2008.

GILSON, Etienne. *Matter and Forms*. The Christian Philosophy of Saint Augustine. Part 3 - Chapter 2. New York: Random House, 1960.

GLOVER, Gordon J. *Beyond the Firmament: Understanding Science and the Theology of Creation*. Chesapeake, VA: Watertree, 2007.

GORDON, Flávio. A Cidade dos *Brights*: Religião, Ciência e Política no Movimento Neo-Ateísta. 2010. 411 f. Tese de Doutorado (Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2010.

GOULD, S. J. *Pilares do Tempo – ciência e religião na plenitude da vida*. Trad. F. Rangel. Rio de Janeiro, RJ: Ed.Rocco, 2002.

\_\_\_\_\_. *Evolution: The Pleasures of Pluralism*. New York Review of Books, 26 Jun. 1997. Disponível em: <<http://cogweb.ucla.edu/Debate/Gould.html>>. Acesso em: 20 dez. 2013.

GRAVES, Robert; PATAI Raphael; DAVIS, Robert A. (Ed.) *Hebrew Myths: The Book of Genesis*. Manchester, England: Carcanet, 2005.

GRAY, John. Fanatical Unbelief. *Prospect Magazine*, [S.l.], Nov. 2004. Disponível em: <[www.thedivineconspiracy.org/Z5013.htm](http://www.thedivineconspiracy.org/Z5013.htm)>. Acesso em: 14 out. 2013.

GREGERSEN, Niels H. The idea of Creation and the Theory of Autopoietic Processes. *Zygon* v. 33, p. 359-360, 1998.

GUNKEL, Hermann. *The Legends of Genesis, the Biblical Saga and History*. Trans. William Herbert Carruth. Chicago: Open Court, 1901.

HAM, Ken. *Bruce Willis and The Gallup Poll: An Alarming Trend*. Answers in Genesis: Petesburg, KY. 6 Abr 2000. Disponível em: <<http://www.answersingenesis.org/articles/2000/04/06/bruce-willis-gallup-poll>>. Acesso em: 25 dez. 2013.

\_\_\_\_\_. *Maturing the Message : Creationism and Biblical Authority in the Church*. Answers in Genesis: Petesburg, KY. 23 Nov 2009. Disponível em <<http://www.answersingenesis.org/articles/am/v5/n1/maturing-message>>. Acesso em: 25 dez. 2013

\_\_\_\_\_. *Were You There? Back to Genesis in Acts & Facts*. Dallas, TX: ICR, n.18, Oct. 1989. Disponível em: < <http://www.icr.org/article/were-you-there/>>. Acesso em: 5 dez. 2013.

HAMEED, Salman. Bracing for Islamic creationism. *Science*, v. 322, n. 5908, p. 1637-1638, 2008.

HARTSHORNE, Charles. *The Divine Relativity: A Social Conception of God*. New Haven: Yale UP, 1948.

HAUGHT, John F. *Cristianismo e Ciência: Para uma teologia da natureza*. Trad. Jonas Pereira dos Santos. São Paulo: Paulinas, 2010.

\_\_\_\_\_. *Deus Após Darwin: Uma Teologia Evolucionista*. Trad. Vera Whately. Rio de Janeiro, RJ: José Olympio, 2006.

\_\_\_\_\_. *God and the New Atheism: A Critical Response to Dawkins, Harris, and Hitchens*. Louisville, KY: Westminster John Knox, 2008.

\_\_\_\_\_. *Science and Religion: From Conflict to Conversation*. New York: Paulist, 1995.

HAWKING, S. W.; PENROSE, R. *The Nature of Space and Time*. Princeton, NJ: Princeton UP, 1996.

HUXLEY, Julian. The Evolutionary Vision. In: TAX, Sol, CALLENDER, Charles, (eds.) *Evolution after Darwin: The University of Chicago Centennial*. Chicago, Il: Chicago University Press, 1960. p. 252-253, 260.

HUXLEY, Thomas. H. Darwin on the Origin of Species. *Westminster Review*, n.17. 1860.

HYERS, Conrad. The fall and rise of creationism. *The Christian Century*, Chicago, IL, n.102, p. 411-415, 1985. Republicado: HYERS, C. A queda e ascensão do criacionismo. *Theologando: Revista Teológica – Fé e Ciência*, Ed. Fonte Editorial: São Paulo, Ano 3, n. 3, 2009, p.117-126. O artigo original pode ser visto em: <<http://www.religion-online.org/showarticle.asp?title=1917>>. Acesso em: 7 jul. 2012.

IPSOS Global @dvisory: Supreme Being(s), the Afterlife and Evolution. New York: IPSOS. 25 apr. 2011. Disponível em: <<http://www.ipsos-na.com/news-polls/pressrelease.aspx?id=5217>>. Acesso em: 26 jan. 2014.

JANSEN, Roberta. Alfred Wallace, o outro pai da teoria da evolução. *O Globo Online*. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 1 mar 2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/ciencia/alfred-wallace-outro-pai-da-teoria-da-evolucao-11754418>>. Acesso em: 29 abr. 2014.

JOÃO PAULO II, Papa. *Message to Pontifical Academy of Sciences on Evolution*. (Revised Translation) Origins: CNS Documentary Service 26, Nov. 1996.

\_\_\_\_\_. *Scripture and Science: The Path of Scientific Discovery*. Origins: CNS Documentary Service 11, Oct. 1981.

JOHNSON, Phillip E. *Ciência, intolerância e fé: a cunha da verdade: rompendo os fundamentos do naturalismo*. Trad. Elizabeth Gomes. Viçosa, MG: Ultimato, 2004.

JONES III, John E. Decision in *Kitzmiller v. Dover*. Harrisburg, PA: Federal District Court. 20 dec. 2005. Disponível em: <[http://ncse.com/files/pub/legal/kitzmiller/highlights/2005-12-20\\_Kitzmiller\\_decision.pdf](http://ncse.com/files/pub/legal/kitzmiller/highlights/2005-12-20_Kitzmiller_decision.pdf)>. Acesso em: 27 jan. 2014.

KIRCHOF, Edgar R. *As Verdades da Criação – Uma abordagem estrutural de Gn 1-2,4a*. São Leopoldo: Ed. Unisinos – Série Acadêmica, 1999.

KNIGHT, Kevin. Truth Cannot Contradict Truth. *New Advent*, 15 feb. 2009. Disponível em <[http://www.newadvent.org/library/docs\\_jp02tc.htm](http://www.newadvent.org/library/docs_jp02tc.htm)>. Acesso em: 18 Jul 2012.

KUTSCHERA, Ulrich; NIKLAS, Karl J. The modern theory of biological evolution: an expanded synthesis. *Naturwissenschaften*, v. 91, n. 6, p. 255-276, 2004.

LAATS, Adam. *Fundamentalism and Education in the Scopes Era: God, Darwin, and the Roots of America's Culture Wars*. New York: Palgrave Macmillan, 2010.

LAMOUREUX, Denis. *O. Evolutionary Creation: A Christian Approach to Evolution*. Eugene, Or.: Wipf & Stock, 2008.

\_\_\_\_\_. *I Love Jesus & I Accept Evolution*. Eugene: Wipf & Stock. 2009.

LARSON, Edward J. *Evolution: The Remarkable History of a Scientific Theory*. New York: Modern Library, 2004.

\_\_\_\_\_. Myth 20 - That the scopes trial ended in defeat for antievolutionism. In: NUMBERS, Ronald L. (Ed.) *Galileo Goes to Jail: And Other Myths about Science and Religion*. Cambridge, MA: Harvard UP, 2009. p.178-186.

LEEMING, David Adams. *Creation Myths of the World: An Encyclopedia*. 2 ed. Santa Barbara, CA: ABC-CLIO, 2010.

LOURENÇO, Aduino. *Como Tudo Começou?* São Paulo: Ed. Fiel. 2007.

LUCAS, John R. Wilberforce and Huxley: a legendary encounter. *The Historical Journal*, Cambridge University Press, v. 22, n. 2, p. 313-330, 1979.

MACEDO, Edir. *Fé em evolução*. Web log Post. [S.l:s.n.] 27 set. 2009. Disponível em: <<http://www.bispomacedo.com.br/2009/09/27/fe-em-evolucao/>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

MALAFAIA, Silas. *Criação x Evolução: Quem está com a razão?* São Paulo: Ed. Central Gospel, 2005.

MARTIN, Gary. *Raqi'a: Form and Function of the "Firmament" as a Celestial limes/līmen in Israelite Cosmology*. Graduate Seminar Paper for Religion 502: Ancient Near Eastern Religion. University of Washington, 2003. Disponível em: <<http://faculty.washington.edu/garmar/Raqia.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

MARTINS, Elisa; FRANÇA, Valéria. Rosinha contra Darwin. *Revista Época*, São Paulo: Ed. Globo, n. 314. 24 maio 2004. Disponível em <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT731549-1664-1,00.html>>. Acesso em: 17 maio 2013.

MCCALLA, Arthur. *The Creationist Debate: The Encounter between the Bible and the Historical Mind*. London: T & T Clark International, 2006.

MCGRATH, Alistair E. *Historical Theology: An Introduction to the History of Christian Thought*. Oxford: Blackwell Publishers, 1998.

MCGRATH, Alistair E.; MCGRATH, Joanna C. *The Dawkins Delusion? Atheist Fundamentalism and the Denial of the Divine*. Downers Grove, Illinois: IVP Books, 2007.

MCIVER, Tom. Formless and Void: Gap Theory Creationism. *Creation Evolution Journal* v. 3, 24 aug. p. 1-24, 1988. Publicado online pelo National Center For Science Education. NSCE, [S.l.], 18 Oct. 2008. Disp. em: <<http://www.ncseprojects.org/cej/8/3/formless-void-gap-theory-creationism>>. Acesso em: 14 jul. 2012.

MIKKELSON, Barbara; MIKKELSON, David P. *Science Test*. Snopes. 2013. Disponível em <<http://www.snopes.com/photos/signs/sciencetest.asp>>. Acesso em: 5 dez. 2013.

MILLER, J. D. et al. Science communication. Public acceptance of evolution. *Science*, v. 313, n. 5788, p. 765-766, 2006.

MILLER, Kenneth R. *Finding Darwin's God: a scientist's search for common ground between God and evolution*. New York: HarperCollins Publishers, 2002.

\_\_\_\_\_. *Only a Theory: Evolution and the Battle for America's Soul*. New York: Viking Penguin, 2008.

MITCHELL, Tommy. *Arguments Christians Should Not Use - There Was No Rain Before the Flood*. Petesburg, KY: Answers in Genesis. 19 Oct. 2010. Disponível em: <<http://www.answersingenesis.org/articles/2010/10/19/rain-before-flood>>. Acesso em: 10 dez. 2012.

MOHLER JR., R. Albert. *Atheism Remix: A Christian Confronts the New Atheists*. Wheaton, Il: Crossway Books, 2008.

MOLTMANN, Jürgen. *Deus Na Criação: Doutrina Ecológica Da Criação*. Petrópolis: Vozes, 1993.

MORRIS, H. M. Foreword. In: MORRIS, John D. *The Young Earth*. Colorado Springs, CO: Creation-Life Publishers, 1994. p. 4-5.

\_\_\_\_\_. *Many Infallible Proofs: Practical and Useful Evidences of Christianity*. San Diego, CA: Creation-Life Publishers, 1980.

\_\_\_\_\_. *O Enigma das Origens - A Resposta*. Trad. Adiel de A. Oliveira. Belo Horizonte, MG: Editora Origens, A.B.P.C. 1995.

\_\_\_\_\_. *The Genesis Record: A Scientific and Devotional Commentary on the Book of Beginnings*. Grand Rapids: Baker Book House, 1976. Disponível em: <<http://www.vananne.com/evolutionvscreation/The%20Genesis%20Record.htm>>. Acesso em: 30 maio 2013.

\_\_\_\_\_. *The Troubled Waters of Evolution*. San Diego, CA: Creation-Life Publishers, 1982.

\_\_\_\_\_. *The Twilight of Evolution*. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1963.

\_\_\_\_\_. The Vital Importance of Believing in Recent Creation. *Back to Genesis in Acts & Facts*, Dallas, TX: ICR, n. 138a , June 2000. Disponível em <<http://www.icr.org/pubs/btg-a/btg-138a.htm>>. Acesso em: 12 dez. 2013.

MORRIS, H. M.; CLARK, Martin E. *The Bible Has The Answer*, Revised Edition, Creation-Life Publishers, San Diego, 1976.

MORRIS, H. M.; WHITCOMB, J.C., *The Genesis Flood: The Biblical Record and Its Scientific Implications*. Phillipsburg, N.J.: Presbyterian and Reformed Pub. Co.1961.

\_\_\_\_\_. *The Genesis Flood: The Biblical Record and Its Scientific Implications*. 50<sup>th</sup> Anniversary ed. Philadelphia: Presbyterian and Reformed Pub. Co. 2011.

NATIONAL ACADEMY OF SCIENCES. Committee on Revising Science and Creationism. *Science, Evolution, and Creationism*. Washington, DC: The National Academies Press, 2008.



Disponível em: <[http://www.nap.edu/openbook.php?record\\_id=11876&page=12](http://www.nap.edu/openbook.php?record_id=11876&page=12)>. Acesso em: 12 jul. 2012.

NEYMAN, Greg. *Old Earth Creation Science - Word Study Yom*. [S.l.]: Old Earth Ministries, 16 Mar. 2005. Disponível em: <[http://www.oldearth.org/word\\_study\\_yom.htm](http://www.oldearth.org/word_study_yom.htm)>. Acesso em: 17 jul. 2012.

NEW, David S. *Christian Fundamentalism in America: A Cultural History*. Jefferson, NC: McFarland, 2012.

NUMBERS, Ronald L. *Interview: Ron Numbers*. Counterbalance Foundation. [S.l.:s.n. s.d.] Transcrito de entrevista. Disponível em: <<http://www.counterbalance.org/transcript/num-frame.html>>. Acesso em: 04 jan. 2014.

\_\_\_\_\_. The Creationists. *Zygon: Journal of Religion & Science*, v. 22, n. 2, p. 133-164, 1987.

\_\_\_\_\_. *The Creationists: From Scientific Creationism to Intelligent Design*. Cambridge, MA: Harvard UP, 2006.

ORÍGENES. *De Principiis*, Livro IV. Parte 3.16. Disponível em: <[http://sumateologica.files.wordpress.com/2010/02/origenes\\_de\\_principiis\\_livroiv.pdf](http://sumateologica.files.wordpress.com/2010/02/origenes_de_principiis_livroiv.pdf)>. Acesso em: 26 dez. 2013.

ORR, John. *English Deism: Its Roots and Its Fruits*. London: Eerdmans, 1934.

PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Trad. Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 2006.

PARK, Soo Bin. South Korea surrenders to creationist demands. *Nature*, v. 486, n. 7401, p. 14-14, 2012.

PEACOCKE, Arthur R. *Creation and the World of Science : The Bampton Lectures*, 1978. Oxford: Clarendon, 1979.

\_\_\_\_\_. *Theology for a Scientific Age: Being and Becoming - Natural, Divine, and Human*. Minneapolis: Fortress, 1993.

PENNOCK, Robert T. *Tower of Babel: The Evidence against the New Creationism*. Cambridge, MA: MIT, 1999.

PEW RESEARCH CENTER. *Public's Views on Human Evolution*. Religion & Public Life Project RSS. [S.l.], 30 Dec. 2013. Disp. em: <<http://www.pewforum.org/2013/12/30/publics-views-on-human-evolution/>>. Acesso em: 05 jan. 2014.

PHILLIPS, Doug. An Urgent Appeal to Pastors. *Back to Genesis in Acts & Facts*, Dallas, TX: ICR, n. 119, Nov 1998. Disponível em: <<http://www.icr.org/article/847/>>. Acesso em: 30 maio 2013.

POLKINGHORNE, J. C. *Reason and Reality: The Relationship between Science and Theology*. Philadelphia: Trinity International, 1991.

\_\_\_\_\_. *Science and Providence: God's Interaction with the World*. Boston: New Science Library, 1989.

\_\_\_\_\_. *Science and Theology: An Introduction*. London: SPCK, 1998.

PRICE, George McCready. *Illogical Geology: The Weakest Point in the Evolution Theory*. Los Angeles: Modern Heretic, 1906.

\_\_\_\_\_. *The New Geology: A Textbook for Colleges, Normal Schools, and Training Schools; and for the General Reader*. Mountain View, CA: Pacific Pub. Association, 1923.

RAMM, Bernard. *The Christian View of Science and Scripture*. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans, 1954.

REAGAN, David. *When Was Satan Created?* Antioch Baptist Church of Knoxville. [s.d.] Disponível em: <<http://www.learnthebible.org/when-was-satan-created.html>>. Acesso em: 04 dez. 2012.

REIMER, Haroldo. *Toda a criação: Bíblia e ecologia*. São Leopoldo: Oikos, 2006.

RENDSEBURG, Gary. *The Redaction of Genesis*. Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 1986.

RIDLEY, Mark. *Evolução*. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ROSSI, Luiz A. Solano. A Criação no Livro de Gênesis. In: SANCHES, Mário. A. (Ed.) *Criação e Evolução: Diálogo Entre Teologia e Biologia*. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2009. p. 37-54.

RUSSELL, Robert J. Special Providence and Genetic Mutation: A New Defense of Theistic Evolution. In: RUSSELL, Robert J. et al (orgs.) *Evolutionary and Molecular Biology: Scientific Perspectives on Divine Action*. Vatican City State: Vatican Observatory, 1998.

SAGAN, Carl. *Cosmos*. New York: Random House, 1980.

SANCHES, M. A. Os cristãos são criacionistas? In: \_\_\_\_\_. (Ed.) *Criação e Evolução: Diálogo Entre Teologia e Biologia*. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2009. p. 11-33.

SCHADEWALD, Robert J. The flat-Earth bible. *Bulletin of the Tychonian Society*. Pitt Meadows, BC, n. 44, p. 27-39, July 1987. Disp. em: <<http://www.lhup.edu/~dsimanek/febible.htm>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

SCHROEDER, G. L. *O Gênesis e o Big Bang*. Tradução de Carlos Afonos Malferrari. São Paulo: Cultrix, 1997.

SCHWANTES, Milton. *Projetos de Esperança – Meditações sobre o Gênesis 1-11*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1989.

SCHWARTSMAN, Hélio. Um em cada 4 brasileiros crê em Adão e Eva. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 2 abr. 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0204201010.htm>>. Acesso em: 27 jan. 2014.

SCOTT, Eugenie. *The Creation/Evolution Continuum*. National Center For Science Education. NSCE, 7 Dec. 2000. Disp. em: <<http://ncse.com/creationism/general/creationevolution-continuum>>. Acesso em: 10 jul. 2012.

SHACKELFORD, Jole. Myth 7 – That Giordano Bruno Was the First Martyr of Modern Science. In: NUMBERS, Ronald L. (Ed.) *Galileo Goes to Jail: And Other Myths about Science and Religion*. Cambridge, MA: Harvard UP, 2009, p. 59-67.

STANNARD, Russell. *Science and the Renewal of Belief*. London: SCM, 1982 repr. West Conshohocken, PA: Templeton Found. Press, 2004.

STATE OF ARKANSAS. Act 590 of 1981- General Acts, 73rd General Assembly. Disponível em <<http://www.talkorigins.org/faqs/mclean-v-arkansas.html>>. Acesso em: 12 dez. 2012.

SUPERINTERESSANTE, São Paulo: Ed. Abril, n. 240, Jun. 2007.

SUSIN, Luiz Carlos. *A Criação de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2003.

ENCYCLOPEDIA BRITANNICA ONLINE. *T.H. Huxley*. [S.l.]: Encyclopedica Britannica Inc. [S.d.] Disp. em: <<http://global.britannica.com/EBchecked/topic/277746/TH-Huxley>>. Acesso em: 14 Jan. 2014.

TALK.ORIGINS ARCHIVE. *Creationist Organizations and Websites List*. [S.l.: s.n. s.d.] Disponível em: <<http://www.talkorigins.org/origins/other-links-cre.html>>. Acesso em: 05 jan. 2014.

TEILHARD De Chardin, Pierre. *The Future of Man*. New York: Harper & Row, 1964.

TERRA NETWORKS. Hubble descobre galáxias formadas há mais de 13 bilhões de anos. [S.l.]: *Terra – Ciência*. 12 Dez. 2012. Disp. em: <<http://bit.ly/ZgqcZw>>. Acesso em: 18 dez. 2012.

THE CHICAGO STATEMENT ON BIBLICAL INERRANCY. *International Council of Biblical Inerrancy*. Chicago: Dallas Theological Seminary, 1978. Versão em Português disponível em: <[http://www.monergismo.com/textos/credos/declaracao\\_chicago.htm](http://www.monergismo.com/textos/credos/declaracao_chicago.htm)>. Acesso em: 12 dez. 2013.

THEOBALD, Douglas L. *29+ Evidences for Macroevolution: The Scientific Case for Common Descent*. Talk.Origins Archive. Vers. 2.89. 2012. Disp. em <<http://www.talkorigins.org/faqs/comdesc/>>. Acesso em: 14 jul. 2012.

TORREY, R. A.; DIXON, A. C. (orgs.) *The Fundamentals: A Testimony to the Truth*. 4 vols. Los Angeles: Bible Institute of Los Angeles, 1917; repr., Grand Rapids, MI: Baker, 2003. Disponível em: <<http://www.ntslibrary.com/PDF%20Books%20II/Torrey%20-%20The%20Fundamentals%204.pdf>>. Acesso em: 28 dez. 2013.

TRAUMANN, Thomas. A ministra criacionista. *Revista Época*, São Paulo: Ed. Globo, n. 506, 13 maio 2008. Disp. em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG81345-6010-506,00.html>>. Acesso em: 27 jan 2014.

VVAA. *A criação e o dilúvio segundo os textos do Oriente Médio Antigo* (Documentos do mundo da bíblia – 7). Tradução de M. Cecília de M. Duprat. São Paulo: Paulinas, 1990.

WARING, Edward G. *Deism and Natural Religion: A Source Book*. New York: Frederick Ungar Pub., 1967.

WENHAM, Gordon J. *Word Biblical Commentary*. Waco, TX: Word, 1987.

WESTERMANN, Claus. *Creation*. London: SPCK, 1974.

\_\_\_\_\_. *O Livro do Gênesis: um comentário exegético-teológico*. Tradução de Nélio Schneider. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2013.

WHITE, Ellen G. *Spiritual Gifts: Important Facts of Faith, in Connection with the History of Holy Men of Old*. Battle Creek, MI: Seventh Day Adventist Publishing Asso., 1864. Disponível em <<http://www.temcat.com/L-3-SOP-Library/Orig&Early/3SG.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2012.

WHITE, L. The Historical Roots of Our Ecologic Crisis. *Science*, vol. 155 n. 3767, p. 1203-1207, 1967.

WHITEHEAD, Alfred North. *Science and the Modern World*. New York, NY: New American Library, 1948.

WISEMAN, P. J. *Creation Revealed in Six Days: The evidence of Scripture confirmed by Archaeology*. London: Marshall, Morgan and Scott, 1958.

WRIGHT, George Frederick. The Passing of Evolution . In: TORREY, R.A.; DIXON, A.C. (orgs.) *The Fundamentals: A Testimony to the Truth*. 4 vols. Los Angeles: Bible Institute of Los Angeles, 1917; repr., Grand Rapids, MI: Baker, 2003, Ch.6. p. 60-72. Disponível em: <<http://www.ntslibrary.com/PDF%20Books%20II/Torrey%20-%20The%20Fundamentals%204.pdf>>. Acesso em: 28 dez. 2013.

ZIMMER, Carl. *How Many Cells Are In Your Body*. *Phenomena* Weblog. National Geographic, 23 Oct. 2013. Disponível em: <<http://phenomena.nationalgeographic.com/2013/10/23/how-many-cells-are-in-your-body/>>. Acesso em: 05 jan. 2014.

## ANEXOS

## ANEXO 1 – UNIVERSO TRI-PARTIDO



Impressão artística do universo tri-partido, conforme entendimento do povo hebreu. (Copyright Michael Paukner 2009.)  
 Disp. em <<http://www.flickr.com/photos/michaelpaukner/4077736695/sizes/o/>>. Acesso em: 12 jul. 2012.



## Visões Sobre as Origens do Universo e da Vida

Adaptação de D. Lamoreux<sup>®</sup> em <http://ualberta.ca/~dlamoure> por T. Garros

	<b>Criacionismo Terra-Jovem (CTJ)</b> Posição “Criacionista” “Ciência da Criação”	<b>Criação Progressiva</b> Criacionismo Terra Antiga (CTA) Teoria do Dia-Era /Gap	<b>Criação Evolutiva</b> Evolução Teísta BioLogos	<b>Evolução Deísta</b> Deus-dos-filósofos	<b>Evolução Disteleológica</b> Posição “Evolucionista” Evolução Ateísta
<b>Teleologia (Plano e Propósito)</b>	Sim	Sim	Sim	Sim	Não Plano/propósito são ilusão
<b>Design Inteligente</b>	Sim Aponta para um Designer	Sim Aponta para um Designer	Sim Aponta para um Designer	Sim Aponta para um Designer	Não Design é ilusão
<b>Idade do Universo</b>	Jovem Aprox. 60000 anos	Velho 10-15 bilhões de anos	Velho 10-15 bilhões de anos	Velho 10-15 bilhões de anos	Velho 10-15 bilhões de anos
<b>Evolução da Vida</b>	Rejeita Macro-Evolução Aceita Microevolução	Rejeita Macro-Evolução Aceita Microevolução	Aceita Macro-Evolução	Aceita Macro-Evolução	Aceita Macro-Evolução
<b>Atividade Divina na Origem do Universo e Vida</b>	Sim Direta Intervenção ao longo de 6 dias	Sim 1. Direta para “tipos básicos de vida, intervenções em bilhões de anos 2. Indireta para universo inanimado <i>Processos Naturais ordenados e sustentados</i>	Sim Indireta <i>Processos Naturais ordenados e sustentados</i>	Sim Indireta <i>Processos Naturais ordenados</i> Deus nunca interfere no mundo	Não Processos Naturais ao acaso Deus é uma ilusão
<b>Atividade Divina na vida Humana</b>	Sim Deus pessoal Dramática e sutil	Sim Deus pessoal Dramática e sutil	Sim Deus pessoal Dramática e sutil	Não Deus impessoal Deus nunca interfere no mundo	Não Não há Deus Deus é uma ilusão
<b>Bíblia</b>	Palavra de Deus Inspirada pelo Esp. Santo	Palavra de Deus Inspirada pelo Esp. Santo	Palavra de Deus Inspirada pelo Esp. Santo	Crenças humanas sobre Deus Rejeita Revelação Divina Deus nunca interfere no mundo	Superstições humanas Rejeita Revelação Divina Deus é uma ilusão
<b>Interpretação de Gen 1-11</b>	Literalismo Estrito Dias da criação = 24 hs Dilúvio Global	Literalismo Geral Dias da Criação = Eras Geológicas Dilúvio local	1. Teologia Divina 2. Ciência Antiga 3. Poesia Antiga	Mito das origens irrelevante	Mito das origens irrelevante
<b>Origem da Humanidade</b>	Adão e Eva Aceita Imagem de Deus e pecado	Adão e Eva Aceita Imagem de Deus e pecado	Humanidade evoluiu Aceita Imagem de Deus e pecado	Humanidade evoluiu Rejeita Imagem de Deus e pecado	Humanidade evoluiu Rejeita Imagem de Deus e pecado
<b>Teologia/Filosofia</b>	Cristianismo Conservador Aceita Encarnação/Ressurreição	Cristianismo Conservador Aceita Encarnação/Ressurreição	Cristianismo Conservador Aceita Encarnação/Ressurreição	Deísmo Cristianismo Liberal Rejeita Encarnação/Ressurreição	Ateísmo Rejeita Encarnação/Ressurreição
<b>Ética</b>	Bíblica	Bíblica	Bíblica	Humanismo	Humanismo
<b>Exemplos</b>	Institute for Creation Research Henry Morris e Duane Gish Answers in Genesis: Ken Ham Brasil: Adatao Lourenço e SCB	Reasons to Believe Hugh Ross [Teoria do Design Inteligente]	Catolicismo Romano Alguns protestantes e evangélicos Francis Collins Kenneth Miller	Charles Darwin Michael Denton Anthony Flew	Richard Dawkins Christopher Hitchens Daniel Dennett





ANEXO 3 – Prova de ciência de 4ª Série de Escola Americana que ensina “ciência da criação”. 2 Páginas (Ver Verso). Fonte: <http://www.snopes.com/photos/signs/sciencetest.asp>.

Name \_\_\_\_\_



100% A+

Date 3/28/13

4<sup>th</sup> grade Science Quiz:

Dinosaurs: Genesis and the Gospel



- 1. True or False      The earth is billions of years old.
- 2. True or False      Dinosaurs lived millions of years ago.
- 3. On what day did God make dinosaurs? 6th
- 4. True or False      Dinosaurs lived with people.
- 5. What did people and animals eat in the beginning? plants
- 6. Which one fits the Behemoth described in Job 40? (Circle the picture.)



- 7. True or False      If an animal has sharp teeth, it must mean it is a meat-eater.



**ANEXO 4** – Tabela com os resultados de pesquisa onde foi feita a seguinte pergunta: “Os seres humanos, conforme os conhecemos, se desenvolveram a partir de espécies animais anteriores.” Cf. MILLER, J. D. et al. Science communication. Public acceptance of evolution. *Science*, v. 313, n. 5788, p. 765-766, 2006.

